

DORA BEATRIZ BARRANCOS

OS ÚLTIMOS ILUMINADOS

Ciências para trabalhadores na Argentina de princípios do século

Volume I

Tese de Doutorado apresentada
ao Departamento de História do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual
de Campinas.

Este exemplar corresponde
à redação final da tese
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em
22.9.1933.

Setembro de 1933

Richard M. Hall

B272u
v.1
10

"(A ciência) prolongou a vida; mitigou a dor; extinguiu doenças; aumentou a fertilidade dos solos; deu novas seguranças ao marinheiro; forneceu novas armas ao guerreiro; uniu grandes rios e estuários com pontes de formas desconhecidas de nossos pais; guiou o raio desde os céus à terra, tornando-o inócuo; iluminou a noite com o esplendor do dia; estendeu o alcance da visão humana; multiplicou a força dos músculos humanos; acelerou o movimento; anulou as distâncias; facilitou o intercâmbio e a correspondência de ações amistosas, o despacho de todos os negócios; permitiu ao homem descer às profundezas do mar, alçar-se ao ar; penetrar com segurança nos mefíticos recôncavos da terra; percorrer países em veículos que se movem sem cavalos; cruzar o oceano em embarcações que avançam a dez nós por hora contra o vento. Estes são apenas uma parte de seus frutos, e trata-se dos primeiros frutos, pois a ciência é uma filosofia que nunca repousa, que nunca chega a seu fim, que nunca é perfeita. Sua lei é o progresso."

Th. B. Macaulay, *Ensaio sobre Bacon*, 1837

A Alicia,
que nos deixou toda a sua luz.

Agradecimentos

No desenvolvimento desta pesquisa, acumularam-se as contribuições de pessoas e instituições; peço desculpas, pois não me será possível fazer justiça a todas elas.

Desejo testemunhar meu mais profundo agradecimento ao orientador Dr. Michael ^{Reinaldo} Hall, por suas inteligentes idéias, pelo grande interesse e dedicação ao propósito destes trabalhos.

A Sociedade Luz, tanto a da velha sede de Barracas como a seção da rua Moreno, 1729. Aqueles que deram seu testemunho, minha imensa gratidão.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa e Tecnologia/CNPq, cuja bolsa permitiu cobrir este esforço; ao ORSTOM, por ter facilitado minha viagem à França.

Ao Institut Français d'Histoire Sociale, Paris, às bibliotecas Mário de Andrade de São Paulo, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, Nacional de Buenos Aires, do Congresso da Nação (Buenos Aires), Central da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, da Sociedade Científica Argentina, Operária "Juan B. Justo", do Instituto de História Argentina e Americana "Dr. Emilio Ravignani" e da Federação Libertária Argentina.

Aos professores Edgar de Decca e Claudio Batalha, por suas contribuições no exame de qualificação.

Ao Dr. Floreal Forni, diretor do CEIL-CONICET, por seu afeto e e pelo interesse nessas reconstruções históricas.

A Félix Schuster, por seus comentários e sugestões.

Nunca poderei retribuir a solidariedade de minhas inseparáveis amigas Denise Moreno Pegorim e Adriana Sappracone, que, entre outras coisas, assumiram a tarefa de traduzir este escandaloso número de páginas; o mesmo sinto em relação à querida Christina Roquette Lopreato, diligente e fiel aliada de minha causa.

Devo diversos tipos de colaboração aos amigos Estela e Alberto Belloni, Pedro F. de la Huerza Martínez, Donna Gay, Edgardo Bilsky, Hugo Biagini, Jorge Montgomery, Marta Quarracino, Maria Stella Bresciani, Roxana Kreimer, Alejandro Kaufmann, Alexandre Polesi, Francisco Luís Lopreato, Anete Lins, Enrique Martínez, Sylvia Bermann, Lélia Dias, Edite Mata Machado, Gladys Ferreyra, Regina Karam, Claudio Collado, Cathy e José María Roich, Alicia Kwecksilver, Ana María Facciolo, Sandra Gayol, Thérèse e Jean Bunel, Diana M. Englebert, Jorge Aguirre, Laura Pérez, Emilio Grass.

Aos companheiros do Grupo de Trabajo sobre Historia de los Sectores Populares y del Movimiento Obrero, sobretudo a Luis A. Romero, por seus desafios em torno dos "mediadores culturais".

A Robert Paris, Jean Andreu, Julio Orione, Carlos Strasser e Nicolás Babini, por sua atenta cooperação.

A Cipriana Ponce (Ana), J. Zolezzi, Moisés Amon, Carlos Soler e Octavio J. Arakakí -- como produzir sem sua ajuda?

Nestes anos sofri a perda dolorosa de minha cunhada e caríssima amiga Alicia Venini; a ela dedico este esforço, por seu compromisso com "los de abajo". Também nos deixou Leandro Gutiérrez, mestre e amigo; a História Social argentina perdeu uma

figura de grande significado, e gostaria que esta tese fosse tributada também à memória dele. Outras duas pessoas queridas se foram: o velho amigo Luis Corach e a nova amiga Elizabeth Lobo. Todos eles amavam minha alegria, e por isso com alegria quero lembrá-los.

Desejo celebrar o afeto e mesmo a cooperação material de Ondina, Virginia, Laura e Carlos, meus filhos, e de Irina.

Como sempre, o carinho, o respeito e a generosidade de Eduardo foram decisivos nesta empresa; para ele, todo o meu amor e gratidão.

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo I	
Histórico sucinto do socialismo argentino (1880-1930).....	34
Capítulo II	
A Sociedade Luz - Universidade Popular (1899-1930).....	68
Capítulo III	
Sob o manto do transformismo.....	115
Capítulo IV	
A divulgação das ciências físico-naturais.....	179
Capítulo V	
Teoria e prática da história.....	228
Capítulo VI	
A comunicação dos novos saberes: sociologia e psicologia.....	262
Capítulo VII	
Saberes práticos: higiene e profilaxia social.....	313
Capítulo VIII	
Imagens: mediadores e destinatários.....	367
Conclusões.....	403
Anexo.....	411
Fontes e Bibliografia..	420

INTRODUÇÃO

Introdução

"...Ora, a lei do progresso é que os monstros desapareçam diante dos anjos, e que a Fatalidade se desvaneça em presença da Fraternidade. No futuro ninguém matará a seu semelhante, a terra resplandecerá, o gênero humano amará. Chegará o dia, cidadãos, em que tudo será amor, alegria e vida, e é para que isto aconteça que nós vamos morrer!"

Victor Hugo, *Os Miseráveis*

"El camino del pueblo hacia su emancipación está iluminado por la ciencia a la cual acusan de bancarrota los retrógrados, en el mismo momento histórico en que ella afirma su propia universalidad y se exalta en su definitivo triunfo. El Socialismo es la apoteosis de la ciencia."

Juan B. Justo, *El Socialismo*

"La única ideología de cierta entidad que seguía sustentando con firmeza la fe desimonónica en la ciencia, la razón y el progreso era el marxismo, que no sentía desilusión por el presente porque miraba hacia el gran triunfo futuro de las 'masas' cuya aparición había provocado tan gran disgusto entre los pensadores de la clase media."

Eric J. Hobsbawm, *La era del imperio*

Nosso século precipita-se arrastando consigo idéias solidamente cimentadas que, se no essencial alimentam-se no movimento do Iluminismo, certamente o excedem. Seu ciclo de gestação é plurissecular.

Ideais que se pensaram conquistas notáveis, ações que comoveram as sociedades de seu tempo e cujos efeitos valorativos pareciam irreversíveis, prédicas que assinalaram vastas tarefas de regeneração, apostando num tempo que não recuaria, tarefas inspiradas na certeza de uma longa sobrevivência dos próprios

agentes -- tal como o herói agonizante de Victor Hugo sintetiza --, em suma, grande parte do espírito da "modernidade" está suspenso em nossos dias. Assistimos ao espetáculo do reversível, a uma verdadeira inversão das idéias fundadas na certeza da mudança ou, ao menos, da reforma, numa atmosfera de pós-modernidade que tem aversão aos problemas de consciência, no duplo sentido de cognição crítica e ressonância ética, e que parece repelir o sentimento de historicidade. A inquietude prospectiva e o desconforto perante a restauração, típicos do espírito moderno, como mostrou Marshall Berman¹, cedem lugar à acomodação conservadora.

Nosso tempo dá as costas ao cenário de um século atrás, e essa evidência constitui o principal estímulo para a reconstrução que me proponho realizar. A fé depositada na ciência encontra-se entre os "sólidos" que o ar dos novos tempos também terminou por dissolver no universo do marxismo.

Por outro lado, somos testemunhas das dificuldades pelas quais atravessa o sujeito: a extensa humanidade criadora de riqueza metamorfoseia dramaticamente seus contornos e, nela, quase nada evoca a antiga promessa do proletariado, aquele outro sólido que, mais além -- ou aquém -- da "atribuição de consciência", suscitava o gesto esperançoso e reconfortante da aposta em suas tarefas históricas.

As indagações que se seguem emergem da crise do presente, inspiram-se nas constatações da descontinuidade. Procuram reconstruir os vínculos, que hoje soam estranhos e remotos, entre

1. M. Berman, *Tudo o que é sólido desmancha no ar*, S. Paulo, Cia. das Letras, 1987.

aquela matéria e este espírito.

Fazer a história dos laços que uniram a ciência e os trabalhadores na sociedade argentina de fins do século XIX e princípios do nosso é uma empresa cheia de riscos, a começar pela possibilidade de originar uma arcádia quimérica; é necessário não cair na armadilha de mostrar um novo caso de "exemplaridade utópica", atribuindo-lhe vastos efeitos ou uma consubstanciação plena para a qual se olha com a nostalgia do irremediavelmente perdido.

Para driblar esse primeiro risco, torna-se imprescindível esclarecer que o trânsito da difusão científica entre o proletariado argentino não abarcou, absolutamente, o conjunto do que-fazer científico, de um lado, nem a totalidade do proletariado, de outro. Há uma linha demarcatória que não permite pensar a relação de maneira extensiva, ainda que os atores pudessem assim imaginá-la.

Trata-se de certos membros da comunidade científica -- alguns com projeção, obtida também graças às suas posições ideológicas ao abraçar a incipiente "questão social" -- que destinaram esforços particulares à tarefa de difundir conhecimentos científicos entre as classes trabalhadoras. Mais concretamente, estará em foco o exercício difusor de uma agência mantida pelo socialismo argentino -- a Sociedade Luz -- a partir de 1899, momento em que surgiu, até 1930, início de uma década que marca profundas diferenças na sociedade argentina.

Em torno dessa instituição e dos adeptos locais da corrente gira o exame da divulgação de saberes científicos de que me

ocuparei, o que delimita o reduto político e ideológico que levou adiante a tarefa. Subsidiariamente farei incursões por outras agências do socialismo, assim como por outras vertentes ideológicas estreitamente vinculadas à vida do proletariado, com vistas a oferecer provas trianguladas que exibam melhor tais esforços e reflitam o espírito da época que lhes deu vida. Do lado dos destinatários, também é necessário refrear qualquer tentativa de hipérbole utopista: trata-se apenas de grupos de trabalhadores, em sua maioria artesãos e operários da indústria manufatureira, abarcando outras categorias de trabalhadores qualificados do setor de transportes, serviços e comércio. O socialismo teve dificuldades em se irradiar nas camadas menos qualificadas de trabalhadores e, em consequência, deve-se pensar em encontros aleatórios entre essa massa da população e os divulgadores a serviço da causa científica, embora saibamos que não poucas atividades tenham tido uma generosa afluência, pois a retórica socialista foi subjugante e costumava atrair -- e inflamar -- os ouvintes. É necessário reconhecer que não faltaram, no mundo operário menos qualificado, oportunidades de contato com os propagandistas do socialismo.

Mas é sobretudo a um difuso "segundo nível" de adeptos, de propagandistas mais próximos da base, que este trabalho quer identificar, já que entre eles se encontram os destinatários imediatos da vulgarização científica empreendida pelo socialismo.

Superado o perigo da reparação utopista, outro risco pode estar em confundir o registro de certas manifestações da ciência no período com a tentativa de realizar uma "história da ciência" na Argentina. O trabalho que se segue pode ajudar, quem sabe, a

dirigir novos olhares sobre a maneira como foram incorporados, criados e debatidos, no espaço local, conceitos e *corpus* científicos. Minha contribuição, porém, reduz-se essencialmente às manifestações de divulgação, portanto de "descentração" -- ou "desmonopolização", se se preferir --, manifestações que, se me obrigam a uma exposição dos conceitos em voga, pouco ou nada sugerirão a memória constitutiva da ciência no país.

Os acontecimentos em exame podem revelar interesse para a interpretação social e histórica das condições em que aquela transcorreu, mas esta investigação nada dirá em relação aos fatos interiores que forjaram a evolução das disciplinas cuja difusão é abordada nestes ensaios.

Finalmente, uma advertência. Nada mais inexato que pensar esta reconstrução como história da cultura dos trabalhadores. Durante os últimos anos, dediquei-me (com "obsessiva paixão") a indagar os fenômenos de educação e cultura que lhes concerne; porém, tratava-se de reconstruções "do lado de cá", da história da educação e da cultura propostas aos trabalhadores, ainda que emergidas em íntima contigüidade com seus organismos. Estes ensaios insistem nessa vertente, e, incapaz de "mudar de lado", apenas arriscarei imagens de alguns grupos de trabalhadores sobre os quais o socialismo exerceu alguma influência entre 1890 e 1930.

* * *

O objetivo de oferecer o conhecimento às classes subalternas inscreve-se nas tarefas empreendidas nas sociedades capitalistas a

partir do fim do século XVIII, que tenderam, para além das finalidades e interesses em jogo, a democratizar a cultura. Uma parte expressiva das tensões desse objetivo no caso inglês foi mostrada por Raymond Williams², pensamento recorrente na análise que me proponho realizar.

O movimento a favor da participação daqueles que, graças a seu trabalho, transformavam a fisionomia do mundo no "bem comum da humanidade", alcançou particular envergadura a partir da segunda metade do século XIX. A ciência conformava centralmente esse patrimônio universal. Se, como tentarei expor adiante, a Ciência era o empreendimento material da Razão, em nome da qual se abraçava a idéia de Progresso -- e cujo princípio nucleador confundia-se com o próprio desenvolvimento científico --, em seu banquete não podiam faltar justamente as criaturas que mais o punham em evidência: os trabalhadores.

Qualquer que fosse a opinião dos adeptos das diversas vertentes do racionalismo, bem como da reação romântica, sobre o papel das classes trabalhadoras na história, é inegável que começou a haver ampla concordância -- as exceções ficaram circunscritas a minorias muito reacionárias -- quanto a tornar digna do estado de progresso a situação do proletariado, o que em geral equivaleu a possibilitar a participação dos trabalhadores na educação e na cultura.

Não resta dúvida de que nas décadas finais multiplicaram-se os esforços para aperfeiçoá-la, o que se deve muitíssimo à ação dos

2. Raymond Williams, *Cultura e Sociedade. 1780-1950*, S. Paulo, Nacional, 1969.

próprios interessados, firmemente assistidos por doutrinas e idéias que se considerava corresponderem plenamente a seus interesses e eram identificadas, sob diversos matizes, como "socialismo".

Mas, ao lado da Razão, presidindo a cruzada letrada, o século XIX viu incorporar-se outro ângulo da tradição judaico-cristã para impulsionar o movimento de elevação dos trabalhadores. O espetáculo do industrialismo, como bem se sabe, era desagregador, e a compaixão não foi um sentimento menor dentre os que a dura vida dos trabalhadores suscitou, sem que necessariamente estivesse identificada com procedências religiosas, ainda que em todas as formas de "cristianismo social" a piedade tenha sido um afeto destacado³. Ao se comentar a iniciação no socialismo do médico-cirurgião Juan B. Justo, fundador do partido na Argentina -- e da própria Sociedade Luz --, não faltaram os analistas que mostraram como a vida profissional o levou ao trato diário com os padecimentos das classes populares, inspirando-lhe vivos sentimentos de solidariedade que um pouco mais tarde expressaram-se como acatamento racional às novas idéias⁴.

Entre a Razão e a Compaixão, entre a consciência e os sentimentos, entre a reflexão e a emoção, multiplicaram-se as ambigüidades; a exaltação -- tantas vezes romântica e utópica -- e o agravo impaciente puderam coabitar no propósito de "levar a

3. Cf. Maria Stella M. Bresciani, *Londres e Paris no Século XIX. O espetáculo da pobreza*, S. Paulo, Brasiliense, 1990.

4. Cf. José P. Barreiro, "La influencia de Bernstein en las ideas de Juan B. Justo", em Eduardo Bernstein, *Socialismo teórico y socialismo práctico*, Buenos Aires, Claridad, 1966. (Trata-se de uma terceira versão surgida em espanhol do clássico texto de Bernstein, traduzida por E. Díaz Reta e cuja primeira edição foi realizada por Sempere y Cia. de Valencia, sob o título *Socialismo evolucionista*, s/d.)

Cultura" ao proletariado, numa época que mal começara a sintonizar-se com o conceito antropológico de "cultura".

É inegável que também o sentimento de temor em relação às massas, tal como nos lembra Hobsbawm, concorreu para subsidiar formas de elevação cultural que evitaram as explosões, disciplinaram-nas e estabeleceram finalmente um horizonte garantido de domínio sem turbulências⁵.

Mas o processo nivelador que me proponho reconstruir não recorre à perspectiva temerosa e reacionária da dominação.

De forma reiterada, as ações dirigidas à maior participação das classes trabalhadoras na educação e na cultura têm sido interpretadas dentro dos "dispositivos de controle social" imaginados para submeter aqueles que se pretendia dignificar. Tem-se considerado que a "desbarbarização" do sujeito se fazia com inteira indulgência de sua parte, já que bastava a "racionalidade compassiva" para convencê-lo sobre o novo lugar que lhe correspondia, no que diz respeito, neste caso, à adequação aos ditames da reforma baseada no conhecimento científico.

Bem observado, o episódio difusor em análise e as mentalidades em jogo nos falam de certa "degradação" da ciência -- no sentido em que Bakhtin se refere a uma "degradação" dos elementos nucleares da cultura oficial na Baixa Idade Média em mãos (ou, melhor dizendo, em boca) dos setores populares⁶, isto é, como um processo de

5. Sobre a evolução do sentimento político em relação às massas e sua transformação "científica", remeto a Maria Stella M. Bresciani, *De la perplexité politique à la certitude scientifique - Une histoire en quatre actes*, mimeo. (Unicamp, 1991).

6. Mijail Bajtin, *La cultura popular en la Edad Media y el Renacimiento. El contexto de François Rabelais*, Madrid, Alianza Editorial, 1987.

reapropriação vulgarizada ou banalização. Isso permite um movimento recíproco positivo por parte dos destinatários, já que "a negação pura e simples", de acordo com esse autor, "é quase sempre alheia à cultura popular"⁷.

Embora as vanguardas do proletariado identificadas com propósitos coletivistas concedam um lugar excelso à ciência, tanto no seio do movimento operário como nos organismos afins, deve-se pensar na identidade existente com um conjunto de operários da manufatura, de artesãos de alta qualificação, tal como se caracterizaram os organizadores iniciais desse movimento na Argentina. O apetite educativo e cultural desses grupos, a disposição de participar dos acervos "altos" da humanidade, a extensa ressonância da "respeitabilidade", tal como Hobsbawm também assinalou⁸, mostram assentimentos e concordâncias -- incorporados constitutivamente à sua própria história, a ponto de originar "experiências" no rico sentido de E. P. Thompson⁹ -- com outros agentes sociais. Mais ainda: esses grupos de trabalhadores demandam tais gestos, protestam frente sua inexistência e advertem sobre a negligência dos próprios trabalhadores ou de outrem.

Entre os militantes esclarecidos, será comum arrogarem-se discursos em "consonância com a ciência", que, assim domesticada, "degradada", enviesa o suposto propósito regulador¹⁰. Entre esses

7. Mijail Bajtin, op. cit., p. 16.

8. Eric Hobsbawm, "As classes operárias inglesas e a cultura desde os princípios da Revolução", em *Níveis de cultura e grupos sociais* (Colóquio da Escola Normal Superior, Paris, maio de 1966), Lisboa, Cosmos e Martins Fontes, 1974.

9. E. P. Thompson, *El surgimiento de la clase obrera*, Barcelona, Laia, 1984.

10. Miguel A. Roscigna, militante anarquista que alcançou notoriedade por seu envolvimento com a "ação direta", já em

setores, as imagens que rende a ciência são "bens próprios", provavelmente tão "espontâneos" como os sentimentos religiosos sem dúvida existentes na massa, sentimentos a que hoje dificilmente adjudicaríamos uma origem "externa" à sua experiência.

A domesticação caótica da ciência, marcada por atributos que sugerem o "universal e ambivalente" -- próprio da cultura popular, segundo o pensamento de Bakhtin --, corresponde a uma forma de mentalidade que contagiou as vanguardas proletárias do final do século XIX e princípios do nosso. É nessa perspectiva que convém alojar também a "simplificação" sofrida pelo próprio marxismo, fenômeno que teve notável extensão e que está intimamente ligado à domesticação degradada dos saberes em geral durante o período¹¹.

O fantasma da deformação -- de uma "brutalização" oficiada pela própria democratização da cultura -- estaria na base dos receios à direita e à esquerda, no tocante à indiscriminada capacidade de uso de seus bens por parte das maiorias. Estamos na época em que, como sustenta Bigsby, "la cultura, em otras palabras, se invoca como protección contra la democratización indiscriminada"¹². Não obstante, é difícil situar o impacto efetivo dessa trivialização.

princípios dos anos 30 escreveu na prisão um documento que revelava a ordem científica e moral na qual se apoiava seu ideário, dedicando-o a sua filha. Essas longas páginas tiveram como título "Bajo el árbol de la Ciencia". Agradeço muito a Cecilia Robiletti por me haver posto em contato com esse valioso testemunho.

11. Sobre a questão, remeto ao texto de Franco Andreucci, de grande importância para esta pesquisa: "A difusão e a vulgarização do marxismo", em E. Hobsbawm (org.), *História do marxismo*, v. 2, "O marxismo na época da Segunda Internacional", Rio, Paz e Terra, 1982.

12. C. W. Bigsby, "La política de la cultura popular", em *Examen de la cultura popular*, México, FCE, 1982, p. 14.

Os fenômenos de mentalidade não se afinam com a homogeneidade e a coerência. Se grupos de trabalhadores de elite apropriaram-se de repertórios conceituais científicos, é pouco provável que as conseqüências desse fato se traduzam em mudanças de comportamento visíveis na vida cotidiana, e menos ainda que aqueles que porventura tenham sido modificados no nível da consciência ideológica tenham grande possibilidade de influir sobre o entorno. Mas, no plano público, onde se obriga à conduta reflexiva e se apela a atos retóricos de linguagem, em âmbitos de socialização da classe, sejam estes oficinas, bares, bibliotecas, os discursos são "conseqüentes" e, portanto, permeados de "cientificidade". Quem se distanciar dessa regra dificilmente conseguirá adeptos: sob determinadas condições, a massa discrimina a favor do discurso solvente daqueles que a mobilizam para a constestação ou lhe oferecem os argumentos da interpelação aos fatores de poder.

Deve-se, pois, repor a questão em termos de mentalidades -- quer se pense em *outillage* ou "hábitos" --, para dar conta das correspondências que se estabeleceram entre o campo "alto" da ciência e os trabalhadores empenhados em difundi-la ou em assistir à sua divulgação. Nada ajudou mais do que a extensa credibilidade outorgada no período às fórmulas progressivas que ela sancionava. Nada foi tão contundente como a fé laica que sustentou a indissolúvel articulação entre Sociedade e Natureza, quaisquer que fossem os desdobramentos a que conduziram as teorias, desde a plena subordinação -- passando pelo mimético paralelismo entre as leis de uma e outra -- até as teses da oposição dialética, que raramente conseguiam desprender-se do mecanicismo ou das formas ampliadas do

"materialismo popular"¹³.

O caráter dessa fé é ligeiramente "superior" ao apontado por Gramsci como forma básica de resposta dos setores populares que se aculturavam nas idéias do socialismo:

"O elemento mais importante é, sem dúvida, de caráter não racional, a fé. Mas fé em quem, em que coisa? Especialmente no grupo social ao qual pertence, na medida que pensa difusamente como ele; o homem do povo pensa que, sendo tantos, não podem basicamente estar errados, como argumentação que a pessoa adversária pretende fazer crer (...); recorda mesmo ter ouvido expor de maneira ampla e coerente as razões (...) em termos que o deixaram convencido (...). Ter sido convencido uma vez de maneira fulgurante é razão permanente de aferrar-se à convicção, ainda que ele não saiba mais defender-se com argumentos"¹⁴.

Sem o espetacular suporte do transformismo -- conceito que reúne as diferentes variantes das teses evolucionistas pré e pós-darwinianas -- não teria sido possível estreitar os vínculos entre a ciência e os setores trabalhadores, ainda que a tendência hegemônica explicasse como "natural" a subalternidade destes, oferecendo uma leitura biológica do social que está na origem das conhecidas manifestações irracionais do nosso século e de outros desvios menos aberrantes.

Não foram poucos os disparates ocasionados pelo biologismo nas fileiras aliadas aos trabalhadores. Muitas foram as perplexidades e contradições dentro do marxismo e das forças irmãs na incandescente atmosfera do transformismo, ali onde a voz da Natureza parecia ressoar mais alto, e como instância última, que a da Sociedade.

13. Cf. Stuart Macintyre, *A proletarian science. Marxism in Britain, 1917-1933*, Cambridge, Cambridge University Press, 1980.

14. A. Gramsci, *Quaderni del carcere*, p. 1391, apud Franco Andreucci, op. cit., p. 46.

Esse é um conceito tão demarcatório e de peso tão decisivo que merece um capítulo referencial, de modo que fiquem mais bem estabelecidas as principais ópticas. Serão vistas, assim, diferenciações internas ao "material-positivismo", isto é, um leque de interpretações de Marx e Engels que, sob o abrigo da Segunda Internacional, circulavam entre os oficiantes e os divulgadores, bem como os influxos do "darwinismo social", antecédidos por um "evolucionismo progressivo irrestrito" de cunho spenceriano, às vezes altruistamente regado a matizes "tardo-românticos" e "espiritualistas". Um dos objetivos do capítulo "Sob o manto do transformismo" -- eixo operacional destes ensaios -- é evidenciar a influência de Ernest Haeckel e adeptos, assim como o alcance de suas concepções monistas inspiradas em Spinoza.

Além de reconhecer na bibliografia sua influência direta ou indireta entre os "quatro cavalheiros da Segunda Internacional", Bernstein, Bebel, Leibknecht e Kautsky -- sobretudo neste último, que aderiu às teses marxistas no calor da leitura de Haeckel e Büchner¹⁵ --, no contato com arquivos e bibliotecas operárias sempre me surpreendeu o lugar proeminente ocupado por suas obras, algo que ampliava o horizonte de identificação daqueles que se tornaram as figuras singulares do socialismo argentino.

Decidi, devido às características de tal socialismo, surgido por obra e graça do "espírito da Segunda Internacional" -- como se verá no capítulo que dedico à sua história --, incorporar apenas superficialmente a patrística proeminente, Marx e Engels, dentro

15. Cf. Massimo L. Salvadori, "Kautsky entre ortodoxia e revisionismo", em E. J. Hobsbawm (org.), *História do marxismo*, v. 2, "O marxismo na época da Segunda Internacional", op. cit.

destes debates. Por esse motivo não enfocarei separadamente seu pensamento em matéria de ciência, já que os ensaios visam mostrar as "posições de segundo nível", assim como as banalizações e os produtos de certas zonas "cinzentas" do pensamento socialista reformista ou revisionista. Mas não poderei omitir, em virtude da importância de sua absorção na época, as posições de Engels concernentes às relações com a Natureza. Também no capítulo destinado a mostrar a concepção da ciência histórica entre os socialistas argentinos, farei referência às posições dos criadores do "materialismo dialético" e aos contrapontos surgidos na raiz das interpretações locais.

Surgirão outras derivações que não podem surpreender: certas dobras da Razão que dão lugar ao ocultismo, aos mistérios e ao cortejo das entidades sobrenaturais dentro de um ecletismo que reconhecia diversas filiações¹⁶. Não se pode ignorar que os salões esotéricos cresceram na Europa junto com os organismos destinados a mostrar a origem científica da vida¹⁷. O arsenal explicativo irracional fez também incursões na Argentina e ingressou numa fronteira que de pronto, e previsivelmente, se tentou fechar. Entretanto, podemos imaginar sua provável vigência no processo de degradação-ambivalência que sofreram os ditames científicos

16. Ver, em Beatriz Sarlo, *La imaginación técnica. Sueños de modernidad en la cultura argentina*, Buenos Aires, Nueva Visión, 1992, o transbordamento da credibilidade técnica rumo às fronteiras do esoterismo: o "maravilhoso técnico" perde sua racionalidade nos sonhos modernos que inundam as primeiras décadas de nosso século.

17. Figuras do "racionalismo", livres-pensadores ou agnósticos orientaram-se para modalidades "esotéricas". Tal é o caso do já citado -- e admirado entre os socialistas -- Victor Hugo e, é claro, Anne Bessant. Para a Argentina, remeto a Daniel Santamaría et. al., *Ocultismo y espiritismo en la Argentina*, Buenos Aires, CEAL, 1992.

veiculados entre a população.

* * *

Entre as questões abertas pelo vínculo entre os divulgadores e a condição operária, existem algumas que se consagraram como axiomas de forma perdurável. Eles permeiam a discursividade de forma implícita -- e muitas vezes de modo manifesto --, resultando constante o consenso entre os oficiantes do socialismo. Trata-se de princípios de alta significação e valor que percorrem o *corpus* doutrinário e o estatuto científico, podendo ser encontrados na maior parte das textualidades destinadas à ciência nas diferentes correntes do proletariado.

1. O pensamento científico identifica-se com a verdade

Este axioma revelou-se central e dos mais reputados, exercendo indiscutível regência no âmbito das diferentes escolas-epistemes presentes em fins do século XIX. Sintetizava uma extensa comunhão, pois se incorporou como instrumental corrente no campo científico e nos circuitos de vulgarização, firmemente sedimentado.

A identidade do conhecimento obtido cientificamente com a própria "verdade" nutriu constitutivamente o cientificismo, esse amplo horizonte que inundou o racionalismo ocidental, impregnando modelos de opinião hoje em crise. Sob essa condição, foi possível identificar o "sistema de Marx" com a ciência história, e portanto concluir de suas teses a "verdade" -- para além das adaptações que

os próprios reformistas se viram capazes de efetuar.

Apesar das diferentes formas assumidas pelo socialismo que expressou fidelidade a Marx, em todas elas sentia-se potente a revelação da verdade, o que as levou a enquadrar sua ação -- e os debates entre si -- nos moldes do anelo cientificista. Mas não foi o campo do socialismo o que mais convocou grandes figuras das ciências. Hobsbawn¹⁸ pôs em evidência o escasso número de cientistas europeus recrutados na atmosfera da Segunda Internacional, com a grande exceção da Holanda¹⁹. Isso não impediu uma declarada sujeição à "verdade científica" que transpirava na maioria dos ambientes do socialismo, sujeição fundada na convicção de ser a ciência capaz de anular as incorreções dos dogmas religiosos e fazer em pedaços modos atávicos de sentir e pensar que obstaculizavam a inexorável marcha da humanidade rumo a formas superiores.

O credo da "verdade científica" chegou às vezes a formas teológicas de acatamento, tal como evidencia Georges Haupt, sobretudo em relação à credibilidade de que gozou o materialismo histórico junto a figuras como Kautsky, originando críticas à "Igreja e Evangelho" marxista²⁰.

José Ingenieros -- nome proeminente do pensamento socialista,

18. E. J. Hobsbawn, "A cultura européia e o marxismo entre o século XIX e o século XX", em E. J. Hobsbawn (org.), op. cit.

19. "A Holanda (...) foi o país da Europa ocidental no qual a influência do socialismo entre os intelectuais parece ter tido a maior importância no plano cultural" -- diz Eric Hobsbawn, "A cultura européia e o marxismo entre o século XIX e o século XX", op. cit., p. 92. Sobre o célebre astrônomo holandês A. Pannekoek, ver Corrado Malandrino, *Scienza e socialismo. Anton Pannekoek (1870-1960)*, Milano, FrancoAngelli, 1987.

20. G. Haupt, "Marx e o marxismo", em E. J. Hobsbawn (org.), op. cit.

com notável projeção na comunidade intelectual argentina, e de quem também se ocuparão estes ensaios -- denunciava essa circunstância ao afrontar os "fanáticos do ateísmo":

"El ultramontanismo y el anticlericalismo son dos manifestaciones homólogas del temperamento sectario. Es necesario mirarlos como enfermedades del alma colectiva (...). La multitud atea es análoga a la multitud mística"²¹.

Apesar dessas invectivas -- dirigidas não apenas aos "librepensadores a ultranza" que costumavam nutrir as fileiras do antagonista anarquista --, a textualidade socialista foi uma das mais constantes na acusação do caráter religioso com que concorriam as ideias laicas, racionais e científicas propostas aos trabalhadores, não obstante o acordado no Congresso de Erfurt em 1891. Foi marcado o policiamento interno para colocar na linha aqueles, que por "debilidad sugestionada", ainda se orientavam para o religioso, ou para impedir o ingresso de crentes em suas fileiras, embora vozes ainda mais decididas que a de Ingenieros tenham reclamado o fim de tais procedimentos. Eugène Fournière escreve:

"Que le Parti socialiste, qui est un parti politique, interdise à ses membres d'adhérer à un autre parti, si proche de lui soit-il par ses moyens et même par son but, cela se comprend.(...) Mais pour coopérer à la transformation de la société collectiviste ou communiste, le Parti socialiste n'en doit pas moins respecter, dans l'individu qui en est membre, toutes les pensées, tous les sentiments, tous les paroles, tous les actes qui sont étrangers à ce but.
"Je réclame le droit d'aller à la messe le matin et au comité socialiste le soir..."²²

21. José Ingenieros, *Al margen de la ciencia*, Valencia, Sempere y Cia., s/d, p. 190, 201.

22. Eugène Fournière, *La crise socialiste*, Paris, E. Pasquelle Ed.,

Esses pensamentos indicam, em sua positividade contrariante, quão estendido se achava, entre os adeptos do socialismo, o enfrentamento com as idéias religiosas, que constituíam o principal obstáculo à instalação definitiva da verdade científica. Grande parte dos esforços culturais do socialismo derivou desta necessidade: opor, à sobrevivência pertinaz dos mitos e dogmas que explicavam transcendentalmente o cosmos, uma óptica racional, laica, dessacralizada, fundada na explicação científica. O V Congresso, de 1903, embora não se tenha animado a proibir idéias religiosas a seus seguidores, decidiu, em relação aos dirigentes, que se deveria "tratar de excluir a los compañeros que practican religión". E quando se realizou em Londres, em setembro de 1919, a conferência que trataria sobre questões de religião e movimento operário, Juan B. Justo declinou, inarredavelmente, de integrar o comitê para o qual havia sido designado.²³

A "verdade científica" -- que por certo tempo havia podido preservar uma herança do Iluminismo²⁴ -- devia-se confrontar a

1908, p. 146, Bibliothèque Charpentier.

23. "La Vanguardia", 7/novembro/1921.

24. O Iluminismo não extinguiu radicalmente as manifestações da explicação sobrenatural. Em seu "Discurso Preliminar de la Enciclopedia", J. L. R. D'Alembert apresenta muitos tópicos como este: "A la cabeza de los seres espirituales se halla Dios, que debe ocupar el primer rango por su naturaleza y por la necesidad que tenemos de conocerlo. Por debajo de ese ser supremo se encuentran los espíritus creados, cuya existencia nos enseña la revelación. Luego viene el hombre que, compuesto de dos principios, participa del mundo espiritual por su alma y del mundo material por su cuerpo..."; "(...) La historia, en cuanto a Dios se refiere, encierra la revelación o la tradición y desde ese punto de vista se divide en historia sagrada y en historia eclesiástica". (Buenos Aires, Lautaro, 1947, p. 59.) Sobre a influência jansenista que expressa a racionalidade na matéria, como um fenômeno de mentalidade da segunda metade do século XVIII, cf. Roger Chartier, *Les origines culturelles de la Révolution Française*, Paris, Seuil,

verdade das leis naturais e históricas, que, não obstante mutáveis no decorrer da história, sempre substanciariam uma explicação auto-suficiente.

2. O pensamento científico como superior expressão do progresso

Essa segunda questão testemunha medularmente sobre as mentalidades do período e por certo excede o socialismo, visto que a atitude científica constituiu um dos bens de maior quilate da cultura ocidental. O ideário do Progresso está intimamente vinculado ao que acabo de apresentar. Para uma figura tão sólida intelectualmente como J. B. Bury, a "idéia de progresso" consistiu em uma das forças geradoras da história; "progress is an aim, like liberty or world-federation... (...) This idea means that civilization has moved, is moving, and will move in a desirable direction", sustenta ele²⁵. Mas seu surgimento ainda era recente, remontava ao ciclo dos valores racionais, à inexorável dessacralização instalada com o Renascimento e a Reforma. Na verdade, era a autonomia do pensamento científico o que permitia fluir rumo ao progresso, e tal pensamento devia indicar o verdadeiro limite alcançado em cada etapa.

Isso era particularmente notável em relação ao estudo do homem.

"Thus continuous progress in man's knowledge of his environment, which is one of the chief conditions of general

1990.

25. J. B. Bury, *The idea of progress. An inquiry into its growth and origins*, New York, Dover, 1931, p. 2.

Progress, is a hypothesis which may or not may be true" -- escreve Bury.

Mas, se isso era verdadeiro, como certamente esperava, ficava pendente a perfectibilidade moral e social -- superar a pobreza e a dor --, que em última instância podia constituir um mistério ou uma possibilidade.

O conceito-chave dessa "idéia de Progresso" tinha muito a ver com o socialismo finissecular. Bury escreveu sua obra à base deste argumento central:

"The idea of human Progress then is a theory which involves a synthesis of the past and the prophecy of the future. It is based on an interpretation of history which regards men as slowly advancing -- *pedetentim progredientes* -- in a definitive and desirable direction, and infers that this progress will continue indefinitely"²⁶.

Como se poderá ver nesta investigação, a síntese entre o passado e a "profecia do futuro" -- um verdadeiro desafio ao próprio estatuto da ciência -- subjugava o pensamento socialista da Segunda Internacional. Quem estava em melhores condições de augurá-lo eram aqueles que se alinhavam com as massas, que finalmente imporiam o verdadeiro Progresso com a transformação da ordem capitalista. E nessa matéria pouco importava se o assalto final, a chegada à nova ordem progressiva, se desse por meios lentos, essencialmente não-violentos, ou por fórmulas aceleradas revolucionárias.

Todos estavam de acordo em reunir o conhecimento e os operários. A própria ciência já estava a seu lado, ao prometer

26. Id., *ibid.*, p. 5.

sucessivas construções, graus progressivos de bem-estar, acontecimentos que, se ainda não haviam sido alcançados (os sinais já eram visíveis), estavam inscritos no próprio destino do desenvolvimento natural e social. Bastava pensar cientificamente para se antecipar o futuro.

O espírito desses socialistas recolhia o entusiasmo celebratório de Renan -- afinal, um converso ao laicismo; como ele, tranqüilizava-se com o porto seguro aonde a humanidade iria parar; não era senão um grande porvir o prometido a ciência, e esse sentimento era amplamente compartilhado pelas mentalidades racionais da modernidade. Poucas vozes se dispunham a questionar a aventura do progresso. De fato, uma figura que crescera numa atmosfera familiar "cientista" como Gina Lombroso, a filha do célebre criminalista, parecia duplamente estranha -- na condição de mulher e pelo arrebatamento pessimista -- ao anunciar, quando praticamente ninguém se animava a fazê-lo, *La tragedia del progreso*²⁷, acusando sobretudo a técnica pelos desvarios da civilização. Em alguma medida, a autora certamente se antecipava ao mais surpreendente testemunho de desencantamento que anos mais tarde viria de Theodor Adorno e Max Horkheimer, quando em 1947 publicaram *Dialética do Iluminismo*.

3. O pensamento científico institui de uma nova ordem moral

Desmoronando os mistérios da religião, de cuja normatividade

27. Gina Lombroso, *La tragedia del progresso. Origine. Ostacoli. Triunfi. Sconquassi del macchinismo*, Milano, Nova Edizione Capalago.

emergiam tantos repertórios morais, pensava-se que a ciência auxiliava o pensamento socialista a desenhar o verdadeiro tribunal da consciência. Nada mais preclaro e plausível que atuar em conformidade com a legalidade científica; foi moeda corrente a idéia de que os critérios para determinar o bem e o mal, distinguir entre o correto e o censurável, entre a normalidade e a patologia, haviam se transferido para o campo da ciência e da Natureza.

A tutela da "lei natural" pôde mostrar-se mais ou menos absoluta segundo os intérpretes, mais ou menos dogmática segundo os fatos a quais se vinculasse, mais ou menos compulsória segundo as ocasiões. Mas o foro para confrontar as condutas e estabelecer um juízo seguro que não apelasse à tradição, aos mitos e aos dogmas achava-se no repertório das ciências, que em primeiro lugar eram determinantes da conduta humana.

Os estados de consciência assimilaram-se aos mais refinados estados de moral: isto significava tornar coerentes a possibilidade mesma de cognição e os móveis da conduta. Não obstante a aparente recusa ao idealismo kantiano, entre as fileiras do reformismo socialista de fins do século amiudavam tais posições²⁸, bem como a convicção kantiana de que a moral baseava-se no princípio da não-contradição. Havia um espelho onde olhar e de onde extrair as lições do dever na ordem natural.

28. Sobre o kantismo e sua penetração nas fileiras do reformismo socialista, denunciado de maneira clássica por Lenin em seu *Marxismo y empiro-criticismo*, Hobsbawm comenta: "(...) Se Marx tivesse querido ser kantiano, não teria tido dificuldade em sê-lo; além disso, não há dúvida de que a tendência para substituir Hegel por Kant na filosofia marxista se identificava com freqüência, embora nem sempre, com o revisionismo". "O marxismo na época da Segunda Internacional", *História do marxismo*, v. 2, op. cit., p. 101.

É certo que a Natureza alguma vez se equivocava e conduzia de maneira deplorável o curso da vida -- havia enganos, sem dúvida, era forçoso reconhecer. Dessas lamentáveis vicissitudes falavam as teorias da criminalidade; e, se acabava sendo bastante exagerado o ponto de vista do companheiro de fileiras Enrico Ferri, o qual se associara a Lombroso na criação da escola "criminalista determinista", que marcou época mesmo se no seio do socialismo lhe questionassem as posições, não poucos aspectos explicativos da conduta humana continuaram tributários de tais idéias.

Fora do dogma da "lei natural" era difícil resolver o problema de uma "determinação social" da moral. Uma tentativa de síntese entre ambas as determinações -- a "natural" e a "social" -- dentro do socialismo do período partiu de Benoit Malon, que escreveu primeiro em forma de artigos o que mais tarde conformou seu livro *La moral social*²⁹, embora isso reformasse justamente uma forma marxiana que a ortodoxia não aprovaria por inteiro.

Entre os argentinos, Ingenieros ocupou-se explicitamente da questão. Não há como desconhecer a influência do próprio Malon em suas posições³⁰, quando, ao rejeitar a moral proveniente tanto dos

29. B. Malon, *La moral sociale*, Paris, Ed. Giard et E. Brière, s/d. Os artigos vieram à luz na "Revue socialiste", a mais duradoura das publicações do socialismo francês, dirigida pelo próprio Benoit Malon, em 1886. As posições de Malon ("malonismo") eram tidas como uma doutrina marxista de "segunda mão". Ver G. Haupt, op. cit.

30. A influência francesa através de Malon é muito clara no grande pensador argentino, algo que me parece não ter sido suficientemente visto por seus diversos examinadores. Em sua primeira comunicação já como socialista, "Qué es el socialismo", datada de 1895, Ingenieros nos induz a pensar nas grandes influências que recebeu: "A todos los que mal intencionadamente os digan que no sabéis donde vais ni a qué, repondedles que vais a enrolos en el ejército del progreso, en cuyas filas han luchado y luchan los Marx, Bebel, Adler, de Amicis, Engels, Ferri, Guesde, Singer, Malon, Tchernicheuski, De Felice, Liebknecht, Loria, Say, Turati, Testut,

dogmas religiosos como racionais -- o que constitui uma longa crítica às concepções religiosas e kantianas --, defende "el carácter social de la experiencia moral", já que "toda ética es el resultado natural de la experiencia social"³¹. Em suma, esse trabalho destinado a desenvolver as posições de Emerson -- surgido na esteira de um curso ministrado por Ingenieros na Faculdade de Filosofia e Letras e no qual o autor situa suas posições, em grande medida influenciadas pelo spinosismo --, advoga o estatuto científico da moral:

"La ética del porvenir" -- diz ele -- "será en cambio una ciencia funcional y adoptará el método genético; sólo así llegará a independizarse la conciencia moral de la humanidad de todo dogmatismo teológico o racional, demostrando que la moralidad es un resultado natural de la vida en sociedad."³²

Um pouco mais adiante assevera: "La ética es una ciencia social accesible a la investigación histórica y a los métodos científicos"³³. O remate da cientificidade oferecendo normas morais visava, assim, criar para a própria regra ética um domínio idêntico ao da ordem científica .

Asturaro, Owen, Barbato, Lasalle, Smith, Laveleye, Vandervelde, Schafle, De Paepe, Ranvier, Georges, Dupont, Steppney, Lecomte, Lafargue, Piat, Clémence, Gauthier y demás economistas, filósofos, sabios y pensadores que han desplegado su actividad y su inteligencia en beneficio de la emancipación de los trabajadores". (Buenos Aires, Claridad, Col. Los Pensadores, v. 8, s/d, p. 63.) Outra referência ao teórico francês neste trabalho inaugural: "Veinte años ha, Malon, uno de los más modestos y más meritorios propagandistas del socialismo científico, escribía: 'Si la palabra socialismo es reciente, el ideal que su doctrina encierra es tan antiguo como la civilización' (...)" . A citação é da *Histoire du socialisme*, t. 1, p. 1 (p. 14, op. cit.).

31. J. Ingenieros, *Hacia una moral sin dogmas. Lecciones sobre eticismo*, 2. ed., Buenos Aires, L. J. Rosso y Cia., 1919, p. 22.

32. Id., *ibid.*, p. 23.

33. Id., *ibid.*, p. 25.

Se nem todos os teóricos e divulgadores aceitaram esse ponto de vista, já que em grande medida acolhia-se uma idéia racional impulsora, ele certamente remetia ao foro da natureza e à sua legalidade. O repertório moral -- indispensável na vida social -- devia emanar de uma fonte científica, fosse esta o espelho do mundo natural ou uma ciência *ad hoc* tal como pregava Ingenieros.

4. A ciência como avalista da justiça e da fraternidade

Outro vigoroso ideal com que se embandeirava a vulgarização científica nas fileiras socialistas era a aposta num mundo justo e fraterno a ser trazido pelo desenvolvimento das ciências. É necessário reconhecer, neste ponto, que as maiores esperanças quanto àquele fim superior cifravam-se especialmente no desdobramento científico, em sua transformação técnica. Se os ideais de verdade e progresso eram constitutivos da ciência, e, quisessem ou não, para isso trabalhavam os cientistas, a visada socialista acrescentava-lhes tais sentimentos.

A atmosfera imperialista carregada de presságios que desde fins do século antecipou o enfrentamento das nações, bem como a comoção efetivamente provocada pela Grande Guerra, que aniquilou os valores da fraternidade internacional dos trabalhadores, com frequência pareciam suspender o otimismo, dando lugar à frustração e ao desencanto frente ao espírito da ciência.

Mas, para além do desnorteante espetáculo do fratricídio e da destruição material, do colapso efetivo do internacionalismo operário, durante boa parte do período os socialistas reformistas

aferraram-se à idéia de que, se não era a via política a que podia levar as coisas para frente, isso poderia ser conseguido mediante o avanço do pensamento científico. E, ainda quando já se encubava o nazismo e fermentavam-se suas fórmulas, uma escrupulosa atitude voltada para a justiça e a fraternidade prometidas em última instância pela ciência, fazia-os suspender juízos sobre as possíveis manipulações desta em relação a interesses de Estado ou de grupos.

Embora as constatações de campos teóricos próximos já recolhessem as tortuosas derivações da sociedade capitalista, fazendo uma interpretação cultural dos dramáticos vínculos entre massa, ciência e técnica -- a Escola de Frankfurt irradiou-se durante os anos 20 --, o espírito generalizado do reformismo socialista ainda não lograva diminuir a positividade da contaminação entre o apelo à ciência e o melhor porvir da condição humana.

Por outro lado, apesar de toda a oposição exercida contra a "ditadura do proletariado" emersa da Revolução Russa, havia um único lado dessa experiência que até inspirava simpatia: o desenvolvimento da educação, da ciência e da técnica sob o socialismo soviético.

Duas tradições amparavam o sentimento de justiça e fraternidade que finalmente o desenvolvimento da ciência aportaria à humanidade. Ainda que tenuamente, à medida que os acontecimentos da modernidade punham o princípio da dúvida sobre sua própria substância -- tendo em conta as óbvias relações que sustentavam a expansão colonialista e o poderio militar --, expressava-se uma

imbricação generosa entre as tradições iluminista e romântica. Quanto à primeira, a Razão apontava para maior justiça, igualdade e fraternidade entre os homens; quanto à segunda, a plena subjetividade somente se realizava num estado em que os indivíduos estivessem referenciados entre si. Acaso não era este, em última instância, o debate dos reformistas que acreditavam no lado "positivo" da expansão imperial, a qual levaria às massas atrasadas do planeta a iluminação de idéias provenientes de seus irmãos europeus e o fermento de sua rebeldia?

Paradoxos como esses não faltaram ao espírito regenerativo que surgia de dentro mesmo das cinzas da fraternidade, à medida que a guerra chegava ao fim. É certo que esta destruíra a utopia de um mundo sem fronteiras e que as políticas "nacionais" haviam se imposto amplamente entre os partidos socialistas, corroborando o fim de uma época, mas, ainda durante os anos 20, não eram poucos os que se entusiasmavam com o legado racional da cientificidade, que, ao final, tornaria mais fraterno e justo o mundo mais claramente dividido entre ricos e pobres, países fortes e fracos, império e colônias.

5. A ciência conduz ao socialismo

Como consequência dos atributos consignados à ciência, o espírito do reformismo socialista descansava centralmente na inevitabilidade da transformação que conduziria à sociedade socialista. Mas para reformistas e ortodoxos havia um inquestionável ponto em comum: Marx e Engels haviam dotado o

socialismo de sua vertente científica, haviam lhe conferido o mesmo estatuto de que dispunham as demais ciências positivas. Uns e outros descansavam na confiabilidade do "autofazer-se" da história -- isto é, da ciência, uma vez que o socialismo "cientificava" finalmente a ação humana, no inexorável caminho para a realização superior. Revolução ou evolução -- tanto fazia --, no fim das contas a ciência demarcava um caminho certo.

Sem dúvida todo pensamento sensato continha aspectos de cautela e prevenção, mas a afetividade redundava numa lógica do inevitável e num otimismo imanente que, se não garantia de imediato as coisas, permitia o desfrute antecipado do que invariavelmente ocorreria no futuro. Não deve surpreender que essa atitude de certeza quanto ao devir viesse acompanhada de voluntarismos, ainda que estes se expressassem mais amplamente na vertente radicalizada do marxismo.

O firme subsídio que, como se verá, irradiava-se das variantes do transformismo biológico, impregnando a atmosfera em que se incubou e desenvolveu o revisionismo, tendeu a expressar o advento inexorável das "formas superiores" da vida. O socialismo era o verdadeiro nome do superior, e da imediata autorização emanada dessa certeza vinha aquele ar de suficiência esclarecida, tão típico de sua confraria em fins do século XIX e princípios do XX.

E que o marxismo era consubstancial à "ciência social" -- nisto se empenharam seus fundadores --, e, embora alguns de seus princípios se perturbassem, justamente, ao calor dos vastos processos vividos na fase de maior implantação, permanecia de pé a certeza generalizada de que os recursos lógicos e de conteúdo do

"materialismo histórico" constituíam a leitura científica da humanidade.

Se a ciência era um afluente privilegiado do socialismo, se era ele mesmo e se tudo levava invariavelmente a um tempo em que tal univocidade se faria transparente, universalmente inteligível, era urgente, entretanto, fazer chegar às massas os conhecimentos que prenunciavam este futuro.

Acompanhando o parto do porvir, uma dimensão central da ação humana encontrava-se, tanto para revolucionários como para revisionistas, na ação educativa e cultural, e daí a banalização da ciência ter constituído um dos princípios de maior estímulo à atividade cultural empreendida pelo socialismo, em todo o mundo. De maneira similar ocorreu na Argentina, a tal ponto que, como se verá, em boa medida o desejo de transmitir conhecimentos em matéria de ciências naturais ultrapassa o de veicular os próprios conteúdos "socialistas". Ocorre que a imagem dessa participação popular dos saberes acha-se firmemente acoplada à idéia de ser o próprio socialismo o que está presente nos ditames da ciência; ao se elucidar a Natureza e sua legalidade evolutiva, instala-se, simetricamente, a regência dos propósitos de transformação social, emergentes espontâneos do estatuto da ciência.

* * *

Esta introdução não pode se fechar sem aludir a uma circunstância bem constatada. O mundo burguês já iniciara seu desencanto com o mundo do Progresso, à medida que se consolidaram

as posições imperialistas de fins de século. A citação de Hobsbawn na epígrafe condensa bem essa circunstância.

Formas irracionais, filhas legítimas do mesmo processo iluminista, ocuparam um amplo lugar nas sociedades do Ocidente. O lado escuro constitutivo da Razão, a barbarização do processo civilizatório e da modernidade, desenvolveram seus tentáculos.

A respeitabilidade da ciência, não obstante os notáveis avanços conseguidos durante o século XX, sofreu sem dúvida uma deterioração, à medida que o pensamento dominante demonstrou mais apreço à aplicação tecnológica do que à consubstanciação científica, encantou-se mais com a eficácia das intervenções do que com o jogo especulativo das teorias.

A manipulação da ciência, que se endereçou a aplicações bélicas contrariantes do humanismo -- parceiro na evolução do pensamento iluminista, certamente --, foi crescente à medida que se aproximava 1914. A Grande Guerra fez desmoronar boa parte do sentimento positivo em relação ao progresso científico e afetou a própria idéia de Progresso, ainda que um teórico entusiasta do ideal como Robert Nisbet veja antes o contrário, pois, segundo suas palavras, o episódio da guerra, "com sua matança e devastação sem precedentes (...) parece na realidade ter fortalecido a fé ocidental na idéia³⁴". Entre as provas mais sólidas trazidas por Nisbet está o aparecimento do livro de J.B. Bury em 1920. Contudo, uma outra interpretação desse clássico permite concluir que, se Bury estava longe de oferecê-lo como um réquiem ao progresso, nem

34. Robert Nisbet, *História da idéia de progresso*, Brasília, Ed. da Universidade de Brasília, 1985, p. 302.

por isso deixava de haver inquietude quanto a seu destino, cujo clímax teria sido alcançado entre os anos de 1860-1870.

Por outro lado, o próprio Nisbet nos coloca dimensões da sobrevivência do propósito de progresso certamente distanciadas da visão humanista -- abarcadora das grandes tarefas do homem e com extensão universal --, ao situá-lo na esfera dos interesses privados, no "liberalismo-com-progresso", conforme sua concepção.

Os anos que se seguiram até a ascensão do nazismo terminaram por expressar a íntima articulação negativa de "conhecimento e interesse".

Contra as expectativas pessimistas, em geral associadas a posturas reacionárias, o pensamento do reformismo socialista permaneceu fiel ao *outillage* mental que tornava inseparáveis e recíprocas as relações entre ciência e transformação progressiva. Continuou vendo nisso uma substanciação decisiva cuja perda resultaria em ameaça ao horizonte da hominização. Renunciar à fé na transformação significava, para todas as frações do socialismo, anular de maneira essencial as fundações sobre as quais erguia-se todo o edifício conceitual. Os efeitos irradiados por esse acordo preliminar traduziam-se na esfera do entusiasmo, na crença na capacidade criadora do homem, na recusa ao pessimismo, à incúria e à acomodação.

Ainda nas décadas de 1930 e 1940, quando o "assalto à razão" já produzira seus efeitos em atrozes atos de extermínio, o pensamento socialista -- aí incluídos os diversos graus de aceitação do marxismo da ortodoxia fundadora -- continuava expressando indeclinável fé na ciência, e isso era particularmente

expressivo na área anglo-saxônica. Nisbet escreve:

"Comparáveis aos profetas do progresso da tecnocracia norte-americana, eram os cientistas ingleses orientados pelo marxismo que durante essas duas décadas pregavam o evangelho do progresso-através-da-ciência, empregando esta última palavra num sentido que ultrapassava em muito o obsessivo sonho da engenharia dos tecnocratas. Entre eles, assim como no grupo norte-americano, figuravam alguns dos mais proeminentes biólogos, químicos e físicos da época: J.D. Bernal, Joseph Needham e outros. Todos haviam absorvido a doutrina marxista do progresso, e acrescentaram a fé na instalação de uma sociedade sem classes e sem qualquer propriedade privada ou capitalista, a convicção mais positivista que marxista de que os cientistas iriam ou deveriam dominar essa sociedade"³⁵.

Se o pensamento socialista ainda podia sustentar tal convicção, era sem dúvida porque estava de pé sua aposta nas massas trabalhadoras. Elas eram seguramente a última e mais resistente trincheira para absorver, com a promessa de sua inteira recolocação na sociedade socialista, o recado das ciências banalizadas que abriam as fronteiras da compreensão do universo, inexoravelmente lançado em direção à verdade, à justiça e à fraternidade.

A luz que provinha do conhecimento científico estava dirigida, finalmente, às maiorias que padeciam numa ordem social injusta mas, sem dúvida, felizmente passageira.

O período abarcado por esta indagação tem como referência uma Argentina que acaba de ingressar na modernidade, com a integração à economia capitalista mundial, graças a seus conhecidos produtos primários e a uma enorme massa de trabalhadores oriundos sobretudo da Europa, os quais rapidamente constituirão organismos de resistência. O protesto social orgânico inaugura-se já em fins do

35. Id., *ibid.*, p. 309.

século XIX.

Enquanto nos países mais avançados do Velho Mundo começa a se instalar certo desencanto com a ciência e a era imperial carregada de tensão abala o propósito humanista racional baseado numa extensa confiabilidade do conhecimento, enquanto prosperam teses que a torto e a direito enfrentam o racionalismo, o socialismo levanta como um farol a comunhão entre ciência e proletariado. Sua aposta nessa combustão leva-o a imaginar uma sociedade em que é possível a transformação, certa a evolução das relações entre o capital e o trabalho, segura a equidade, desde que ocorra uma transformação subjetiva através do conhecimento. Essa é a tarefa sobre a qual todos os matizes do marxismo concordam, todos, enfim, coincidindo com o próprio Marx, que, frente às sombras da modernidade, pôde dizer: "Até a pura luz da ciência parece incapaz de brilhar senão no escuro pano de fundo da ignorância"³⁶.

Os trabalhadores argentinos estão entre os últimos iluminados.

36. K. Marx, "Speech at the anniversary of the 'People's Reader'", em *The Marx-Engels reader*, 2. ed., London, Norton, 1978, p. 578, apud M. Berman, op. cit.

Capítulo I

HISTÓRICO SUCINTO DO SOCIALISMO
ARGENTINO
(1880 - 1930)

Capítulo I

História sucinta do socialismo argentino (1880-1930)

"(...) El grupo de trabajadores que ha ido a depositar su voto por su ideal y por su programa, se ha destacado con tanto brillo como una perla en un montón de inmundicias.

"La misma seguridad de no formar sino un número muy reducido, que para los imbéciles representa nuestra participación en estas elecciones como un despropósito, nos honra y nos enaltece, dando a nuestra actitud un carácter más puro de protesta, de enseñanza y de propaganda."

"La Vanguardia", 14 de março de 1898, sobre o resultado das primeiras eleições de que participou o Partido Socialista na Argentina

Os esforços que culminariam, em junho de 1896, com a institucionalização definitiva do Partido Socialista Operário Argentino -- uma vez que então se realizou o primeiro congresso partidário -- conhecem antecedentes que remontam a quase duas décadas. De fato, núcleos de emigrados da Comuna de Paris chegados no transcurso de 1871, assim como uma pequena comunidade de alemães, italianos e espanhóis, em diversa medida influenciados pela Primeira Internacional, ao tomar contato com núcleos locais -- certamente sensibilizados pela textualidade dos utopistas difundidos na Argentina -- criaram as bases do que logo se desenvolveria como expressa ação doutrinária e política¹.

1. Uma clara evidência da presença de trabalhadores com alguma forma de vínculo com a Internacional constitui a criação da Asociación Internacional de Trabajadores -- Sección Francesa, em 1872, "aunque en sus filas se encontraran trabajadores de otras nacionalidades". Angel M. Giménez, *Páginas de historia del movimiento social en la República Argentina*, Buenos Aires, Sociedad Luz, 1927, p. 30. Giménez cita a "Revista Masónica

Componentes do "socialismo utópico" podem ser rastreados em décadas tão antecipadas como as de 1840 e 1850; mas, entre os antecedentes diretamente aparentados com a Primeira Internacional, encontram-se a participação no Congresso de Haia, em 1872, do representante local R. Wilmart -- cuja biografia não tem sido explorada -- e o aparecimento do periódico "Le Revolutionnaire" em 1875, impulsionado pelo francês S. Pourille, que alguns verão como um "exaltado espírito polêmico"².

Em 1882, um grupo de operários alemães cria o Club Socialista Vorwarts, que chegou a contar "com 300 filiados", segundo informava o Partido Socialista em 1910³, e em 1886 edita seu conhecido periódico do mesmo nome, que perdurará até 1901. Durante a década de 1880 multiplicam-se, por outro lado, os grupos maçônicos, especialmente na área de La Boca. Seus membros representam em grande medida a Itália mazziniana e constituem um fermento para agitar a "questão social", ligando-a a inveterados princípios contracatólicos, de modo que não é difícil encontrar entre seus adeptos quem se sinta atraído pelo socialismo⁴.

Argentina", ano III, Buenos Aires, 1875, p. 351, para referir-se a essa Seção Francesa.

2. O periódico teve vida muito curta e provavelmente identificava-se com o pensamento bakhuniano. A personalidade de Pourille, assim definida, deve-se a Manuel Palacín, *Breve historia del Partido Socialista*, Buenos Aires, La Vanguardia, 1946, p. 13.

3. Partido Socialista Argentino -- Movimiento Socialista y Obrero -- Buenos Aires, 1910.

4. Embora não haja um estudo completo sobre os vínculos entre a maçonaria e o surgimento das idéias socialistas na Argentina -- incluindo aí o "coletivismo" anarquista --, possuímos muitos indícios dessa vinculação nos fins do século XIX. As numerosas escolas leigas de La Boca, impulsionadas pelos centros maçônicos, contaram com a presença de "socialistas" durante as décadas de 1880-1890 e com o apoio explícito que as lojas outorgaram a organismos em mãos do socialismo, como a Asociación Pro Fomento de la Educación Laica (1907-1913). O fato de José Ingenieros ter se

Coincidem nesses anos o acelerado povoamento do país -- sobretudo das regiões portuárias e essencialmente de Buenos Aires --, através do notável movimento imigratório ultramarino, que traz milhares de pessoas, do desenvolvimento do perfil da Argentina "moderna", agroexportadora, bem como do aparecimento de novos segmentos sociais compostos pelos assalariados do artesanato, da manufatura, da incipiente indústria, do comércio varejista e atacadista e dos serviços. Os trabalhadores urbanos não tardarão a manifestar as novas condições mediante o protesto inorgânico, de início espontâneo, que dará lugar a certo número de associações regulares de resistência durante a década de 1890⁵.

É justamente durante esse ano que se tornarão mais explícitos os contornos da nova corrente na Argentina. Na esteira do Congresso de 1889 em Paris, que determinou o ressurgimento da Internacional, os socialistas argentinos decidem fazer-se representar por um delegado, e vão se tornando claras as distâncias em relação aos "federalistas" e "coletivistas" de orientação bakhuniana. Entretanto, na sequência da primeira celebração do 1º de Maio, não faltaram as aproximações com os

vinculado desde cedo às idéias do socialismo deve situar-se no próprio âmbito familiar, dada a filiação maçônica de seu pai. Por outro lado, conhecem-se ambientes dominados pela maçonaria que facilitavam concorridos encontros de participantes, como a "Quinta de los Lombardos", no bairro de La Boca, onde se realizavam diversos atos pró-socialistas.

5. Remeto, a esse respeito, à vasta bibliografia existente arrolada na seção correspondente. Ressalto a contribuição mais recente de Roberto P. Korzeniewicz, "The labor movement in Argentina, 1887-1973", Ph.D. Dissertation, State University of New York at Binghamton, 1989; o autor sustenta a idéia de uma certa independência das matrizes ideológicas habituais -- anarquista, socialista -- na precoce contestação dos trabalhadores na Argentina.

"federalistas anti-autoritários", o que permite constituir a primeira tentativa de central operária, que se denominará Federación Obrera de la República Argentina (FORA) e que terá curtíssima duração.

O que resultou mais perdurável, sim, foi o jornal surgido dessa primeira tentativa de central operária, "El Obrero", a cargo de German Ave Lallemand, engenheiro de origem alemã que teve significativa influência no emergente socialismo local. Sobreviventes desse empreendimento originaram, em fins de 1892, a Agrupação Socialista, que constituiu, até certo ponto, uma estrutura partidária, embora paradoxalmente atraísse até alguns simpatizantes do anarco-coletivismo, e que manteve o jornal "El Socialista", empresa de fôlego limitado.

Contudo, essa tentativa de "Partido Operário - Seção Buenos Aires" -- como por momentos foi conhecida a Agrupação -- não prosperou, optando-se em grande medida por auxiliar a organização dos trabalhadores. Destacam-se reiteradamente os nomes de Adrián Patroni e Carlos Mauli, fundadores da Associação e organizadores ativos do nascente gremialismo daqueles anos. A esses militantes de origem proletária unem-se Juan B. Justo -- um jovem e bem-sucedido médico cujo primeiro pronunciamento como socialista data de 1893 --, os alemães Augusto Kuhn e Gotardo Hummel, o italiano Domingo Rizzo, o espanhol Isidoro Salomó, para citar constâncias inescapáveis nos primeiros tempos.

Por volta de 1894 uniram-se novos núcleos à ação desenvolvida pelo Vorwarts e pela Associação: "Les Egaux", que reunia os simpatizantes de origem francesa -- encabeçado pelo próprio Carlos

Mauli, ainda que nascido na Itália⁶ -- e dispunha de um periódico próprio, "L'Egalité"; o "Fascio dei Lavoratori", que congregava a comunidade italiana -- a participação conjunta de tais organizações garantiu o sucesso da manifestação do 1º de Maio desse ano --, e em dezembro o Centro Socialista Universitário, no qual ingressaram José Ingenieros e Angel M. Giménez.

No ano seguinte já se havia constituído o Centro Socialista Operário de Buenos Aires, enquanto em algumas cidades e povoados do interior surgiam entidades identificadas como socialistas. Durante esse ano teve início a publicação de "La Vanguardia" -- "Periódico socialista científico, defensor da classe trabalhadora" -- sob a direção de Juan B. Justo, cujo propósito era difundir as idéias do socialismo e que seria o principal porta-voz da corrente.

Em junho de 1895 o Partido Socialista Operário estava quase inteiramente conformado. Foi realizada a convenção que elegeu autoridades para o Comitê Executivo e decidiu-se a participação nas eleições nacionais, programadas para o ano seguinte. Assim, em fevereiro de 1896, o socialismo argentino apresentou pela primeira vez sua lista de candidatos a deputado, na qual constava nome e profissão do pretendente, tal como se tornou tradicional: Juan B. Justo (médico), Juan Schaeffer (sapateiro), Adrián Patroni (pintor), German Ave Lallemand (engenheiro) e Gabriel Abad

6. Jacinto Oddone, em *Historia del socialismo argentino*, Buenos Aires, La Vanguardia, 1934, outorga nacionalidade francesa a este militante, algo que foi reiterado em outras histórias sobre o socialismo. Entretanto, por ocasião de sua morte, o artigo laudatório de "La Vanguardia" (7/abril/1923) menciona que nasceu em 8 de junho de 1852 no Tirol, província de Rovereto.

(foguista). Obteve somente 135 votos. Ainda que se deva contar com a prática da fraude, em especial mediante a compra de votos dos eleitores -- fenômeno brutalmente corrente na prática política da República oligárquica⁷ --, é evidente que o socialismo ainda estava longe da preferência popular.

Foi em junho desse ano que a corrente realizou seu primeiro Congresso e instituiu-se definitivamente como partido político, sob o nome de Partido Socialista Operário Argentino.

Daí em diante o socialismo aperfeiçoou sua presença na sociedade argentina, disputando com a oligarquia, e com a nova expressão contra o "unicato"⁸, a União Cívica⁹, os votos dos

7. Jacinto Oddone narra a propósito da fraude eleitoral: "El propio Carlos Pellegrini (que llegó a ser presidente de la República) fue acusado de haber comprado votos y contestó con una orondez desconcertante que acababa de ser elegido por el voto más libre de los conocidos en el país, pues no hay -- dijo -- voto más libre que el que se compra y vende". Op. cit., p. 289.

8. Denomina-se assim o sistema baseado na predominância do executivo durante os longos anos em que o Partido Nacional, de nítido corte conservador, governou o país.

9. Depois da queda de Rosas (1852), realizada a pacificação nacional e estabelecida a Constituição (1853), os dois grandes partidos deram origem ao Partido Autonomista Nacional -- cujas raízes remetiam à disputa pelo federalismo contra a hegemonia do porto de Buenos Aires --, de orientação ideológica conservadora, entre cujas figuras máximas encontra-se Nicolás Avellaneda; e as forças liberais, que correspondiam à tradição unitária, portenha, e orientada para valores de "modernidade", sendo Bartolomeu Mitre uma de suas expressões centrais. A decomposição do regime leva ao surgimento, dentro da corrente do mitrismo, de um impulso renovador com a Juventud de la Unión Cívica -- Leandro Alem é uma de suas figuras impulsionadoras --, que protagoniza a Revolução de 1890 e que se constituirá como União Cívica Radical. A promessa de sua renovação, não obstante a aceitação que progressivamente conquistou entre os setores sociais médios e baixos -- seu "radicalismo" --, limitou-se em grande medida a modificações institucionais, formais e jurídicas da participação cidadã. Sobre os partidos políticos na Argentina, ver, entre outros, Darío Canton, *Materiales para el estudio de la sociología política en Argentina*, 2 vols., Buenos Aires, Instituto Torcuato Di Tella, 1968; do mesmo autor, *El parlamento argentino en épocas de cambio, 1890, 1916, 1946*, Buenos Aires, Instituto Torcuato Di Tella, 1967; Gustavo

setores subalternos, num regime jurídico-político que limitava de maneira notável sua participação. Não obstante a presença inicial de alguns "federalistas" e do radicalismo representado por uma inegável corrente "obreirista", sua pregação armou-se essencialmente em torno da reforma em todos os terrenos -- econômico, social, político, educativo e cultural -- para transformar o sistema através da via parlamentar, tal como preconizava a hegemônica tendência revisionista da Segunda Internacional. A Declaração de Princípios aprovada no seu histórico congresso de constituição dizia:

"Que la clase trabajadora es oprimida y explotada por la clase gobernante.

Que ésta, dueña de los medios de producción y disponiendo de todas las fuerzas del estado para defender sus privilegios, se apropia la mayor parte que producen los trabajadores y les deja sólo lo que necesitan para seguir sirviendo en la producción.

Que en la República Argentina, a pesar de la gran extensión de la tierra inexplorada, la apropiación individual de todo el suelo del país ha establecido de lleno las condiciones de la sociedad capitalista.

Que estas condiciones están agravadas por la ineptitud y rapacidad de la clase rica, y por la ignorancia del pueblo."¹⁰

E um pouco mais adiante:

"Que la evolución económica determina la formación de organismos de producción y de cambio cada vez más grandes, en que grandes masas de trabajadores se habitúan a la división del trabajo y a la cooperación.

Que así, al mismo tiempo que se aleja para los trabajadores toda posibilidad de propiedad privada de sus medios de

Ferrari e Ezequiel Gallo (orgs.), *La Argentina del Ochenta al Centenario*, Buenos Aires, Sudamericana, 1980; Natalio Botana, *El orden conservador. La política argentina entre 1880 y 1916*, Buenos Aires, Sudamericana, 1977.

10. "Declaración de Principios", Congreso do Partido Operário Socialista, "La Vanguardia", 8/junho/1896.

trabajo, se forman los elementos materiales y las ideas necesarias para substituir el actual régimen capitalista con una sociedad en que la propiedad de los medios de producción sea colectiva o social, en que cada uno sea dueño del producto de su trabajo, y a la anarquía económica y al bajo egoísmo le sucedan una organización científica de la producción y una elevada moral social."¹¹

A estes acrescentavam-se os parágrafos seguintes:

"Que esta revolución, resistida por la clase privilegiada, puede ser llevada a cabo por la fuerza del proletariado organizado.

Que mientras la burguesía respete los actuales derechos políticos y los amplíe por medio del sufragio universal, el uso de estos derechos y la organización de resistencia de la clase trabajadora serán los medios de agitación, propaganda y mejoramiento que servirán para preparar esa fuerza".

Por último, a Declaração concluía com este princípio -- nitidamente mais radicalizado -- que o 2º Congresso partidário, reunido em 1898, acabou eliminando:

"Que por este camino el proletariado podrá llegar al poder político, constituirá esa fuerza y se formará una conciencia de clase, que le servirán para practicar con resultado otro método de acción cuando las circunstancias lo hagan conveniente."¹²

A supressão dessa intenção fundacional fala claramente sobre as características pró-reformistas que incontestavelmente o Partido se atribuiu.

O Programa Mínimo sancionado no Congresso constituinte expressava os aspectos essenciais em que a nova entidade política iria centrar sua ação :

11. Idem.

12. Idem.

1. Jornada de 8 horas para os adultos e de 6 para os jovens de 14 a 18 anos, e proibição do trabalho industrial aos menores de 14 anos. Descanso obrigatório depois de 36 horas contínuas por semana.
2. Para igualdade de produção, igualdade de retribuição aos operários de ambos os sexos.
3. Regulamentação higiênica do trabalho industrial, limitação do trabalho noturno aos casos indispensáveis, proibição do trabalho das mulheres onde houver perigo para a maternidade e atentado à moral.
4. Criação de comissões de inspeção das fábricas e dos alojamentos, nomeadas pelos operários e pagas pelo Estado.
5. Criação de tribunais, nomeados paritariamente por operários e patrões, para solucionar as diferenças entre uns e outros.
6. Responsabilidade dos patrões nos acidentes de trabalho.
7. Abolição dos impostos indiretos, e especialmente os de consumo e alfândega.
8. Imposto direto e progressivo sobre a renda.
9. Extinção gradual do papel-moeda e, em geral, de todas as medidas tendentes a valorizá-lo e dar-lhe um valor estável.
10. Reconhecimento legal das associações operárias.
11. Supressão de todo fomento artificial à imigração.
12. Abolição das leis de contrato para tarefas em más condições de trabalho e de vacância.
13. Instrução leiga e obrigatória para todas as crianças até 14 anos, ficando a cargo do Estado, nos casos em que seja necessário, a manutenção dos educandos.
14. Sufrágio universal para todas as eleições nacionais, provinciais e municipais. Voto secreto.
15. Autonomia municipal.
16. Jurados eleitos pelo povo para todo tipo de delitos.
17. Separação da Igreja e do Estado. Supressão das prerrogativas do clero e devolução ao Estado dos bens cedidos por este ao clero.
18. Supressão do exército permanente e armamento geral do povo.
19. Revogabilidade dos representantes eleitos, em caso de não cumprirem o mandato de seus eleitores.
20. Abolição da pena de morte.
21. Reconhecimento dos direitos de cidadania aos estrangeiros que tenham um ano de residência no país¹³.

Em relação à ação reivindicatória operária, o Congresso manifestou-se pela seguinte declaração:

13. Idem. Este programa mínimo foi sendo alterado ao longo dos anos, mas seus aspectos substantivos permaneceram até 1930.

"El Congreso Socialista Obrero, considerando que el único medio de obtener una buena legislación sobre el trabajo es el empleo de la acción política, declara: que las sociedades gremiales y las Federaciones deben públicamente recomendar a sus miembros voten en las elecciones por el Partido Socialista Obrero que reclama esa acción protectora del trabajo¹⁴."

No centro das preocupações da nova força política ficava evidente, além da "questão social", tal como assinala em outro lugar, a gestação do "cidadão" -- este grande ausente da cena argentina de fins de século --, sujeito primordial para as transformações socialistas¹⁵; daí que, em seu conjunto, o partido identificará sua ação como "magistério" -- como observou Prislei¹⁶, isto é, como obra "formativa e reeducadora" de todo o sistema político-social vigente no país, e não só das classes trabalhadoras em cujo nome se propunha atuar.

Entre suas principais ações educativas antes da virada do século, encontram-se a Biblioteca Operária (1897) e a Sociedade Luz (maio de 1899), além de um vasto número de empreendimentos educativos destinados aos trabalhadores e a seus filhos¹⁷, à maneira como se tornou clássica a ação dos partidos socialistas e social-democratas no cenário europeu.

O 3º Congresso (1900) decidiu-se pela mudança do nome do partido, que passou a chamar-se Partido Socialista Argentino, e,

14. Partido Socialista Argentino, op. cit.

15. D. Barrancos, *Cultura, educación y trabajadores. 1890-1930*. Buenos Aires, CEAL, 1991. Cf. José Gabriel Vazeilles, *Los socialistas*, Buenos Aires, Jorge Alvarez, 1967.

16. Leticia Prislei, "Itinerario intelectual y político de los Maestros-ciudadanos. (Del fin del siglo hasta la década de los 20)", em "Entrepasados. Revista de Historia", Buenos Aires, ano II, n. 2, comienzos de 1992.

17. Ver D. Barrancos, op. cit.

entre outras resoluções, determinou que se examinasse com bastante cuidado o ingresso de estrangeiros, dada a alta exposição ao risco de "imigração de muitos delinqüentes" (*sic*). O 4º Congresso (1901) adotou um Programa Socialista para o Campo que previa reformas significativas na posse da terra e nas condições de trabalho rural. No 5º Congresso (1903) estabeleceu-se a questão religiosa, que já mencionei, e no seguinte, realizado em Rosário em 1904, as deliberações afinaram-se com as determinações do Congresso de Amsterdã, resolvendo-se que a greve era um meio de luta econômico e não um "meio revolucionário de emancipação social".

O socialismo, fiel à meta que se havia imposto, foi insistente na apresentação de candidatos às sucessivas eleições, mesmo sabendo de antemão que, às dificuldades de penetração entre a massa eleitoral, deveriam unir-se as costumeiras práticas fraudulentas. O primeiro êxito eleitoral foi obtido em novembro de 1903, quando o povoado de San Nicolás de los Arroyos -- histórico em diversos sentidos¹⁸ -- elegeu vereador o socialista Agustín Reynes. Mas a grande oportunidade surgiu em 1904, quando, no percurso de paulatinas reformas do sistema, fez-se maior justiça à vontade política da população portenha, criando-se as circunscrições eleitorais na Capital Federal. Cada uma das vinte circunscrições pôde apresentar candidatos, superando-se a "lista única" para todo o âmbito da capital. Foi então que o bairro de La Boca¹⁹, onde, além de uma alta composição proletária, eram

18. Nele reuniram-se os constituintes que em 1853 dotaram o país da Constituição ainda vigente.

19. Ver D. Barrancos, "Vida material y pugna ideológica en la Boca. 1880-1930", em Gianfausto Rosoli (org.), *Argentinità italiana. Reti sociali, lavoro e identità degli italiani in*

tradicionais os comportamentos leigos e contestatários, fez de Alfredo L. Palacios o primeiro deputado socialista das Américas. Seu prestígio era enorme, exercendo um particular carisma entre os trabalhadores. Assim, as primeiras "leis sociais" da Argentina contemporânea tiveram significativo impulso graças ao trabalho do socialismo, que no âmbito parlamentar contou com alianças sobretudo dos deputados identificados com o catolicismo social.

Outro aspecto substantivo da tarefa socialista foi o impulso ao cooperativismo de consumo, estimulando numerosas organizações entre as quais sobressaíram-se as orientadas para a moradia operária. Em 1907 fundou-se a principal entidade na matéria, "El Hogar Obrero", que se ramificou notavelmente ao longo do século²⁰.

Se a vontade popular foi inicialmente esquiva, à medida que apareceram corretivos no regime institucional político, que declinaram as aberrantes fórmulas de compra de votos e fraude direta com alteração dos resultados, e que a pregação da nova força penetrou nos bairros populares, o socialismo ergueu-se firmemente, sobretudo na Capital Federal. Veja-se a evolução dos votos obtidos:

Argentina, Roma, Consiglio Nazionale delle Ricerche; Buenos Aires CEMLA (no prelo).

20. A rede "El Hogar Obrero", cooperativas de consumo e habitação, ingressou numa dramática crise recentemente, em 1990, depois de ter conhecido um notável crescimento.

Quadro 1 - Total de votos obtidos pelo socialismo
(1896-1931) em todo o país.

Ano	Votos P.O.S.
1896	135
1898	105
1900	135
1902	168
1904	1.254
1906	3.677
1908	7.576
1910	7.945
1912	37.006
1914	57.962
1916	55.161
1918	61.962
1920	86.420
1922	83.488
1924	101.516
1926	94.151
1928	75.131
1930	123.621
1931	319.430

Fonte: Almanaque Socialista - 1917-1926; Luis Pan, *Visión socialista del medio siglo argentino (La obra parlamentaria del Partido Socialista)*, Buenos Aires, La Vanguardia, 1947.

No terreno gremial, a disputa com o anarquismo é bem conhecida. A partir da fracassada primeira Federación Obrera e até 1901, ano em que surgiu um propósito unificador que se pensou definitivo, os enfrentamentos alcançaram sucessivos clímax seguidos de brevíssimas fases de acordo. A recém-criada Federación Obrera Argentina reconheceu somente um ano de alianças entre as forças em disputa: em 1902, a ruptura havia se concretizado, embora só ganhasse expressão institucional definitiva em 1903, com o Primeiro Congresso da dissidente pró-socialista Unión General de Trabajadores (UGT). O partido de início não aprovou essa medida, e isso deve ser interpretado levando-se em conta sua própria

estratégia, já que aspirava, mais do que a se impor institucionalmente na frente gremial, a influir na atitude de voto dos trabalhadores.

Entre os grêmios que permaneceram na UGT, fiel ao socialismo, encontram-se os fundidores de tipos, escultores, bronzistas, eletricitistas, fotógrafos, metalúrgicos, ebanistas, confeiteiros, "dependentes" (comércio), artesãos do vime, construtores de carruagens, correeiros, pintores, sapateiros. Entretanto, as adesões mais importantes -- pelo seu papel e particular envergadura na economia argentina da época -- eram as dos ferroviários, com uma maioria de grêmios afins em cuja liderança estava "La Fraternidad", dos maquinistas e foguistas, os quais, entretanto, não se alinharam a nenhuma central durante boa parte desse período.

Mas na UGT impôs-se o "sindicalismo revolucionário", que finalmente acabou se fundindo com a FORA (1915). Foi então que houve um acerto de contas definitivo com o anarquismo: é bem conhecido que, no IX Congresso da FORA desse ano, a corrente ortodoxa do anarquismo separou-se sob o nome de "quintismo", em alusão ao V Congresso da FORA (1905), que adotara a todo o transe o anarco-comunismo. O "sindicalismo" perdurou na FORA do IX Congresso, e deu lugar em 1922 à pujante Unión Sindical Argentina (USA).

O socialismo não teve absolutamente força no campo gremial; influenciou, sim, alguns setores qualificados, como os ferroviários, os calafates (manutenção de embarcações) e o setor gremial docente. E isso ocorreu, entre outras coisas, porque em

sua globalidade a orientação partidária esteve crescentemente dirigida a melhorar a condição cidadã e a propiciar a equidade distributiva, e nada lhe era tão alheio como aportar à transitividade teórica que Annie Kriegel²¹ bem atribui ao "marxismo vulgar": "da classe operária ao sindicato, do sindicato ao partido"²². O socialismo argentino revela dramaticamente o fenômeno da "diferenciação", tal como essa autora examina a não-correspondência entre a existência de uma classe operária, de um movimento operário e de um partido socialista. Na Argentina essas três circunstâncias se fizeram presentes quase concomitantemente, mas a tributação da "classe" ao partido é inencontrável na formulação doutrinária deste.

Nas frágeis relações entre o movimento operário e o socialismo argentino há de se concluir pela pertinência da análise de Kriegel, que dá conta da excepcional univocidade que historicamente alcançaram os partidos denominados socialistas e o movimento operário. Na realidade, o socialismo argentino manteve uma linha hegemônica interna que sempre duvidou da eficácia última da ação gremial e que privilegiou a ação política em detrimento desta, mas não exatamente como circunstância maximizante da "consciência de classe". O sucesso que colheu nas décadas de 1910, 1920 e na primeira eleição depois do golpe militar de 1930 -- momento em que seu principal oponente, a União Cívica Radical, absteve-se de participar, mostrando máxima intransigência com as novas condições políticas -- teve a ver com a aceitação das idéias

21. A. Kriegel, *Le pain et les roses. Jalons pour une histoire des socialismes*, Paris, PUF, 1968.

22. Id., *ibid.*, p. 4.

dos socialistas entre os setores médios compostos por pequenos proprietários, profissionais liberais, e nos quais haviam ingressado diferentes categorias de funcionários do setor privado e público, assim como trabalhadores de melhor condição sócio-econômica, destacando-se entre estes os vinculados aos transportes e a serviços como a eletricidade e mais tarde o setor telefônico. Não se deve esquecer que, à medida que avançava o século -- e particularmente durante os anos 20 -- revelou-se notável o processo de mobilidade ascendente na Argentina, o que possibilitava aos setores populares adquirir a casa própria -- graças aos loteamentos financiados a longo prazo -- e enviar algum filho à universidade, sobretudo quando se aprofundaram as reformas de 1918.

Entre as repressões que mais duramente sacudiram o país e a vida partidária, encontram-se a de novembro de 1909 e a de princípios de maio de 1910. Ainda que em 1902 os efeitos penosos da Lei de Residência -- adotada na esteira da primeira greve geral -- tivessem afetado em alguma medida os organismos afiliados ao socialismo, o grosso das medidas repressivas dirigiu-se essencialmente ao anarquismo²³. Mas os acontecimentos de 1909-1910 abateram-se com certa dureza também sobre os socialistas. Bandos parapoliciais assaltaram alguns comitês, destruindo móveis, documentos, bibliotecas, e houve perseguição oficial à imprensa e a militantes, razão pela qual o Congresso Extraordinário do Partido foi realizado em 1910 em Montevideu, efetuando severas

23. Ver Juan Suriano, *Anarquismo, Estado y leyes represivas*, Buenos Aires, CEAL, 1988, Col. Procesos y Conflictos en la Historia Argentina Contemporánea.

condenações à ação governamental²⁴.

O regime político sofreu uma significativa transformação quando, sob o governo do presidente Sáenz Peña, foi adotada em 1912 a legislação que assegurava o voto universal -- ainda que essa universalidade só se referisse aos homens maiores de 18 anos -- e secreto, oferecendo maiores garantias quanto aos resultados do ato eleitoral.

Se, como se pôde observar no Quadro 1, a virada dos votos para o socialismo alcançou proporções notáveis, não se deve perder de vista que foi a cidade de Buenos Aires a que melhor expressou sua adesão a partir de 1914, ano em que pela primeira vez se aplicou a Lei Sáenz Peña. Essa marcha ascendente de votos nos socialistas talvez aumentasse a crença, entre os partidários, na inexorabilidade "final" de suas posições: nada poderia deter o triunfo das idéias distributivas, que se imporiam finalmente na sociedade, o que se insinuava promissoramente na paulatina aceitação da cidadania²⁵. Durante 1914-1918, os dividendos partidários em termos de eleição de parlamentares à Câmara dos Deputados foram extremamente significativos na área da Capital, como se pode observar no Quadro 2, embora no que diz respeito à eleição presidencial as simpatias da população tenham sido nitidamente favoráveis à União Cívica Radical a partir de 1914, ano que consagrou presidente o reconhecido líder popular Hipólito Yrigoyen. E isso não se modificou quando da renovação dos

24. Ver o detalhado "Informe al Congreso del Partido Socialista Argentino", 1910.

25. Agradeço a Claudio Batalha o ter chamado minha atenção sobre este particular.

mandatos. Em 1921 as eleições fizeram triunfar a fórmula da União Cívica Radical, apesar do "antipersonalismo" imputado a Yrigoyen.

Quadro 2 - Resultados das eleições de deputados federais na Capital Federal (1912-1930). (Em números absolutos e percentuais arredondados.)

Ano	Votos obtidos pelos principais partidos								
	UCR	PS	UC	UN	PC	PDP	CN	UCRP	PSI
1912	35896 (34)	32451 (31)	32739 (31)	29814 (28)	-- --	-- --	-- --	-- --	-- --
1914	37517 (34)	43267 (39)	21131 (19)	-- --	15284 (14)	-- --	-- --	-- --	-- --
1916	59061 (47)	75434* (60)	-- --	-- --	-- --	8800 (19)	--	--	--
1918	74180 (52)	84585* (59)	-- --	-- --	-- --	9030 (6)	-- --	-- --	-- --
1920	60400 (37)	55062 (34)	-- --	-- --	-- --	41561 (26)	-- --	-- --	-- --
1922	66031 (42)	60081 (45)	-- --	-- --	-- --	10565 (6)	22057 (12)	12354 (7)	-- --
1924	71390 (42)	77368 (45)	-- --	-- --	-- --	10127 (6)	-- --	-- --	-- --
1926	116958 (60)**	63601 (32)	-- --	-- --	-- --	-- --	-- --	-- --	-- --
1928	158896 (57)	45200 (16)	-- --	-- --	-- --	-- --	-- --	-- --	51314 (18)
1930	83250 (28)	83076 (28)	-- --	-- --	-- --	-- --	-- --	-- --	109323 (37)

Fonte: Richard J. Walter, *The Socialist Party of Argentine*, Austin, The University of Texas at Austin, 1977.

Siglas: UCR - União Cívica Radical; PS - Partido Socialista; UC - União Cívica; UN - União Nacional; PC - Partido Constitucionalista; PDP - Partido Democrata Progressista; CN -

Concentração Nacional; UCRP - União Cívica Radical Principista; PSI - Partido Socialista Independente (dissidência liberal do Partido Socialista).

*Foram reunidos os votos obtidos pelo Partido Socialista e o dissidente Partido Socialista Argentino (entre seus líderes estava Palacios), que voltou a integrar-se ao Partido em 1920.

**Foram reunidos os votos das duas correntes que deram origem à União Cívica Radical, a Antipersonalista e a Personalista (oponentes e seguidores do líder Hipólito Yrigoyen, respectivamente).

Também foi a Capital Federal a área que levou os socialistas ao Senado; Enrique Del Valle Iberlucea²⁶ havia obtido um generoso número de votos que o tornaram o primeiro senador da corrente no âmbito latino-americano, não obstante os históricos receios partidários frente à instituição republicana mais aristocratizante.

Onde o socialismo obteve boa margem ao socialismo, a partir de 1918, foi nas eleições de representantes ao Concejo Deliberante de la Ciudad de Buenos Aires (câmara de vereadores). O legislativo municipal foi nutrido por figuras socialistas graças ao voto cuja evolução se pode acompanhar no Quadro 3:

Quadro 3 - Resultados das eleições para representantes no Concejo Deliberante na cidade de Buenos Aires (1918-1928)*

<u>Partidos</u>	<u>Anos</u>					
	1918	1920	1922	1924	1926	1928
P. Socialista	47971	52012	49581	57159	42883	44680
U.C.Radical	47146	56848	61786	--	--	--

26. Enrique del Valle Iberlucea exerceu uma grande liderança e teve uma posição ideológica peculiar. Remeto ao capítulo 6.

U.C.R. (Yrig.)	--	--	--	55769	70532	88549
U.C.R. (Antip.)	--	--	--	35721	31165	12600
P.Social.Indep.	--	--	--	--	--	35237
P.Comunista (RA)	3528	5601	3824	4628	6835	2845

Fonte: "La Vanguardia", 20/12/1928.

*Constam os partidos com maior caudal de votos e a principal nova força de esquerda (Partido Comunista da República Argentina) emersa no seio do socialismo.

Das regiões do interior, foi na província de Mendoza que o socialismo conseguiu a maior ascendência junto à população, conquistando alguma influência em áreas da província de Córdoba, na de Santa Fé e na de Buenos Aires. Nesta última impôs-se em Mar del Plata, cidade portuária cuja população foi crescendo e que ao longo dos anos se converteria no principal centro turístico litorâneo. Os socialistas apoiaram-se em parcelas de trabalhadores e na pequena burguesia de comerciantes para obter governos municipais bem-sucedidos que constituíram uma verdadeira tradição política. Houve momentos em que foram significativos os votos obtidos em outras cidades, especialmente na região sul da província de Buenos Aires.

Nesta breve síntese da ação socialista desde seu surgimento até 1930, devem ser ressaltados os projetos de lei, alguns definitivamente sancionados, apresentados pelos representantes do partido, de acordo com o registro realizado por Luis Pan²⁷, do qual extraí as seguintes dimensões:

27. L. Pan, op. cit., p. 143-153.

1. Legislação do trabalho (1904-1930)

- Jornada de 8 horas (Alfredo L. Palacios, 1906; Enrique del Valle Iberlucea, 1913, 1915, 1917; Enrique Dickmann, 1914, 1916, 1918, 1920, 1924, 1927; Adolfo Dickmann, 1927).
- Sábado inglês (sábado de meia jornada) (Enrique Dickmann, 1914, 1918, 1920, 1924).
- Proibição do trabalho noturno (Angel M. Giménez, 1914, 1916).
- Fechamento do comércio às 20 horas (Francisco Cúneo, 1917; Antonio de Tomaso, 1920; Adolfo Dickmann, 1928).
- Legislação favorecendo as associações de trabalhadores (Juan B. Justo, 1912, 1918; Agustín S. Muzio, 1920, 1924; Adolfo Dickmann, 1928).
- Regulamentação do trabalho a domicílio (Enrique del Valle Iberlucea, 1913, 1915).
- Reformas da lei de trabalho a domicílio (Agustín S. Muzio, 1922, 1924, 1926).
- Pagamento de salário em moeda nacional (Enrique Dickmann, 1914, 1920).
- Sanção contra contratos de trabalho ilícitos (Juan B. Justo, 1914; Alfredo Spinetto, 1923).
- Descanso dominical (Alfredo Palacios, 1904).
- Modificação da lei de descanso dominical (Alfredo Palacios, 1913).
- Indenização por acidente de trabalho (Alfredo Palacios, 1907, 1912, 1914).
- Modificação da lei de acidente de trabalho (Nicolás Repetto, 1928).
- Proibição ao patronato de obrigar os empregados e operários a constituir associações e assinar petições (Francisco Cúneo, 1915).
- Serviço de inspeção e vigilância sobre a aplicação da lei de descanso dominical e da regulamentação do trabalho de mulheres e crianças (Alfredo Palacios, 1912).
- Regulamentação do trabalho dos operários (Alfredo Palacios, 1915).
- Contrato coletivo de trabalho (Enrique del Valle Iberlucea, 1919).

- Criação dos Conselhos Judiciais de trabalho (Enrique del Valle Iberlucea, 1919).
- Férias pagas para os trabalhadores (Enrique Dickmann, 1927; Adolfo Dickmann, 1929).
- Proibição do uso de tintas à base de chumbo (Nicolás Repetto, 1913, 1915, 1918; Alfredo Perez Leirós, 1928).
- Regulamentação higiênica do trabalho em armazéns de grãos situados nas estradas de ferro e portos (Nicolás Repetto, 1928).
- Criação de um tribunal do trabalho (Joaquín Coca, 1925, 1927).
- Criação de uma Inspetoria Geral do trabalho (Joaquín Coca, 1927).
- Higiene e segurança no trabalho (Francisco Cúneo, 1917; Joaquín Coca, 1927).
- Proibição de fabricar, importar e vender fósforo branco (Enrique del Valle Iberlucea, 1915, 1917, 1919).
- Alojamento higiênico para trabalhadores (Augusto Bunge, 1916).
- Modificação da lei de descanso dominical (Augusto Bunge, 1918, 1920, 1923, 1926).
- Sobre salário-mínimo (Augusto Bunge, 1920).
- Modificação da lei de acidentes de trabalho (Augusto Bunge, 1916, 1918, 1920, 1923, 1926, 1927).
- Jornada máxima de 8 horas para ferroviários (Antonio Zaccagnini, 1914, 1916).
- Cômputo de serviço para a aposentadoria de ferroviários (Antonio Zaccagnini, 1915).
- Indenização a operários e empregados ferroviários compreendidos na Lei 9653 (A. Zaccagnini, 1916).
- Derrogação do artigo 11 da Lei 9653 (A. Zaccagnini, 1916).
- Modificação da lei de aposentadoria de ferroviários (Pedro Revol, 1924).
- Regulamentação do trabalho de marítimos (A. Zaccagnini, 1917; Agustín Muzio, 1924).
- Regulamentação do trabalho da indústria açucareira (Mario Bravo, 1913, 1915, 1918).
- Sobre salário-mínimo dos empregados estatais (Adolfo Dickmann,

1928).

- Jornada de 8 horas para trabalhadores estatais (Nicolás Repetto, 1913, 1915, 1917).
- Proibição de efetuar descontos e impor multas aos empregados estatais (Augusto Bunge, 1916).
- Proibição de demitir sem justa causa os empregados estatais (Alfredo Palacios, 1913, 1915).
- Regime de trabalho para os empregados do comércio (Alfredo Palacios, 1913).
- Indenização por demissão e aviso prévio (Adolfo Dickmann, 1929).
- Reformas beneficiando os trabalhadores do Código de Comércio (Héctor González Iramain, 1926).
- Salário-mínimo para os trabalhadores da indústria e do comércio (Enrique del Valle Iberlucea, 1919).
- Regulamentação do serviço doméstico (Agustín Muzio, 1926).
- Aposentadoria para trabalhadores dos bondes (Nicolás Repetto, 1915).
- Regulamentação do trabalho dos trabalhadores dos bondes (Nicolás Repetto, 1915).
- Salário-mínimo para os trabalhadores do campo (E. del Valle Iberlucea, 1919).
- Peso máximo permitido para os sacos da colheita de milho (Juan Remedix, 1926).

2. Legislação sobre mulheres e crianças (1904-1930)

- Regulamentação do trabalho de mulheres e crianças (Alfredo Palacios, 1906).
- Solicitação de direitos civis para a mulher (E. del Valle Iberlucea, 1919).
- Regulamentação do trabalho de menores (Nicolás Repetto, 1918).
- Regime de trabalho das mulheres, crianças e jovens (Augusto Bunge, 1916, 1918, 1920).
- Direitos políticos da mulher (Mario Bravo, 1929).

3. Legislação sobre educação (1904-1930)

- Construção de escolas em todo o país (Juan B. Justo, 1913, 1916).
- Sobre a criação de 1000 escolas primárias (Juan B. Justo, 1915).
- Supressão de religião nas escolas (1918, 1920, 1922, 1924, 1926).
- Eleição democrática de conselheiros escolares nos distritos da Capital Federal (Enrique Dickmann, 1919, 1922, 1924, 1926; Adolfo Dickmann, 1928).
- Anulação do pagamento de matrículas escolares (Enrique Dickmann, 1918, 1920, 1922, 1924, 1926; Adolfo Dickmann, 1928).
- Salário-mínimo e aposentadoria do magistério (Adolfo Dickmann, 1912).
- Sobre a validade dos certificados da escola secundária (Juan B. Justo, 1912).
- Organização de cursos universitários de divulgação científica (Alfredo Spinetto, 1925).
- Lei orgânica de ensino agrícola (Nicolás Repetto, 1920).

4. Legislação sobre higiene, assistência e previdência social (1904-1930)

- Pensão à velhice (Mario Bravo, 1929).
- Criação de uma maternidade operária (Enrique Dickmann, 1915, 1918, 1924, 1926).
- Comissão sobre estabelecimentos dedicados à assistência social (Angel M. Giménez, 1915, 1917).
- Lei básica de seguridade nacional (Augusto Bunge, 1917, 1919).
- Lei orgânica sobre caixa previdenciária e seguridade popular (Augusto Bunge, 1919, 1923, 1925).

Esses projetos aqui apresentados tão sumariamente constituem cerca de 80% das questões que preocuparam o Partido nesses anos, se levarmos em conta o conjunto das iniciativas parlamentares. Era

na esfera parlamentar que o socialismo fazia sentir sua presença e eram os êxitos neste cenário que mais o convenciam em relação ao caminho paulatino das reformas.

Sobre a importância que a força adquiria na cidade de Buenos Aires, falam claramente a presença de Enrique Ferri (1908-1909) -- que polemizaria com o socialismo local²⁸ --, de Jean Jaurés (1911), de Albert Thomas (1925), de aliados como os espanhóis Adolfo Posada (1909-1921) e Rafael Altamira (1909), além de circunstâncias como a representação do socialismo argentino no âmbito internacional, a mais significativa sendo talvez a participação do próprio Juan B. Justo no Congresso de Berna, em 1919, e na Comissão Socialista Internacional, surgidos após a guerra.

Mas o socialismo local não se privou de abalos e explosões à esquerda e à direita. Certamente a primeira disputa de peso e de graves consequências para a definição do próprio socialismo, bem como das orientações do movimento operário, foi o desligamento da fração que aderiu às teses da "ação direta" do sindicalismo francês. Desde 1904 vinha se gestando uma corrente interna que apoiava as idéias do "sindicalismo revolucionário" que eclodiu em 1906, quando no 7º Congresso partidário (1906) seus adeptos foram

28. Deve-se lembrar que Enrique Ferri, em sua segunda viagem, tornou públicos seus pontos de vista sobre o socialismo na Argentina; em síntese, não via de que maneira o socialismo poderia alçar vôo num meio operário que ele acreditava inexistente, marcando a necessidade de constituir apenas uma "força radical" fortemente dirigida no sentido de assumir a responsabilidade pela situação dos trabalhadores do campo, dada a economia agrária prevalecente na Argentina. Seu pronunciamento enfureceu os socialistas locais, em especial Enrique Dickmannnn e o próprio Juan B. Justo.

"convidados a se retirar". Assim, Gabriela Laperrière de Coni -- notável figura de origem francesa a quem se deve em grande medida a lei de proteção da mulher trabalhadora e da criança (1907) --, Julio Arraga, Aquiles Lorenzo, Bartolomé Bosio e Emilio Troise tiveram que abandonar o partido, passando a participar da construção da alternativa "sindicalista"²⁹.

Outra significativa cisão ocorreu na década seguinte, quando uma questão nem um pouco transcendente permitiu que as contradições que vinham sendo encubadas se manifestassem sem reboços. Com efeito, o partido proibira expressamente o duelo, considerado um meio incivilizado de dirimir "questões de honra". Alfredo Palacios insistia em desconhecer a interdição, e talvez nada tivesse ocorrido se o clima do partido não acabasse tão carregado em virtude das acusações sobre a forma de conduzi-lo, acusações que vinham ganhando corpo desde 1912.

Foi em tais circunstâncias que Palacios desafiou a duelo o deputado radical Horacio Oyhanarte, que insultara outros parlamentares socialistas. O partido, depois de algumas intrigas, expulsou Palacios de suas fileiras e este aliou-se aos que aproveitaram a oportunidade para desafiar a "camarilha que se apossara do partido", criando uma nova agrupação, o Partido Socialista Argentino. Apesar da maior radicalidade ideológica da

29. Sobre as primeiras fases do "sindicalismo revolucionário" na Argentina, ver M. C. Bertolo, "Crisis socialista y surgimiento del sindicalismo revolucionario (1896-1906)", Rosario, 1989, mimeo.; E. Bilsky, "La diffusion de la pensée de Sorel et le syndicalisme révolutionnaire en Argentine", *Actes Colloque Sorel*, Paris, 1982; D. Barrancos, "Cultura y educación en el temprano sindicalismo revolucionario", em *Anuario*, Escuela de Historia, Universidad de Rosario, n. 14, 1989-1990.

nova formação, a cisão durou apenas alguns anos.

O terceiro grave confronto foi vivido por ocasião dos acontecimentos de 1917 na Rússia. As tendências radicalizadas que foram ao encontro da gesta revolucionária acabaram sendo expulsas do seio partidário, de modo que em 1918 já estava conformada a força que daria lugar ao nascimento do Partido Comunista Argentino. A fase 1919-1921 foi particularmente severa em virtude dos abalos "à esquerda" que sofreu o socialismo.

Finalmente, a quarta e grave cisão vivida pelo socialismo teve a ver com a pressão exercida pela direita partidária. Um núcleo significativo de líderes, à frente do qual estava Antonio de Tomaso (que adotara posturas cada vez mais conservadoras), desligou-se do Partido em 1927 -- se bem que os problemas tenham começado a se evidenciar a partir de 1925 --, produzindo danos irreversíveis e certamente de maiores conseqüências do que as crises anteriores. A fratura produzida pelo Socialismo Independente -- tal foi o nome que se deu aos dissidentes, denominados "libertinos" pela ortodoxia -- significou uma ruptura do eleitorado, que, com a única exceção de 1931 (dada a abstenção do radicalismo), declinou ostensivamente o voto a favor do socialismo.

Esta síntese não pode omitir o papel desempenhado pelas mulheres dentro da força política. Desde o início mesmo, o protagonismo feminino se fez sentir tanto na frente política como na gremial. A rigor, seria preciso fazer justiça à causa do socialismo em relação a este segundo campo, uma vez que são bem conhecidas as ações das socialistas na militância "política"

partidária.

Já na segunda metade da década de 1890, torna-se inegável a presença de mulheres socialistas organizadoras em grêmios como o das costureiras, alfaiatas, alpargateiras, fosforeiras, e nem sempre -- pelo menos não temos evidências neste sentido -- acompanhando os maridos. Aos casos emblemáticos de María Mauli -- esposa de Carlos -- e de Cecilia Baldovino -- companheira de Lucio Baldovino, que se tornara um ativo militante operário nas tarefas fundacionais do socialismo --, devem somar-se ativistas operárias como Teresa Caporaletti, Fortunata Morel, Concepción Molinero, María Viani, Vitalina Pacheco, Cipriana Cardala.

A medida que avança o novo século, somam-se María Ponte, Modesta Rosáenz (companheira do conhecido militante de mesmo sobrenome), María Kohan, Clara Gugliarmeti -- seu marido, Luis, também teve singular inscrição no socialismo --, Emeteria Boria, Clementina Forti, Magdalena Rosolli, para mencionar somente uma amostra das mulheres cujos trabalhos no campo gremial pude rastrear. Em 1902 emerge a União Gremial Feminina, ramo representativo do gênero que atua na União Geral dos Trabalhadores até a extinção desta. Certamente são mais conhecidas as mulheres que assumiram um protagonismo público destacado -- fora do campo do trabalho -- ou puderam expressar-se graças a um melhor nível educacional, competindo em melhores condições com os companheiros de estrada. Se a causa da liberação feminina foi teoricamente um aspecto importante do socialismo -- e o livro de Augusto Bebel, *La mujer y la revolución*, foi um dos mais difundidos no âmbito local,

como ocorreu em boa parte do Ocidente³⁰ --, o espaço do homem foi apenas um pouco mais compartilhado do que em outras forças políticas.

Houve duas dimensões nas quais as adeptas socialistas tiveram notável atuação e influência: a condição das mulheres trabalhadoras e a educação popular. Na primeira, revelou-se fundamental no período o trabalho daquelas que, como já foi dito, identificaram-se com o "sindicalismo revolucionário", como Gabriela Laperrière de Coni, devendo-se ao seu impulso a sanção da Lei 5291, de proteção ao trabalho da mulher e da criança; Carolina Muzzilli, singular militante, condecorada na Bélgica e em São Francisco por sua contribuição ao estudo das condições de trabalho dos menores e da mulher. No campo da educação, houve um nutrido grupo no qual se mostraram relevantes os trabalhos de Mariana Chertkoff, docente das primeiras experiências educacionais socialistas -- casada com Juan B. Justo, faleceu muito jovem; Justa Burgos de Meyer, uma das primeiras mulheres a ocupar um cargo político-partidário, encontrando-se entre os dirigentes do Centro Socialista de La Plata nos primeiros anos do século, teve atuação destacada nas experiências educacionais ali desenvolvidas; Aurora de Díaz e Mercedes Salaberry, que estrearam na docência em círculos educativos patrocinados pelo socialismo no interior do país, círculos que elas mesmas ajudaram a fundar; Fenia Chertkoff, esposa do dirigente Nicolás Repetto, foi uma das fundadoras do Centro Socialista Feminino e animadora da Associação Pró-Fomento

30. Ver F. Andreucci, "A difusão e a vulgarização do marxismo", em E. J. Hobsbawm (org.), *História do marxismo*, v. 2, "O marxismo na época da Segunda Internacional".

da Educação Leiga, além de fundadora da Associação Bibliotecas e Recreação Infantis; María L. de Spada, educadora que sustentou ambas as instituições; Alicia Moreau de Justo (figura de longa e notável atuação, organizadora, junto com Enrique del Valle Iberlucea, do Ateneu Popular (foi a segunda esposa de Juan B. Justo); Sara Justo -- irmã deste -- impulsionou a introdução de idéias montessorianas no país; Victoria Gucovsky, filha de Fenia, colaborou estreitamente na obra de sua mãe a favor da infância; Raquel Messina, cujo pensamento sobre a educação ainda é pouco conhecido e revela singular atualização; Carolina Muzzilli, costureira, autodidata, investigou a condição da mulher e da criança operárias; Leonilda Barrancos, que contribuiu para a reforma pedagógica inspirada sobretudo nas transformações educativas da social-democracia austríaca.

O que representou o socialismo na sociedade argentina desse período? Segundo a avaliação de Walter e Wellhofer³¹, no sentido de ressaltar o significado do socialismo para a reforma institucional e suas conseqüências no campo social -- já que este propiciou um processo de democratização de duas pontas, do trabalho das instituições republicanas, de um lado, e do encontro com as necessidades e as demandas populares, de outro --, é necessário acrescentar outras perspectivas

Seguindo a análise de Kriegel³², existem dificuldades para

31. R. J. Walter, *The Socialist Party in Argentine*, op. cit.; S. E. Wellhofer, "Political party development en Argentina: the emergence of Socialist Party Parliamentarianism", em "Journal of Inter-American Studies and World Affairs", 17:2, may 1975.

32. A. Kriegel, op. cit.

situar o socialismo dentro dos modelos de relação com o movimento operário verificados em outros cenários³³. Se o socialismo argentino parecia assimilar-se à social-democracia alemã -- "o partido modelo" --, um significativo número de provas o faz francamente diferente, a começar pela já comentada opção em relação ao "trabalhador cidadão", aumentando a consciência de seus direitos sociais, que têm um ponto articulador nos direitos políticos, mas incapaz de manter uma corrente interna radicalizada, voltada para o "produtor", como foi o caso alemão.

Bem analisado, o socialismo representou provavelmente maior esforço de modernidade, por responder às necessidades que, na esfera do consumo, eram colocadas por vastos contingentes populacionais cuja articulação econômica se encontrava em enclaves dinâmicos, notadamente na "grande urbe", Buenos Aires. Insisto em que o socialismo argentino foi bem-aceito entre as parcelas de trabalhadores qualificados, profissionais liberais, empregados do comércio e do setor de serviços e pequenos proprietários urbanos.

Em alguns grupos surgiu o sentimento corrente de ascender, mas não de qualquer forma: impuseram-se nervuras ideológicas, educativas e culturais capazes de provar, da parte de filhos de imigrantes, que se estava mais perto da "kultur" que da "civilization" -- se me é permitido estender, devidamente contextualizados, os conceitos de Norbert Elias³⁴.

33. Sobre o Brasil, remeto a Claudio Batalha, "O socialismo no Brasil, na época da Segunda Internacional: uma revisão de algumas interpretações correntes", XV Encontro Anual da ANPOCS, outubro 1991, Caxambu, MG.

34. N. Eliás, *El proceso de la civilización. Investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas*, México, FCE, 1987.

Muitos eleitores do socialismo consideravam mais morais suas práticas políticas, ao mesmo tempo em que valorizavam o componente de respeitabilidade republicana que tinham seus líderes, oferecendo uma imagem impoluta frente às ciladas da corrupção, do tráfico de influência, do apego desmedido ao poder que emanava dos cargos, da frivolidade que se comprazia em ser notada. Se a isto unia-se o fato de que reformas sociais substantivas procediam de iniciativas de seus parlamentares -- ainda quando sua aplicação fosse retalhada ou burlada --, pode-se interpretar a influência que exerceu entre aqueles setores nos primeiros anos do século.

Os socialistas sentiam uma particular fruição em desprezar as formas "atrasadas" da sociedade argentina, mostrando a secularização de suas idéias como evidência da modernidade que viria, e seus seguidores, não obstante quão efetivos, extensos e coordenados fossem os "sentimentos socialistas" identificatórios, ao apoiá-los expressavam uma vontade de diferenciar-se dessas paisagens "atrasadas" que soou muitas e muitas vezes como vocação de ingresso a outra aristocracia.

A retórica socialista inflamava-se com a promessa de passagem a um círculo de eleitos -- tal como o sintetiza a epígrafe deste capítulo --, círculo que estava destinado àqueles que pudessem exteriorizar algo mais que uma determinada inscrição produtiva; as chaves dessa passagem estavam dadas não tanto nos atributos da classe, mas na nivelação eqüitativa do consumo, cujos bens mais inestimáveis eram a Educação e a Cultura. Enquanto na Argentina estendeu-se a possibilidade de mobilidade social, enquanto foi

possível ter acesso ao sistema educativo e mesmo chegar à graduação universitária, e enquanto as instituições políticas garantiram a renovação democrática, muitos trabalhadores, comerciários, assalariados do setor de serviços e profissionais liberais recém-formados experimentaram um sentimento de responsabilidade e o levaram ao próprio campo das opções políticas, aderindo ao socialismo.

Capítulo II

A SOCIEDADE LUZ - UNIVERSIDADE POPULAR
(1899 - 1930)

Capítulo II

A Sociedade Luz -- Universidade Popular (1899-1930)

"Pasada la agitación política (...) debemos dedicar toda nuestra atención al estudio. La instrucción desarrolla la conciencia y se puede decir que es el medio más poderoso que hay en nuestras manos (...). Es demasiado sabido que la única causa por la que el pueblo trabajador no se afilia al Partido Socialista, y se deja explotar y humillar, es la ignorancia. Hay una necesidad suprema de estudiar las ciencias que aparentemente no hablan del socialismo, pero que en fondo están íntimamente ligadas (...). Son las ciencias que tratan de la naturaleza en general, de las cosas, en particular del hombre y de sus relaciones con el mundo real. Los socialistas las necesitan mucho más que cualquiera otros. El hombre instruído sabe cómo se puede ser libre y no admite otro dominio que el de la verdad y la justicia."

M. Klimann, "La Instrucción", em "La Vanguardia", 7/ maio/1898

A nota de Mauricio Klimann, um jovem estudante de engenharia de origem russa que muito cedo se orientou em direção ao Partido Socialista, resume o espírito amplamente compartilhado. Propulsor da instrução popular, seu artigo termina fazendo propaganda dos organismos educativos partidários com desenvolvimento desigual em meados de 1898, a Biblioteca Operária e a Escola Livre para Trabalhadores.

Com efeito, embora a Biblioteca Operária não parecesse ver comprometido seu destino -- o que era testemunhado pelas constantes doações de volumes e pelo aumento de usuários --, a Escola Livre para Trabalhadores, surgida em 1897, definhava¹. Entre os que se preocupavam com tal circunstância encontrava-se Klimann, para quem a

1. Ver D. Barrancos, *Cultura, educación y trabajadores. 1890-1930*, op. cit.

consciência do proletariado somente adviria socialista desde que se interpusesse a ilustração científica. Se os socialistas participavam -- como o jovem Klimann - dessa convicção, é necessário reconhecer que por momentos os militantes mais próximos da base solicitavam retoques na estratégia de instrução.

Tal é o caso de Adrian Patroni. Também ele constatava com amargura o extenso cenário da "ignorância", esse inimigo talvez superior à própria burguesia, e assim escrevia:

"Decidle a los obreros que deben ser socialistas y veréis la cara que ponen... Qué denota eso? Sencillamente la ignorancia, pero una profunda ignorancia, la ignorancia que perpetúa la burguesía para oprimirnos cada día más y más..."²

A isso acrescentava, sem dúvida a partir de sua dura experiência como organizador:

"Todas las divisiones que existen en los talleres, ese afán de querer ser unos más que otros, esas riñas entre compañeros de diferente nacionalidad, esa indiferencia en lo que atañe al mejoramiento de la situación en la que se hallan los trabajadores y las frecuentes contestaciones de que "esto ha sido así y siempre lo será..." todo esto demuestra ignorancia".

Mas o remédio contra a ignorância, segundo a perspectiva de Patroni, devia ser reorientado de maneira que consistisse em algo eficaz:

"Si los socialistas queremos hacer algo práctico, debemos luchar sin descanso a fin de enseñar lo poco que sabemos, y hacer la propaganda con cierta táctica. Es erder lastimosamente el tiempo en una reunión de obreros que 98% no tienen aun ideas concretas de lo que es el socialismo, hablarle de la historia antigua, de las leyes de la evolución, etc., etc. A los obreros

2. "La Vanguardia", 1/fevereiro/1896. Daqui em diante, indicado com as iniciais LV.

que recién vienen a nuestras filas debemos hablarles para que nos entiendan, debemos hacerles palpar de la manera más clara, cuáles son nuestras verdaderas aspiraciones. Debemos acostumbrarlos a que piensen si lo que exponemos es o no razonable."³

A julgar pelos posicionamentos que se podem recolher em "La Vanguardia" e outras publicações da época, é provável que só uma pequena minoria compartilhasse a ótica de Patroni. Para a maioria dos militantes -- e não só para os de extração pequeno-burguesa, que eram freqüentes nas fileiras socialistas -- a mensagem partidária devia estar antecédida por uma ilustração em matéria de "ciências naturais" em primeiro lugar, e logo em seguida de conhecimentos de "história", permitindo assim introduzir as teses socialistas, algo que muitas vezes foi simplesmente denominado "sociologia". E mais: não foram poucos os que pensavam que bastavam os cursos e as conferências com conteúdos físico-naturais para que se criasse um grande canal que comunicaria de maneira quase automática os princípios do socialismo, tão íntima se pensava a relação. Por outro lado, comungava-se a idéia de que era justamente a "neutralidade" das ciências o que melhor mostrava a inexorável identidade entre ambas as "objetividades", a das ciências e a do socialismo.

Uma boa oportunidade para discutir sobre essas questões sobreveio na esteira do desmoronamento da Escola Livre para Trabalhadores: a paradoxal tentativa de tornar mais prático seu exercício pedagógico tinha, finalmente, funcionado como causa da evasão de alunos. Insistia-se em que "los cursos más concurridos habían sido los de Historia, Biología, Química y Disertación"⁴. Isso

3. LV, 1/fevereiro/1986. Grifo meu.

4. Ver D. Barrancos, *Cultura, educación...*, cit., p. 26.

dava forças àqueles que opinavam sobre a necessidade de criar instituições partidárias destinadas à instrução popular e baseadas, em princípio, num sólido compromisso com a divulgação científica, ao que se acrescentaram preocupações específicas com as tecnologias mais apropriadas.

De fato, o jovem Mauricio Klimann sustentava que a divulgação era um ato que requeria meios instrucionais desenvolvidos, essenciais para facilitar as exposições, tornando mais ágil, eficaz e agradável o contato entre os conferencistas e os ouvintes. Certamente sua própria formação universitária deve ter tido muito a dizer sobre o empenho em melhorar os meios instrucionais. Sua devoção eram as projeções luminosas: as áridas explicações sobre o mundo natural e social podiam prender mais a atenção se a voz fosse acompanhada de projeções de diapositivos, que tanto contribuiriam para melhorar as condições de aprendizagem, tal como ocorria nos grandes centros europeus.

Desde princípios de 1899, por insistência de Klimann, sucederam-se encontros para constituir uma entidade que, à diferença da Escola Livre, pudesse expressar mais genuinamente os propósitos socialistas em matéria de um vínculo mais significativo com as ciências, dispor de melhor estrutura e estar à altura das experiências internacionais. Em matéria de "universidade popular", existiam diversas instituições que influenciaram aqueles que compartilhavam a necessidade de reproduzi-las no meio local, ainda que boa parte delas não respondesse de maneira direta a organizações partidárias socialistas.

Em primeiro lugar, seria preciso mencionar o Ruskin

College, da Universidade de Oxford. Essa instituição, que honrava o filantropo John Ruskin como um dos espíritos consubstanciados com a idéia de democratizar a cultura e promover, através da educação dos trabalhadores adultos, um horizonte mais eqüitativo, constituía um modelo para alguns socialistas argentinos. Mas não se deve ignorar que o vínculo com o conhecimento científico no Ruskin College estava orientado para a melhor preparação técnica do trabalhador; no espírito radicalizado do liberalismo inglês, não era o socialismo o que transportaria a aliança entre o trabalhador e a ciência, mas uma digna relação do produtor com a matéria, através de uma instrumentação técnica mais qualificada que permitisse uma transformação harmoniosa⁵.

A instituição inglesa funcionava como um organismo fechado e aberto ao mesmo tempo -- fechado, na medida em que as disciplinas que se podiam cursar respondiam a um ordenamento regular, bastante parecido com uma instituição educativa tradicional; e aberto, porque uma parte da ação do Ruskin College realizava-se mediante conferências livres destinadas a públicos que se alternavam, interessados em ciências, arte, literatura. O modelo do Ruskin College aproximava-se bastante do de outros organismos destinados ao proletariado, caracterizados pela flexibilidade e pela alternância, os quais se expandiram na Grã-Bretanha pelas mãos de diversos

5. Sobre o movimento voltado para a elevação científica e cultural do proletariado inglês, remeto a John A. Laurent, "Science education, evolution theory and the British labour movement. 1860-1910", Ph.D. Thesis, School of Science, Griffith University, 1984; sobre o Ruskin College e, genericamente, sobre o movimento de "instrução proletária" inglês, Brian Simon, *Education and the labour movement. 1870-1920*, London, Lawrence & Wishart, 1974, e a obra de um contemporâneo, W. H. Draper, *University extension. 1873-1923*, London, 1923.

profetas sociais leigos e religiosos; do lado leigo, os fabianos ocupavam um lugar expressivo em matéria de elevação das massas, assim como, do ângulo religioso, o metodismo cumpria um papel similar. Assim, se a tradição do Ruskin College resultava claramente muito importante para os socialistas argentinos, provavelmente não o foi menos, durante a década de 1910, a experiência dos dissidentes "marxianos" daquela instituição, que, a partir do Central Labour College de Londres e sua íntima aliada, a Plebs League, se expadisse a outras regiões operárias -- sobretudo Escócia, sul de Gales e Lancashire -- com o objetivo da educação voltada para o socialismo. Não pode surpreender que os conteúdos instrucionais dos Labour Colleges, além de economia, história política e industrial e outras matérias, incluindo o esperanto, oferecessem como disciplina "evolução"⁶.

Outras experiências conhecidas eram as tradições em matéria de "cultura para operários" provenientes da Alemanha e Austria. Nas Arbeiterbildungverein os trabalhadores encontraram, já desde a década de 1860, um lugar de esclarecimento político, ideológico, educativo e cultural. Não se pode esquecer que a vida da social-democracia havia sido incubada e preservada nas fórmulas dos clubes culturais operários, único modo de manifestação permitido até as reformas bismarckianas. Mas as sucessivas interdições à vida gremial e política do proletariado nesses países significaram duros golpes nas experiências de "cultura operária", incluídas aí as instituições educativas para crianças, as Frei Schule, que em muitos casos

6. Ver especialmente Stuart Macintyre, *A proletarian science. Marxism in Britain. 1917-1933*, Cambridge, Cambridge University Press, 1980.

tiveram uma vida raquítica, mas que constituíram, por momentos, um movimento de algum significado nas sociedades alemã e austríaca.

O certo é que já na última década do século a social-democracia desenvolvera um vasto número de experiências culturais entre os trabalhadores, desde formas muito estruturadas até os indispensáveis programas difusores de saberes científicos, arte, conhecimentos literários e, obviamente, ilustração política⁷.

Os antecedentes franceses mais próximos, L'Union pour l'action morale, L'Union démocratique pour l'éducation e a Ligue Michelet, que estenderam sua ação entre 1896-1899, provavelmente tiveram alguma ressonância entre nossos socialistas. Mas foi sobretudo a revista "La Coopération des idées" (1896) e o movimento das Universités Populaires, por ela impulsionado graças ao esforço de Georges Deherme -- que propiciaria um singular trajeto educativo para as massas na França a partir do começo de 1899 --, o que certamente teve reflexos imediatos em nossos socialistas. Como assinalou Lucien Mercier, o movimento respondia às turbulências desencadeadas pelo caso Dreyfus, à expectativa de que se encontrava entre os setores populares um caminho para a regeneração da sociedade francesa, atacada pelo pensamento reacionário,

7. Cf. Helga Grebing, "El socialismo en Alemania", e Norbert Leser, "El socialismo en Austria", em Iring Fetscher et al., *El socialismo. De la lucha de clases al Estado providencia*, Barcelona, Plaza & Janes, 1977; G.D.H. Cole, *Historia del pensamiento socialista*, t. III, t. IV, México, FCE, 1960; Richard Evans, *The German working class. 1888-1933. The politic of everyday life*, London, Croom Helm Ed./Barns and Noble Books, 1981; Helmut Gruber, "History of the Austrian working-class: unity of scholarship and practice", em "International Labor and Working-Class History", n. 24 (Fall 1983); Günter Roth, *The social democrats in imperial Germany. A study in working-class isolation*, N. Jersey, Totowa, 1968.

"et le secret espoir de préparer la réconciliation des classes pour l'intégration de l'élite ouvrière au reste de la société. Les discours unanimistes des fondateurs nient les différences sociales. Il n'y a plus d'ouvriers, de bourgeois, il n'y a que des égaux volontaires... L'Université Populaire affirme la primauté des individus, tout changement social doit passer par une réforme morale."⁸

Apesar de os mais retumbantes nomes do socialismo francês brilharem por sua ausência no programa das universidades populares, a inclusão de Jean Jaurès, ocorrida muito cedo, não deixa de chamar atenção. Seu nome crescerá com o novo século e sua influência se fará sentir entre nossos socialistas. Anos mais tarde o próprio Jaurès dirá em Buenos Aires, a propósito da irradiação da ciência:

"Es por la ciencia aplicada que el espíritu descende a las cosas y las obliga a conformarse a su propia luz que es la del orden y la armonía. Hay que reconocer que fa fuerza de la ciencia es una glorificación del espíritu del hombre..."⁹

Mas, se todas e cada uma dessas experiências resultaram num modelo para o socialismo argentino, a da "Maison du Peuple", de Bruxelas, representou inegavelmente uma inspiração direta. Em sua segunda viagem à Europa, em 1895, Juan B. Justo teve a oportunidade de conhecer de perto a experiência "integral" que esta oferecia, assim como a de sua antecessora em Gand, Voorui¹⁰, cujas lições deu

8. Lucien Mercier, *Les Universités Populaires: 1899-1914. Education populaire et mouvement ouvrier au début du siècle*, Paris, Les Éditions Ouvrières, 1986, p. 26.

9. Discurso pronunciado por Jean Jaurès no Teatro Odeon em Buenos Aires, por ocasião de sua visita em setembro de 1911. Apud Dardo Cúneo, *Juan B. Justo*, Buenos Aires, Americana, 1943, p. 23.

10. Como se recordará, ambas as iniciativas se devem à ação dos dois partidos socialistas belgas, o flamengo, com seu centro em Gand, e o brabantão, com sede em Bruxelas. Em 1885 fundiram-se com o nome de Partido Operário, o qual, depois de fases de dissidências, finalmente aceitou a luta parlamentar em 1893.

a conhecer em "Cooperación obrera", sua difundida conferência de 30 de dezembro de 1897, que "La Vanguardia" voltou a publicar em 1906. Os exemplos do socialismo belga em matéria de cooperativas, bolsas de trabalho e educação popular foram notáveis. É provável que em alguma medida Justo relacionasse o esforço educativo dos pares socialistas belgas -- aos quais se associaram grupos racionalistas e livres-pensadores, encontrando-se entre eles figuras anarquistas -- com as próprias necessidades do país. Uma vez que na Bélgica a Igreja era a grande desafiadora -- com uma ascendência entre os trabalhadores que não pode ser diminuída, ascendência que apresentava desde trabalhos de sindicalização e cooperativas, até evidentemente organismos de educação popular --, Justo provavelmente percebesse analogias com o que acontecia na Argentina. Para o pensamento racionalista leigo belga, a transformação num sentido ou noutro dependia grandemente do peso da contra-ofensiva educativa e cultural que se opusesse à Igreja. Como manifestou G. D. H. Cole:

"Los lazos estrechos entre socialismo y racionalismo y la lucha constante entre los socialistas y los partidos católicos, contribuyeron a que la educación fuese especialmente un campo de batalla y que tuviere gran importancia en la lucha social"¹¹.

O programa educacional da Maison du Peuple e de outros organismos-irmãos assumia formas de uma ampla "universidade popular", onde tinham vez desde cursos voltados para a capacitação operária até as mais altas concepções da ciência e da arte. Um grupo importante de intelectuais -- entre os quais se encontravam Émile

11. G.H.D. Cole, *Historia del pensamiento socialista*, México, FCE, 1974, t. IV, p. 107.

Vandervelde, Max Hallet, Louis de Brouckère -- encarregou-se de um vasto programa de conferências a partir de 1892, correndo a iniciativa por conta do círculo socialista de alunos. A aliança estreita entre uma parcela de universitários e os setores trabalhadores fez com que a própria Universidade de Bruxelas abrisse suas portas para abrigar manifestações de "extensão universitária", cuja ação produziu não poucos conflitos com os grupos conservadores, levando finalmente à abertura da Nouvelle Université. Ali se destacaram militantes socialistas e aliados dos trabalhadores como o próprio Vandervelde, Hécator Denis, Camille Lemmonier, Guillaume de Greef e de Brouckère, para assinalar somente alguns dos mais constantes.

Por volta de 1911, a ação do Partido Operário Belga foi ainda mais direta na promoção educativa dos trabalhadores, tendo em conta também o objetivo da formação de quadros com alto nível de ilustração: surgiu assim o Centre d'Éducation Ouvrière, sob o secretariado de Henri de Man, convocando-se boa parte da docência universitária filiada. Seus anos foram duros devido à explosão da Primeira Guerra, mas, ao término desta, um autêntico reavivamento da notável trajetória de elevação cultural das massas, por parte do socialismo belga, resultou na criação do College Ouvrier, que diversificou notavelmente seus programas.

Este rápido percurso pelas experiências mais influentes no grupo de socialistas que se reunia em torno de Maurício Klimann, a fim de levar adiante o projeto de um organismo cultural de envergadura, não esgota os modelos inspiradores. Tanto na Europa como na América, a "lei do progresso social" era altamente

correlativa da obrigação de levar a ciência e a cultura ao povo, tarefa da qual se encarregaram, sob diversas denominações e até com ideologias contrapostas, uma legião de reformadores.

A nova iniciativa local socialista, a Sociedade Luz (que existe ainda hoje), na qual sobressaía o entusiasmo do jovem Klimann, contou com o apoio direto do próprio Juan B. Justo, de Antonino Piñero -- significativa figura partidária -- e do estudante de medicina Angel Mariano Giménez. Um conciso estatuto de apenas três artigos foi registrado em 29 de abril de 1899 e assim se lançou a instituição.

Giménez deixou uma narrativa singular dos primeiros passos:

"Como había necesidad de obtener materiales para la enseñanza objetiva, se visitaron a varias personas, entre ellas a don Avelino Gutierrez, a don Lauro Castro, a Repetto que se preparaba a afiliarse al Partido y algunos otros más, con lo que se adquirió una modesta linterna escolar en la casa Lepage, iluminada a kerosene. Faltaban los dispositivos (*sic*) y Klimann, improvisado fotógrafo, comenzó a prepararlos para sus conferencias de astronomía.

El domingo 18 de junio del 99, el local de Méjico¹² estaba preparado para inaugurar las conferencias, habiéndose anunciado el siguiente tema: "El sistema planetario y la tierra", cobrándose 0.10 centavos la entrada. Una de las ventanas, que tenía un vidrio roto, sirvió de boletería; y desde allí comenzó a vender las entradas que alcanzaron a sesenta y seis."¹³

As situações pitorescas foram muitas nessa primeira investida pública, tal como surge da narrativa:

12. Refere-se ao histórico lugar da rua Méjico 2070, onde se nucleou a maioria das iniciativas do socialismo e que também serviu de sede para numerosas agremiações, inclusive de diferente extração ideológica.

13. Angel M. Giménez, *Páginas de historia del movimiento social en la República Argentina*, Buenos Aires, La Vanguardia, 1927, p. 67.

"Mientras tanto Klimann se había instalado la linterna estratégicamente y encendido la lámpara, que daba apenas una débil luz, abundante humo y olor a kerosene que impregnaba el ambiente del salón y tiznaba la cara del conferenciante."

Mas o rito do oficiante não se alterou, em que pese às contrariedades de uma técnica ainda mal domesticada:

"Klimann, como en la célebre fábula iba explicando los aspectos del cielo, hablaba de Tolomeo, de Copérnico; mostraba el sol, los relieves de la luna, y el público que no veía nada, oía en medio de las más completas tinieblas la interesante pero dificultosa exposición de acento ruso. Felizmente, nadie pidió que se le devolviera la plata...! Se había dado el primer paso!"¹⁴

Esta succulenta historieta oferece um rico quadro interpretativo daquilo que, por longas décadas, seria o espírito da Sociedade Luz-Universidade Popular, tal como alguns meses mais tarde solicitou ser reconhecida. Em primeiro lugar, não foram teses socialistas o que se escolheu para transmitir ao público, nem problemas diretamente atinentes ao programa socialista. O fato de que a primeira conferência tivesse a ver com as ciências físico-naturais não constitui casualidade: a idéia de versar sobre o sistema planetário e a terra foi uma mostra "exemplar" do modelo ao qual a instituição se sujeitaria por muitos anos. Era do conhecimento material, secular, objetivo e universal proveniente das ciências físico-naturais que se deviam extrair conseqüências explicativas dos outros domínios -- história, sociologia -- para, finalmente, respaldar o sistema de idéias socialistas, assim validado pela ciência.

Em segundo lugar, a historieta nos revela algo da atmosfera que envolvia o público no período: pensemos naqueles sessenta e seis

14. Id., ibid., p. 67. Grifo meu.

ouvintes -- certamente, estavam longe de serem todos militantes ou adeptos confirmados -- que, além do mais, haviam pago para assistir a uma conferência que nada lhes dizia em termos de estrita cotidianidade. Provavelmente essa ruptura com o "dia-a-dia" permite entender a avidez com que se foi ao encontro de um discurso que era exatamente o oposto da alteridade, um desdobramento remoto e enigmático e ainda assim tornado próximo, quase como uma necessidade.

Em terceiro lugar, a comunhão ritual entre o mediador e os destinatários, por efeitos de encantamento pedagógico, o que fazia desaparecer os obstáculos (as condições técnicas deploráveis, que impediam ver as projeções; a voz com sotaque estrangeiro do oficiante, provavelmente com erros de pronúncia). Circunstâncias como esta inaugural deviam reiterar-se no ciclo da Sociedade Luz: os participantes eram atraídos pelo magnetismo dos assuntos, pela retórica dos especialistas e pela própria possibilidade de polemizar. Não se deve desdenhar o papel da participação dos próprios ouvintes no espetáculo.

Durante os três primeiros anos de funcionamento, o programa foi invariavelmente forte no domínio das ciências naturais:

"Sería largo hacer la historia de las conferencias de los primeros tiempos, la lucha para preparar a cierto público no habituado en algunos barrios a las conferencias a oscuras, con la vista única en la pantalla; pero poco a poco fueran desapareciendo las esperanzas, y así Bunge habló sobre alcoholismo, Dickmann sobre anatomía y Repetto (...) dió una serie de conferencias sobre parasitismo social y orgánico y sobre evolución orgánica"¹⁵.

15. Id., *ibid.*, p. 68.

Em meados de 1903 e frente a um exercício prometedora -- os cursos e conferências dos anos anteriores haviam sido bastante concorridos -- a Sociedade Luz decidiu constituir uma Escola Popular de Ensino cuja sede devia ser o Centro Socialista Norte (rua Rodríguez Peña, 1024), tornando regulares algumas disciplinas, sem abandonar o programa elástico de conferências.

Em outro trabalho, mostrei que se deve contar com diversas alternativas em matéria de "universidade popular" no período estudado, e que o tipo conformado pela Sociedade Luz ilustra uma das formas mais clássicas dessa modalidade de organismo¹⁶, já que o grau de institucionalização que adquiriu permitiu-lhe inclusive propostas "regulares" de ensino para fins determinados.

Uma comissão composta por Enrique Dickmann, Enrique del Valle Iberlucea, o próprio Mauricio Klimann e Gaspar Dagnino levou adiante o projeto, que previa o "pagamento voluntário de cotas" por parte dos interessados. Uma vez mais foi expressivo em disciplinas que respondiam ao conhecimento da natureza, ainda que cedendo a uma perspectiva mais utilitária. Assim, a biologia esteve a cargo de Alejandro Bunge; a fisiologia foi desenvolvida por Enrique Dickmann; a física experimental, por Mauricio Klimann; a história argentina

16. Em "El proyecto de 'extensión universitaria' en Argentina: el Ateneo Popular y el movimiento obrero durante 1909-1918" (Buenos Aires, CEIL-CONICET, 1988), sustento que existem pelo menos três tipos de universidade popular: a) cursos livres de difusão de ciência e cultura, mas pouco "instituídos", que respondem inteiramente a correntes ideológicas e/ou políticas; trata-se de um perfil baixo de "universidade popular" (por exemplo, os centros de cultura do anarquismo); b) o modelo ortodoxo, clássico, muito instituído, que corresponde à própria Sociedade Luz; c) o modelo de "acoplamento" a outra instituição de ensino -- geralmente pública --, que origina a "extensão universitária" (por exemplo, o Ruskin College, dependente da University of Oxford).

("seu conceito sociológico", esclarecia-se¹⁷), por Enrique del Valle Iberlucea; a gramática, por Alberto Gerchunoff; leitura e escrita a cargo de Fenia Chertkoff e aritmética, de Adolfo Dickmann. Um pouco depois foram incorporados cursos de contabilidade e matemática. A experiência da Escola Popular de Ensino pareceu não satisfazer definitivamente os líderes da Sociedade Luz, e retomou o perfil dos cursos e conferências por períodos determinados e com possibilidades de mudança das temáticas.

Por volta de 1905, junto aos consabidos ciclos destinados a assuntos especulativos físico-naturais, incrementou uma linha de difusão nitidamente higienista, preocupada com a transmissão sexual de doenças. Angel M. Giménez já obtivera o título de médico com sua tese "La higiene del obrero en Buenos Aires", e, na divisão de orientações que conviveram na entidade, assim como correspondeu a Klimann organizar a difusão das ciências físico-naturais nesses primeiros anos, correspondeu a Giménez brigar pelos conhecimentos médico-higienistas.

Não obstante o peso que foram adquirindo estes últimos e o notável crescimento profissional e partidário de Angel A. Giménez -- converteu-se num higienista de singular projeção na vida pública argentina e ascendeu na hierarquia partidária, chegando a ocupar altos cargos, sendo várias vezes vereador entre 1918 e 1930 --, o ciclo do higienismo tornou-se hegemônico, como tentarei mostrar, na década de 1920. As ciências naturais tiveram um lugar gravitante até aproximadamente o fim da Primeira Guerra, para logo dar lugar a outra temática. Seja como for, as ciências naturais e o higienismo

17. LV, 9/maio/1903.

disputaram centralmente as programações educativas da Sociedade Luz, durante seus primeiros vinte anos de funcionamento.

No transcurso de 1905, houve uma série de conferências sobre "cooperação" -- uma incursão em consonância mais direta com os predicados do socialismo --, mas novamente os aspectos mais destacados foram os cursos sobre "higiene sexual", desenvolvidos por Giménez no âmbito da Câmara de Trabalho -- destinados a difundir as formas de contágio das doenças sexualmente transmissíveis e a apresentar métodos para evitar a transmissão --, assim como questões sanitárias relacionadas com a parasitologia. É provável, como o próprio Giménez acreditava, que fosse a primeira vez que se chegava a um vasto público informando-o sobre questões melindrosas para a moralidade imperante no período. Nesse ano foram abundantes as conferências com temáticas biologistas.

Em 1906, junto com os cursos de "higiene sexual", a entidade promoveu a conferência de Elvira Rawson de Dellepiane -- uma das primeiras médicas e destacada lutadora pelos direitos da mulher -- sobre "Los hijos y las madres". Mas nesse mesmo ano a entidade organizou diversas conferências sobre fisiologia, anatomia, biologia e zoologia, como a de Carlos Herschel sobre "Anatomía y fisiología del bulbo raquídeo", ou a do renomado cientista Clemente Onelli -- na ocasião diretor do zoológico de Buenos Aires --, que desenvolveu "El animal comparado con el hombre". Por sua vez, Dickmann também realizou um ciclo de conferências sobre anatomia e fisiologia. De acordo com o testemunho de Giménez, o público que assistiu a essas palestras e àquelas relacionadas com "higiene sexual", na sede do grêmio dos condutores (na região de Barracas, em Buenos Aires),

tiveram um público de "más de 1000 personas"¹⁸. O aspecto prático da gestão educativa desse ano recaiu sobre alguns cursos orientados para o artístico, já que os professores Cremona e Ferrari ensaiaram uma "escola de desenho" dentro da entidade.

A Sociedade Luz fortalecia-se, ainda que o número de participantes declarado pelos entusiastas animadores pareça exagerado. Constituía, por volta de 1907, a principal empresa cultural do socialismo, junto com a Biblioteca Operária, multiplicando-se por esses anos os esforços financeiros para dotá-la de melhores meios instrucionais. Novos membros dão contribuições substantivas: Horacio Damianovich, um jovem químico que se projetaria na pesquisa científica argentina, encontra-se à frente da secretaria da comissão diretiva. Os sucessivos cursos que ministrou sobre "química" permitiram-lhe desenvolver, sem dúvida, suas posições haeckelianas e monistas relacionadas com a evolução¹⁹. De sua parte, o próprio Juan B. Justo desenvolveu nesse ano o curso "Teoría y práctica de la história" na Faculdade de Filosofia e Letras de Buenos Aires²⁰.

É evidente que a entidade já havia conquistado certo prestígio, a ponto de realizar atividades num espaço como o da Universidade de Buenos Aires. Isso era possível graças ao concurso direto de figuras militantes destacadas e à participação de conferencistas convidados de inegável projeção acadêmica. Muitos destes últimos não possuíam nada em comum com os primeiros, a não ser o interesse em difundir

18. Giménez, op. cit., p. 68.

19. No capítulo IV, ocupo-me das concepções transformistas do Dr. Horacio Damianovich.

20. No capítulo V, realizarei um exame pormenorizado das posições justistas sobre a história.

conteúdos científicos que permitissem às massas modificar seus padrões de conduta.

Giménez incorporou problemas de "medicina do trabalho" aos tópicos sanitários vinculados à sexualidade, à tuberculose e a outras doenças infecciosas sobre cuja "causación social" havia claridade -- daí o fato de às vezes se denominar tais ciclos de "medicina social". O de Giménez foi provavelmente o primeiro curso intensivo dedicado às doenças adquiridas diretamente no processo de trabalho, e não se pode negar o êxito de freqüência que significou sua conferência sobre "Los pintores y la intoxicación con plomo". Entre 1906-1907 -- anos em que a entidade deu um salto significativo -- pronunciaram-se 122 conferências e como matéria prática somaram-se 36 aulas de "diseño geométrico".

O programa de 1908 foi apresentado por um longo discurso de Damianovich, que entre outras coisas assinalou com relação aos objetivos da entidade:

"El 'ideal' que ella persigue se puede sintetizar en esta frase: "la instrucción y educación gratuita del pueblo, dar al pueblo lo que le pertenece como parte integrante de la familia humana". Este problema sociológico fundamental existe porque "el pueblo necesita y quiere instruirse y educarse". El obrero es un hombre como cualquier otro, a él le corresponden los mismos derechos, las mismas prerrogativas que al pudiente y aspira a elevarse moral e intelectualmente, porque es una gran parte de la familia humana, porque son otros tantos representantes de la unidad sociológica denominada "hombres"²¹.

Revela-se expressivo este conceito de igualdade distributiva dos direitos à educação e à cultura, sem dúvida paradigmático entre

21. Sociedad Luz, "Inauguración de los cursos correspondientes al año 1908 - Discurso pronunciado por el Dr. Horacio Damianovich", Buenos Aires, Impr. Progreso, 1908, p. 8.

nossos socialistas. Frente aos que se permitiam duvidar desses direitos, Damianovich perguntava:

"Qué razones hay para creer que el obrero no es capaz de abordar los problemas que la opinión desviada cree exclusivo de las llamadas clases privilegiadas y del oficialismo que desgraciadamente existe también en la ciencia? Ninguna. Los que así piensan és porque no tienen una noción clara de la clase productora. Porque desconocen profundamente las leyes sociológicas de la evolución de los pueblos, que la sociología se encarga de estudiar y descubrir. Los que así piensan es porque ignoran que los hombres surgidos de la clase trabajadora han sido después, por impulso propio (lo que es muy meritorio) grandes genios, grandes reformadores, que han descollado en la ciencia, en el arte, en la filosofía"²².

Seu discurso era um arrazoado a favor da gratuidade do ensino, reclamando ainda que a obrigatoriedade escolar realmente alcançasse os 14 anos; estendeu-se também em críticas à formação universitária e aos adoradores de diplomas. Com referência aos egressos da universidade, indicava seu limite e orfandade, bem como suas obrigações:

"Estamos al pie de la montaña (...) Hemos contemplado las cosas desde un vértice, hemos adquirido una idea de conjunto y nada más (...) Sí, tal es la situación de un egresado de la Facultad: un vasto campo de exploración se extiende ante la vista del que aspira a 'ver más allá'. En esa zona inexplorada de la actividad humana existen problemas trascendentales que resolver: problemas de orden científico, de orden industrial, de orden moral; en una palabra, de orden social. Y me preguntaréis (...) ¿que problemas de orden sociológico existen que se relacionan directamente con una carrera científica...? Uno, y muy grande, responderé: el de la enseñanza del pueblo, del cual depende en gran parte la prosperidad de las naciones, individuos que integran la gran familia humana"²³.

22. Idem, p. 8 e 9. Grifo meu.

23. Idem, p. 21.

Os progressos em matéria de tecnologia das projeções foram importantes: do lampião a querosene, a iluminação passou a se realizar com lâmpadas que empregaram acetileno, álcool carburado e logo lux oxhídrica (*sic*), até que, já bem vançada a década de 1910, adquiriu-se uma lâmpada com filamento metálico. Somou-se também a aquisição de um equipamento para a projeção cinematográfica cuja mais ampla utilização certamente ocorreu nos anos 1920.

Durante 1908 a Sociedade Luz ofereceu 87 conferências -- computando-se as lições dos "cursos regulares" --, conformando a seguinte distribuição:

Quadro 1

Cursos-conferências realizados pela Sociedade Luz - 1908

Ciências/Tópicos	No. de conferências	Professor
Física	13	Raul Wernicke*
Aritmética	13	Alfredo Sordelli*
Química	14	Horacio Damianovich
Química Fotográfica	6	Luis Gugliamelli*
Eletricidade	12	Engo. M. Levylier
Anatomia/Fisiologia (órgãos dos sentidos)	4	Enrique Dickmann
Psicologia	8	Carlos Herschel
Geografia Comercial	8	Alicia Moreau
Geografia Física	3	Berta W. de Gerchunoff
História	1	Alfredo Palacios
Outras	5	sem especificação

*Estudantes de química

Fonte" "La Vanguardia" - Informe de la Sociedad-Luz (Universidad Popular) - 16/01/1908

As hegemônicas ciências físico-naturais acoplara-se uma matriz pedagógica técnica, cifrada neste caso nos estudos de eletricidade e fotografia. Ambos os cursos estavam dirigidos especialmente aos filiados desses dois grêmios -- a eletricidade e a fotografia

encontravam-se em pleno desenvolvimento --, destinando-se a capacitá-los. Foi nesse momento que Damianovich concebeu o ambicioso projeto de um ciclo integral destinado à formação científica e técnica dos trabalhadores em vários ramos da produção²⁴, o que não prosperou.

Foram os engenheiros Levylier e Champion que realizaram um significativo trabalho docente para capacitar os trabalhadores de telefonia, com o concurso da própria Sociedade dos Eletricistas, e isso constituiu uma das primeiras ações profissionalizantes da entidade.

Essa estrutura de cursos prevaleceu durante boa parte dos anos 1910. Assim, em 1912, quando, como se verá, processou-se um intenso movimento em torno dos objetivos da "universidade popular" de forma genérica, a entidade passou por uma fase "de franco progresso" -- segundo se pode ler no informe da Comissão Diretora desse ano. Havia-se intensificado também o perfil destinado a difundir música erudita, mediante concertos que estavam a cargo de Fenia Chertkoff e que ocorreram na Casa Suíça, com a participação dos violinistas Augusto Maurage e R. Torterolo, os violoncelistas Michel Penha e Carlos Marchal e os pianistas Mary Jane Marchal e R. González. Os programas incluíram obras de Bach, Chopin, Mendelssohn, Schumann, Saint Saens, Schubert... Os organizadores ficaram entusiasmados com o êxito dessas apresentações, aparentemente muito freqüentadas.

Outra destacada atividade foram as excursões. O plano de

24. Ver D. Barrancos, "Les associations syndicales et la formation professionnelle à la fin du XIXème. et au début du XXème siècle en Argentine: quelques notes pour la reconstruction de son histoire", Paris, CNRS/CREDAL, Document de Recherche du CREDAL n. 19, 1989.

passeios instrutivos aumentou em consonância com a expansão conquistada nesses anos. Durante 1912 realizaram-se oito excursões, que abarcaram desde contatos com experiências artísticas -- Museu Nacional de Belas Artes, Exposição Nacional de Arte -- passando por trajetos de reconhecimento das novas obras da cidade denotadoras de seu progresso material, como as do metrô, a usina da companhia de gás, ou ligadas à melhoria da higiene municipal, como os filtros das estações de tratamento de água. Obviamente, foram muitas as atividades que conectavam os iniciantes ao mundo das ciências naturais: o Museu de História Natural e o Observatório Astronômico de La Plata -- para mencionar lugares recorrentes -- não faltaram no programa de visitas da Sociedade Luz. Coroavam-se assim, seguramente, os esforços de docentes como Horacio Damianovich, que havia pronunciado doze conferências sobre "A química dos astros. O espectroscópio, a química e a evolução da matéria"²⁵, e de Camilo

25. O programa desse ciclo desenvolvido por Damianovich não pode ser desprezado como indicativo do nível de abstração ao qual eram submetidos os participantes: "Introducción: Se puede determinar la composición química y la temperatura de los astros, analizando la luz que ellos nos envían desde distancias infinitas. Este problema se resuelve por medio del espectroscopio, el aparato más universal que la ciencia dispone.

El espectroscopio y su principio. Breves consideraciones sobre la refracción y la dispersión de la luz -- Análisis y síntesis de la luz blanca -- El prisma y los siete colores del arco iris -- El espectro y sus diferentes regiones; b) Construcción, manejo y aplicaciones del espectroscopio -- Espectros de emisión y de absorción -- El color de los cuerpos -- Análisis espectral -- Las rayas del espectro solar.

Espectroscopia astronómica -- La aplicación del espectroscopio al estudio de los astros ha dado nacimiento a la Química Estelar. a) Composición química de los cuerpos del sistema planetario -- El Sol, su espectro normal, composición, química del disco, de las manchas, de la corona y de las protuberancias -- Caso notable del descubrimiento del Helio -- La Luna: ausencia de la atmósfera -- Mercurio y Venus - Marte: presencia de atmósfera -- Espectro de los demás planetas; b) Composición química de los cuerpos del sistema estelar -- Espectro de las nebulosas -- Las estrellas: clasificación

Meyer sobre "Astronomía popular".

Durante esse ano os cursos foram em grande medida dedicados às disciplinas físico-naturais; assim, além dos já citados, a instituição ofereceu "Evolución orgánica", a cargo de Nicolás Repetto, "Física. As radiaciones", sob responsabilidade de Raúl Wernicke, "Geografía física", por Angel Pacheco, e "Anatomía e fisiología", em cinco conferencias que Enrique Dickmann desenvolveu na Sociedade "Pompieri Volontari" de La Boca.

As preocupações com o higienismo tiveram uma iniciativa original. Realizou-se um concurso de cartazes de propaganda contra o alcoolismo, problemática obsessiva nas palestras da entidade²⁶. Um júri composto pelos artistas Carlos Ripamonti e Alberto M. Rossi, junto com Nicolás Repetto, reuniu-se em novembro de 1912, outorgando

según su composición química. Su temperatura revelada por el espectroscopio. Evolución de las estrellas nuevas -- Los cometas: espectros del núcleo y de la cola.

Los resultados de la Química Estelar en sus relaciones con la Física Natural. Unidad química y evolución de la materia cósmica -- Breves consideraciones sobre la constitución y unidad de la materia; ideas antiguas y modernas -- ¿La materia se destruye? ¿Todos los cuerpos considerados como simples, provienen de una materia primordial? Los fenómenos de radio y los datos suministrados por la espectroscopia astronómica -- La teoría de la disociación de la materia y las hipótesis del origen de los mundos -- Unidad química de los astros y evolución inorgánica -- Nacimiento, evolución y fin de la materia". (Transcribí respetando textualmente esse programa, tal como aparece na "Memoria correspondiente al año 1912 -- Sociedad Luz (Universidad Popular)". Buenos Aires, La Vanguardia, 1913, p. 4 e 5.

26. As bases do concurso foram: "1º) El afiche deberá expresar, sin demasiada teatralidad, los efectos del alcoholismo y constituir por sí solo un elemento de propaganda clara y eficaz. 2º) Se deja plena libertad al artista para tratar de dicho asunto con la técnica y los elementos que le parezcan más convenientes, siempre que respondan a las exigencias del gusto artístico y al carácter sintético del afiche. 3º) El afiche deberá tener 1,10m por 0,70cm y no deberán emplearse más de tres colores para que sea posible la reproducción con tres piedras. (...) 5º) Primer premio, 250\$mn, segundo premio 100\$mn, tercer premio, 50\$mn (...). 6º) Los trabajos premiados quedarán de propiedad de la Sociedad Luz (...) Junio de 1912."

o primeiro prêmio ao trabalho que Dino P. Mazza intitulou "In summa tristis", no qual aparece em primeiro plano a alegoria da morte abraçando uma enorme garrafa -- desproporcional ao próprio corpo daquela -- e segurando na outra mão um copo; em segundo plano jaz um homem jovem, enquanto raios que fogem para o lado direito significam que sua vida se apaga. O segundo prêmio foi atribuído a Ana Weiss, pelo trabalho "Luz", e o terceiro correspondeu a Franciso Bensech, por "Desdicha Humana"²⁷.

Entre 1909-1910 a sociedade argentina viveu agudos episódios repressivos; a "questão social" ganhara estatura com o elevado número de trabalhadores, sobretudo estrangeiros, que mudaram completamente a estrutura de classes. O protesto operário -- como é bem conhecido -- estendeu-se, e o regime, sentindo-se ameaçado, decretou em várias oportunidades o estado de sítio.

Também foram anos nos quais se ampliaram os contatos e a recepção de experiências culturais estrangeiras, particularmente européias, com a presença de viajantes de prestígio. Talvez como consequência de uma maior internalização da economia, do incremento da produção de matérias-primas e sua valorização, bem como pela acelerada "modernização" educativa, cultural e urbanística, que embelezava a capital, Buenos Aires, e ainda por questões conjunturais, como a comemoração do Centenário da Revolução de Maio de 1810 -- marco da ruptura colonial com a Espanha --, o certo é que a Argentina despertava curiosidade, expectativas e desejos de conhecê-la.

Justamente da Península Ibérica -- com a qual os laços eram

27. Ver no Apêndice os trabalhos premiados.

estreitos por tantas razões -- procediam iniciativas reanimadores em matéria de "universidade popular", neste caso tentando abrir casas de estudo públicas, secundárias e universitárias, destinadas à instrução dos trabalhadores. A presença na Argentina de Adolfo González Posada e Rafael Altamira, duas figuras essenciais no eixo de renovações sociais e culturais Oviedo-Madrid -- de um lado a Universidade de Oviedo e do outro o Instituto Livre de Ensino -- constituiu um notável respaldo ao propósito de levar a ciência e a cultura ao povo. Nesse magma progressista instalou-se o Instituto de Reformas Sociales de España²⁸.

O socialismo havia dado particular acolhida a esses liberais de peso. Entre outras atividades, a conferência de Rafael Altamira, "Lo que debe saber un obrero" -- recado importante e polêmico, pois em síntese propunha uma "cultura próxima à técnica" e portanto mais prática e menos abstrata, evitando que os membros da classe operária se entregassem à "autocracia pedantesca"²⁹ -- foi realizada sob os auspícios da Sociedade Luz.

O socialismo vinha publicando a "Revista Internacional" (que conheceu pelo menos duas fases), ocupada sobretudo em irradiar o ponto de vista sobre a educação e a cultura. Entre seus membros encontravam-se Alicia Moreau, Enrique del Valle Iberlucea, Diego de Andrés, Enrique Mouchet. Esse grupo impulsionou a idéia de fundar

28. Cf. Juan Velardo Fuentes, "Primera aproximación de estudio de la Universidad de Oviedo como enlace entre el Instituto Libre de Segunda Enseñanza y el Instituto de Reformas Sociales", em *Movimiento obrero, política y literatura en la España contemporánea*, Madrid, Cuadernos para el Diálogo, 1974; Ivonne Turín, *La educación y la escuela en España de 1874 a 1912*, Madrid, Aguilar, 1967; D. Barrancos, "El proyecto de 'extensión universitaria' en Argentina...", op. cit., 1988.

29. LV, 12/setembro/1909.

uma entidade que desenvolvesse a "extensão universitária", ainda que sem abandonar sua inscrição socialista. Assim foi criado, em 1909, o Ateneu Popular, cuja orientação respondia essencialmente às mesmas finalidades da Sociedade Luz, mesmo que se tenha a impressão de que o Ateneu adotou programas mais compreensivos em matéria de concepção cultural. Por outro lado, embora orientado por socialistas, o Ateneu mantinha-se independente, enquanto a Sociedade Luz constituía uma sociedade orgânica partidária. A "Revista Internacional" deu abrigo às novas atividades e se tornou órgão oficial do Ateneu Popular, passando a chamar-se "Humanidad Nueva".

Dessa forma, durante os anos 1910, as duas entidades desembocaram num expressivo trabalho de educação popular, ampliado por um grande número de organizações de diferente orientação ideológica e política, as quais concorreram para esse objetivo. Foi uma época notável para as ações culturais e educativas entre os trabalhadores, especialmente nas grandes cidades, onde se fizera sentir a presença de núcleos reformistas e mais radicalizados. O ápice da curva poderia ser situado entre 1914-1916, anos em que as práticas de "universidade popular" multiplicaram-se sob diversas modalidades.

Na cidade de Buenos Aires, a essas instituições pilares do socialismo devem somar-se os cursos e conferências realizados pelos diferentes centros socialistas; os numerosos centros dirigidos pelo anarquismo; os programas desenvolvidos pelas próprias sociedades operárias; a Liga de Educação Racionalista (orientada pelo anarquismo); a Liga Judaica de Educação Racionalista; os centros culturais apoiados em alguns bairros, como La Boca, por forças

liberais progressistas, pela maçonaria e outras expressões laicas; experiências de "extensão universitária" patrocinadas pelo Colégio Nacional Mariano Moreno (seção Oeste) e centros de estudantes, em particular o da Faculdade de Medicina; a tarefa de divulgação do Círculo Médico; o aparecimento de instituições competidoras do socialismo e do anarquismo próximas da União Cívica Radical, as quais originariam "universidades populares". Para além das metodologias, dos estilos e ainda dos objetivos que singularizavam cada uma dessas agências, o inegável é que nesses primeiros anos da guerra cresceram as ofertas para elevar culturalmente as massas, talvez como um esforço para mitigar a devastação fratricida ou para anular o sentimento de derrocada da solidariedade, valor genérico que muitas compartilhavam.

Foram anos intensos e gratificantes para a Sociedade Luz e o Ateneu Popular. Entre 1913-1916, a primeira conseguiu incrementar significativamente o volume de livros de sua biblioteca e ampliar o número de usuários. Os diapositivos usados para projeção acumularam-se durante esses anos, permitindo que a instituição os emprestasse a outras organizações, bem como a particulares interessados em melhorar a comunicabilidade de suas conferências.

Em relação aos diapositivos, se levarmos em conta o exercício de 1914³⁰, sobre um total de 1103 destacam-se as temáticas próprias das ciências naturais: 34% referia-se à astronomia, geodinâmica, meteorologia e botânica, mas os diapositivos sobre anatomia e

30. Cf. D. Barrancos, "La modernidad redentora: ciencias para trabajadores en el espacio de Buenos Aires, 1890-1914", Actes Colloque Grandes Métropoles de l'Afrique et l'Amérique Latine: Équipements urbains et pratiques culturelles, Toulouse, 1991; também em "Siglo XIX", México, 2ª Época, n. 12, jul./dic. 1992.

fisiologia representavam pouco mais de 30% nesse conjunto. Seguiase, em ordem de importância, a geografia -- ilustrações de diferentes países -- que alcançava 28% do material. Os temas de higiene estavam representados por 16% do total de diapositivos.

Não deixa de surpreender que o item "cooperação" -- diretamente vinculado ao propósito socialista -- estivesse apenas em torno de 3% dos diapositivos. O exercício dessa metade de década é, pois, conclusivo com respeito ao predomínio das ciências da natureza.

A sede central da Sociedade Luz encontrava-se em dependências do "El Hogar Obrero", já que esta cooperativa cedera-lhe um local em suas instalações da rua Martín García 473, esquina com Bolívar, de modo que dispunha de uma ampla sala de conferências, "com episcópio e outros elementos de ensino", e de uma biblioteca com sua correspondente sala de leitura, aberta das 8 às 22 horas. Sua expansão era obra do próprio socialismo, bem como de uma variada cooperação pública e de particulares. O Congresso Nacional outorgara-lhe um subsídio -- renovado durante longos anos --, assim como o Ministério da Justiça e Instrução Pública, o Departamento Nacional de Higiene, o Departamento Nacional do Trabalho, o Governo da Província de Tucumán (através de seu governador, Dr. Ernesto Padilla) e o Ministério de Governo da Província de Entre Ríos fizeram contribuições pecuniárias. Entre os particulares, não deixa de surpreender a contribuição do jornal "La Nación" -- nada favorável ao socialismo.

Sobre a aceitação conquistada pela entidade, fala o número médio de assistentes dos seus programas.

Quadro 2

Cursos e conferências - Sociedade Luz - Ano de 1913

Docente	Tema	Nº de confer.	Nº de assist.*
A.M.Giménez	"Peligro de las pinturas a base de plomo"	2	500
H.Damianovich	"Materia, fuerza y vida"	5	75
A.Giménez	"Elem. de anatomía, fisiología e higiene"	6	60
A. de Tomaso	"Lecturas literarias"	6	130
A. Cetrángolo	"Microbiología"	8	30
A. Medici	"Historia de la Tierra"	5	50
A. Racco	"Primeros auxilios"	3	80
R.R. de Vicente	"Mecánica aplicada"	12	50
A. Sordelli	"Evolución de los elementos de la vida terrestre"	10	60
C. Meyer	"Astronomía popular"	8	75
J. Piñero (fº)	"Historia del comercio"	2	25
H. Herzfeld	"Telegrafía sin hilos"	4	80

*Trata-se da média de assistentes.

Fonte: Memoria correspondente al año 1913 - Sociedad Luz (Universidad Popular), Buenos Aires, La Vanguardia, 1914.

Quanto às visitas instrutivas, veja-se sua conformação:

Quadro 3

Excursões realizadas pela Sociedade Luz - Ano de 1913

Data	Destino	Monitor	Participantes
1/6	Cooperativa de leite	--	40
15/8	Frigorífico	--	40
7/9	Fábrica de ar líquido	--	45
28/9	Exposição de Belas Artes	Zonza Briano	180
5/10	Fáb. de ácido carbônico	--	40
19/10	Jardim Zoológico	C. Onelli	110
1/11	Museu Etnográfico (Fac. de Filosofia e Letras/UBA)	A. Ambrosetti G. Debenedetti	60
11/11	Fábrica de cerveja	--	90
30/11	Museu, Universidade e Escola de Agronomia de La Plata	--	250
1/2/1914	Tigre (delta do rio Paraná)	--	550

Fonte: idem.

Deve-se concluir que era importante o número de seguidores da instituição; a quantidade de participantes é invejável, se pensarmos na repercussão desse tipo de animação hoje em dia. Não se deve esquecer que, de todo modo, a clientela dessa modalidade de organismo educativo aumentou consideravelmente em meados da década, pelas razões já apontadas no capítulo 1. Isso fazia com que o exercício financeiro da Sociedade Luz fosse muito saudável: em 1913, o ingresso resultante de festas e excursões foi ligeiramente maior que as subvenções públicas obtidas (\$mn2697,00 contra \$mn2646,00). Durante esse ano os ingressos totalizaram \$mn21.339,31 e as despesas, \$mn20.861,99, seguramente um excelente movimento, pouco equiparável ao das entidades do gênero, quase sempre deficitárias mesmo nas melhores fases. O capital da Sociedade Luz em março de 1914 alcançava \$mn16.358,48, o que equivalia a uma façanha.

Uma das vertentes mais notáveis da entidade foi a linha de publicações, algo que contribuiu significativamente para aumentar seu prestígio e consagração em certos círculos. Graças às doações de um rico fazendeiro, Manuel Chopitea -- de origem uruguaia e instalado na região de Entre Ríos, pouco se conhece desta singular figura, que provavelmente aderiu mais ao laicismo do que às idéias socialistas³¹ --, foi possível constituir um fundo editorial que

31. Lamento não existirem trabalhos sobre este benfeitor da Sociedade Luz. Cada contribuição sua costumava ter indicação precisa sobre a aplicação. Assim, em 1906, foi para subsidiar folhetos de difusão científica, algo que se repetiu em diversas oportunidades; em 1913, remeteu \$5000 para o desenvolvimento da capacitação de operários mecânicos, e a carta que dirigiu a Angel M. Giménez, entre outros conceitos, dizia: "He dado siempre mucha importancia a las mentalidades de los jóvenes y de los hombres a quienes no les ha sido dado calmar la sed del espíritu sino en esa agua fétida que los enferma, las enseñanzas de los catecismos religiosos... Diré

iniciou as publicações em 1906. Até 1918 a entidade havia publicado trinta folhetos, diferenciados em quatro séries, sem que fique suficientemente claro o critério dessa classificação. Uma análise dos conteúdos permite concluir que 50% estavam destinados à divulgação das ciências físico-naturais (5 folhetos eram obra do mais importante paleontólogo argentino, Florentino Ameghino). O higienismo representava 10%, dividindo-se os 40% restantes em outras temáticas, incluídos os destinados ao registro institucional (relatórios anuais, catálogos etc.).

Esses anos centrais da década de 1910 fizeram muitos leitores da entidade. Entre maio de 1914 e março de 1915, a biblioteca emprestou cerca de 780 livros a leitores que os levaram a seus domicílios³². Os mais requisitados -- em torno de 60% -- eram de literatura, circunstância que não pode surpreender, já que isso se reiterou a partir das décadas finais do século XIX em diversos espaços, sobretudo desde que se ampliou a educação feminina³³. Os textos de história e geografia continuavam em segundo lugar na

lamentando que, en contraposición y en forma de catecismo también, no se les de a nuestras juventudes iletradas nociones generales, muy bien meditadas, sobre las ciencias, las naturales sobre todo, catecismo positivo de gran base moral, sobre todo fundado en la vida, el amor y la verdad (...). ¿Por qué no dar y enseñar al trabajador el empleo de las fuerzas del cerebro cuando son infinitamente superiores bajo todo concepto a las del brazo? A dar una de esas oportunidades va mi pequeña ayuda pecuniaria de este año para hacer mecánica entre nuestros bravos braceros..." (Sociedad Luz, "Memoria correspondiente al año 1913", Buenos Aires, La Vanguardia, 1914, p. 8).

32. Sociedad Luz, "Memoria correspondiente al año 1915", Buenos Aires, La Vanguardia, 1916, p. 23.

33. Ver, sobre os gostos populares em matéria de gêneros literários no fim do século XIX na França, Anne-Marie Thiesse, *Le roman du quotidien. Lecteurs et lectures populaires à la Belle Époque*, Paris, Le Chemin Vert, 1984. Para os anos 1920 na Argentina e os treinamentos com a leitura de folhetins, remeto a Beatriz Sarlo, *El imperio de los sentimientos*, Buenos Aires, Catálogo, 1985.

preferência do público, constituindo cerca de 15%. As ciências puras significaram algo em torno de 9% dos livros levados a domicílio; outro tanto representavam os de ciências sociais e de direito.

Durante 1915 houve uma ativa campanha antimilitarista, em função da tentativa governamental de obrigar os meninos da escola primária à instrução militar, fato que envolveu tanto socialistas como anarquistas. A Sociedad Luz foi uma das instituições mais ativas na matéria, organizando uma série de manifestações públicas. Finalmente, a iniciativa não prosperou.

O fortalecimento conquistado levou os diretores da instituição a requerer o registro de pessoa jurídica, situação que favorecia seu reconhecimento por parte dos organismos públicos para a outorga de subsídios e benefícios. Isso obrigou a mudar os estatutos em 1915 -- estatutos que já não eram os originais --, de modo que até 1930 os objetivos que a constituíram foram:

"Art. 1º - La Sociedad "Luz" (Universidad Popular) (...) tiene por objeto:

- a) Difundir en el pueblo las nociones y los métodos de las ciencias.
- b) Propender al perfeccionamiento de la educación técnica."

A este seguiam-se pormenorizadas regras sobre constituição de autoridades, admissão de sócios, normas financeiras próprias das associações juridicamente estabelecidas. Em que pese o fato de o procurador-geral, Julio Botet, ter considerado que a associação não podia se enquadrar dentro do Código Civil, "por no tener sus propósitos por principal objeto el bien común"³⁴, algo que

34. Sociedad Luz, "Memoria correspondiente al año 1915", Buenos Aires, La Vanguardia, 1916, p. 21 e 22.

obviamente irritou os amigos da entidade, seu prestígio era tão significativo, que a opinião do alto funcionário não foi levada em conta, sendo obtido o registro de pessoa jurídica em setembro de 1915.

Nesse mesmo ano, criou-se a agência da cidade de La Plata, que somente entre junho e novembro desse ano realizou cerca de trinta conferências, entre as quais um ciclo de "História natural", a cargo de Julio J. Loyarte -- sem dúvida um importante animador da iniciativa. Loyarte foi responsável também pela palestra de anatomia, fisiologia e higiene. Angel P. Ferrero desenvolveu um ciclo sobre "El aparato respiratorio"; Francisco del Carlo sobre "Conservación de la materia" e em seguida sobre "Evolución de la materia"; Luis Siri sobre "El hombre en la escala zoológica"; Raul Escaray mostrou "La diferencia entre animales y vegetales"; J. C. Lazzaro fez uma explanação sobre "El aparato digestivo". A filial de La Plata dispôs de outros conferencistas que abordaram educação popular e extensão universitária, como Edelmiro Calvo, na ocasião presidente da mesma. Como se pode observar, os conteúdos continuavam regidos pelas ciências naturais.

Tais programas tiveram como cenário duas escolas noturnas -- a número 12 de La Plata e a de Ensenada -- e as bibliotecas "Florentino Ameghino" e "Carlos Marx", ambas de La Plata. Da mesma maneira como o fazia a própria sede central, em boa medida as atividades ocorriam descentralizadamente.

Se a divulgação científica era hegemônica, acompanhada de perto pela cruzada higienista, não se deve duvidar de que continuou havendo lugar para os cursos técnico-profissionalizantes, embora de

forma comedida. Tal como o benfeitor Chopitea havia desejado, a capacitação dos trabalhadores foi alcançando relativa significação nos planos institucionais desde 1912. Foi a partir desse ano que praticamente se constituiu uma escola para os operários mecânicos e os eletricitistas, contando com o subsídio de Chopitea. O momento mais próspero dessa oferta formativa seguramente foi vivido em 1916: os programas tiveram marcada solidez³⁵ e ministraram-se 144 aulas, com uma média geral de 40 participantes.

Também se ofereceram cursos de desenho linear e industrial, os quais tiveram como professores J.B. Maril, R. Ornell e J. B. Siquier (filho).

Foi o período em que se incorporou o ensino do idioma francês. A partir de 1916, contou com a expressa cooperação da Alliance Française, entidade que sem dúvida indicou o casal Arnaud como professores, ministrando cursos que contemplaram dois níveis e que prosseguiram no mínimo até 1919.

As iniciativas destinadas a melhorar o desempenho das mulheres

35. Vale a pena consignar que os cursos destinados a mecânicos e eletricitistas compreendiam aritmética, geometria, álgebra, química, metalurgia, eletricidade e linguagem. No informe apresentado pelo professor Atilio Di Fongo, responsável pela área de matemática, consta na parte relativa a trabalhos que "se resolvieran 57 problemas de Aritmética, 19 de Algebra y algunos de Geometria. Los alumnos hicieron 184 composiciones, que repartidos en los 29 días de trabajo, dan un promedio de 7 composiciones por día. Este promedio dice que 50% de los asistentes asiduos presenta trabajos". Também assinala que, embora tenha havido 45 alunos inscritos, só 14 tiveram frequência regular, o restante comparecendo intermitentemente. (Sociedad Luz, "Memoria correspondiente al año 1916", Buenos Aires, La Vanguardia, 1917, p. 12.)

Por sua vez, o programa do professor Miguel Piedrabuena, docente do curso de linguagem e leituras clássicas, incorporava Homero, Cervantes, Victor Hugo, Zola, Guerra Junqueiro, Eça de Queirós, Edgar. A. Poe, Octave Mirbeau, Rubén Darío y José Hernandez -- uma amostra exemplar da difusão literária desejada para os setores populares.

em suas funções tradicionais apareceram, geralmente, através dos cursos de corte e costura. A rigor, não se pode sustentar que tais cursos tenham tido continuidade; foram oferecidos em algumas ocasiões, como em 1918, porém estabeleceram-se mais firmemente em anos posteriores. Tenho a firme impressão de que a preocupação com a condição feminina centralizou-se na difusão da problemática higienista, em especial nos tópicos diretamente relacionados à puericultura. Um substantivo curso na matéria foi oferecido pelo Dr. Rogelio D'Ovidio em 1915. As doenças sexualmente transmissíveis vinculavam-se de maneira direta à prostituição, e não faltou o concurso da Dra. Paulina Luisi, conhecida partidária da abolição das leis que regulamentavam os prostíbulos -- a exemplo de Angel M. Giménez³⁶ --, alertando sobre as condições que levavam ao exercício da prostituição. Das 23 excursões educativas realizadas pela entidade em 1918, não deixa de ser significativa a visita à maternidade do Hospital Ramos Mejía, que incluiu palestra do Dr. Widakowich sobre embriologia e do Dr. Palacios Costa sobre a importância das maternidades, bem como a ida à exposição "Semana do Bebê", organizada pelo Clube de Mães, instituição com a qual sempre houve laços de reciprocidade.

Antes de resenhar a segunda fase da entidade, não posso deixar de sublinhar o significado que teve a incorporação de disciplinas novas, absorvidas muito cedo pelo seu projeto educativo. Até onde pude investigar, foi pioneira em matéria de cursos de psicologia, pioneirismo que sem dúvida dividiu com a outra grande agência de

36. Cf. Donna Gay, *Sex & danger in Buenos Aires. Prostitution, family, and nation in Argentina*, Lincoln, University of Nebraska Press, 1991.

cultura em mãos do socialismo, o Ateneu Popular, o qual pouco depois introduziu essa área do conhecimento que tanto devia a figuras identificadas com o ideário. José Ingenieros -- como se verá no capítulo correspondente -- foi um protagonista crucial para o surgimento da "psicologia científica" na Argentina, sendo nisto acompanhado por um grupo de profissionais que também simpatizava com o socialismo³⁷.

Durante os anos 1920, a sociedade argentina -- onde haviam repercutido os acontecimentos da Revolução Russa, cuja influência na Semana Trágica de 1919 não se pode descartar -- atravessou uma fase de significativas mudanças sociais e culturais. O socialismo acompanhou essas mudanças agudizando seu perfil de intérprete dos novos consumidores que melhoravam suas expectativas, reclamavam equidade e rechaçavam visceralmente os governos da União Cívica Radical. A oposição ao radicalismo, tanto "antipersonalista" (Alvear) como "personalista" (Yrigoyen), fundava-se na certeza de que não havia maiores virtudes republicanas nas fórmulas de governo dos radicais, caracterizadas como demagógicas e de um estilo grosseiramente clientelista que mal disfarçava suas diferenças com os conservadores. Entre as novas circunstâncias vividas pelo socialismo, houve um certo *aggiornamento* de fórmulas político-culturais, em consonância com a "modernidade"³⁸.

A Sociedade Luz constitui um exemplo que em boa medida permite apreciar as transformações. Alguns fatos não têm um significado

37. Remeto a Hugo Vezzetti, *El nacimiento de la psicología en Argentina*, Buenos Aires, Puntosur, 1988.

38. Ocupei-me dessas mudanças em *Cultura, educación y trabajadores. 1890-1930*, cit.

espetacular, mas já informam sobre a nova fase, a começar pela circunstância de que, graças a uma parte do legado deixado por Chopitea³⁹, a entidade pôde inaugurar a sede própria na rua Suárez 1313, na fronteira dos bairros de La Boca e Barracas. Em outubro de 1921 abriram-se as portas da casa, cuja localização não deixa de surpreender, em "un punto estratégico, situado en un barrio eminentemente popular y obrero... Numerosas fábricas pueblan ese barrio... todas activas, llenas de obreros y obreras", como dizia a importante crônica que "La Vanguardia" destinou ao acontecimento no dia 3 de outubro. Embora as obras só tenham sido totalmente concluídas em meados da década, o fato é que o capital social da associação alcançou um notório incremento. E, acima da tudo, o prestígio adquirido durante os anos anteriores apresentava-a como uma das mais confiáveis iniciativas em matéria de "universidade popular"⁴⁰.

Uma das mudanças mais notáveis de sua programação durante a década foi uma nítida orientação rumo à capacitação prática,

39. Do "fundo Chopitea" a instituição utilizou \$mn15.000,00, aos quais se somaram os seguintes ingressos:

- Por coleta popular <i>ad hoc</i>	\$mn 12.157,29
- Venda de publicações	\$mn 607,05
- Venda de selos <i>pro casa</i>	\$mn 270,50
- Aluguéis	\$mn 182,90
- Venda de cabanas de madeira	\$mn 820,00
- Festivais	\$mn 270,50
- Juros de capital	\$mn 492,00

No total, arrecadou-se \$mn29.802,00, segundo "La Vanguardia", 2/outubro/1920. Muitos operários doaram suas jornadas, como o carpinteiro Julio Merinak e trabalhadores de diversos ramos, como Bosquer, Saporiti, Varela, Larrea, Muñik, Mielta, Moroder, ou diminuíram o preço da jornada, como Luis Galle. O custo total das obras aproximou-se de \$mn45.000.

40. A testemunha J.H. -- embora de adesão anarquista -- confirmou que "la Sociedad Luz era lo más importante centro de cultura para los obreros" (Entrevista, fevereiro/1985).

abandonando em grande medida a difusão das "ciências puras", cuja hegemonia vim mostrando. O próprio discurso de Nicolás Repetto o comprova, ainda que ele o adjudicasse a uma tradição do organismo. Depois de louvar o histórico lampião a querosene, mostrando-o como uma "reacción a la enseñanza verbalista", sustentou ele no ato de inauguração da nova sede:

"La enseñanza persigue un fin principal: exclusivamente técnico. A eso respondió la incorporación del dibujo, de la mecánica, del corte y confección, de los idiomas, de la dactilografía y de la enseñanza de ciertas ramas de la química y la física aplicadas"⁴¹.

Mais do que ao passado da entidade, não há dúvida de que Repetto referia-se ao compromisso com o presente. O rumo havia sido reorientado, cedendo às pressões dos novos tempos; extinguiu-se a figura do artesão e do trabalhador da manufatura, frente ao espetáculo de uma economia urbana industrial e ao desenvolvimento dos serviços e dos transportes. Numerosas famílias estavam tendo acesso à casa própria, morando em bairros que iam se tornando residenciais à medida que passavam os anos. A alfabetização maciça tornava-se uma realidade inegável: Buenos Aires apresentava o notável quadro de mais de 90% da população infantil escolarizada, e uma taxa de 75% de alfabetizados. A imigração declinou e os filhos dos imigrantes procuravam uma identidade própria.

Novos postos na indústria e no comércio foram ocupados por mulheres, mas onde a oferta aumentou para elas foi nos serviços. Estes -- especialmente no setor público -- e o comércio foram

41. LV, 13/outubro/1921.

atraentes no dinâmico processo de mobilidade, e era necessário capacitar-se para ocupá-los. Dessa maneira, a Sociedade Luz encaminhou uma boa parte de seus programas para tal fim, compartilhando com numerosas agências (entre as quais sobressaíam-se as empresas comerciais) uma rede "informal" de preparação para o trabalho. Veja-se a estrutura que adquiriu a oferta de cursos entre 1924-1925:

Cursos da Sociedade Luz - Ano de 1925

Cursos	Nº de Alunos
Inglês	47
Francês	40
Contabilidade	37
Desenho Linear	37
Corte e Costura	23
Música	45
Caligrafia	s/i
Matemática	s/i
Química	s/i
Física	s/i
Gramática e Redação	s/i

Fonte: "La Vanguardia", 7/2/1925 e 12/4/1925

Revela-se muito significativa a densidade adquirida pelas matérias instrumentais destinadas aos empregos no comércio. Embora não sendo possível obter dados sobre a distribuição por sexo, parece ineludível a hipótese de que agora provavelmente a maior parte da frequência estivesse representada por mulheres. Não deixa de chamar a atenção o fato de que, ao se divulgar esse programa em fevereiro, anunciou-se expressamente "Contabilidad, para obreras". Outro indício firme foram as exposições anuais relacionadas com os cursos de "labores y corte y confección". Estamos, pois, frente à hipótese

de feminização da clientela.

De outra parte, também não se pode evitar a idéia de que em grande medida a Biblioteca prestava assistência à infância escolarizada. No já citado discurso, Repetto havia dito:

"La enseñanza técnica debe orientarse de acuerdo con la modalidad y exigências industriales del barrio, debiendo crearse también algún atractivo para deleitar y educar a la niñez de la vecindad".

Foi durante os primeiros anos da década que a ação da Asociación Bibliotecas y Recreos Infantiles tornou-se vigorosa. Iniciou-se em 1915 graças à iniciativa do grupo de mulheres do Centro Socialista Femenino, nucleadas em torno de Fenia Chertkoff, sua filha Victoria Gucovsky e María L. de Spada. A Sociedade Luz foi sede de um de seus primeiros organismos e um dos últimos a extinguir-se, quando a instituição, muito debilitada depois do falecimento de sua maior incentivadora, Fenia Chertkoff, desapareceu na década de 1930. Seu objetivo central era "sustraer a los niños de los barrios populosos de la capital, de la calle y sus peligros físicos y morales", como rezava seu estatuto, para o qual a associação garantia, sob "la dirección de una persona competente, una ocupación inteligentemente escogida por medio de libros, láminas, juguetes, juegos racionales y ejercicios físicos, cantos, paseos de estudio y labores manuales".

Enquanto as mães trabalhavam, a Associação zelava pelas crianças, completando a ação educativa da escola pública. Sua tarefa conquistou simpatias e reconhecimento por parte da população, sobretudo a realizada pela unidade da Sociedade Luz, freqüentada por

numerosas crianças. Não se pode descartar o influxo de suas atividades sobre as próprias mulheres, entre as quais se recrutava a clientela feminina das outras atividades da instituição.

O anos entre 1919 e 1925 foi próspero, período em que se estabeleceram pelo menos sete experiências distribuídas na Capital. É evidente que a unidade cuja sede se encontrava na Sociedad Luz mostrou um dinamismo peculiar, graças ao qual os poderes públicos, como a vereança de Buenos Aires, em diversas oportunidades outorgaram subsídios para seu funcionamento. Não há dúvida de que as tarefas da Asociación Bibliotecas y Recreos Infantiles reforçaram a cruzada pela educação popular na qual a Sociedad Luz se empenhava.

O número de livros que a Biblioteca possuía em 1924 rondava os 4000; o movimento entre 1923-1924 indicava que tinha havido cerca de 9000 solicitações na sala, enquanto os empréstimos a domicílio chegavam a 1800, o que mostra a expansão da leitura nesses anos.

As conferências sobre ciências naturais tornaram-se muito esporádicas. De vez em quando algum orador referia-se a tópicos dessa área; Adolfo Ghioldi abordou em setembro de 1924 a "Biología del aparato sexual de los vegetales y animales", José María de la Rúa discorreu em maio de 1925 sobre "herencia biológica", mas esses temas já não constituíam ciclos prolongados, nem representavam segmentos substantivos dos programas de difusão. Diversos oradores ofereceram palestras centradas em variados aspectos da atualidade -- a Revolução Russa foi várias vezes abordada --, não faltando quem se referisse ao Brasil, como o fez Pedro Alcántara Tocci em junho de 1925.

Entre as iniciativas diretamente conectadas com o ideário

surgiu a Escola de Cooperação em 1922. Não obstante o entusiasmo com que se iniciou o projeto, para o qual contribuíram as figuras de primeira linha do socialismo, tudo indica que a Escola só funcionou esse ano; formaram-se treze alunos, entre os quais duas mulheres.

Outra mudança notável foi a indiscutível hegemonia que passaram a ter as problemáticas higienistas: a luta contra o alcoolismo, a puericultura, as doenças de transmissão sexual e as doenças do trabalho foram matéria repetida durante os anos 1920. Contou-se com o auxílio do cinematógrafo, meio inovador nas ações pedagógicas do período. Desse modo, em 1923 -- para dar um exemplo paradigmático das orientações -- a "Higiene social y profilaxis de las enfermedades venéreas" foi abordada por Alicia Moreau, Felipe Justo (professor da cadeira de Higiene na Faculdade de Medicina da UBA) e pelo próprio Angel M. Giménez, principal gestor da obra institucional. Este último realizou 26 conferências em diversos locais, entre eles a Unión de Obreros Municipales, a Federación Gráfica Bonaerense, a Unión Obreros Sastres (alfaiates), a Asociación Obrera de Socorros Mutuos, a Federación de Sociedades Gallegas, a Asociación Cristiana de Jóvenes e diversos centros socialistas e bibliotecas de bairro.

Em agosto de 1923, "a pedido de un grupo de señoras"⁴², a entidade exibiu os filmes "Higiene sexual de la mujer" e "Cómo se sana una ciudad"⁴³. Além disso, foram distribuídos em grande número os folhetos "Enseñanza sexual", do professor Dubois. A luta contra as doenças sexualmente transmissíveis foi reforçada com as

42. LV, 24/agosto/1923.

43. O argumento desse filme referia-se à ação policial honesta, numa cidade norte-americana, que reprime a prostituição...

contribuições da Liga de Profilaxia Social, instituição liderada pelo notável higienista Emilio Coni e pelo médico eugenista Dr. Verano⁴⁴, que editou uma série de folhetos destinados a prevenir especialmente os jovens.

Em 1926, a Sociedade Luz exibiu como triunfo de seu pensamento livre o filme "Maternidad", que foi realizado pelo Hospital Rivadavia e que uma comissão de censura da prefeitura pretendeu proibir.

A campanha contra o alcoolismo tornou-se uma invariante, como já foi visto, e nos anos 20 também o cinema foi empregado para apoiá-la. Em 1926 houve uma incursão paroxística, já que se distribuíram milhares de folhetos e se puseram à disposição exemplares do romance *La hija del carbonero*, de P. V. Zasodinsky -- especialmente traduzido por Fenia Chertkoff --, cuja trama convidava a refletir sobre os estragos do vício.

Uma inovação marcante, que acusava as transformações trazidas pelo período, foi a constituição de um clube esportivo dentro da Sociedade. Foi fundado em setembro de 1924 por um grupo de alunos, a partir dos jogos de futebol, realizados provavelmente por ocasião das excursões e dos piqueniques. Não resisto a nomear o time que por algum tempo representou a entidade: Marziali, Valle, Sánchez, Muez, Freitas, Schenone, Zarini, Schiro, Gómez, Silva e Marvaldi, com alguns reservas. Certamente a iniciativa acompanhou o surgimento da Liga, orientada pelo socialismo, e também desapareceu com esta⁴⁵.

44. Cf. Donna Gay, op. cit., e Nancy L. Stepan, *The hour of Eugenics. Race, gender, and nation in Latin America*, Ithaca and London, Cornell University Press, 1991.

45. Ver D. Barrancos, *Cultura, educación y trabajadores...*, cit.

Muito típicas da nova fase foram as excursões. Elas se ampliaram em número -- a média de alguns anos foi de duas visitas mensais -- e diversificaram-se quanto aos aspectos da realidade (incluindo uma recepção a um ilustre visitante, o poeta hindu Rabindranath Tagore), mas cresceram as destinadas ao mero recreio. Ao longo desses anos, trens e lanchas especialmente contratados transportavam centenas de pessoas a Luján, ao Tigre, a Colônia (Uruguai) e a outros lugares com a única finalidade de entretenimento; ainda que não faltassem as experiências exclusivamente instrucionais, estas viram diminuir o número de freqüentadores: se em 1921 garantia-se que quinhentas pessoas haviam participado da visita ao Instituto Bacteriológico⁴⁶, mal chegaram a cem as que quiseram visitar com fins instrutivos a cidade de La Plata, no fim da década.

Mas o sinal inequívoco dos novos tempos é o famoso "paseo nocturno por el Delta... con jazz band". Eram muito concorridas, essas excursões noturnas pelo delta do Paraná. Isto se coadunava com o aumento do tempo livre, a busca de prazer, os novos sentimentos de desfrute que escapavam à severidade normativa, aos compromissos ideológicos. As "vistas cinematográficas" que eram passadas no amplo salão da entidade com fins recreativos também falam claramente de tais transformações⁴⁷.

46. LV, 27/julho/1921.

47. Entre esses filmes encontram-se: "Abra los ojos" (1923), "En el corazón del Africa", "El sueño de Maruja", "Un viaje a la selva de Misiones", "José Martín a tiro limpio" (1925). A empresa Cultural Film Ralnay y Cia. fazia empréstimos; dessa maneira puderam ser vistos "Pagodas budistas en Burma", "La industria del gusano de seda", "El volcán de Kilamka" e outras também relacionadas com a Índia, Itália e outros países. Também foram conseguidos filmes por empréstimos de empresas, como Ford, Casa Escasany e Saint Hermanos.

Se o início da década ainda expressava boa parte das tensões sociais com as quais sem dúvida a entidade se identificou -- em 1921 o protesto dos pequenos produtores rurais levou-os em manifestação ao centro da cidade, fazendo parte do percurso uma visita à Sociedade Luz, como homenagem às forças amigas --, os anos transcorreram com menos inquietação. Entre as novas cruzadas empreendidas pela entidade esteve a campanha a favor da cremação de cadáveres -- o secularismo ferrenho e a devoção higienista de Giménez o levaram a incorporar-se à Asociación Argentina de Cremación --, cujo clímax foi um grande ato público em novembro de 1926; a campanha originou visitas ao próprio crematório municipal⁴⁸.

A instituição esteve presente na agitação a favor de Sacco e Vanzetti. Outra mobilização que protagonizou na década vinculava-se diretamente, sem sombra de dúvida, ao conteúdo "cientista" que outrora presidira a instituição. Em 1926 o professor Scopes, de Dayton (EUA), sofreu sanções por ter ministrado aulas sobre a evolução. A Sociedade Luz não vacilou em desencadear uma vigorosa campanha destinada a denunciar tamanho obscurantismo e atraso, atraindo um bom número de indivíduos e organizações para a defesa da liberdade de idéias e da própria ciência. Como se pode ver, se ocorrera uma inflexão na curva do antigo compromisso com a divulgação das ciências naturais, o espírito desta notável "universidade popular" -- cujo porte se pode avaliar pelo simples

48. A crônica da visita ao Templo Crematório do Cemitério da Chacarita em outubro de 1922 registra que "más de 500 personas" participaram do programa. Na oportunidade, Giménez fez um discurso, destacando que "grandes maestros argentinos como Penna y Zubiaur" haviam ordenado sua cremação. Aludia assim a um conhecido médico, o primeiro, e a uma figura de prestígio da educação pública, o segundo (LV, 29/outubro/1922).

fato de ter editado cerca de 140 títulos e mais de um milhão de exemplares de folhetos e opúsculos até 1930 -- mantinha irrevogável sua fidelidade à doutrina do transformismo.

Capítulo III

SOB O MANTO DO TRANSFORMISMO

Capítulo III

Sob o manto do transformismo

No es posible ver estas olas sin adquirir el pleno convencimiento de que, aun cuando se construyese una isla de rocas más duras. (...) acabaría por sucumbir ante tan irresistible presión. Sin embargo, estos insignificantes islotes de coral resisten y cantan victoria: y es que otra potencia viene en auxilio suyo en el combate. Las fuerzas orgánicas roban a las espumosas olas, uno a uno, los átomos de carbonatos de sal y los absorben para transformarlos en una construcción simétrica. Rómpalas la tempestad, si quiere, en mil fragmentos, qué importa! Qué significará ese desgarramiento pasajero comparado con el trabajo de miles de millones de arquitectos siempre activos, noche y día, años, siglos!

C. Darwin, *Viaje de un naturalista*

Ay de los ilusos que suponen al mundo quieto porque no tienen ganas de andar!

Juan B. Justo, *Teoría y práctica de la historia*

Por diversas razões, Georges Canguilhem assinala a fecundidade irruptora de Darwin no cenário das ciências da vida. Uma delas -- e não a menor -- baseia-se na apreciação de Henri Daudin, que em 1926 dedicou-se a historiar as doutrinas contrapostas de Cuvier (cujo pensamento afirmava o fixismo definitivo das espécies) e Lamarck (que sustentava a evolução):

"(...) La nouveauté est (...) le fruit" -- diz Canguilhem -- "de méthodes d'étude radicalement différentes de celles qui avaient été en usage et presque la règle au XVIIIe. siècle et dans les trente premières années du XIXe. siècle. Jusqu'alors, le zoologiste observateur, l'explorateur, s'était trouvé subordonné au savant de Muséum ou d'Académie..."¹

1. G. Canguilhem, "Charles Darwin. I - Les concepts de 'lutte pour l'existence' et de 'sélection naturelle' en 1858: Charles Darwin et Alfred Russel Wallace", em *Études d'histoire et de philosophie des sciences*, Paris, J. Vrin, 1970, p. 103.

Dessa maneira, uma das grandes rupturas forjadas por Darwin é, antes de tudo, a penetrante observação da vida ali onde ela transcorre², prática que nem todos os naturalistas de seu tempo realizavam. Extrair a epígrafe do seu diário de viagem repõe, pois, um reconhecimento ao dispositivo do método e a uma de suas mais originais produções, a começar pelo fato de essa narrativa se encontrar -- ainda -- despojada de "darwinismo". Suas admiráveis impressões a respeito da pertinaz resistência dos mínimos corais, capazes de triunfar sobre a toda-poderosa força das ondas nas ilhas Galápagos, poderia dar lições sobre os longos encadeamentos da "seleção natural": não foram os seres maiores nem os mais fortes os que conseguiram impor-se, mas indivíduos de espécies que por variadas, erráticas e não por determinadas circunstâncias finalmente se arranjaram na "luta pela vida", ao preço, é claro, de profundas transformações. Seguindo Yvette Conry, conclui-se que existe um Darwin científico, não "darwinista", o notável redator de *El origen de las especies*³ e também, em boa medida, de *Viaje de un naturalista alrededor del mundo*⁴, e outro que cede ao impulso

2. A atenção de Darwin à natureza e a obsessão investigativa marcaram-no desde a infância. Para isso muito contribuiu o ambiente familiar, caracterizado pelo refinamento intelectual, pela racionalidade e pela religiosidade, abrigando hibridamente posições teístas e agnósticas. Ver C. Darwin, *Memorias y epistolario íntimo*, Buenos Aires, Elevación, 1946. Cf. Robert J. Richards, *Darwin and the emergency of evolutionary theories of mind and behavior*, Chicago, The University of Chicago Press, 1987.

3. Sirvo-me da edição *Origen de las especies por medio de la selección natural o conservación de las razas en su lucha por la existencia*, traduzida por A. López White, Valencia, Prometeo, s/d (provavelmente do início da década de 1920), 3 tomos.

4. C. Darwin, *Viaje de un naturalista alrededor del mundo*, 2 tomos, Madrid, La España Moderna, 1899. (Provavelmente trata-se da primeira edição em língua espanhola.)

ideológico, à marca das identidades sociais e às coerções da época⁵. Este último Darwin inaugura o "darwinismo" com a chancela maior de *El origen del hombre*⁶.

"Entendons... que, de *L'origine des espèces* à *La descendance*, se joue le glissement, dans l'oeuvre elle-même, de Darwin au darwinisme, d'une théorie scientifique à un investissement idéologique..."⁷

A análise de uma das maiores especialistas francesas do pai do moderno evolucionismo, ao comparar as estruturas de sua produção pondo em foco os avatares antropomórficos de *El origen del hombre* e *La lucha por la existencia*⁸ (obra na qual desenvolve as concepções sobre "seleção sexual"), conclui que tais pesquisas -- raquíticas em matéria de provas -- são tributárias de "l'idéologie du progrès que le siècle secrète économiquement et culturellement, à l'évidence au bénéfice de l'Occident"⁹. Dessas divulgadíssimas obras de Darwin -- talvez as mais popularizadas e certamente as que mais contribuíram para as inflexões definitivas da manifestação do transformismo na Argentina --, Conry, a rigor, ainda resgata outro

5. Um "internalista" da ciência, Erik Nordenskiöld, em *The history of biology* (1936), afirma: "From the beginning Darwin's theory was an obvious ally to the liberalism; it was at once a means of elevating the doctrine of free competition, which had been one of the most vital conerstones of the movement of progress, to the rank of a natural law, and similarly the leading principle of liberalism, progress, was confirmed by the new theory..." Apud Robert Richards, op. cit., p. 12-13.

6. C. Darwin, *El origen del hombre. La selección natural y la sexual*, trad. A. López White, Valencia/Madrid, Sempere y Cia., s/d. (Provavelmente editado na década de 1900.)

7. Yvette Conry, "Le statut de *La descendance de l'homme et la sélection sexuelle*", em Yvette Conry (org.), *De Darwin au darwinisme: science et idéologie*, Congrès International pour le Centenaire de la Mort de Darwin, Paris, J. Vrin, 1983, p. 167.

8. Buenos Aires/México, Maucci Hermanos, 1909.

9. Y. Conry, op. cit., p. 172.

registro:

"Authentique savoir d'une part, qui capitalise et coordonne les connaissances acquises et admises de cette seconde moitié du XIXe. siècle: une embryologie expérimentale qui a commencé à s'instruire à la théorie cellulaire, une anatomie comparée, (...) une physiologie qui s'essaie à l'exploration du système nerveux, une pathologie qui tente de conjuguer la clinique bernardienne et la bactériologie pastoriennne, une histoire naturelle (...) une doctrine de l'hérédité"¹⁰.

Esse resumo explora os acertos genuínos do pensamento de Darwin, que conceitualmente rompe com as formas anteriores de relacionar o homem com as outras espécies animais -- desde Aristóteles não faltaram comparações/assimilações¹¹, e a sociedade do século XVIII até certo ponto conviveu com uma extensa idéia sobre a "familiaridade" de todo o reino animal --, tornando propriamente científica a explosão de sua genealogia evolucionista. Mas o outro registro do texto resulta incontestável: sobressaem-se ali os traços de uma filosofia da continuidade, responsável, segundo Conry, pelo pressuposto legal universal-necessário. Fim, portanto, do sistema precursor da probabilidade, da variação, da divergência, do relativismo ecológico. Emergência de uma idéia de progresso ligada à de superioridade -- de algumas raças, nações e classes, em virtude de uma lei universal da evolução --, de agora em diante a "seleção natural" se vulgarizará como um paraconceito e não mais como um "recapitulador" -- afirma Canguilhem -- originalmente dotado para expressar o incerto exercício de uma complicada mudança biológica que, na verdade, não tem destino. E o

10. Id., *ibid.*, p. 176.

11. Kenneth Bock, *Natureza humana e história: uma réplica à sociobiologia*, Rio, Zahar, 1982.

mais notável é que Darwin partirá para a busca "regressiva" de Lamarck, de quem tantas reticências o separavam: o transformismo, e em boa medida o grande terremoto que ele instituiu, penetrando nos mais diversos círculos a partir do aparecimento de *El origen de las especies* em 1859, se deslocará da "seleção natural" para o mecanismo da "hereditariedade dos caracteres adquiridos".

As histórias da ciência são concordes em mostrar que na França, na Espanha, na Itália e nos Estados Unidos, nas décadas finais do século XIX¹², não se abriu propriamente um caminho a Darwin, mas ao darwin-lamarckismo, uma das principais formas que adquiriu o evolucionismo.

No caso da França, a própria escola historiográfica que assumiu com Georges Canguilhem -- em boa medida graças às concepções da epistemologia de Gaston Bachelard -- um rumo original, essencialmente atento ao processo "interno" da formação histórica de conceitos -- retirando qualquer contaminação devida ao "air des temps", às "influências" e às "idéias precursoras"¹³ --, não negligenciou o jogo do "exterior", que condiciona, se não os

12. Cf. S. L. Mason, *História da ciência*, Rio, Globo, 1964; Garland Allen, *La ciencia de la vida en el siglo XX*, México, FCE, 1983; William Coleman, *La biología en el siglo XIX*, México, FCE, 1981; René Taton (org.), *História geral das ciências*, v. 3, "O século XIX", S. Paulo, Difusão Européia, 1967; Peter Bowler, *El eclipse del darwinismo*, Barcelona, Labor, 1985; Ludovico Geymonat, *Historia del pensamiento filosófico y científico*, Barcelona, Anil Filosofía, 1984; David Knight, *The age of science. The scientific world-view in the nineteenth century*, Oxford, Basil Blackwell, 1986..

13. Diz G. Canguilhem: "L'air du temps c'est un concept pré-scientifique de l'histoire des sciences (...). Par contre il existe une autre façon d'écrire l'histoire des sciences que celle que se force de rétablir une continuité latente des progrès de l'esprit, c'est celle qui cherche à prendre saisissable et saisissante la nouveauté d'une situation, les pouvoirs de rupture d'une invention", em "C. Darwin...", op. cit., p. 101.

conceitos, o lugar do pesquisador e os canais de difusão de suas produções. Assim é que uma razão apontada por seus seguidores não ignorou o chauvinismo como impulso que orienta a biologia francesa na direção de Lamarck, especialmente depois de 1871¹⁴; mas a extensa recuperação dos mecanismos da hereditariedade como explicação principal do processo evolutivo (fazendo com que o neolamarckismo ganhasse uma vasta adesão, através de diversas apropriações em tantas áreas), sem negar o cultivo nacionalista francês, solicita certamente outro tipo de explicações.

A Alemanha parece ter sido uma singular exceção, mas, bem observada, a primeira captação de Darwin -- cujo sistema contribuiu para fortalecer e reposicionar as idéias liberais e radicalizadas nos meios intelectuais e científicos -- teve a ver com uma parcela da "visão do mundo da Filosofia da Natureza", a qual, reagindo ao ditado vitalista-teleológico conservador, encontrou um modo peculiar de entender o transformismo, adotando também o próprio Lamarck.

O grande sintetizador alemão foi o biólogo Ernest Haeckel¹⁵,

14. Ver Y. Conry, *L'introduction du darwinisme en France au XIXème. siècle*, Paris, J. Vrin, 1974.

15. Ernest Haeckel nasceu em Postdam em 16 de fevereiro de 1834. Realizou estudos universitários em Berlim, Viena e Wurzburg, onde foi aluno de importantes pesquisadores como Kölliker e Virchow. O desenvolvimento crucial de suas idéias tem a ver com seus vínculos acadêmicos com o zoólogo Johannes Müller, do qual foi aluno, e com o biólogo Carlos Gegenbaur, que estimulou sua carreira acadêmica. Em 1865 Haeckel ocupou na Universidade de Iena a cátedra de zoologia, especialmente criada para ele. Dirigiu também o Instituto Zoológico dessa cidade. Haeckel estava no grupo dos liberais radicalizados que se inclinava pelas mudanças políticas alemãs, no sentido de não dar lugar a alianças com os *junkers*. Também participava do núcleo de especialistas que muito cedo (por volta de 1860) aderiu às teses de Darwin, tornando-se um dos mais importantes aplicadores e divulgadores de suas teses evolucionistas, das quais sem dúvida extraiu substanciais reforços

cujo prestígio e influência -- em grande medida devidos às suas posições filosóficas e à energia que imprimiu à sua prolífica obra -- colocam-no numa situação peculiar dentro da "mentalidade" transformista dos fins do século XIX e princípios do XX. Poder-se-ia dizer que a passagem "darwinista" de Darwin, mediante o recurso à adoção lamarckiana e à propagação desta "espécie", reconhece um artifice central na figura de Haeckel.

A Argentina não esteve alheia à vertente transformista que miscigenou a teoria da seleção natural de Darwin-Wallace¹⁶ com a

para seus princípios filosóficos e políticos. A controvérsia suscitada nos meios acadêmicos da Alemanha pelas idéias da evolução darwiniana significou uma oposição tenaz por parte de naturalistas e biólogos mais velhos -- e em grande medida guidados pelo espírito do "vitalismo" da Filosofia da Natureza --, como von Baer, o próprio Kölliker (ambos embriologistas de renome), Braun e Leydig (botânico e zoólogo respectivamente). Entre os mais jovens, como o notável teórico da célula Schleiden e o próprio Haeckel, a defesa das análises de Darwin ganhou o caráter de uma luta pela busca de aliados, entre os quais, no começo, encontrava-se o próprio Virchow. Mas, na década de 1870, Virchow -- liberal, e desde o princípio com certas inclinações para o socialismo -- decidiu colocar-se definitivamente no campo oposto, algo que sem dúvida afetou Haeckel.

Além de zoologia, Haeckel estudou medicina, filosofia e psicologia. Seus trabalhos escritos são numerosos, pois foi um notável divulgador; entre os mais importantes, encontram-se: "Morfología general" (1866) -- aí já explicita plenamente a adesão ao *corpus* explicativo de Darwin --, "Radiolaria" (1862)-(1887), "Monera" (1870), "Calcareous Sponges" (1872), "Siphonophora" (1869), "Historia de la creación de los seres organizados según las leyes naturales", "Las maravillas de la vida", "Los enigmas del Universo", "El origen de la vida", "El origen del hombre" (1898), "Ensayos de psicología celular", "Die Systematische Philogenie" (1894), "Anthropogenie" (1874, 5. ed., 1903), "Der Kampf um den Entwickelungsgedanken" (1905), "Religión y evolución" (1905), "Kunstformen der Natur" (1904), "Aus Insulinde" (1901). Como Darwin, deixou suas impressões de viagem em "Viaje a la India" (1882; 6. ed. 1922).

Na década de 1890, surgiu por sua iniciativa a Liga Monista, que teve um curso dramático, pois, de uma vertente liberal radicalizada no começo, passou para o nacional-socialismo. Mas isso aconteceu depois da morte do notável Haeckel, ocorrida em 9 de agosto de 1919.

16. É bem conhecida a unívoca irrupção conceitual-temporal de

"hereditariedade dos caracteres adquiridos" de Lamarck, mediante a "via haeckeliana". Nas séries correlatas de conhecimento científico e expressões ideológicas, tornou-se constante a recorrência às teorias de Haeckel; assim, em boa parte da produção da biologia e ciências afins -- paleontologia, embriologia, fisiologia, psicologia, medicina --, bem como na cunhagem de teorias psicológicas e sociais, torna-se inescapável o apelo, explícito ou não, às concepções evolucionistas haeckelianas. Isso é particularmente certo em boa parte das divulgações do socialismo em matéria de "ciências naturais".

É portanto da teoria de Ernest Haeckel que me ocuparei em primeiro lugar, na medida em que percebo seu aparecimento como um virtual deslocamento do Darwin da "primeira fase" -- se cabe a expressão --, que incorpora definitivamente os conceitos de hereditariedade lamarckianos, através de uma peculiar afirmação

Darwin e de Alfred Russel Wallace: ambos apresentaram juntos a primeira comunicação na Linnean Society de Londres (1858), relacionada com seus descobrimentos sobre a variação das espécies, ainda que em seguida tenha havido diferenças. Wallace, mais adiante, não concordou com a extrapolação da conduta animal para a vida humana, e, nesse aspecto, sua resistência à "darwinização" resulta notável. Orientado para um socialismo cristão, escreveu em 1900: "A única modalidade de seleção natural que pode atuar da mesma maneira sobre as qualidades mentais, morais e físicas, deverá surgir de um sistema social que proporcione iguais oportunidades de cultura, treinamento, descanso e felicidade para cada um. Esta extensão do princípio de seleção natural tal como ele atua geralmente no reino animal, é, creio, bastante nova, e até aqui a mais importante das novas idéias com que tenho contribuído para a humanidade" (em *Studies, Scientific & Social*, 2 v., London, Macmillan; apud S.L. Mason, op. cit., p. 345).

Wallace finalmente aderiu a um caminho "espiritualista", circunstância que levou Engels a escrever *Las ciencias naturales en el mundo de los espíritus*, no qual comenta um saboroso anedotário sobre seu "naivismo" em matéria de "espíritos", algo que lhe parecia absurdo em se tratando de um cientista proeminente. Ver F. Engels, *Dialéctica de la naturaleza*, Méjico, Cartago, 1983, p. 49-57.

filosófica de amplos efeitos. Essa vertente -- positivista, de acordo, mas com um severo arranjo da perspectiva -- não mereceu atenção suficiente nas análises do período na Argentina, não obstante o grande significado que lhe pode ser atribuído para se compreender a irradiação de ciências para os trabalhadores nos meios socialistas.

Em segundo lugar, esboçarei algumas contribuições devidas a Ludwig Büchner e Thomas Huxley, em grande medida aliados da óptica de Haeckel. Seus aportes são menos visíveis no conjunto da difusão dos socialistas argentinos, mas a idéia de "matéria" do primeiro e a percepção de uma evolução que deve contar com a intervenção deliberada do homem -- amenizando as indiscutíveis leis de seleção natural -- lançam alguma projeção sobre os modos de ilustrar os trabalhadores. Finalmente, será preciso ingressar no próprio domínio de Friedrich Engels, que sorveu minuciosamente as idéias haeckelianas de evolução.

O monismo de Ernest Haeckel

A teoria de Haeckel não pode ser compreendida senão no contexto de uma tradição intelectual: a Filosofia da Natureza, amplamente imposta nas áreas germânicas e nórdicas e cujos pressupostos convergiram para o estreitamento dos vínculos com o pensamento científico durante o século XVIII, ainda que seu influxo seja encontrado pelo menos nos dois séculos anteriores. Longas raízes de um modo de perceber o universo separarão -- à medida que amadurecem as interpretações racionais dos modos vinculantes do homem e da natureza -- as respostas "iluministas" de franceses,

ingleses e alemães. Seguindo Mason:

"Os filósofos alemães diferiam dos franceses em seu método de interpretar os fenômenos naturais. Os 'philosophes' franceses fizeram da máquina sua analogia fundamental, concebendo o Universo como um vasto invento mecânico, e os objetos que ele contém, como pequenos engenhos, também mecânicos. Em princípio, as faculdades do espírito humano podiam ser analisadas em termos de matéria em desenvolvimento (...).

"Os alemães eram mais introspectivos. Interessavam-se pela atividade própria do espírito humano, pela percepção interior (...) daquilo que parecia ser o livre-arbítrio, ou de algo que limitava ou contrabalançava dita liberdade. Os filósofos alemães eram da opinião que o universo estava saturado por uma atividade espiritual análoga, e assim os processos da natureza deviam ser interpretados por analogia, em comparação com o movimento interno do espírito, e não em termos de pura exterioridade da matéria em movimento"¹⁷.

Para esse historiador das ciências, a gravitação das duas grandes concepções, a mecanicista e a vitalista, fizeram um trajeto paralelo nos estudos da natureza -- algo certamente visível quando se contrapõe Descartes a Leibniz ou Goethe a Holbach.

O caminho sensualista da tradição inglesa é uma terceira variante das grandes tradições intelectuais presentes na segunda metade do século XIX. Esse empiro-sensualismo saxão esteve menos ligado a grandes concepções do que a exercícios intelectivos em torno da capacidade sensorial e, sobretudo, dirigida à resolução prática, e não especulativa, dos "mistérios do mundo".

O certo é que Haeckel abraçará uma parte do pensamento vitalista e o transformará, através do racionalismo monista de Spinoza -- adotando assim uma parte substantiva das raízes filosóficas setentrionais --, não vacilando em identificá-lo como

17. S.L. Mason, op. cit., p. 282.

"mecanicista"; e, reconhecendo a um tempo o limite e a inevitabilidade do sensualismo, celebrará o percurso fecundo do empirismo contra a metafísica especulativa, tão afeita à tradição de seu país.

O materialismo haeckeliano repousa sobre a idéia de um perpétuo movimento-força, imanente, abrangente, compreensivo, universal e racional, retirando o lugar institucional da deificação pelas formas livres, infinitas, totais da interpenetração matéria-espírito que são tributadas ao panteísmo spinosiano.

"Entre los diversos sistemas de panteísmo que la idea monista de Dios ha inspirado de una manera más o menos clara" -- nos diz Haeckel-- "el de Spinoza es mucho más perfecto que ningún otro. Sabido es que Goethe prestaba también a este sistema su adhesión y admiración más elevada"¹⁸.

As referências filosóficas centrais a Spinoza -- e as mediações goetheanas em seu duplo aspecto biológico e filosófico -- são constitutivas do pensamento de Haeckel; e o que delas se depreende para a interpretação de sua própria teoria da evolução é tão decisivo, que será necessária uma pausa -- ainda que tediosa -- na obsessiva textualidade reveladora das "afinidades eletivas" intelectuais e espirituais de nosso biólogo. Suas obras de divulgação estão permeadas de exposições que, extensa ou abreviadamente, informam o leitor sobre a genealogia de suas posições; assim, no popularíssimo *Los enigmas del Universo*, resume a propósito de materialismo e espiritualismo:

18. E. Haeckel, *Estado actual de nuestros conocimientos sobre el "Origen del Hombre", El monismo, lazo entre la Religión y la Ciencia*, trad. Enrique Díaz-Retg, 8. ed., Barcelona, Granada y Cia., s/d (provavelmente década de 1900).

"Muy frecuentemente (...) se confunden las expresiones diferentes de monismo y materialismo, así como las tendencias esencialmente distintas de materialismo teórico y práctico. Como estas y otras análogas confusiones del término tienen consecuencias muy enojosas (...) haremos todavía, a fin de evitar toda mala inteligencia, las siguientes breves observaciones:

I - Nuestro puro monismo no es idéntico al materialismo teórico que niega el espíritu y reduce el mundo a una suma de átomos muertos, ni al espiritualismo teórico (recientemente designado por Ostwald con el nombre de energético) que niega la materia y considera al mundo como una simple agrupación de energías o de fuerzas naturales inmateriales, ordenadas en el espacio.

II - Estamos más bien convencidos con Goethe de que la materia no existe jamás, no puede obrar jamás, sin el espíritu, y el espíritu jamás sin la materia. Nos atenemos firmemente al monismo puro, sin ambigüedad, de Spinoza: la materia (en tanto que es substancia indefinidamente extensa) y el espíritu, o energía (en tanto que es substancia sintiente (*sic*) y pensante), son los dos atributos fundamentales, las dos propiedades esenciales del Ser cósmico divino, que lo abraza todo, de la universal substancia"¹⁹.

Haeckel está convencido de que o edifício monístico procede de uma reinterpretação das duas leis naturais fundamentais, a da conservação da matéria (Lavoisier, 1789), segundo a qual "a soma de matéria que preenche o espaço infinito é constante", e a da conservação da força (Mayer, 1842), de acordo com a qual "a soma de forças que opera no espaço infinito e produz todos os fenômenos é constante". Ambas as leis devem subsumir-se a uma primeira e fundamental lei de unidade da substância:

"Insisto, pues, sobre (...) la importancia fundamental de una ley de substancia única, como expresión del lazo indisoluble entre estas dos leyes (...). He propuesto (...) llamarla ley de substancia o ley fundamental cosmológica; se la podría llamar ley universal, o ley de constancia y también axioma de

19. Haeckel, *Los enigmas del Universo*, trad. Cristóbal Litrán, Valencia, Sempere y Cia., s/d, p. 34. Grifo do autor.

constancia del universo; en el fondo deriva necesariamente del principio de causalidad"²⁰.

A patrística spinosiana volta a ser explícita:

"El primer pensador que introdujo en la ciencia la 'noción' de substancia, término completamente monista e que reconoció la parte fundamental de ella, fue el gran filósofo Spinoza (...). En la grandiosa concepción panteísta de Spinoza, la noción de Mundo ("universum", Cosmos) se identifica con la noción total de Dios. Esta concepción es al mismo tiempo el más puro y razonable monismo, y el más intelectual y abstracto monoteísmo"²¹.

Na sequência, o texto retoma metodicamente os componentes analíticos do filósofo, a fim de pôr em evidência que sua cosmogonia monista revela rigorosa dependência daqueles componentes:

"Esta universal substancia o este 'divino ser cósmico' nos muestra dos aspectos de su verdadera esencia, dos atributos fundamentales: la materia (la substancia-materia es infinita y extensa), y el espíritu (la substancia energía pensante y que todo lo comprende). Todas las fluctuaciones que más tarde ha experimentado la noción de substancia, proviene, por un análisis lógico, de esta suprema noción fundamental de Spinoza que yo considero, de acuerdo con Goethe, como uno de los pensamientos más elevados, más profundos y más verdaderos de todos los tiempos. Todos los diversos objetos del universo que nosotros podemos conocer, todas las formas individuales de existencia no son más que formas especiales y pasajeras de la substancia, accidentes o modos. Estos modos son objetos corporales, cuerpos materiales, cuando los consideramos bajo el atributo de la extensión (como 'llenando el espacio'); al contrario, son fuerzas o ideas cuando las consideramos bajo el atributo de pensamiento (de la energía). A esta concepción fundamental de Spinoza vuelve nuestro monismo purificado después de doscientos años; para nosotros también la materia (lo que llena el espacio) y la energía (la fuerza motriz) no son más que dos atributos inseparables de una sola y misma substancia"²².

20. Id., ibid., t. 2, p. 9. Grifo do autor.

21. Id., ibid., p. 10.

22. Id., ibid., p. 10. Grifo do autor.

A profissão de fé spinosiana é tão expressa em Haeckel, originando um materialismo tão notavelmente diferente das outras interpretações "materialistas" -- Haeckel se sente identificado com o "mecanicismo" como recusa do "vitalismo", cuja urgência teleológica recrimina --, e, por outro lado, a vulgarização evolucionista que a ele se deve é tão vigorosa, que chama atenção a quase nula consideração desse aspecto medular de sua teoria nas análises que originou.

Mais adiante, mostrarei algumas adoções do transformismo haeckeliano-darwiniano nas formulações européias socialistas destinadas ao mundo operário. É que o próprio autor assumiu um papel notável na cruzada pela ilustração popular: seus textos revelam princípios de um culto pedagógico dirigido à elevação científica das massas, princípios gestados sob o pressuposto de um didatismo que não vacila em estimular a ciência a fustigar o quadro social e político que a retarda: a era Bismarck.

O *corpus* da teoria da evolução de Haeckel busca uma coerente harmonização com seus princípios filosóficos sintetizados no monismo, conceito teórico que mobiliza toda a sua concepção científica e política. Sua popularidade dentro e fora do circuito das ciências biológicas impôs-se quando estabeleceu, em consonância com os princípios que vim demonstrando, a fascinante lei fundamental biogenética, organizada sob o princípio da recapitulação. Esse patamar científico exerceu um influxo quase "paralisante": o encanto que produzia a unicidade de todo o orgânico, a atualização do mais remoto no mais novo, a recuperação, no mais evoluído, de antigas formas genéticas, deslumbrou

cientistas e leigos, talvez até nossos dias. É que Haeckel, levado pela compreensão monística do universo, ao aprofundar o estudo das séries ontogenéticas e filogenéticas nas diversas espécies, estabeleceu a inexorável vinculação de umas e outras, resumindo-se no ser mais completo da natureza, o homem, a recapitulação dos estádios anteriores.

Dessa maneira, no embrião encontravam-se presentes os mesmos componentes do início da vida no planeta; em cada indivíduo, o que lhe era próprio (ontogênese -- derivada da formação embrionária e pós-embrionária) identificava-se com os ancestrais (filogênese). O desenvolvimento do embrião passava pelas diferentes formações essenciais evolutivas, de modo que em todas as espécies reconhecia-se um processo recapitulador biogenético, cuja química inicial, decisiva, encontrava-se no protoplasma, "substancia viva, activa, plástica de las células, o base material de la vida"²³.

"La ley fundamental biogenética" -- afirma Haeckel -- "nos enseña que la marcha de esta evolución grandiosa de la historia genealógica se verifica en pequeño en la historia embriológica de todo ser individual (...). La cytula, o 'célula del surco', procediendo del huevo fecundado, de donde nace el organismo policelular, se encuentra en relación a las diferentes generaciones de células que de ella nacen por escisión, y forma más tarde, por la división del trabajo, los diversos tejidos, precisamente en el mismo caso en que se halla la forma ancestral de una clase o de un orden de diferentes familias, géneros o especies que de esta forma deriven, y se han desarrollado diversamente en virtud de su adaptación a condiciones de existencia diferentes. El árbol genealógico celular de la ontogénesis tiene por completo la misma forma que el árbol genealógico de las especies"²⁴.

23. E. Haeckel, *El origen de la vida*, trad. Aurelio Medina, Barcelona, Feliú y Susanna, 1908, p. 111.

24. Id., *ibid.*, p. 94. Grifo do autor (menos "...en virtud de su adaptación a condiciones de existencia diferente", de minha autoria).

E acrescenta:

"El que acepte la ley fundamental biogenética, encontrará natural que el microcosmos del árbol genealógico celular de la ontogénesis represente la imagen reducida y su parte deformada del macrocosmos del árbol genealógico de las especies en el curso de su filogénesis"²⁵.

Uma apreciação geral do conjunto das posições evolucionistas de Haeckel pode ser encontrada em seu livro *Historia de la creación de los seres organizados según las leyes naturales*²⁶. Eis aqui a ordem sintética de seu pensamento²⁷:

1. Evolução paleontológica dos organismos: Aparecimento gradual e seriação histórica dos diversos grupos de espécies.
2. Evolução gradual dos organismos: A embriologia e a metaformologia dão conta da lenta formação do corpo e seus órgãos particulares. Os organismos não estão pré-formados, sendo a epigênese que opera.
3. Íntima conexão etiológica entre a ontogenia e a filogenia: Paralelismo entre a evolução individual dos organismos e a evolução paleontológica de seus antepassados (lei biogenética fundamental). "Este nudo etiológico establecido de hecho por las leyes de herencia y adaptación puede expresarse diciendo: la ontogenia reproduce a grandes rasgos el cuadro general de la filogenia, de conformidad a las leyes de la herencia y de la adaptación".
4. A anatomia comparada dos organismos: "La conformidad esencial de la estructura interna de los organismos aliados". A conformidade

25. Id., *ibid.*, p. 94.

26. Trad. Juan Carlos Robledo, Buenos Aires, Americana, 1947.

27. Ver *Historia de la creación de los seres organizados según las leyes naturales*, op. cit., p. 572-574.

interna se explica pelas leis da hereditariedade; a externa, pelas leis da adaptação (selecção natural).

5. A íntima conexão etiológica entre a anatomia comparada e a história do desenvolvimento: "El armonioso acuerdo entre las leyes del desarrollo gradual, la diferenciación y perfeccionamientos progresivos, tal como resultan de la anatomía comparada, la ontogenia y la paleontología".

6. A doutrina da ausência de finalidade ou disteologia: Por ela se nega a busca de finalidades prefixadas -- sendo o desenvolvimento apenas o movimento do estabelecido -- e portanto se denuncia o erro das "teorias dualísticas" e das "opiniões teleológicas". A verdade está na concepção "mecânica e monística do universo".

7. A classificação natural dos organismos: Ou distribuição de todas as espécies do mundo vegetal e animal; classificação em árvores dos diversos grupos levando-se em conta o parentesco morfológico a partir da base de sua consangüinidade²⁸.

8. A corologia dos organismos: "O ciencia de la distribución de las especies (...) geográfica y topográfica en la superficie de la tierra".

9. A ecologia ou distribuição e relação dos organismos com o meio ambiente: Uma de suas mais importantes contribuições conceituais de Haeckel -- com validez científica até os nossos dias. Segundo ele, trata-se de "una ciencia del conjunto de las relaciones de los organismos con el medio ambiente exterior y las condiciones orgánicas y anorgánicas de la existencia, lo que he llamado una

28. É corrente -- em todos os livros de "morfologia evolutiva" do período -- encontrar as árvores das ascendências. Isto foi notável entre os "didatas divulgadores".

economía de la naturaleza, las mutuas relaciones de todos los organismos que viven en un solo y mismo lugar, su adaptación al medio que los rodea, su transformación en la lucha para vivir (...)."

Finalmente, esse compêndio articulado de seu sistema retoma, no ponto final de um "decálogo-plataforma", o obsessivo ponto de partida:

10. A unidade do conjunto da biologia: "La conexión íntima y profunda de todos los hechos, sean los que fueren, en zoología, botánica y en protística, que se explica sencilla y naturalmente si existe un fondo común (...), que no podría ser otra cosa que la común descendencia de todos los organismos".

Já foi dito que a adoção e a sustentação das idéias de Darwin -- com quem Haeckel manteve estreita correspondência -- fez-se a um custo crescente das teses da seleção natural, ao se incorporarem de maneira central os princípios de hereditariedade, caminho aberto pelo próprio Darwin. Ao recapitular a importância decisiva que tiveram os trabalhos deste último, quando enfoca a rápida "seleção artificial" (realizada deliberadamente pelo homem) e a lentíssima "seleção natural", levando tais princípios ao campo das sociedades humanas, Haeckel escreve nesse texto:

"La historia de los pueblos, la historia universal, debe explicarse también por la selección natural... No obstante, no carece de interés el demostrar aquí que la selección natural no obra sola, sino que al contrario, la selección artificial se une a ella (...). Los espartanos nos dieran algún notable ejemplo de selección artificial (...). Todos los niños débiles, enfermizos, afectados de algún vicio corporal, eran

condenados a muerte (...). Seguramente es a esa selección artificial a la que el pueblo de Esparta debió aquel grado de fuerza viril y de ruda virtud heroica"²⁹.

Haeckel, como a quase totalidade de seus contemporâneos, que não duvidavam dos ditames da racionalidade e da ciência, explicava em termos claramente discriminatórios as características da humanidade não européia, situando-a - como era regra -- num estágio evolutivo inferior próximo à vida dos primatas. Ainda aí, é claro, operavam as leis da dinâmica evolutiva, razão pela qual considerava que os índios peles-vermelhas na América do Norte faziam um esforço próprio de sobrevivência frente a investida dos brancos, mediante uma seleção eutanásica dos recém-nascidos que eliminava os mais fracos e menos dotados. Isso lhe despertava uma espécie de admiração que inflexionava suas posições relativas à situação do homem civilizado:

"Completamente en oposición a la selección artificial de los indios y de los antiguos espartanos se hace en nuestros modernos estados militares la elección de los individuos para el reclutamiento de los ejércitos permanentes. Consideramos como una forma muy especial esa selección, y le daremos el nombre muy exacto de selección militar. Desgraciadamente en nuestra época, más que nunca, el militarismo juega el primer papel en lo que se llama civilización; lo más selecto de la fuerza y de la riqueza de los estados civilizados más prósperos, es desperdiciado para poner ese militarismo en su más alto grado de perfección. Al contrario, la educación de la juventud, la instrucción pública, es decir, las bases más sólidas de la verdadera prosperidad de los Estados y el ennoblecimiento del hombre, son descuidados y sacrificados de la manera más lamentable. Y eso ocurre en los pueblos que se precian de ser los representantes más distinguidos de la más alta cultura intelectual, que se creen la cabeza de la civilización"³⁰.

29. *Historia de la creación...*, cit., p. 138.

30. Id., *ibid.*, p. 139. Grifo do autor.

Contudo, essa maior abertura à compreensão dos elementos sociais -- algo que parecia colocar Haeckel numa situação um tanto avançada -- cedia ao peso da extrapolação universal do fenômeno natural seletivo, auxiliado pelo mecanismo da hereditariedade dos caracteres adquiridos. De fato, para Haeckel os fatores políticos da organização operavam negativamente na seleção, se se tomava o caso aberrante da militarização:

"Cuando más vigoroso, más sano, más normalmente constituido es un joven, más probabilidades tiene de ser muerto por las balas (...). Por el contrario, todos los jóvenes enfermos, débiles, afectados de vicios corporales, son desdeñados por la selección militar (...), se casan y se reproducen (...). Por este género de selección artificial (...) se explica (...) el hecho de que en nuestros estados civilizados, la debilidad del cuerpo y del carácter estén en vías de acrecentamiento"³¹.

Outro exemplo dessa "seleção artificial" era oferecido pela medicina; seus avanços sobre as doenças -- especialmente a tuberculose, a escrófula, a sífilis e as doenças mentais (estas, segundo acreditava Haeckel, "particularmente hereditárias") -- eram, paradoxalmente, a oportunidade de triunfo dos mais frágeis:

"Cuanto más los padres enfermos logren, gracias al arte del médico, prolongar largo tiempo su miserable existencia, más probabilidades tienen sus vástagos de heredar su incurable enfermedad. El número de individuos que serán atacados, gracias a esa selección médica, por el vicio hereditario paterno se acrecienta continuamente de ese modo"³².

É possível que o pensamento de Haeckel, de início mais comprometido com o liberalismo político, tendesse a posições mais

31. Id., *ibid.*, p. 140.

32. Id., *ibid.*, p. 140.

conservadoras e germanocêntricas. Richards³³ traz à colação um dos textos que assustam, pelo tanto que significam à luz dos acontecimentos que sobreviriam na Alemanha nazista:

"That which raises men so high over the animals -- including those to which they are closely related -- and that which gives their life infinite worth is culture and the higher evolution of reason that makes capable of culture. This, however, is for the most part only the property of the higher races of men; among the lower races it is only imperfectly developed -- or not at all. Natural men (e.g. indian Vedas or Australian negroes) are closer in respect of psychology to the higher vertebrates (e.g. apes, and dogs) than to highly civilized Europeans. Thus their individual Lebenswerth must be judged completely differently"³⁴.

Expressões equivalentes encontram-se na maior parte das obras de Haeckel destinadas a analisar a peculiar situação do homem na natureza e o colocam numa trilha eugenista -- derivação transformista oferecida pelo cruzamento do darwinismo de Francis Galton com as teorias de Lamarck³⁵. Mas não se deve exagerar essa orientação na interpretação que faz Haeckel dos mecanismos hereditários, mesmo quando estes pudessem garantir a continuidade

33. Robert Richards está arrolado numa corrente da "sociobiologia", que promove uma renovação da ética a partir do reconhecimento de que os instintos básicos humanos assentam-se em princípios tais como o bem-estar geral e o altruísmo. Seu já introduzido livro *Darwin and the emergency of evolutionary theories of mind and behavior* (1987) constitui um ensaio que considero, para além de minhas discrepâncias, um dos mais atualizados estudos sobre as projeções da teoria de Darwin no campo das ciências sociais e das humanidades.

34. E. Haeckel, *Die Lebenswunder: Gemeinverständliche Studien öder Biologische Philosophie*, Stuttgart, Kröner, 1904. Apud R. Richards, op. cit., p. 596.

35. No capítulo destinado à divulgação do higienismo, ocupar-me-ei de algumas manifestações eugenistas, mas adianto que só tangencialmente o propósito da Sociedade Luz aproxima-se daquelas. Sobre o eugenismo como fenômeno neolamarckiano na América Latina, ver Nancy L. Stepan, *The hour of eugenics. Race, gender, and nation in Latin America*, op. cit.

de altas ressonâncias valorativas alcançadas por uma comunidade. Afirmava ele que, uma vez ocorrido o processo de seleção-adaptação, só um mecanismo de memória podia explicar a perpetuação do adquirido: este atuava graças à química embrionária, e, portanto, o mistério da permanência e fixação do novo incorporado desvendava-se em virtude do trabalho de tal mecanismo. Como Lamarck, Haeckel pensava que as funções justificavam o órgão -- e não o contrário --, de maneira que, quando eram necessárias novas funções, os órgãos não preparados para elas tendiam a perder expressão, a atenuar-se ou a desaparecer. Como Lamarck, para quem o jogo das adaptações realizava algo que reduzia o "mecanicismo" -- a mera ação química e física dando lugar a certo impulso "voluntário" (impulso que em sua teoria ganhou o nome de "sentimento interior") --, Haeckel sentiu necessidade de uma explicação espiritualizadora da matéria. Mas não há um programa eugênico em suas reflexões -- programa que tampouco houve em Lamarck; a hereditariedade podia ser "progressista ou conservadora"³⁶, ainda que alguns de seus seguidores -- e da maneira mais brutal -- recorressem a esse expediente na década de 1920 para afirmar posições ideológicas afinadas com as dramáticas mudanças da sociedade alemã³⁷.

36. Cf. J. Roger, "Darwin, Haeckel et les Français", em Y. Conry (org.), op. cit., p. 154.

37. Cf. D. Gasman, *The scientific origins of nation-socialism: social Darwinism in Ernest Haeckel and the German Monist League*, London, MacDonald, 1971. O trabalho tende a responsabilizar diretamente Haeckel pelos cientistas que acompanharam o nazismo, mas isso significa descontextualizar sua teoria. Em todo caso, Darwin seria o mais comprometido ascendente do nazismo. Como se verá no capítulo correspondente, o fenômeno do mais duro racismo está também presente num homem da importância cultural de Ingenieros e dificilmente poderíamos responsabilizá-lo, de forma direta, pela difusão de idéias de extrema-direita na Argentina, país emblemático pela persistência histórica destas.

As idéias de Haeckel -- cujo interesse remete à vigorosa divulgação do transformismo entre os setores trabalhadores -- alcançaram, como já afirmei, notável expansão nas duas últimas décadas do século XIX e primeira do XX. Como estou longe de tentar problematizar os conceitos científicos enquanto tais -- lembro que minha intenção é penetrar no registro da divulgação de teses evolucionistas tidas como "ciência" por seus difusores --, não submeterei o sistema haeckeliano ao contraponto das teorias que o destruíram em sua maior parte, na esteira dos notáveis desenvolvimentos biológicos de nosso século. Apenas assinalarei que, do ponto de vista das asserções científicas, a contribuição de Haeckel foi destacada no que se refere ao desmoronamento das teses da pré-formação: seus trabalhos afirmaram plenamente as características epigenéticas da evolução embrionária³⁸. Também lhe devemos a criação do conceito de ecologia. E algo mais: a reiterada locução que sintetiza os erros, primeiro geocêntrico e depois antropocêntrico, do homem em relação à sua visão da natureza e do cosmos foi também originalmente enunciada por ele.

Como Haeckel, e sobretudo sua particular difusão do darwinismo, foi incorporado por certos divulgadores próximos ao marxismo em suas diversas variantes? Em primeiro lugar, seria preciso assinalar o "aluvião transformista haeckeliano" na maioria dos meios livres-pensadores, radicalizados e socialistas que estimularam a leitura de seus textos entre pelo menos 1880 e 1914. Somente em seu próprio país, a Alemanha, o aparecimento de *Los*

38. Sobre a matéria, remeto ao notável trabalho de G. Canguilhem, G. Lapassade, J. Piquemal e J. Ulmann, *Du développement à l'évolution au XIXème. siècle*, Paris, PUF, 1962.

enigmas del Universo em 1899 alcançou uma venda de quatrocentos mil exemplares... E o livro foi traduzido para numerosas línguas³⁹. É evidente que esse enorme esforço ligava-se ao duplo objetivo de orientar, no interior dos diversos desenvolvimentos da biologia, a pesquisa consoante o processo evolutivo proposto pelo autor, a partir da marca darwiniana; e, por outro lado, a idéia era promover a educação das maiorias mediante as "verdades científicas do evolucionismo", consideradas por Haeckel inteiramente opostas ao conservadorismo reinante em diversos meios intelectuais, políticos e religiosos. A controvérsia com Rudolf Virchow atingiu alta voltagem política quando este, em 1887, acusou a escola evolucionista darwiniana-haeckeliana de "produzir o próprio socialismo", razão pela qual Virchow, o antigo liberal, colocou-se à frente do movimento para impedir que a teoria da evolução das espécies pudesse ser ministrada nas escolas. A disputa invadiu diferentes ambientes, em particular o social-democrata, como era de esperar. O próprio Augusto Bebel replicou a Virchow em seu popular *La mujer y el socialismo*. Como narra Richards:

"Bebel contended that if Darwinian theory led to socialism, as Virchow claimed, then that was but an argument in favor of socialism. Bebel thought that capitalism put artificial restraints on the operation of natural selection, so that the idiot son of the factory owner had the advantage over the talented son of the factory worker. Where socialism actually put into practice, then the natural forces of progressive evolution would produce a classless society in which property would cease to exist and women would no longer suffer political and sexual subjugation. Moreover, with the dissolution of the state and the common possession of property, men would learn war no more. These were, according to Bebel, the socialist lessons of Darwinism"⁴⁰.

39. Cf. J. Roger, op. cit., p. 149.

40. R. Richards, op. cit., p. 527.

A réplica de Bebel incomodou alguns membros da Liga Monista. Tal foi o caso de Heinrich Ziegler, que não hesitou em sustentar que as diferenças entre os sexos eram "natural e evolutivamente" intransponíveis, opondo-se assim aos princípios igualitários de Bebel e concluindo que "the demand that women hold the same political and social position as men has no basis in science"⁴¹. Ziegler era discípulo do grande rival de Haeckel, o citólogo August Weismann -- cujos trabalhos avançaram contrariando as idéias daquele, ao sustentar que não ocorria a hereditariedade dos caracteres adquiridos.

De todo modo, as posições de Haeckel não eram absolutamente pró-socialistas (e tampouco avançaram em relação às idéias darwinianas sobre a condição feminina), mesmo se expressivamente fortes e agressivas contra a Igreja Católica.

"Lo peor" -- dizia ele -- "es ver al Estado en un país civilizado arrojarse en brazos de la Iglesia, esa enemiga de la civilización (...). Hoy, al final del siglo XIX! los destinos de la nación alemana, entre las manos del Centro ultramontano, dirigidos por el papismo romano, que es su más encarnizado y su más peligroso enemigo"⁴².

Uma das réplicas de maior trânsito à reação anti-socialista de Haeckel e seu colega Oscar Schmidt ao destino "natural" da evolução foi o arrazoado de Enrique Ferri, figura bem conhecida por sua contribuição à escola do positivismo criminológico e pela adesão ao socialismo. Em seu *Socialismo y ciencia positiva (Darwin - Spencer*

41. H. Ziegler, *Die Naturwissenschaft und die Socialdemokratische Theorie*, Stuttgart, Enke, 1893, apud R. Richards, op. cit., p. 527.

42. E. Haeckel, *Los enigmas del Universo*, op. cit., p. 19.

- Marx)⁴³, rebate as posições de Haeckel, que, ao contestar Virchow, afirmara ser o socialismo incompatível com as idéias da evolução, sustentando uma "quimérica igualdade", o que estava em contradição absoluta com "la necesaria desigualdad de hecho que en todas partes existe en los individuos".

"La gran diferencia enseña" -- dizia Haeckel na resposta a Virchow -- "que tanto en la teoría general de la evolución, cuanto en su parte biológica o teoría de la herencia, la variedad de los fenómenos surge de una unidad originaria, la diferencia de las funciones de una identidad primitiva, la complejidad de lo organismo de una sencillez primordial. Las condiciones de existencia son, desde el ingreso a la vida, desiguales para todos los individuos"⁴⁴.

Acrescentava em seguida:

"Cuanto más desarrollada está la vida social, más importancia adquiere el gran principio de la división del trabajo (...), y puesto que el trabajo debe ser realizado por los individuos así como el consumo de fuerza, de ingenio, de medios, etc. que demanda, difieren en el más alto grado, es natural también que la recompensa de ese trabajo sea proporcionalmente desigual"⁴⁵.

O argumento de Haeckel arrematava:

"Si se quiere atribuir tendencias políticas a esta doctrina inglesa -- lo que es lícito -- esas tendencias no podrían ser sino aristocráticas, nunca democráticas y menos socialistas (...). La cruel y despiadada lucha por la vida (...) es eterna e inexorable competencia de todo cuanto vive (...). Sólo el

43. Valho-me da tradução realizada por Roberto J. Payró -- conhecido literato argentino e de notória militância socialista nesse momento -- editada em Buenos Aires pelo Establecimiento Lito-Gráfico Gallarini, 1904, e da qual foram publicados (segundo reza a própria capa do texto) cinco mil exemplares. A primeira edição do livro de Ferri apareceu na Itália em 1894 e sua origem foi uma conferência do autor na sequência do Primeiro de Maio desse ano.

44. Haeckel citado por Ferri, *Socialismo y ciencia positiva (Darwin-Spencer-Marx)*, op. cit., p. 6.

45. Id., *ibid*, p. 6.

número escaso de los electos, de los más aptos está en condiciones de sostener victoriosamente esa competencia; la gran mayoría de los competidores desgraciados debe perecer necesariamente"⁴⁶.

A defesa de Haeckel sugere numerosas leituras, a começar pelo fato de que, não obstante negar a "fatalidade socialista" do rumo evolutivo, não deixava de expressar palavras denunciativas cujo sentido só se pode alcançar a partir do duro contexto social ("cruel y despiadada lucha", "competidores desgraciados"). Ferri fez a interpretação a seu modo, respondendo às três questões essenciais que julgava terem sido colocadas por Haeckel. Assim, uma parte do texto destinou-se a responder ao problema da "igualdade dos homens", ao dos "vencidos na luta pela vida" e ao da "sobrevivência dos mais aptos".

Ferri sustentava que "os homens são desiguais, mas são homens" e que o socialismo prometia a lei da evolução, a sentença de Benoit Malon:

- "1. Que todos los hombres como tales, tengan aseguradas las condiciones de existencia humana.
2. (...) Que los hombres sean iguales en el punto de partida de la lucha por la existencia"⁴⁷.

Com relação ao segundo tópico, para Ferri não havia dúvidas de que por excesso de adaptação triunfavam na vida os indivíduos provavelmente mais abjetos, sendo numerosos os vencidos. Não lhe escapava que os espíritos individualistas e conservadores apoiavam-se na lei darwiniana para justificar a competição social e atacar o socialismo. Mas argumentava:

46. Id., *ibid.*, p. 6 e 7.

47. E. Ferri, *op. cit.*, p. 11. Grifo do original.

"Es evidente que la proporción de los vencedores en la 'lucha por la vida' aumenta cada vez más sobre el total de nacidos, según se pasa de los vegetales a los animales, de los animales a los hombres, y según se vaya de la especie o variedad inferior a las razas o variedades superiores (...). Sería pues un error suponer, sin más razón, el socialismo a la ley darwiniana de la selección natural, tal como se manifiesta en las formas primitivas de la vida sin tener en cuenta su continua atenuación al pasar de los vegetales a los animales, de los animales a los hombres, y en la misma humanidad, de las razas primitivas a las razas más adelantadas"⁴⁸.

Em suma, para Ferri havia uma tendência evidente à diminuição da brecha entre nascidos e sobreviventes, acreditando ele que a própria "luta pela vida" mudava de significado e se atenuava em suas modalidades "en cada fase sucesiva de la evolución biológica y social", e que posteriormente se desenvolveria "en formas cada vez menos brutales y más humanas o intelectuales, y por ideales cada vez más elevados"⁴⁹.

Finalmente, Ferri rebatia Haeckel no que se referia à sobrevivência dos mais aptos, não obstante achar as idéias do autor alemão "exactas en sus términos técnicamente biológicos y darwinianos", assinalando porém a base de aplicação "en el campo social, contra el socialismo". Uma longa argumentação que transitava por concepções marxianas -- "cada ciclo de evolución lleva consigo los gérmenes del correspondiente ciclo de disolución" --, spencerianas, vinculadas à idéia de "selección al revés" via condicionantes superorgânicos, e ainda com traços eugênicos à maneira de Nordeau e autores libertários como Kropotkin, incluía parágrafos como este:

48. Id., *ibid.*, p. 17.

49. Id., *ibid.*, p. 22.

"Es sabido, en efecto, como se ha viciado la selección natural en la humanidad civil, con el concurso de la selección militar, matrimonial y sobre todo, económica (...). En efecto, la ley darwiniana no es la supervivencia de los mejores; es solamente la de los más aptos"⁵⁰.

A diatribe de Ferri contra Haeckel não deixava de ser paradoxal, uma vez que Virchow, que via negativamente a ameaça socialista da evolução, adotando atitudes francamente reacionárias, era positivizado no texto de Haeckel justamente por sua profecia.

Em 1905, por ocasião de uma conferência na qual uma vez mais explicava quão longe estava sua doutrina da "religião confesional", Haeckel lamentava a crucial separação de Virchow e sua improcedente confusão em torno de evolucionismo-socialismo⁵¹. Mas, se guardava distância do último termo, não chegava a adotar uma oposição em termos agressivos.

O fato de as teorias de Haeckel expressarem uma explicação racional e científica da evolução, material-espiritual -- mais "completa" que a do próprio Darwin -- e de ele se identificar como um livre-pensador que denunciava sobre a má organização dos estados, além de sua diatribe antipapista, encontra-se na base da explicação de sua adoção por parte de adeptos do socialismo que se inspiraram em sua obra, ainda que os verdadeiros leitores (os de "primeira mão") fossem uma seleta minoria. Stuart Macintyre, comparando a situação e o interesse formativo dos didatas socialistas na Grã-Bretanha e na Alemanha, conclui que "only a

50. Id., *ibid.*, p. 25 e 26. Grifo do original.

51. E. Haeckel, *Religião e evolução*, trad. Domingo Ramos, Lisboa, Livr. Chardon/Lello e Irmão, 1919.

distint minority were interested in philosophy, history, and the social and natural sciences (...)", e que havia, além da popularidade do já citado livro de Bebel,

"a widespread interest in natural history and social Darwinism of a similar evolutionary tenor: besides Darwin's *Origin of Species* and Aveling's popularisation of the master, they read Haeckel, Büchner, Hesse and other German books of biology and natural history".

A análise de Macintyre conclui que nos meios operários

"in both countries in the early twentieth century there was a reasonably well-defined minority of serious readers, and the both cases they read for understanding of social development based on nineteenth-century evolutionary and positiviste doctrine".

A referência a E. Aveling, o controvertido genro de Marx, é inescapável, uma vez que se vinculou a Darwin -- pelo menos epistolarmente --, pois continuava reconhecendo-o como uma fonte essencial na estrutura do pensamento materialista. Seu livro *The Student's Darwin* popularizou-se notavelmente nos meios operários⁵².

Mas a direta influência haeckeliana foi evidente em Joseph Dietzgen, o conhecido líder de origem alemã residente na Grã-Bretanha, de grande ascendência junto aos trabalhadores ingleses, particularmente os mineiros do sul de Gales. As posições de Dietzgen tiveram muita popularidade entre os "autodidatas" sociais

52. Dominique Lecourt sustenta que Aveling é o responsável pela falsa versão em torno da intenção de Marx de dedicar-lhe *El capital*. O intercâmbio epistolar sobre o prólogo de um texto solicitado por aquele a Darwin refere-se ao próprio texto de Aveling, *The student's Darwin*, surgido em 1881. Aveling apresentou as relações científicas e pessoais de ambos em seu "Charles Darwin and Karl Marx", em "New Century Review", n. 1 (mar.-abr. 1897), deformando os fatos. D. Lecourt, "Marx au crible de Darwin", em Y. Conry (org.), op. cit.

britânicos nas últimas décadas do século, graças sobretudo ao seu *The Positive Outcome of Philosophy*. Macintyre analisa assim seu pensamento:

"Dietzgen (...) claimed to reconcile idealism and materialism in a monist philosophy which bore a close similarity to the monism of Haeckel and other nineteenth-century materialists. Furthermore, as Dietzgen's initial antagonism to Hegel weakened, this monist philosophy came increasingly to rely on the Hegelian dialectic for its methodes; it 'absorbed the Idea... and overcame the antagonism between the mechanical and the spiritual view of life'. The dialectic came to serve as the principle of unity in his monist philosophy for its mediated contradictions which arose from this antagonism..."⁵³.

Para Macintyre, a fluida aceitação das teses materialistas através do prisma do monismo encontrava uma explicação no fato de alimentar a concepção "materialista popular". Idéias, instituições e sentimentos populares espontaneamente adquiridos se viam reforçados por uma expressa autorização; assim,

"the worker who believed that the whole of human activity was determined by material forces needed some further doctrine to account for change and development. If social classes, the form of government, even men's thoughts, were all determined by the prevailing method of production, how did mankind progress from one stage to the next? Dietzgen was used as the clockwork motor of this static mechanism, he provided what one devotee described as 'the scientific explanation of how and why human society develops'. Again there is an affinity with vitalis tendencies... such as Haeckel..."⁵⁴

O caso de Dietzgen é ilustrativo, pois sua própria figura revela o duplo esforço de uma interpretação filosófica do materialismo com incorporação do estado das "ciências" de seu tempo

53. S. Macintyre, op. cit., p. 129-130.

54. Id., ibid., p. 130-131.

e um firme compromisso com a divulgação destas nos meios operários.

Exemplos de uma determinada cota de assimilação monista haeckeliana -- e, em geral, da maneira de interpretar a evolução da natureza segundo a óptica monista -- podem ser encontrados nas posições de Ferri, Labriola, Bernstein, Kautsky, Bebel, Plekhanov⁵⁵. E provavelmente em boa parte dos marxistas que adotaram a via social-democrata nos diversos países⁵⁶.

Mas o "discípulo" maior de Haeckel no campo socialista foi, sem dúvida, o próprio Engels. Dada sua importância na criação e difusão de interpretações tão importantes para a doutrina, ocupar-me-ei em particular de seu percurso haeckeliano.

As forças socialistas da Argentina não foram alheias a essa influência. O "unicismo material", baseado na fórmula "econômica" da produção, requeria uma alteração para incorporar as expressões do espírito, em todo caso ainda uma ampliação do unicismo; daí o fato de o sulco que retomava Spinoza através de Haeckel ter tido uma determinada ressonância, para além dos problemas originados por esse complexo movimento.

As contribuições de Ludwig Büchner e Thomas Huxley

Apesar das desautorizações de Engels -- que pretendeu refutá-lo provavelmente com a mesma contundência e extensão que a

55. G. V. Plekhanov escreveu *The development of monist view of history* (reeditado em Moscou em 1956). Cf. Gerald Cohen, *La teoría de la historia de Karl Marx: una defensa*, Madrid, Siglo XXI/Pablo Iglesias, 1986.

56. Nas análises que formam os capítulos seguintes deste trabalho ocupar-me-ei de algumas de suas formulações.

Feuerbach ou a Dühring --, não deve surpreender que Ludwig Büchner⁵⁷ tivesse lugar nas interpretações dos divulgadores próximos ao socialismo. Provavelmente a preocupação de Engels quanto às idéias de Büchner fosse proporcional ao grau de acatamento que tais idéias obtiveram nos círculos progressistas. Com posições sobre a evolução compartilhadas com Haeckel -- a quem admirava profundamente --, entre seus mentores espirituais encontravam-se o próprio Darwin, Lange -- cuja *Historia del materialismo* influenciou-o notavelmente --, Moleschott e Huxley, para citar algumas de suas recorrências teóricas. As obras *Fuerza y materia*⁵⁸ e *O homem segundo a Ciência*⁵⁹ tiveram ótima acolhida nos

57. Ludwig Büchner nasceu em Darmstadt, em 1824, e ali morreu em 1899. Boa parte de sua família e ele mesmo adotaram posições políticas progressistas. Assim, em consequência dos abalos de 1848, seu irmão Alexander exilou-se em Caen, na França; exerceu a docência na faculdade de letras dessa cidade, alcançando notoriedade literária por sua obra *La muerte de Danton*. Seu outro irmão, George, que também se envolveu nos episódios de 1848, orientou-se para a social-democracia, aí permanecendo. Sua irmã Louise foi uma pioneira do movimento a favor da condição feminina na Alemanha. Ludwig, por sua vez, representou os trabalhadores de Darmstadt no Segundo Congresso da Associação Internacional de Trabalhadores em Lausanne (1867), onde sustentou posições a favor da paz e contra os exércitos permanentes. Formou-se como médico em Tübingen, aperfeiçoando-se em seguida com Virchow, em Würzburg. Seu êxito como divulgador da racionalidade científica deve-se à propagação das teses mais "cruas" do materialismo, incluindo, na fase madura da vida, uma involução do seu "socialismo" inicial. Suas obras mais conhecidas, tanto no meio anglo-saxão como na América Latina, foram as duas citadas, *Força e matéria, ou princípios da ordem natural ao alcance de todos* (1870) e *O homem diante da Ciência* (1869), às quais se acrescentam *Aus Nature und Wissenschaft* (1862-1862), *Der Gottesbegriff und dessen Bedeutung in der Gegenwart* (1874), *Der Fortschritt in Natur und Geschichte im Lichte der Darwin'schen Theorie* (1884), *Fremes und Eigenes aus dem geistigen Leben der Gegenwart* (1890), *Gott und die Wissenschaft* (1897), *Am Sterbelager des Jahrhunderts* (1893).

58. L. Büchner, *Fuerza y materia. Estudios populares de historia y filosofía naturales*. Trad. A. Gómez Pinilla, Valencia, Sempere y Cia., s/d.

59. Valho-me da tradução portuguesa. Eis o nome completo desta obra: *O homem segundo a ciência (o seu passado, o seu presente, o*

meios atraídos pelo "materialismo", sobretudo porque à publicação do primeiro, em 1870, seguiu-se um tumulto político-acadêmico -- Büchner foi impedido de continuar exercendo a docência universitária -- que na prática significou o ostracismo. A popularidade de suas posições foi de tal ordem que levou a numerosas reedições dessas obras, as quais o autor revisou atualizando-as com leituras recentes⁶⁰. Seu materialismo sustentava a necessidade de destruir as teses metafísicas, mas raramente livrou-se de uma crueza "mecânica", e, quando o fez, deslizou nitidamente para o campo da ideologia, justificando o estágio capitalista como inerente ao plano da "luta pela sobrevivência", embora não deixasse de anunciar que havia soado o tempo em que deviam impor-se a cooperação, o associacionismo e a redistribuição.

Como para a maioria de seus contemporâneos, também para Büchner as percepções sobre a evolução progressiva da natureza e da sociedade eram solidárias. Em sua proposta sobre o futuro rumo da humanidade, não hesitava em assegurar que, para além dos

seu futuro), ou donde viemos?, quem somos?, para onde vamos? -- subtítulo: *Exposição muito simples, seguida dum grande número de esclarecimentos e observações científicas*; como se pode observar, uma denunciativa maneira alemã de apresentação das análises... Trad. Alfredo Pimenta, Lisboa, Lello e Irmão/ Porto, 1960.

60. Não tenho dados sobre o número de exemplares que alcançaram suas obras, mas, no prefácio de *O homem segundo a ciência*, afirma: "O favor extraordinário que o público concedeu até agora a todos os trabalhos do autor sem exceção, este favor que o animou a prosseguir o caminho encetado, não poderia faltar a este novo livro que tem principalmente por objecto, ajudar a difusão dos conhecimentos e o progresso intelectual" (p. 6, Prefácio). Outras obras populares de Büchner no âmbito hispano-americano foram *Luz y vida. Tres lecciones de historia natural*, trad. Atienza de la Rosa, Madrid, F. Fe, 1888; *Luz y vida. El sol en sus relaciones con la vida. La circulación de las fuerzas y el fin del mundo. La filosofía de la generación*, trad. A. Gómez Pinilla, Valencia, Sempere y Cia., s/d.; *La vida psíquica de las bestias*, trad. José Prat, Valencia/Madrid, Sempere y Cia., s/d.

despropósitos e absurdos do regime da grande propriedade individual -- que devia desaparecer --, o capital não era em si mesmo daninho, mas sim a própria acumulação de bens materiais.

"O grito de guerra do trabalhador" -- dizia Büchner -- "não deveria ser 'abaixo o capital!', mas sim, 'viva o capital!'. Se estivesse em nossas mãos aniquilar hoje, de um só golpe, todo o capital do mundo, cairíamos voluntariamente nesse estado grosseiro e miserável em que os nossos primeiros antepassados se arrastavam, tal qual, uma existência semibestial; porque o progresso da civilização consiste, principalmente, na acumulação gradual de inúmeros engenhos e conhecimentos que são os únicos capazes de tornarem possível uma vida civilizada e liberta das rudes peias das formas naturais"⁶¹.

Acrescentava em seguida:

"O inconveniente (...) não consiste pois na existência mesma deste tesouro, deste capital (...), mas sim no facto deste tesouro não ser equitativamente posto à disposição de cada um. (...) Examinando o fundo das coisas, vê-se claramente que toda a censura que se faz ao domínio do capital não é originado pela existência mesma do capital, mas sim pelo facto de sua repartição"⁶².

As teses distributivas sobre o capital são desenvolvidas por Büchner tanto no tópico correspondente como naquele que o segue no mesmo livro, *O trabalho e os trabalhadores*, e ainda nos precedentes desta segunda parte, intitulada "Para onde vamos?": também o conhecimento, a educação e a cultura devem ser redistribuídos. São notáveis as similitudes entre suas teses e as do socialismo reformista argentino⁶³.

61. L. Büchner, *O homem segundo a ciência*, op. cit., p. 214.

62. Id., *ibid.*, p. 214-215. Grifo do original.

63. A assimilação é de tal importância, que encontro um parágrafo quase idêntico deste texto de Büchner apropriado por um publicista

Engels interpretava a emergência dos "materialismos vulgares" -- tal como o de Büchner -- como resposta à "época de más profunda degradación de la Alemania burguesa y de la ciencia alemana oficial entre 1850-1860"⁶⁴. A falta de ciência, opinava Engels, o "materialismo" constituiu uma saída. Büchner era dogmático em matéria de explicações mecânicas sobre a natureza, insistindo em anular toda idéia "filosófica especulativa":

"(...) Esta filosofia propriamente dita ou especulativa (...) exerceu sobre os espíritos uma influência lamentável e prejudicial no verdadeiro e livre espírito de investigação. Esta filosofia, habituada a brincar com palavras semiclaras ou escuras, com não sentidos (...) tornou-se pouco a pouco odiosa às pessoas esclarecidas"⁶⁵.

Para o autor, o desenvolvimento do "espírito de investigação" a que se assistia só podia abraçar a "ciência" em sua imanente materialidade:

"Já não estamos dispostos" -- diz Büchner -- "a tomar a aparência pelo ser, as palavras pelos factos, a ilusão pela realidade, e nós temos reconhecido que é só na experiência científica, nos factos, que se deve buscar e encontrar uma base sólida para as teorias científicas"⁶⁶.

Essa versão tão pouco polida do positivismo sem dúvida admitia

do periódico "El obrero", que opina sob o nome de Pazcelso (*sic*), em 28 de janeiro de 1891 (parágrafo que eu mesma usei como epígrafe no capítulo "Las experiencias educativas del frente político-gremial socialista (1890-1913)", Buenos Aires, CEAL, 1991: "Cuantos hambrientos podrían saciarse física, moral e intelectualmente hablando, repartiendo equitativamente la propiedad y la educación!". Eis a citação original de Büchner: "Quanta fome intelectual e física seria sem custo satisfeita com uma equitativa repartição da propriedade e da educação!" (*O homem segundo a ciencia...*, op. cit., p. 202).

64. F. Engels, *Dialéctica de la naturaleza*, 2. ed., Méjico, Cartago, 1983, p. 163.

65. L. Büchner, *O homem segundo a ciencia...*, p. 255.

66. Id., *ibid.*, p. 255.

uma convivência entre "materialismo" e "idealismo", como não deixava de ocorrer nos pensamentos mais hostis à "mixórdia confusa" propiciada -- segundo nosso autor -- sobretudo por Hegel. A explicação büchneriana assim se manifesta a esse respeito:

"(...) Quanto mais libertos nos encontramos de todo o engodo falacioso referente ao mundo exterior e superior, a que se tem chamado além, mais naturalmente somos inclinados a utilizar todas as nossas forças, todos os nossos esforços para nos elucidarmos sobre o aquém, isto é, sobre o mundo em que vivemos já, e mais necessidade sentimos também de moldar-nos a este mundo e a nossa existência tão utilmente como nos seja possível. Há aí evidentemente para o idealismo, para as tendências ideais da natureza humana, um incomensurável campo onde as tendências possam livremente desenvolver-se e agir, campo esse que não fica para além das estrelas, mas sim sob os nossos pés e onde a visão tem dado lugar à realidade. Não há pois mais ardentes campeões do progresso, maiores amigos da liberdade, defensores mais entusiastas da universalidade e da igualdade dos direitos do homem, da felicidade da humanidade que os materialistas e livres-pensadores"⁶⁷.

Suas posições materialistas radicalizadas celebravam essa ginástica ritualística para vincular as necessidades da matéria e as liberdades do espírito, o que em boa medida assimilava-se às posições dos socialistas argentinos, reiteradamente envolvidos em discursos que tanto compartilhavam as idéias de Büchner, garantindo assim que sua obra constasse entre os materiais de difusão para os trabalhadores.

Uma figura menos convocada na hora das análises, porém muito respeitada e levada em conta no momento da divulgação científica, era Thomas Henry Huxley⁶⁸. Entre outras coisas, pesava seu célebre

67. Id., *ibid.*, p. 260.

68. Thomas Henry Huxley nasceu numa família modesta, em 4 de abril de 1825, em Ealing, Middlesex, e morreu como um proeminente cientista -- tendo originado uma linhagem familiar dedicada ao conhecimento -- no dia 29 de junho de 1895, em Eastbourne, Sussex. Seu pai ensinava matemática, e o menino mostrou claros dotes

contraponto com o bispo Samuel Wilberforce (1860), quando discutiu as teses da evolução de Darwin⁶⁹, mas certamente causaram mais impacto as divergências com outros evolucionistas e ideólogos do *laissez-faire*, em virtude de seus desacordos morais com uma irrestrita interpretação da teoria da "luta pela existência".

intelectuais. Aos 15 anos era ajudante no Charing Cross Hospital Medical School, na região este de Londres, e aos 21 obteve o diploma de médico. Sua origem social e o precoce contato com os numerosos pobres atendidos nos hospitais marcaram-lhe o espírito. Em 1846 realiza uma grande viagem, servindo como assistente de cirurgia no navio *Rattlesnake*, que, como era costume no Império inglês, percorria os mares do Sul. Por volta de 1850 começa a ganhar renome, na esteira dos trabalhos que desenvolveu sobre biologia, e quando Darwin lança *El origen de las especies* em 1859, torna-se um de seus mais ferrenhos defensores, contribuindo para corroborar suas teses. Foi professor em diversas instituições, entre as quais a Normal School of Science e o Royal College of Science. Seus trabalhos destacaram-se no campo da paleontologia, da taxionomia e da etnologia.

Ocupou cargos de destaque na Geological Society, no Royal College of Surgeons, na Ethnological Society e na Metaphysical Society, tendo sido levado a esta última entidade por suas preocupações filosóficas. Efetivamente, por volta de 1878 deu uma virada significativa para tais questões, lendo especialmente Aristóteles, Descartes, Hume e Berkley. Deve-se a ele a cunhagem do conceito de *agnosticismo* para situar suas próprias posições.

Desenvolveu uma grande atividade em favor da educação popular, impulsionando a reforma que permitiria o acesso da população trabalhadora ao sistema educativo; assim, foi membro do primeiro London Scholl Board. A elevação moral e cultural das massas levou-o a destinar-lhes numerosos cursos e conferências. Huxley foi um dos cientistas mais populares e respeitados em fins do século XIX.

Entre seus numerosos trabalhos escritos, encontram-se: *Evidence to man's place in nature* (1861); *An introduction to the classification of animals* (1862); *Lessons in elementary physiology* (1866); *Protoplasm: the physical basis of life* (1869); *Lay sermons, adress and reviews* (1870-1895); *A manual of the anatomy of vertebrated animals* (1873); *More criticisms on Darwin and administrative nihilism* (1872); *Critics and adress* (1873); *A manual of the anatomy of invertebrated animals* (1877); *Physiography* (1877); *Evolution and ethics* (1893); *Essays upon some controverted questions* (1892); *American adress* (1878); *The crayfish: an introduction to the study of zoology* (1880).

69. Como se recordará, a retórica do bispo Wilberforce culmina com a pergunta sobre o que pensariam seus avós diante da asserção de que descendia de um macaco, ao que Huxley respondeu, com serena contundência, que não lamentava ter um macaco como antecessor, mas, sim, a um homem capaz de obscurecer a verdade.

Huxley considerava necessária a intervenção morigerante do Estado a favor das classes populares, especialmente no campo da educação. Não obstante a amizade que o ligava a Spencer, suas posições teóricas intervencionistas estabeleceram diferenças profundas entre ambos, assim como aproximações em relação aos núcleos reformistas (era amigo dos Webb, entre outros reformadores), tendo ativa participação na divulgação de conhecimentos nos meios de trabalhadores, já que atuava como palestrante em diversas instituições de promoção cultural operária.

Dessa maneira, recorria à defesa de uma nova moral para encarar a "seleção natural". Em uma conferência aos trabalhadores, dizia:

"la vie, la fortune, le bonheur de chacun de nous, et en bonne partie de chacun de tous ceux qui se rattachent à nous, dépendent de la connaissance que nous pouvons avoir de règle d'un jeu infiniment plus difficile et plus compliqué que le jeu d'échecs. Il s'agit d'un jeu qui se joue depuis des siècles, plus nombreux que nous ne savons le compter: nous tous, hommes et femmes, sommes individuellement le jouer contre lequel la partie est engagée. L'échiquier, c'est le monde dont les phénomènes naturels sont les pièces, et nous appelons lois de la nature, les règles de ce jeu-là. Nous jouons contre un adversaire qui nous est caché; nous savons qu'il ne triche pas, il ne fait pas de faute, il est patient dans ses coups. Mais nous savons aussi, pour l'avoir appris de notre grand dommage, qu'il ne nous passe pas la moindre faute et n'a nul souci de notre ignorance; les plus gros enjeux se payent aux bons joueurs avec ce genre de générosité surabondant à laquelle les forts témoignent leur amour de force. Quant à celui qui joue mal, il est fait mat, sans hâte comme sans pitié"⁷⁰.

Uma chave, pois, na luta pela existência era o conhecimento, a

70. T. Huxley, *Les sciences naturelles et l'éducation*, Paris, J.B. Baillière et Fils, 1891, p. 101 (conferência proferida para os trabalhadores no South London Working Men's College).

educação, já que a ignorância acabava sendo a via inexorável do fracasso seletivo. A educação era solicitada pelas próprias leis evolutivas, e uma de suas principais tarefas cifrava-se em

"faire connaître à l'intelligence les lois de la nature, et par ce mot de nature je n'entends pas seulement la matière et ses forces, mais aussi l'homme et sa manière d'agir; puis elle façonnera nos affections et notre volonté de telle sorte que nous ayons toujours un désir ardent et sincère d'agir en harmonie avec ces lois"⁷¹.

Sua mais importante obra, *Man's place in Nature*⁷², encontrou um lugar, se não idêntico, bastante próximo a *Los enigmas del universo* nas preferências dos divulgadores argentinos mais especializados. Ambos os autores mantiveram entre si uma afinada vinculação, e ainda que Huxley não se envolvesse na "religiosidade panteísta", seu agnosticismo participava, ao final, de uma ordem mística em grande medida equivalente. Os trabalhos de um e de outro refletem mútuo reconhecimento sobretudo a respeito da paleontologia.

Deve-se assinalar que outra razão pela qual dentro do socialismo havia menos reticências ao evolucionismo de Huxley, apoiava-se no fato de sua análise não acolher as teses de Malthus - teses que se encontravam na origem mesma da orientação de Darwin, pois a leitura de sua obra foi reveladora para a percepção da "luta

71. Huxley, *Les sciences naturelles et l'éducation*, cit., p. 102.

72. Foram divulgadas na Argentina pelo menos duas versões da obra de T. H. Huxley *Man's place in nature and other anthropological essays*, em *Collection Essays*, VII, London, Macmillan, 1894, e a tradução para o francês realizada por E. Dally, *De la place de l'homme dans la nature*, Traduit, annoté, précédé d'une introduction - Suivi d'un compte-rendu des travaux anthropologiques du Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie préhistorique tenu à Paris (Session 1867), Paris, J.B. Baillière et Fils, 1868.

pela sobrevivência". Percebia com muita clareza os problemas éticos que esta colocava e dispôs-se a diferenciar sua crueza no mundo natural e no humano⁷³.

Neste particular, sua óptica assemelhava-se muito à de Spencer⁷⁴, ambos tinham um sentimento positivo em relação à indefinida aventura do progresso humano. O "otimismo evolucionista" foi uma nota comum a Huxley e Spencer: ambos demonstravam grande confiança em que o desenvolvimento conduzia a estádios superiores e acreditavam que cada um destes significava uma superação dos aspectos mais negativos da natureza humana. A confiança de Huxley na determinação dos fenômenos naturais levava-o a sustentar que "la casualidad no existe (...) sólo puede haber ignorancia de las causas", e que "hay orden en la naturaleza, no hay casualidad, accidente o azar", embora afirmasse que "no son las leyes las causas del orden de la naturaleza, sino la manera que tenemos de expresar lo que hemos averiguado sobre dicho orden"⁷⁵. Mais além estava o incognoscível, um Absoluto no qual necessariamente escorava-se todo o desenvolvimento da ciência, mas que não era possível elucidar: aí se erguia então o "eu não sei" do agnóstico.

Evidentemente, a orientação das posições socialistas que lideravam a Sociedade Luz não se circunscreveu a Haeckel, nem aos cientistas e divulgadores próximos a ele. Compreender assim a

73. Remeto sobretudo a *Ethical and political. The struggle for existence in human society*, London, Macmillan, 1903, e a *Evolution and ethics and other essays, Collection Essays*, IX, London, Macmillan, 1898.

74. Cf. Robert M. Young, "Malthus and the evolutionists: the common context of the biological and social theory", em "Past & Present", n. 43 (may 1969), p. 109-141.

75. T.H. Huxley, *Introducción al estudio de las ciencias*, N. York, B. Appleton; Buenos Aires, Angel Estrada, 1890, p. 16.

ênfase que dei à vertente haeckeliana e afins será uma interpretação estreita e incorreta. No vasto campo aberto pelo pensamento positivista -- se entendemos como positivismo este fenômeno de mentalidade orientado cientificamente que guiou o fim do século XIX --, a brecha do sistema monista ao qual aderiu o marxismo -- propondo uma contradição essencial -- entronca com a via haeckeliana. Chegou o momento de introduzir Engels e sua interpretação da natureza, pois nela beberam, e não pouco, os difusores argentinos.

Friedrich Engels: a dialética da natureza

No ácido trabalho de Dominique Lecourt sobre as relações entre Marx, Engels e Darwin⁷⁶, o autor sustenta que

"jamais, Marx ni Engels n'ont pu comprendre la théorie darwinienne de la sélection naturelle, pas plus que l'écrasante majorité de leurs contemporains; ils ont été victimes des mêmes obstacles épistémologiques"⁷⁷.

Lecourt tenta mostrar, entre outras questões, que a leitura de Darwin por parte dos fundadores do "materialismo histórico" exercita-se apenas para conferir assimilações da dialética originada em Hegel; leitura, portanto, a seu ver, carregada ou sobredimensionada pelo problema "teleológico". O fato de a teoria de Darwin assentar-se na contingência não foi percebido -- segundo

76. D. Lecourt, "Marx au crible de Darwin", em Y. Conry (org.), op. cit. (uma subtitulação interior que não consta no título, mas apenas nas páginas subseqüentes, reza: "Aberrations marxistes").

77. Id., ibid., p. 237.

Lecourt -- em toda a sua profundidade:

"Marx et Engels, contrairement à ce que la tradition marxiste notamment a voulu faire accroire, sont passés à côté de l'essentiel de Darwin. On ajouterait à leur décharge qu'ils n'ont pas, loin de là, été les seuls, et que, du moins, leur bévues auraient l'excuse de l'amatorisme"⁷⁸.

Para Lecourt, a tentativa marxista reduziu-se a um único grande objetivo: "installer un développement historique dans la nature, selon les formes générales de la dialectique telle quelle se déploient dans la Logique de l'Essence"⁷⁹. Resta agora uma tarefa a empreender, para se conquistar uma nova posição filosófica que abandone o "materialismo substancialista", liquidando os restos hegelianos:

"Ce matérialisme de la contingence, j'ai pris récemment les risques de le désigner comme surmatérialisme (...). Il interdirait de vouloir jamais trouver dans les sciences de la nature un fondement historique-naturel à une conception de l'histoire humaine"⁸⁰.

Engels, sobretudo, insistiu, na *Dialéctica de la Naturaleza*⁸¹ como no *Anti-Dühring*⁸², em interpretar o movimento da natureza e o pensamento em torno deste como operatórias da dialética, sendo inegável a base de apoio hegeliana para analisar as contribuições de Darwin, que invariavelmente julgou como revolucionárias. Foge

78. Id., *ibid.*, p. 241.

79. Id., *ibid.*, p. 241. Grifo do original.

80. Id., *ibid.*, p. 247. Em anos recentes, o filósofo marxista francês A. Badiou propôs que se fizesse o "materialismo histórico" enveredar também por uma teoria da contingência. Sua posição é restabelecer o "indeterminado": a ação deve-se forjar sobre o campo da "casualidade restante", uma vez que o todo estruturado impõe seu poder imobilístico. Em torno das idéias de Badiou gestou-se o grupo "Malgré tout".

81. F. Engels, *Dialéctica de la naturaleza*, cit.

82. F. Engels, *Anti-Dühring*, Buenos Aires, Cartago, 1975.

por inteiro à minha capacidade e a meus objetivos polemizar com Lecourt sobre a compreensão do segmento científico da teoria darwiniana alcançada por Engels, sobre quem recaem as maiores responsabilidades pela interpretação das ciências físico-naturais e sua adoção em diversos ambientes socialistas. Mas uma leitura demorada dos principais textos engelianos a propósito de tais questões -- textos que originaram notáveis e polêmicas análises dentro do próprio marxismo -- revela outras interpretações. Se tomarmos a polaridade necessidade/contingência ou sua tradução determinação/casualidade -- uma das preocupações centrais de Lecourt --, cabe amenizar as conclusões a que este chega. Engels escreve:

"En su trascendental obra" -- refere-se ele a *El Origen de las Especies* -- "Darwin partió de la más amplia base de casualidad existente. Precisamente las infinitas diferencias accidentales de los individuos, en una sola especie, diferencias que se acentúan hasta impregnar el carácter de la especie, cuvas causas inmediatas sólo pueden demostrarse en muy pocos casos, le obligaron a poner en tela de juicio la base anterior de todas las regularidades en biología, a saber, el concepto de especie en su anterior rigidez e inmutabilidad metafísica (...).

"La casualidad domina la necesidad, tal como se la concebía

hasta entonces. (Nota al margen del manuscrito: "El material sobre los sucesos casuales acumulados entre tanto ha anulado y destrozado la antigua idea de necesidad")⁸³.

O parágrafo que para Lecourt é a prova de fogo, e que se segue imediatamente a este, expressa:

"La idea anterior de la necesidad se derrumba. Conservarla significa imponer de manera dictatorial a la naturaleza, como ley, una determinación humana arbitraria que se contradice consigo misma y con la realidad; significa negar con ello toda necesidad interna en la naturaleza viva; significa proclamar en general el reino caótico de la casualidad como única ley de la naturaleza viva"⁸⁴.

Engels arremata essa análise conclusiva com uma nota que se encontra em outro lugar do texto:

"La teoría darwiniana debe mostrarse como prueba práctica de la exposición de Hegel, sobre la vinculación interna entre la necesidad y la casualidad"⁸⁵.

Se é evidente que Engels é fiel à "sua" dialética -- o que não pode surpreender --, significa isto não haver ele compreendido essencialmente a evolução nos termos enunciados pelo Darwin cientista? Consciente ou não das conseqüências de sua contribuição ao pensamento científico "metafísico" -- ancorado nas "causas finais" --, Darwin observa que a vida não responde a fins predeterminados e que em nenhum fenômeno se revelam desígnios teleológicos. Mas o resultado aleatório particular não anula as perguntas sobre o momento antecedente. A necessidade não está na revelação de uma ou várias causas, já que evidentemente até a

83. F. Engels, *Dialéctica...*, p. 177. Grifo meu.

84. Id., *ibid.*

85. Id., *ibid.*, p. 243.

casualidade pode tornar-se uma explicação, e sim no conceito homogêneo que captura os acontecimentos, como, por exemplo, o de espécie. Mas a necessidade, e com mais força ainda, está contida no mecanismo-chave da luta pela sobrevivência, algo imposto à existência mesma dos indivíduos -- não pode haver mediação de nenhum ato da transcendência, nem de voluntarismo, prazer, inclinação ou simpatia vital --, processo que opera como causa eficiente em todo caso particular. Não pode surpreender que Engels encontre no trabalho de Darwin uma confirmação de suas próprias obsessões dialéticas contrárias à "causa final metafísica", levando-o a dizer coisas como estas, repetidas de diversas formas em seus textos:

"El sistema de Hegel es un aborto gigantesco, pero el último de su género (...). Adolecía de una contradicción íntima incurable, pues mientras de una parte arrancaba, como supuesto esencial, de la concepción histórica, según la cual la historia humana es un proceso de desarrollo que no puede, por su naturaleza, encontrar remate intelectual en el descubrimiento de eso que llaman verdad absoluta, de la otra parte se nos presenta precisamente como suma y compendio de esa verdad absoluta"⁸⁶.

Em sua crítica à paupérrima "filosofia da realidade" do presunçoso Dühring, são abundantes, pois, as análises para pôr abaixo a teleologia hegeliana, reconhecendo que o

"fin interno (...) o sea, un fin que no se le injerta a la naturaleza por la acción deliberada de un tercero -- algo así como la sabiduría de la providencia, sino que radica en la necesidad misma de las cosas, lleva constantemente a gente cuya preparación filosófica no es muy rigurosa, a endilgarle a la naturaleza, absurdamente, actos concientes e

86. F. Engels, *Anti-Dühring*, cit., p. 25.

intencionales"⁸⁷.

Assim, Engels estigmatiza aqueles que, por incompreensão filosófica, atribuem à natureza um "saber" -- ela "sabe por que crea tales o cuales cosas" --, umas "missões", uma "consciência". Não é preciso muito perspicácia para perceber em locuções como essas a rejeição da sobrevivente "filosofia da natureza", tantas vezes animista, "espiritista". É entre estes -- pensa -- que será difícil compreender Darwin, a quem se acusa de

"haber trasplantado de la economía a las ciencias naturales la teoría de la población de Malthus (...), de hacer semipoesía no científica con la lucha por la existencia, y al que si se le quita lo que tomó de Lamarck, representa una buena dosis de brutalidades contra la humanidad"⁸⁸.

A meu ver, não se pode compreender Engels sem levar em conta o contexto alemão onde se debatem os restos ainda férteis do "vitalismo" da "filosofia da natureza", bem como as novas fórmulas -- materialistas, mecanicistas monistas, "vitalismos atenuados" etc. -- surgidas no calor das turbulências de 1848, tal como o próprio Engels expressa. Apesar de todos os equívocos e erros dessa tradição, Engels percebe que dali ainda pode surgir algo, mas nunca do "vazio filosófico" do empirismo, de onde emerge seu profundo desprezo pela tradição newtoniana (é notável sua insistente comparação entre Kant e Newton, na qual esse último sempre perde).

"Esa filosofía contiene no pocos absurdos y fantasías, pero no son más que las teorías no filosóficas de los naturistas empíricos de la misma época, y desde que se ha difundido la

87. Id., *ibid.*, p. 58.

88. Id., *ibid.*, p. 59.

teoría revolucionaria empieza a comprenderse que también alberga muchas cosas razonables e inteligentes"⁸⁹.

Ao analisar as investigações de Darwin, aquelas realizadas durante sua longa viagem e as que surgiram da observação do cultivo das plantas e da criação de animais em seu país, pesquisas que culminaram com a seleção à luz do mecanismo-chave da luta pela sobrevivência, Engels afirma:

89. Id., *ibid.*, Prólogo da segunda edição, 1885, p. 14.

"En esta lucha llevan las mayores perspectivas de madurar y de multiplicarse, aquellos individuos que posean cualquier particularidad individual, por insignificante que ella sea, ventajosa en la lucha por la existencia".

Ao que acrescenta -- de acordo com as próprias convicções de Darwin:

"estas particularidades tienden a transmitirse por herencia, y cuando se presentan en muchos individuos de la misma especie tienden a acentuarse por herencia cumulativa en la dirección inicial, mientras que por su parte, los individuos no dotados de esas particularidades sucumben más fácilmente en la lucha por la existencia y acaban por desaparecer"⁹⁰.

É nesse ponto que Engels mostra lucidez quanto à confusão da origem/causa idealista:

"(...) A Darwin no se le ocurre ni por asomo decir que el origen de la idea de la lucha por la existencia hay que buscarlo en Malthus. Lo que dice es que su teoría de la lucha por la existencia es la teoría de Malthus aplicada a los mundos animal y vegetal"⁹¹.

Reconhece a prudência do pesquisador em relação às cadeias causais físicas, já que este "analisa primero las maneras como esas desviaciones individuales van convirtiéndose gradualmente en características de una raza, de una variedad o una especie".

"Es verdad" -- diz Engels -- "que Darwin asigna a su descubrimiento un radio de acción exagerado, viendo en el exclusivo resorte de la transformación de las especies y olvidándose de las causas de los cambios individuales reiterados, para fijarse sólo en la forma de su generalización; pero este es un error común a la mayoría de

90. Id., ibid. Grifo meu.

91. Id., ibid., p. 60.

las personas que realizan un progreso real" 92.

E mais adiante, ao discutir as confusões de Dühring, para quem Darwin converte "el mero acto de composición sexual de las propiedades en principio fundamental del nacimiento de esas propiedades", escreve:

"Darwin, lejos de decir tal cosa, expresamente declara: 'la expresión selección natural incluye solo la conservación de los cambios, y no su origen' (pág. 63 de *El Origen de las Especies*)" 93.

Se todo o sistema de Darwin parecia ser uma lição contra a pertinaz metafísica, Engels sentiu-se na obrigação de mostrar as falhas provenientes da lei da luta pela existência: ela devia restringir-se às lutas de superpopulação de plantas e animais, reconhecendo ele que ainda assim havia um limite. Nos casos de migração de espécies para novas regiões, isso as obrigava a mudanças que não reconheciam o princípio malthusiano -- uma das obsessões de Engels na discussão com Darwin. E, ainda quando não ocorressem migrações, havia circunstâncias nas quais as modificações externas, geográficas, climáticas etc. forçavam as transformações.

"Carece de importancia" -- escreve -- "que los miembros de la población animal o vegetal, ejerzan presión allí unos sobre otros; el proceso de evolución de los organismos determinados por esa modificación se desarrolla de cualquier manera. Lo mismo ocurre con la selección sexual, en cuyo caso el malthusianismo queda por completo de lado" 94.

92. Id., *ibid.*, p. 61. Grifo meu.

93. Id., *ibid.*, p. 63.

94. Id., *ibid.*, p. 59.

Na medida em que o malthusianismo estava muito delimitado na teoria de Haeckel -- pois a adaptação e a hereditariedade, como vimos, desempenhavam um papel equivalente --, Engels atribuía-lhe maior exatidão. Sua preocupação dirigia-se notoriamente aos claros excessos do "darwinismo", sobretudo os que culminavam com uma extensa consagração da sobrevivência do mais apto, noção perigosamente filtrada para o campo do conhecimento humano e social.

Para Engels, era necessário separar os conceitos de seleção natural e sobrevivência do mais apto, e propunha:

"1. Selección por presión de superpoblación, donde tal vez los más fuertes sobrevivan en principio, pero también pueden ser los más débiles en muchos aspectos.

"2. Selección por mayor capacidad de adaptación a la modificación de circunstancias, en que los sobrevivientes están mejor adaptados a estas circunstancias, pero en que la adaptación en su conjunto puede significar tanto una regresión como un progreso (p. ej. la adaptación a la vida parasitaria es siempre una regresión)"⁹⁵.

Essa alteração do esquema darwiniano -- de resto probabilístico -- concluía com um comentário:

"Lo principal: que cada progreso en la evolución orgánica sea al mismo tiempo una regresión, una evolución que fija una evolución unilateral y excluye la posibilidad de la evolución en muchas direcciones"⁹⁶.

Isso deve ser interpretado, a meu ver, como uma das fórmulas mais plásticas da discussão com o evolucionismo: pode-se voltar

95. F. Engels, *Dialéctica...*, op. cit., p. 244. Grifo do autor.

96. Id., *ibid.* Grifo do autor.

atrás, evolução não significa "progreso" -- tampouco significava em Darwin --, mas, se a transformação toma um caminho "regressivo", ficam excluídos os alternativos.

Insistindo nas fragilidades do conceito de luta pela vida, Engels mostra o choque das posições biologistas anteriores e posteriores a Darwin. Os mesmos que antes viam uma natureza pacífica, organizada, "un funcionamiento cooperativo armonioso", passaram a ver "lucha por todas partes".

"Ambas concepciones están justificadas dentro de límites estrechos, pero las dos tienen una característica de unilateralidad y prejuicio. La interacción de los cuerpos en la naturaleza no viviente incluye a la vez la armonía y los choques; la de los cuerpos vivientes, la cooperación conciente e inconciente, así como la lucha conciente e inconciente"⁹⁷.

E arrematava:

"Es en absoluto pueril querer resumir la múltiple riqueza de la evolución y la complejidad históricas en la magra fase unilateral de 'lucha por la existencia'. Eso dice menos que nada"⁹⁸.

Engels via nessas teses o que é óbvio: a filtragem da teoria econômica burguesa da competição, o deslocamento das posições de Hobbes da sociedade para a natureza orgânica. Uma vez que o homem produz, que "prepara los medios de vida en un sentido más amplio", "esto impide todo traslado inmediato a la sociedad humana de las leyes de la vida en las sociedades animales". A produção se encarrega de desfazer a idéia de um conflito pelos simples meios de

97. Id., ibid. Grifo meu.

98. Id., ibid.

subsistência,

"sino en los medios de disfrute y desarrollo (...). Donde los medios de desarrollo se producen en escala social, ya son inaplicables las categorías tomadas del reino animal. Por último, en el modo capitalista de producción, ésta llega a un nivel tan elevado, que la sociedad ya no puede consumir todos los medios de vida, goce y desarrollo que se produjeron..."⁹⁹

E, finalmente, se havia uma luta na sociedade, esta era de classes.

Correspondem as manifestações que expus a uma compreensão equivocada do autor de *El Origen de las Especies*? E sua crítica resulta irrelevante, ou ainda improcedente, para uma depuração do "materialismo substancialista"? Se é verdade que Engels cometeu graves deslizes, estes se referem sobretudo ao fracasso em "cientifizar" o materialismo histórico vestindo-lhe o espartilho de um determinismo legal. Seus problemas maiores não estavam na "historicidade da natureza", mas na "naturalização da história", e, por onde quer que se olhe, a ciência não só não pode esquivar-se a certa dose de antropomorfismo, como constitui ela mesma uma interpretação da Natureza, segundo formulou Serge Moscovici em *Essai sur l'Histoire humaine de la nature*¹⁰⁰. Entretanto, para além dos erros de Engels, perdura seu esforço notável para ilustrar-se com a "ciência" da época, como maneira de garantir solvência ao extenso propósito harmonizador do "pensamento dialético", como tentativa de "unificar" as matrizes paralelas da natureza e da sociedade. O amplo espectro da química, da física, da matemática,

99. Id., *ibid.*, p. 245.

100. Paris, Flammarion, 1968.

da biologia de seu tempo caíram-lhe sob os olhos; Engels obedeceu ao mandamento científico monista de absorvê-las para conformar o quadro totalizador do "materialismo histórico", persuadido como estava de que

"en la naturaleza se imponían a través de cambios innumerables, las mismas leyes dialécticas que presiden en la historia la eventualidad aparente de los acontecimientos; las mismas leyes que, formando igualmente el hilo conductor en la historia del desarrollo del pensamiento humano, llegan poco a poco a la conciencia del hombre pensante..."¹⁰¹

Só assim se explica que por volta de 1877 tenha submergido em leituras e pesquisas de toda ordem -- quase em regime de dedicação exclusiva à ilustração científica --, evidenciando os atributos de um autodidata. Engels expressa bem o clima de encantamento diante das explosões científicas e sua rápida divulgação. Assim como expressa as confusões do autodidata. "Las ciencias naturales" -- diz ele -- "se hallan sujetas (...) a un proceso tan potente de transformación, que ni quién disponga de todo su tiempo para ello es capaz de seguirlo en todos sus detalles"¹⁰².

A incorporação do evolucionismo haeckeliano é quase obrigatória; como já assinalei, este parece-lhe a versão mais completa do evolucionismo.

"Ultimamente, por obra sobre todo de Haeckel" -- escreve -- "se han ensanchado nuestras nociones acerca de la selección natural, y se concibe ya la transformación de las especies como el resultado de un proceso de acciones mutuas de adaptación y de herencia, en la que la adaptación aparece como el lado modificativo y la herencia como el lado conservador

101. S. Moscovici, *Essai sur l'histoire humaine de la nature*, cit.

102. F. Engels, *Anti-Dühring*, Prólogo 1885, op. cit., p. 15.

del proceso"¹⁰³.

Talvez um dos textos exponenciais da absorção darwiniana atravessada por Haeckel -- caracterizado por tantos problemas conceituais -- seja o ensaio "El papel del trabajo en la transición del mono al hombre", incluído na *Dialéctica de la naturaleza*¹⁰⁴. Este ensaio é tributário das teses do *Pithecanthropus erectus* do "Darwin's German bulldog", segundo a expressão de Stephan Jay Gould. De acordo com Gould, as conclusões a que chegou Engels constituem "a brilliant exposé" que alterou as afirmações científicas do século XIX, contaminadas pela errônea crença de que um desenvolvimento "anterior" do cérebro teria comandado a posição ereta¹⁰⁵.

O caminho da hominização deslança com a possibilidade de manter o corpo ereto através de sucessivas adaptações e se aprofunda, decisivamente, com a aquisição da mão preênsil e do característico polegar oposto, ao que se une o desenvolvimento comunicacional através da linguagem: eis aqui resumida a transformação transcendental. A vinculação trabalho-linguagem é a díade-chave. Poder-se-á revisar por inteiro o substrato articulador da explicação engeliana que dá conta dos desenvolvimentos dessa aquisição específica, mas ainda tem crédito a originária vinculação "material" entre a fisiologia do trabalho e a neurológica que

103. Id., *ibid.*, p. 61.

104. Como se sabe, depois de diversas redações -- surgidas a partir da idéia de "las formas de la esclavitud" -- o original apareceu sob o título "Las tres formas fundamentales de la esclavitud" em 1896, em "Die Neue Zeit" (Jahrgang XIV, S. 544-554). Provavelmente essa versão inicial tornou-se rapidamente conhecida na Argentina.

105. S.J. Gould, *Ever since Darwin. Reflections in natural history*, London, Penguin Books, 1991.

responde à articulação da palavra. É certo, também, que dar conta do ponto de partida não autoriza a manter o reducionismo que explica a linguagem exclusivamente por sua base material. A complexidade do mundo histórico-social permitiu "autonomizar" a linguagem em relação a tal determinação, outorgando-lhe capacidade criadora e organizativa, pois a interação humana é essencialmente simbólica, constituindo a linguagem uma espécie de "economia vinculante simbólica". Mas, para além da pregnância monista da origem, Engels afirma:

"La reacción, sobre el trabajo y el habla, del desarrollo del cerebro y de los sentidos que lo acompañan, de la creciente claridad de la conciencia, de la capacidad de abstracción (...), otorgaron al trabajo y al habla un renovado impulso para un desarrollo posterior. Este desarrollo no llegó a su conclusión cuando el hombre se diferenció por fin del mono, sino que en general realizó nuevos y poderosos progresos cuyo grado y dirección variaron entre los distintos pueblos y en diferentes épocas, e inclusive, aquí y allá, se vieron interrumpidos por regresiones locales y temporarias. Este desarrollo fue impulsado con energía hacia adelante, por un lado, y orientado según direcciones más definidas por el otro, debido a un nuevo elemento que entró en juego con la aparición del hombre en su plenitud: la sociedad"¹⁰⁶.

O trabalho, pois, é o que falta nas análises dos naturalistas. O trabalho é o que dá intencionalidade ao homem, e portanto os naturalistas fazem desaparecer a roldana diretriz:

"Los animales ejercen un efecto perdurable sobre su ambiente, en forma inintencionada (...) y por accidente. Sin embargo, cuanto más lejos están los hombres de los animales, más adopta el carácter de premeditación el efecto que ejercen sobre la naturaleza, un carácter de acción planificada, dirigida hacia objetivos preconcebidos y definidos"¹⁰⁷.

106. F. Engels, "El papel del trabajo...", em *Dialéctica...*, op. cit., p. 141.

107. Id., *ibid.*, p. 144.

E, por efeito de Haeckel, Engels adota a noção de que uma espécie de "intencionalidade" (mais aristotélica que hegeliana) impera em todos os seres vivos:

"En el embrión existe un modo de acción planificado cuando el protoplasma, albúmina viva, existe y reacciona (...), lleva a cabo movimientos definidos, aunque muy simples, como resultados de estímulos exteriores. Esta reacción se produce cuando todavía no existe una célula, y menos aún una célula nerviosa (...). En los animales la capacidad para la acción conciente, planificada, es proporcional al desarrollo del sistema nervioso, y entre los mamíferos llega a alto nivel"¹⁰⁸.

Também por efeito de Haeckel -- o texto apenas o reproduz --, Engels formula uma explicação genética das diferenças específicas, as quais justapõe às conclusões do "materialismo histórico":

"Así como la historia del desarrollo del embrión humano en el útero materno no es más que una repetición abreviada de la historia, que se extiende a lo largo de millones de años, la evolución corporal de nuestros antepasados animales, a partir del gusano, así también el desarrollo mental del hijo del hombre no es más que una repetición abreviada aun del desarrollo intelectual de esos mismos antepasados, por lo menos de los últimos. Pero todas las acciones planificadas de los animales jamás lograron imprimir el sello de su voluntad sobre la tierra. Eso quedaba para el hombre.

"En una palabra, el animal no hace más que usar su ambiente y provoca cambios en él, nada más que con su presencia; con sus cambios, el hombre lo hace servir a sus fines, lo domina.¹⁰⁹"

Interessa-me ressaltar que as idéias de Haeckel se impuseram largamente na biologia absorvida por Engels -- algo sobre o que Gould e Lecourt chamaram a atenção. Seus textos oferecem-nos

108. Id., *ibid.*, p. 144.

109. Id., *ibid.*, p. 145.

referências ineludíveis, mesmo fazendo distinção entre a adoção das principais conclusões "científicas" -- que não hesita em adotar como prova do mais divulgado desenvolvimento das ciências da vida -- e de aspectos do "método filosófico" de Haeckel. Engels interroga-se sobre a assertiva haeckeliana que impugna o "materialismo":

"Según la concepción materialista (...) la materia o sustancia se encontraba antes que el movimiento o vis viva; la materia creó la fuerza. Eso es tan falso -- dice Haeckel -- como decir que la fuerza creó la materia, pues fuerza y materia son inseparables"¹¹⁰.

O comentário de Engels limita-se a uma única interrogação:

"¿De dónde saca su materialismo?"

Outra crítica assinala que Haeckel não consegue clarificar a confusão entre "causae finales y efficientes",

"convertidas" -- diz, aludindo à *Anthropogenie*... -- "en causas que actúan con un fin y en causas que actúan en forma mecánica, porque para él causa finalis = Dios! De la misma manera, para él, 'mecánico', adoptado improvisadamente de Kant, = monista, no = mecánico, en el sentido de la mecánica. Con esta confusión de lenguaje, la tontería es inevitable. Lo que Haeckel dice aquí sobre la *Crítica de la facultad teleológica del juicio* de Kant no coincide con Hegel (*Historia de la Filosofía*, v. III)"¹¹¹.

Em nota de rodapé, Engels diz que Haeckel faz uma interpretação de Kant na qual estão em primeiro lugar "los métodos mecánicos de explicación", isto é, "los objetivos exteriores", ao passo que, a seu juízo, inegavelmente Hegel põe em primeiro plano

110. Engels extrai a citação do livro de Haeckel *Anthropogenie oder Entwicklungsgeschichte des Menschen*, Leipzig, 1874. Em *Dialéctica...*, op. cit., p. 168.

111. As obras estão citadas em alemão.

"la conveniencia interna", já que "en los seres orgánicos, todo es intención, y reciprocamente, también medios"¹¹².

Ao referir-se à polaridade haeckeliana "mecanicismo = monismo" e "vitalismo = dualismo" -- de onde se depreende o mesmo problema filosófico --, Engels comenta:

"Ya en Kant y Hegel el propósito interior es una protesta contra el dualismo. El mecanicismo aplicado a la vida es una categoría potente, cuando mucho podríamos hablar de quimismo, si no queremos renunciar a toda comprensión de los hombres".

Traz à colação uma passagem de Hegel na qual este argumenta:

"...El mecanicismo se manifiesta como una tendencia a la totalidad, en el sentido de que se trata de captar la naturaleza en sí como un todo que no necesita nada más para su noción -- totalidad que no se basa en el objetivo y en la comprensión extramundana con él vinculada"¹¹³.

É então que Engels esclarece:

"Pero se trata de que el mecanicismo (y también el materialismo del siglo XVIII) no se aparta de la necesidad abstracta, y por lo tanto, tampoco de la casualidad. El hecho de que la materia desarrolle por sí misma el cerebro humano pensante es para el mecanicismo un puro accidente, aunque determinado por fuerza, paso a paso, cuando ocurre. Pero la verdad es que la naturaleza de la materia consiste en avanzar hacia la evolución de los seres pensantes, y por lo tanto, esto siempre ocurre, por fuerza, cuando existen las condiciones para ello (no necesariamente idéntica en todo momento y lugar)"¹¹⁴.

Não há dúvida quanto à supremacia que Hegel outorga à

112. A erudita comparação entre Haeckel, Kant e Hegel é a de número 152. *Dialéctica...*, p. 265.

113. Citação de Hegel, op. cit., V. Grifo de Engels.

114. *Dialéctica...*

"finalidade interna" contra a "necessidade externa", que é... "trivial"; perante esta "el pensamiento más universal puede sentirse infinitamente más aplastado o experimentar náuseas"¹¹⁵. Assim, conclui Engels,

"la finalidad interna en el organismo, según Hegel (...) opera por impulso. Pas trop fort. Se supone que el impulso pone al ser humano en armonía con la idea de ello. Con esto se advierte hasta que punto la finalidad interna toda es por sí misma una determinación ideológica. Y sin embargo Lamarck está contenido ya en eso"¹¹⁶.

Juízo correto, o de Engels, levado em conta o "sentimento interior" de Lamarck ao atribuir aos organismos uma espécie de "vontade orientativa" e colocá-la na regência do processo evolutivo.

A discussão central com Haeckel situa-se, pois, no terreno de sua concepção sobre o "mecânico" e do problema concomitante das atribuições de causa eficiente e final. Engels aponta uma confusão, uma interpretação errônea -- que não é exclusiva de Haeckel, já que "se debe a la falta de conocimientos de nuestros naturalistas modernos respecto de cualquier filosofía que no sea la más mediocre y vulgar" -- no modo de entender os conceitos. No ensaio "La concepción 'mecánica' de la naturaleza" -- um dos artigos mais longos da assim chamada "segunda pasta" de seus materiais¹¹⁷ --, a discussão começa rebatendo o destacado químico F.A. Kekule, por este haver sustentado que "la mecánica aparece como ciencia básica

115. Citação de Hegel extraída de *Ciencia de la lógica*, V, p. 206 (Berlin, Ed. Werke, 1841).

116. *Dialéctica...*, p. 169.

117. Trata-se de um trabalho destinado a completar o *Anti-Dühring*, escrito aproximadamente entre 1884 e 1886. Ver *Dialéctica...* Nota 204, p. 269.

de la física y de la química". Em sua árida argumentação, Engels faz considerações sobre o fato de que, se "la mecánica sólo conoce de cantidades", não pode ser aplicada estreitamente à química -- tão ligada às ciências da vida --, na qual há constantes modificações qualitativas. "Todo movimiento" -- diz Engels -- "incluye movimiento mecánico (...) y la primera tarea de la ciencia, pero sólo la primera, es obtener conocimientos en punto de ese movimiento"¹¹⁸.

"(La concepción mecánica)" -- diz -- "explica todos los cambios por los cambios de lugar, todas las diferencias cualitativas por diferencias cuantitativas, y pasa por alto el hecho de que la relación de calidad y cantidad es recíproca, que la primera puede convertirse en segunda, tanto como ésta en aquélla, y que, en rigor, esa acción recíproca existe. Si todas las diferencias y cambios de calidad se reducen a diferencias cuantitativas, al desplazamiento mecánico, entonces es inevitable que lleguemos a la proposición de que toda la materia está compuesta de partículas menos 'idénticas', y que todas las diferencias cualitativas de los elementos químicos (...) son provocadas por diferencias cuantitativas en la cantidad y el agrupamiento espacial de esas partículas menores para formar los átomos"¹¹⁹.

Engels observa que se estabeleceu um uso generalizado do conceito "mecânico", para aqueles que sustentam a "identidade qualitativa da matéria" -- Haeckel entre eles, seguramente --, sem pensar nas conseqüências daí resultantes. Identificar "materialista" como "mecânico" na realidade (e comicamente, por paradoxal, admite Engels) remetia ao próprio Hegel, que, tendo desprezado o "exclusivamente mecânico" materialismo francês, havia cunhado o conceito de "materialismo mecânico". De onde a confusão

118. Id., ibid., p. 202. Grifo do autor.

119. Id., ibid. Grifo meu.

instalada em Haeckel, no sentido já mostrado, mas agora mais completo: assim, causae efficientes = "causas de ação mecânica" (para Engels, uma tradução equivocada da "causa cega", inconsciente, de uma primeira versão de Hegel) era o que operava na "seleção natural"; a equação causae finales = "causas de ação intencional" impunha-se na "seleção artificial", intencional, humana. Não era para menos a exclamação de Engels: "El criador una 'causae finales'!"

Em suma, para Engels restos da "filosofia da natureza" -- coágulos de "finalismo" -- achavam-se presentes na filiação filosófica de Haeckel, a quem entretanto não parece ter censurado o panteísmo spinosiano, nem, de resto, a base monista de sua explicação. Mas, se nos ativermos a seus sentimentos mais íntimos, viu no sistema científico de Haeckel uma circunstância exemplar, preferível ao mirrado empirismo que tornava anódina a Ciência, arrebatando-lhe as problematizações filosóficas.

Tentei mostrar as fontes onde sorveram idéias, regras e também sentimentos os divulgadores do socialismo argentino, que operaram como porta-bandeiras do transformismo. A marcha do evolucionismo de Darwin-Haeckel teve uma estação Haeckel-(Marx)-Engels, em cujas plataformas passageiros ansiosos pela descoberta dos "enigmas do universo" esperavam ver as "maravilhas da vida", ao longo de uma viagem cifrada na aventura -- e na esperança -- da transformação. Em seu aparente contraponto, enigmas e maravilhas convergiram, como se verá, para uma comunhão monística: a unidade dos contrários, do orgânico e do inorgânico, do finito e do infinito, do homem e do Universo, num paradoxal casamento das argumentações do

"materialismo mecânico", à maneira de Haeckel, e do "materialismo dialético" na versão de Engels.

.

Capítulo IV

A DIVULGAÇÃO DAS CIÊNCIAS FÍSICO-NATURAIS

Capítulo IV

A divulgação das ciências físico-naturais

"El conocimiento de la Naturaleza es guía de la conducta práctica."

Thomas H. Huxley, *Introducción al estudio de las ciencias*

"La idea de la evolución parece ser la substancia de la dialéctica. La conquista de las ciencias nacidas de la vida práctica y vulgarizadas por sus aplicadores, accesibles a todas las inteligencias, incorporando la idea de evolución al sentido común de las gentes, mezclan, pues, la dialéctica a la lógica vulgar que, por otra parte, nunca ha podido carecer de nociones de cambio y de desarrollo."

Juan B. Justo, *El realismo ingenuo*

Biblioteca Popular de la Sociedad Luz

Entrada libre

Las personas interesadas en la lectura de obras sobre ciencias naturales encontrarán libros de Ameghino, Darwin, Haeckel, Lamarck, Laugel, Sergi, Büchner, Le Dantec, Lebon, Picard, Poincaré, Ferrière, Launay, Zimmerman, Topinard, la Biblioteca de filosofía científica, las iniciaciones científicas, las cartillas científicas, la Biblioteca de la Cultura Argentina, etc."

Epígrafe das publicações da Sociedade Luz

Já assinalei o ímpeto com o qual os socialistas que forjaram a Sociedade Luz comprometeram sua sólida fé nos atributos das ciências físico-naturais¹, dedicando à difusão destas os maiores esforços na primeira fase de existência da entidade. Sem a base maior dos postulados transformistas, seria incompreensível essa tarefa na qual se confundiam a transmissão dos ideais socialistas e o próprio sistema da natureza. Daí o fato de tanto os cursos

1. Ver capítulo II.

"regulares", as conferências e, o que mais me interessa analisar aqui, as publicações -- cujos exemplares se contaram aos milhares, sendo distribuídos em diversos círculos de trabalhadores e empregados (setor de serviços, comércio) -- estarem voltados para a empresa maior de tornar conhecidas as ciências físico-naturais.

Não pode surpreender que tenha sido o socialista Alfredo J. Torcelli² o responsável pela tarefa de compilar e introduzir a obra do conhecido paleontólogo argentino-italiano Florentino Ameghino, quando o governo da província de Buenos Aires decidiu editar a totalidade de seus numerosos trabalhos científicos em 1913; um pouco depois, Torcelli fez o mesmo para a edição de "La Cultura Argentina" (1915-1917) e na década seguinte para "El Ateneo"³. Como se verá, embora Ameghino não tenha professado idéias socialistas -- aderiu à União Cívica, participando da Revolução de 1890, tal como o próprio Juan B. Justo --, suas convicções científicas e éticas, bem como suas posições espirituais, fizeram-no ser identificado pelo campo socialista como um aliado, um coadjutor dos princípios materiais, positivos e leigos em que se fundava a doutrina⁴. Por

2. Alfredo J. Torcelli (1864-1936) militou desde muito cedo no socialismo. De origem italiana -- provavelmente se naturalizou para participar da vida política --, podemos encontrá-lo nos primeiros anos de nosso século ativamente envolvido na luta social e sindical. Seu nome originou problemas de representação sindical no congresso da FORA (Federación Obrera de la República Argentina) de 1902. Mais tarde dedicou-se ao jornalismo, e, ainda que nunca tenha abjurado o socialismo, retraiu-se da atividade pública partidária. Manteve estreita amizade com Florentino Ameghino; depois da morte do paleontólogo, dedicou esforços para obter a homenagem da publicação de suas obras completas.

3. A tarefa de Alfredo J. Torcelli foi secundada diligentemente pelo irmão do naturalista e seu importante auxiliar de pesquisa, Carlos Ameghino.

4. Entre os seus gestos bem conhecidos, está a indignação frente ao assassinato de Francisco Ferrer, o grande pedagogo anarquista animador da Escuela Moderna, em outubro de 1909. Cf. Alfredo J.

essa razão, diversos trabalhos de Ameghino constituem o núcleo das primeiras publicações da Sociedade Luz, da qual certamente não deve ter participado, embora haja evidências de seus vínculos amistosos com vários socialistas e dirigentes da instituição, como o próprio Angel M. Giménez. Além dos trabalhos de Ameghino, encontram-se publicações que fazem referência a ele em obras de Victor Mercante, destacado pedagogo que aderiu ao socialismo, Rodolfo Senet, importante psicólogo indubitavelmente influenciado pela doutrina, e Juan B. Ambrosetti⁵, que, sem abraçar idéias socialistas, desenvolveu um trabalho científico presidido por posições evolucionistas. É desse conjunto de publicações (reunidas originalmente na Série II - Tomo 1 da Sociedade Luz⁶) que me

Torcelli, *Prólogo, Florentino Ameghino. Obras Completas y Correspondencia Científica* (Textos revisados y corregidos por Alfredo J. Torcelli), Edición oficial ordenada por el Gobierno de la Provincia de Buenos Aires, La Plata, Taller de Impresiones Oficiales, 1913.

5. Com relação a Juan B. Ambrosetti (1865-1917), deve-se admitir que, não sendo socialista e sim um espírito leigo adepto dos princípios do transformismo, foi um pioneiro dos estudos etnográficos no país. Fez numerosas viagens nesse sentido pelas regiões do norte argentino, e se devem a ele os estudos precursores em matéria de raças aborígenes, como *calchaquies*, *chumpies* e *caingúas*. Também é precursor das pesquisas sobre folclore. Ocupou diversos cargos na vida acadêmica, entre os quais a direção do Museu Etnográfico, criado na Faculdade de Filosofia e Letras de Buenos Aires em 1905. Foi talvez o primeiro professor de arqueologia americana na Argentina. Escreveu em diversas revistas e deixou vários volumes que contêm suas pesquisas.

6. Até meados da década de 1930, as publicações da Sociedade Luz conservaram a seguinte nomenclatura: Série I (com dois títulos, dedicados às ciências físico-naturais) e Série II, distribuída em doze tomos, na grande maioria contendo vinte títulos cada um, se bem que o Tomo 7 contenha quarenta títulos. O Tomo 1 dessa série está também quase inteiramente dedicado às ciências físico-naturais.

As publicações podem não guardar uma ordem correlativa de publicação. A divulgação de material de combate ao alcoolismo mereceu uma série separada, "Guerra al alcohol".

Depois foi alterada a ordem de seriação, pois a Sociedade Luz realizou antologias reunindo textos das séries anteriores. Foi o

ocuparei centralmente, sendo antes necessária uma introdução biográfica a Ameghino, para passarmos em seguida às linhas-mestras de seu pensamento.

O valor científico da obra paleontológica e antropológica de Florentino Ameghino é hoje de escasso interesse, visto que suas teses principais revelaram-se errôneas; e, ainda que já durante a vida do naturalista tenham surgido sérias objeções, o fato de seu empenho investigativo ter permitido encontrar, no próprio país, provas abundantes do caráter evolutivo das espécies animais, foi sem dúvida uma poderosa razão para que os pró-evolucionistas o consagassem como o mais importante dos paleontólogos locais.

Filho de de imigrantes italianos⁷, sua família instalou-se na localidade de Luján, a poucos quilômetros de Buenos Aires, junto ao rio de mesmo nome. Era a região onde em 1787 o frade Manuel de Torres descobrira o *megatério* -- o fóssil do "grande animal" descrito por Cuvier como "animal do Paraguai"⁸ -- e onde mais tarde Francisco J. Muñiz -- precursor das pesquisas paleontológicas no país, que conheceu e manteve correspondência com o próprio Darwin, tendo sido provavelmente um dos primeiros leitores locais do *El origen de las especies*⁹ -- fez importantes descobertas de fósseis.

caso de Ameghino. *Homenaje de la Sociedad Luz en el XXV aniversario de su muerte, 1911*, surgido em agosto de 1936 e denominado Série I, Tomo 7, Buenos Aires, Federación Gráfica Bonaerense, e de *Evolución. Antología de Ciencias Naturales*, AAVV, Buenos Aires, La Vanguardia, s/d (pode-se concluir que se trata de edição surgida entre 1932 e 1934).

No Anexo encontra-se uma ordenação detalhada das publicações até meados de 1930, com a respectiva tiragem.

7. Existem discussões sobre se seu nascimento foi na Itália ou na Argentina, pois o próprio Ameghino deu testemunhos contraditórios.

8. Ver Julio Orione, "El hallazgo del megaterio", em "Cuadernos Hispanoamericanos", n. 489, marzo 1991, p. 81-89.

9. Sobre os antecessores do darwinismo e as teses evolucionistas na

Para um dos panegiristas de Ameghino, o já mencionado Victor Mercante, circunstâncias da infância explicavam sua posterior dedicação à pesquisa científica: fatores ambientais, a começar pela conduta da família (sobretudo da mãe), preocupada quanto aos hábitos de leitura do menino, não obstante os modestos recursos econômicos, bem como o próprio meio natural onde foi criado, um vale estratigráfico notável por seus fósseis de longa antigüidade¹⁰.

A infância e a adolescência foram marcadas pela aventura dos descobrimentos às margens do rio Luján e pelo oportuno encontro com um professor que intercedeu junto aos pais para que o deixassem estudar em Buenos Aires. Fez o curso na Escuela de Preceptores e foi designado auxiliar num estabelecimento educacional na cidade de Mercedes (muito próxima de Luján), onde adquiriu fama de "louco" por sua obsessiva tarefa de paleontólogo *amateur*, algo que o marcou definitivamente, pois não frequentou nenhum curso superior. Foram anos em que acumula uma enorme quantidade de restos fósseis -- esforço pelo qual se torna relativamente conhecido através da imprensa --, e por volta de 1875 redige um par de trabalhos que acabaram sendo recusados pela Sociedade Científica Argentina.

Argentina, remeto a Julio Orione e Fernando A. Rocchi, "El darwinismo en la Argentina", em "Todo es Historia", n. 228, Buenos Aires, abril 1986; Alberto Palcos, *Nuestra ciencia y Francisco J. Muñiz*, La Plata, UNLP, 1943; Elena P. de la Vega, "Darwin en la Argentina", em "Quipu", v. 1, n. 1, 1984; Marcelo Montserrat, "La recepción del darwinismo en Argentina", em "Criterio" 45 (1972), t. 85, n. 1656, e, do mesmo autor, "La mentalidad evolucionista: una ideología del progreso", em Gustavo Ferrari e Ezequiel Gallo (orgs.), *La Argentina del ochenta al centenario*, op. cit.

A primeira edição em espanhol de *El origen de las especies* data de 1876 e foi publicada em Barcelona.

10. Victor Mercante, *Florentino Ameghino (Rasgos biográficos)*, Buenos Aires, Sociedad Luz, Talleres Rosso, 1916.

Entre 1878 e 1881 permanece na Europa, participa com sua coleção da Exposição Internacional de Paris de 1878 e é incorporado à Société d'Anthropologie, sendo o primeiro argentino a obter esse reconhecimento. Graças aos contatos com outros naturalistas, amplia seus conhecimentos e publica, juntamente com o paleontólogo francês Henri Gervais, um ensaio sobre os mamíferos fósseis da América do Sul.

Ameghino trabalhou desde cedo, com adesão incondicional ao evolucionismo darwiniano, numa tese própria sobre a transformação das espécies -- em particular dos vertebrados mamíferos -- que o leva a postular a origem americana do homem, apresentando uma comunicação nesse sentido no Congresso Internacional de Bruxelas, em setembro de 1879¹¹. A maior parte de seus esforços teóricos concentrou-se nessa hipótese; dada a antigüidade por ele atribuída ao território americano, os antecessores do homem haviam encontrado um solo propício para sua firme evolução.

Acrescentando outros dados biográficos, deve-se dizer que só nos últimos anos de vida foi reconhecido publicamente¹². Suas

11. Sobre sua intervenção nesse Congresso -- que reuniu figuras destacadas das ciências naturais --, com uma comunicação a respeito da antigüidade do homem na região do Prata, em sessão presidida pelo próprio Rudolf Virchow, nenhum dos participantes fez comentários. Diante de uma platéia silenciosa, Virchow, ao que parece, estimulou Ameghino com as seguintes palavras: "-- Si Ud. está realmente convencido de las teorías que acaba de exponer, que son originales de verdad, siga adelante con ellas, defiéndalas y hágalas triunfar" (citação extraída do prólogo de Alfredo J. Torcelli a *Florentino Ameghino. Obras completas y correspondencia científica*, op. cit., p. 44).

12. Entre os problemas que enfrentou, encontra-se o fato de ter sido exonerado do magistério ao regressar da Europa, pois vencera sua licença e, evidentemente, houve má contade em contornar a situação. Por outro lado, não escapa o fato de seus primeiros trabalhos terem sido publicados no exterior, sem dúvida em função do nulo interesse local. Os problemas com o reconhecimento

idéias recebiam apoio dos setores progressistas, entre os quais se encontrava uma parte dos cientistas e espíritos adeptos do positivismo e do livre pensamento, caracterizados pelo predomínio da racionalidade leiga, opostos à Igreja. Outros, entretanto, igualmente racionalistas, como o estudioso alemão German Burmeister -- um dos mais conhecidos "poligenistas", a exemplo do suíço-norte-americano Louis Agassiz --, opunham-se às teses da evolução e só tardiamente simpatizaram em parte com o esforço de Ameghino. Em 1902, o reconhecimento ampliou-se com a nomeação para o cargo de diretor do Museu de História Natural de Buenos Aires, cargo que ocupou até sua morte, ocorrida em 1911, em plena maturidade.

Passemos às teses que impressionaram os evolucionistas locais, e em particular as forças socialistas, deixando de lado as contribuições de Ameghino relativas ao descobrimento e classificação de fósseis vertebrados em território argentino.

Para Ameghino, o aparecimento do homem remontava ao período terciário, enquanto os trabalhos paleontológicos de maior peso indicavam o quaternário. Esse ponto de vista já constava num de seus primeiros trabalhos, "Antigüedad del hombre en el Plata", e se manteve persistente, ainda que com algumas variantes, encontrando plena expressão em suas posições maduras. Se de início apenas insinuou a idéia de que a espécie humana poderia ter tido como território fundacional o continente americano, mais tarde já não lhe restavam dúvidas. Geologia e antropogenia local implicavam-se

granjearam-lhe dificuldades econômicas. Em fevereiro de 1898 foi exonerado de seu cargo no Museu de Ciências Naturais de La Plata. Durante muito tempo viu-se obrigado a ganhar a vida como livreiro, primeiro em Buenos Aires e depois em La Plata. Sua obra escrita ultrapassa uma centena de trabalhos.

mutuamente; e, de resto, já havia problema na contabilidade geológica, pois Ameghino atribuía ao solo americano uma antigüidade incorreta, fazendo-a remontar ao período secundário.

As formas mais recuadas de nossos antecessores iniciavam-se com o quadro hipotético dos *Proanthropomorfus*, passando em seguida aos *Anthropomorfus* -- forma crucial, pois aqui os ramos se bifurcariam para os antropóides e os hominídeos; por sucessivas mediações chegava-se ao *Tetraprothomo*, *Diprothomo*, *Prothomo* e, finalmente, ao *Homo*. Oito formas antecedentes até se chegar à espécie humana constavam na classificação de Ameghino. Esses estádios sucediam-se em consonância com as transformações geológicas, que em sua perspectiva podiam ascender até o secundário; e, sendo formas absolutamente evolutivas, sem dúvida nos ramos laterais podia ocorrer uma situação paradoxal (que soa a involução ou algo semelhante), já que em algum ponto a evolução teve de se orientar para os antropóides e não para os humanóides. Assim, Ameghino sustentava que

"poniendo en paralelo al hombre con los simios del antiguo continente, no es el hombre el que aparece como un mono perfeccionado, sino al contrario, son los monos que aparecen como hombres bestializados"¹³.

Se é verdade que o ponto de partida de suas pesquisas paleontológicas haviam sido os mamíferos em geral, a maior parte de sua tentativa conceitual visou estabelecer os nexos evolutivos da família humana, adotando um modelo próprio em matéria de filogenia.

13. F. Ameghino, *Filogenia. Principios de clasificación transformista basados sobre leyes naturales y proporciones matemáticas*, Buenos Aires, La Cultura Argentina, 1915, p. 213. A asserção encontra-se também em outros trabalhos de Ameghino.

E sobre este ponto devemos nos demorar.

Ao arrolar os autores que mais o influenciaram, Ameghino não menciona Haeckel, vendo-se imediatamente obrigado a uma explicação que, embora longa, parece-me reveladora:

"Sorprenderáse más de uno de mis lectores de no ver figurar en esta lista el nombre del célebre Haeckel, que también es autor de un ensayo de genealogía de los seres. Y es que no me he servido de él. Sólo he mencionado una vez la *Historia de la creación natural*, en las primeras páginas de mi obra *La antigüedad del hombre en el Plata*, por haberla consultado algunos instantes en una biblioteca (...). Sin duda parecerá inverosímil (...) que no haya consultado tal autoridad; pero esa es la verdad. Mas" -- continua -- "para que mi silencio no sea mal interpretado, contentaréme con decir que (...) no he podido procurarme la obra en cuestión. Pero (...) tengo a pesar de todo una idea de ella; se que de un modo especial está basada en la embriología; que las genealogías están trazadas a grandes rasgos; y que aunque el punto de partida de ambos es completamente distinto, los resultados que ambos hemos obtenido concuerdan perfectamente en sus puntos principales, lo que no hace más que aumentar el mérito de la obra del sabio alemán, que guiado quasi exclusivamente por el estudio del desarrollo embriológico, supo obtener grandes resultados"¹⁴.

Quem acaba de fazer essa confissão de conhecimento "superficial" de uma obra na qual simultaneamente reconhece "grandes resultados" -- equiparáveis aos dele próprio -- parece não perceber a fragilidade -- suspeita -- do argumento antecedente, pois mais adiante escreve:

"Haeckel (...) es el único que intentó un plan de clasificación transformista; pero éste abraza todo el reino animal; las evoluciones geológicas están trazadas a grandes rasgos y las diferentes ramas no están dispuestas como las partes de un todo convergiendo hacia un tronco común, sino estudiada por separado, a grandes rasgos, con el título de Cuadros Genealógicos"¹⁵.

14. F. Ameghino, *Filogenia...*, p. 13-14. Grifo meu.

15. Id., *ibid.*, p. 15.

E acrescenta:

"Todos los naturalistas han retrocedido ante la tarea de reconstruir la clasificación según los principios de la nueva escuela; y es preciso confesar que quien lo intentara marcharía probablemente a un fracaso.

"La historia de los seres organizados ha tomado tal desarrollo, se han extendido tanto sus límites y se han clasificado tantos miles de formas distintas, que la inteligencia de un solo hombre no podría abrazarlas todas en sus múltiples detalles, ni aun retenerlas en la memoria.

"Tal trabajo en conjunto es superior a las fuerzas de un individuo. Debe hacerse por partes. Que cada especialista haga (...) la reconstrucción del grupo que estudia..."¹⁶

Essas longas citações evidenciam influências e resistências em relação a uma autoridade com a qual necessariamente se estabelece uma concorrência. Se observamos as argumentações de Ameghino quando propõe seu método filogenético, retorna a sombra de Haeckel. De fato, não podemos nos subtrair à idéia de que a construção filogenética de Ameghino se faz como resposta a Haeckel, resultando provável, assim, que o tenha lido superficialmente apenas em termos de uma leitura de "primeira mão", mas a quem conhecia o suficiente através de diversas manifestações de "segunda mão". Há razões para pensar assim, a começar pela notória universal influência do naturalista alemão, cujo idioma Ameghino lia¹⁷; em segundo lugar, a Haeckel deviam-se os próprios conceitos de ontogenia e filogenia; por fim, havia sua obstinação em limitar o valor da embriologia.

16. Id., *ibid.* Grifo meu.

17. É notável a aptidão de Ameghino para o aprendizado de línguas, algo fundamental para quem se lançava no campo da pesquisa. Angel M. Giménez narra que, logo depois de Ameghino ter recebido uma revista escrita em alemão, com notas bibliográficas sobre um de seus trabalhos, "se encierra y estudia sólo... y al mes podía traducir". Ver o Prólogo de Angel M. Giménez, *Ameghino. Homenaje de la Sociedad Luz en el XXV aniversario de su muerte, 1911*, op. cit.

No próprio texto de Ameghino encontramos as provas. De fato, quando adentramos nos capítulos centrais de *Filogenia*, nos quais o autor se propõe enunciar os elementos nocionais de seu método, em consonância com as idéias que adotava sobre o processo filogenético, vai finalmente discordar quanto ao valor determinante da embriologia. Iniciando o capítulo "Embriología, teratología y paleontología", Ameghino diz:

"La embriología, particularmente en esos últimos años, ha adquirido una importancia extraordinaria para la clasificación natural y sobre todo para la clasificación genealógica, a causa de la relación que se ha entrevisto o se supone existe entre las diferentes fases porque pasa el embrión y las diferentes formas por las cuales han pasado en épocas remotas los distintos animales antes de adquirir los caracteres aparentemente definitivos que presentan en la época actual"¹⁸.

É bastante evidente que Ameghino refere-se à lei biogenética fundamental de Haeckel, apresentando em seguida os nomes a que se deve a difusão em matéria de embriologia:

"Resumir los datos que en ese sentido suministra la embriología sería difícil sin plagiar las magníficas exposiciones que con igual motivo han hecho Haeckel, Huxley, Büchner, Duval y otros"¹⁹.

Percorre então a textualidade genealógica baseada na embriologia, percurso encabeçado por Büchner -- de quem Ameghino extraiu idéias decisivas para a sua própria fundamentação filosófica, como se verá mais adiante -- através de *El hombre según la ciencia*, que recolhe teses de Haeckel e de seu grande antecessor

18. F. Ameghino, *Filogenia...*, op. cit., p. 291.

19. Id., *ibid.*

Bäer, dos quais se aproxima. Em seguida examina Huxley -- transcrevendo-o longamente --, com suas explicações sobre as células embrionárias, sobre a notável semelhança da vida embrionária das espécies parecidas entre si e, ao contrário, a dessemelhança entre as espécies que menos se parecem.

Infiltra-se em Haeckel, do qual cita:

"Es superfluo distinguir más largamente esta formación orgánica, simple y compleja a la vez, de donde procede todo hombre, haya nacido en un palacio o en una choza. No podríamos hacer más que repetir lo que hemos dicho del huevo de los mamíferos. Entre el huevo humano y el de los mamíferos no hay más diferencias visibles que las diferencias de tamaño. Sin embargo, hay diferencias precisas, características. Pero esas diferencias no lo son en la forma exterior, aunque ahí también debe haber desemejanzas muy mínimas y sólo apreciables con nuestros instrumentos de óptica. Ellas existen sobre todo en la constitución íntima, en la composición química y molecular. Ahí está la razón del desenvolvimiento ulterior especial de los caracteres taxonómicos e individuales que aparecen más tarde"²⁰.

Para concluir com o próprio Haeckel:

"Estas delicadas diferencias individuales de todos los huevos que, siendo indirectas y virtuales, no pueden ser directamente puestas de manifiesto por nuestros groseros procedimientos de exploración, deben, sin embargo, reconocerse por inducción como la razón primera de todas las desemejanzas individuales"²¹.

Tudo sugere que boa parte das leituras de Ameghino concentrou-se nas interpretações de Matías Duval, cujo livro *De la embriología en su relación con la antropología* apoiava e difundia as teses de Haeckel, Müller -- naturalista especializado em embriologia que chegou a conclusões idênticas às do primeiro --, Huxley e, é claro,

20. Citação de Haeckel, em *Filogenía...*, p. 296.

21. Id., *ibid.*

Büchner.

Dado o peso da embriologia na filogenia, Ameghino comenta:

"Se supone con razón que esta evolución por la que pasa un ser para llegar a adquirir su forma definitiva es la misma evolución que ha seguido ese mismo ser en el transcurso de los tiempos geológicos empleando en ella millares de años, de modo que cada forma que sucesivamente toma el embrión, reproduce en bosquejo la figura de cada una de las formas por las cuales ha pasado sucesivamente en las épocas geológicas, desde las más remotas hasta el presente. Si todos los embriones se parecen en su origen, es también de creer que todos los seres eran iguales en un principio (...).

"Estudiando paso a paso el desarrollo embriológico podemos estudiar la época relativa en que se separó cada grupo del tronco principal"²².

A importância decisiva dos estudos embriológicos para se decifrar a evolução leva-o a dizer:

"Así, el transformismo al paso que encuentra una espléndida comprobación en la embriología y que ésta a su vez le proporciona datos para establecer una verdadera clasificación natural establecida por la filiación de los seres, da también una explicación igualmente espléndida del por qué de esa metamorfosis o fases distintas por las cuales pasa el embrión antes de reproducir el tipo adulto del que es precursor. ¿Cuál es la explicación científica que de este fenómeno aparentemente misterioso pueden dar los detractores del transformismo? Ninguna."²³

Passa então a expor as características da evolução: órgãos que se desenvolveram, outros que se atrofiaram ou se perderam -- "por atavismo o fuerza de la herencia"; devem-se computar "reversões", no caso de uma "anomalia" persistir na forma superior que sucedeu um estágio anterior inferior, chegando em alguns casos a monstruosidades como o hermafroditismo, o que é estudado pela

22. Id., ibid., p. 306.

23. Id., ibid., p. 306-307.

teratologia, esta sendo, portanto, uma disciplina fundamental para as pesquisas do transformismo. Retoma alguns pressupostos fundamentais de sua teoria da evolução dos vertebrados, distinguindo o conceito de "análogos" -- segundo o qual "todos los vertebrados estaban contruídos sobre un mismo plan" -- e de "homólogos", já que a armação óssea se reduz "a un escaso número de formas primitivas". "Los diferentes vertebrados actuales y extinguidos" -- afirma -- "no son más que modificaciones de un tipo primitivo sumamente simple".

Mas, sem negar de modo algum a importância da embriologia, Ameghino pede novamente o auxílio de Büchner em *El hombre según la ciencia*, para assinalar o papel da própria paleontologia. A partir da proposta triádica de Büchner de relações entre os fenômenos -- "de yuxtaposición de causa a efecto, de sucesión" -- e da convicção de que os resultados alcançados pela embriologia traduzem-se identicamente na paleontologia -- já que "de los estadios anteriores", como diz Büchner, "nosotros exumamos los restos, las imágenes en las profundidades del suelo" --, Ameghino oferece um caminho, dentro do campo paleontológico, para se reconstruir a filogenia.

Entende que, para além de suas concordâncias com a teoria da recapitulação de Haeckel, esta "no es tan rigurosamente exacta como pudo creerse, pues la recapitulación de ciertos caracteres desaparecidos en el embrión es tan corta" -- afirma -- "que no se presta a la observación"²⁴.

Dissonância definitiva em relação a Haeckel, afastamento da

24. Id., *ibid.*, p. 375.

vertente embriologista por onde se encaminhou o evolucionismo pós-darwiniano, Ameghino posiciona-se uma vez mais contra a infalibilidade da lei de recapitulação:

"Esta ley en la que Haeckel ha basado sus cuadros filogenéticos, presenta en completa contradicción con ella excepciones notables que nos demuestran con la mayor evidencia que no podemos tomarla como guía exclusiva (...), que sólo puede servir como medio de comprobación en unos casos y como poderoso auxilio en otros"²⁵.

Uma longa disquisição leva-o a propor que desaparecimentos, eliminações e reincorporações orgânicas, "en vez de buscarlos en el embrión hay que buscarlos en el individuo muy viejo, en quien está en vías de desaparecer". Não é na vida que se deve recuperar o mistério da evolução, mas, sim, nos fósseis. Seu método baseia-se no procedimento da seriação,

"procedimiento exacto, (...) que nos permite (...) determinar la época en que ha aparecido cada órgano, o el carácter zoológico, la época en que ha desaparecido, ... y hasta determinar ciertos caracteres de antecesores en animales actuales"²⁶.

O fundamento da "seriação" é que "cada órgano no ha aparecido más que una sola vez, pero que puede haber desaparecido sucesivamente o a intervalos muy desiguales en grupos distintos". E isso porque Ameghino apóia-se num princípio filosófico anticriacionista, aludindo a

25. Id., *ibid.*, p. 376.

26. Id., *ibid.*, p. 386-387.

"...la necesidad imprescindible de admitir como un hecho indiscutible que cada parte anatómica ha aparecido una sola vez en la noche de los tiempos, a menos que no se quiera hacer desempeñar al Ser Supremo un papel en alto grado ridículo.

"Ni se puede suponer un solo instante sin recurrir continuamente al milagro o a la intervención de una potencia sobrenatural que la evolución haya retrogradado a intervalos para volver a recorrer el mismo camino y reproducir absolutamente los mismos órganos hasta en sus más mínimos detalles. Sería un absurdo"²⁷.

Seria extremamente tedioso -- e fora de propósito -- demonstrar aqui o método criado por Ameghino para rebater o método de Haeckel, que consiste no ordenamento dos grupos constituídos a partir da evolução de uma espécie -- orientando-se pelos princípios de correlação com o "análogo" e o "homólogo" --, com a identificação de famílias, ou ramos, e dos caracteres presentes nas diversas sub-ramificações, ao que se aplicam fórmulas matemáticas (existe em sua concepção uma "zoologia matemática"). A partir do conhecimento de alguns caracteres existentes nas espécies, e armando-se hipóteses sobre outros, pode-se recompor a sucessão filogenética, que Ameghino acreditava ser menos complicada em se tratando da espécie humana. Propôs denominar seu sistema "principios de clasificación transformista basados sobre leyes naturales y proporciones matemáticas", "notándose" -- dizia -- "un esfuerzo por acercarse a esta fórmula: 'Sólo hay ciencia de lo que puede medirse'"²⁸.

Entre os opúsculos da Sociedade Luz dedicados a Ameghino,

27. Id., *ibid.*, p. 387.

28. F. Ameghino, *El transformismo como ciencia exacta*, Buenos Aires, Sociedad Luz, Talleres Rosso, 1916 (conferência pronunciada por ocasião da morte de Darwin, no Instituto Geográfico Argentino). A mesma asserção encontra-se presente em F. Ameghino, *Doctrinas y descubrimientos*, Buenos Aires, La Cultura Argentina, 1917, p. 171.

encontra-se uma conferência²⁹ em que ele novamente se aferra aos três métodos que conduzem à reconstrução filogenética. Desprezando uma vez mais o que se baseia no conhecimento embriológico, porque se limita a "las grandes líneas de la evolución, desapareciendo la mayor parte de los detalles", e recusando o método paleontológico reconstrutivista, "sistema lento y más difícil", visto ser necessário "buscar en las entrañas de la tierra los despojos que precedieran a los actuales", propõe sua invenção, pois conseguiu "reducirlo a fórmulas exactas". Descreve-o como um método capaz de

"restaurar todas las formas antecesoras de una especie por medio del cálculo, comparando según ciertas reglas deducidas de leyes filogenéticas invariables, su organización con las demás especies del mismo grupo natural. Este método permite descender hasta los más mínimos detalles"³⁰.

É notável a confiança no cálculo para descrever os antecessores do homem americano, ressaltando-se a identificação do *Homo pampaeus* nos *Prothomos* (a partir dos crânios encontrados na região sul de Buenos Aires); para nosso pesquisador, isso constituía um elo crucial no surgimento da espécie. No trabalho que Rodolfo Senet lhe dedicou, difundido pela Sociedade Luz³¹, o autor inicia a apologia dos descobrimentos de Ameghino destacando a circunstância excepcional de estes terem revolucionado o conhecimento, ao situar já no terciário os mais remotos ascendentes

29. F. Ameghino, *Una rápida ojeada a la evolución filogenética de los mamíferos*, 2. ed., Buenos Aires, Sociedad Luz, Série II, n. 6, Talleres y Casa Editora J. Perrotti, 1919.

30. F. Ameghino, *Una rápida ojeada...*, op. cit., p. 4 e 5.

31. R. Senet, *Los descendientes del hombre según Ameghino*, Buenos Aires, Sociedad Luz, Série II, Tomo XI, Talleres Gráficos L.J. Rosso, 1916.

humanos; Senet detém-se na apresentação das teses da origem americana da espécie.

"La remota antigüedad del hombre en el continente americano queda definitivamente comprobada. De sus antecesores proceden las razas humanas. El grupo negro-negroide-australóide debe descender del Triprothomo, que vivió en los últimos tiempos en la época miocena, evolucionando separadamente en Africa y Oceania. El Triprothomo emigró a Africa y allí evolucionó dando lugar a las razas actuales (...). La diferenciación de la raza caucásica y mongólica debe ser más reciente (...). "Durante la última emigración de la fauna mamalógica sudamericana, o sea del mioceno-plioceno-cuaternaria, el Prothomo pasó a la América del Norte (...). Ambas Américas" -- continua Senet -- "se comunicaban (...). El Homo pampaeus debió emigrar a la América del Norte antes de la época cuaternaria (...). A fines de la misma época siguió su éxodo hacia el continente asiático, donde algunos grupos (...) constituyeron la raza mongólica; otros invadieron el continente europeo, donde se diferenciaron, dando lugar al caucasoide"³².

É que, segundo Senet, Ameghino não só desfraldara evidências relativas à "mayor antigüedad de la fauna de mamíferos fósiles en Sud América, incluyendo los más antiguos monos fósiles conocidos..., y la existencia de antiquísimos fósiles humanos", mas também levantara hipóteses sobre as quatro emigrações, que expunha resumidamente³³. Não havia dúvidas de que a mais remota antigüidade do homem estava associada à paisagem americana, à geologia dessas latitudes. Ali encontravam-se inclusive vestígios de uma atividade humana -- como entalhes em pederneiras -- contemporânea "del Megaterio, el Milodonte, el Gliptodonte, del Mastodonte...", embora muitos duvidassem tratar-se de um "entalhe intencional" -- dúvida que Ameghino se propunha refutar na conferência "La Edad de

32. Id., *ibid.*, p. 28.

33. F. Ameghino, *op. cit.*, capítulo 1, "El origen sudamericana del hombre".

Piedra", proferida com ânimo divulgador para um vasto público e publicada pela Sociedad Luz³⁴. Apesar de Ameghino querer homenagear a "historia del trabajo humano" diante das "maravillas de la industria actual" apresentadas na Exposição Industrial Continental -- à qual remetera uma coleção de pedras entalhadas de longa antigüidade --, não ventilava a mínima interpretação sobre a repercussão do trabalho na história "natural" do homem. Uma longa explanação prática a propósito de certas formas adquiridas por antigas pederneiras culminava com sua certeza quanto à "intervención intencional de un ser inteligente" -- em fases pré-quaternárias --, diferenciando-a das ações da própria natureza. O recado final da conferência consistia em mostrar o valor da nova ciência, a antropologia, e seu desenvolvimento na Europa, sobretudo na França; Ameghino fazia votos para que a universidade local a introduzisse.

A segunda parte de "La Edad de Piedra" foi denominada "El transformismo como ciencia exacta. Un recuerdo a la memoria de Darwin"³⁵, de quem o autor declarava-se um dos "primeros discípulos" argentinos. Propôs-se refutar a

"masa de declamadores antitransformistas que en su afán de combatir la nueva teoría e impedir que haga prosélitos, divulgan falsedades absurdas como aquella, corriente entre nosotros, de que los darwinistas hacen descender al hombre del

34. F. Ameghino, *La Edad de Piedra*, Buenos Aires, Sociedad Luz, Série II, Tomo 7, Talleres Gráficos L.J. Rosso, 1916. Trata-se da primeira parte da conferência proferida no Instituto Geográfico Argentino, em 19 de junho de 1882, por ocasião da Exposição Industrial Continental.

35. Buenos Aires, Sociedad Luz, Série II, n. IX, Talleres Gráficos Rosso, 1916.

mono; los asiáticos braquicéfalos del orangután; los negros dolococéfalos de los gorilas, y los pigmeus de Africa central del chimpancé"³⁶.

Ao que acrescentava:

"Ni Darwin, ni su predecesor Lamarck, ni sus discípulos Huxley ni Haeckel, ni ningún naturista transformista ha dicho que algunas de las razas humanas actuales desciendan de alguna de las especies de monos actuales. Lo que afirman los transformistas es que los seres en general, y cada especie en particular, no ha aparecido así nomás porque sí, de sopetón, de la noche a la mañana: que nada se forma de la nada, que por consiguiente todo debe tener antecesores (...). Que el hombre desciende de una forma inferior extinguida, que los monos antropomorfos actuales también descienden de otra forma extinguida, que a su vez tuvo sin duda por origen un tipo primitivo del cual se separaron en épocas sumamente remotas las formas precursoras del hombre"³⁷.

A ilustração detinha-se nas linhas de associação entre espécies extintas -- os vínculos entre o distante Eutatus até alcançar o Glipdotonte, o Megatério e formas intermediárias -- Lestipdom, Magalonyx, Megalochnus, Mylodom, chegando aos tatus atuais da planície dos pampas. Outros exemplos eram as genealogias das atuais raposas, "vizcachas" e guanacos, bem como de animais de outras latitudes. Utilizando a alegoria da árvore com folhas secas caídas (os animais definitivamente extintos) e folhas verdes (as descendências concatenadas), insistia na tese de que

"muchas especies y géneros (...) han desaparecido, no por transformación, sino por extinción, sin dejar descendencia (...). Que todos los animales actuales deben tener predecesores en las épocas pasadas"³⁸.

36. Ameghino, *El transformismo como ciencia exacta*, op. cit., p. 4.

37. Id., *ibid.*, p. 5.

38. Id., *ibid.*, p. 15. Grifo do original.

Como Orione³⁹ analisou com agudeza, o tributo maior de Ameghino remete a Lamarck: suas posições -- como o distanciamento em relação a Darwin realizado em diversas latitudes, começando pelo próprio Haeckel, do qual me ocupei no capítulo precedente -- repousam indubitavelmente nas noções centrais da hereditariedade, com inteiro abandono dos mecanismos da seleção natural. A omissão fundamental de Darwin era repostada por uma argumentação mais ideológica do que conceitual, como evidencia essa conferência. Ao finalizar, Ameghino reiterava sua fé no gênio de Darwin e nas leis transformistas trazidas pela teoria deste, teoria que lhe parecia "tan sencilla, tan simple, tan lógica, tan natural", que não podia acreditar como pessoas ilustradas podiam concebê-la sem a interveniência de "las leyes transformistas del atavismo intelectual".

A divulgação de Ameghino promovida pela Sociedade Luz não poderia se encerrar, sem a apresentação dos dois folhetos nos quais discorre sobre suas posições filosóficas. Por ocasião de sua designação como membro "honorário" da Sociedade Científica Argentina -- a mesma instituição que quase vinte anos antes denegara-lhe a aceitação de seus primeiros trabalhos --, Ameghino pronunciou um discurso que intitulou "Mi credo"⁴⁰ e que consistiu numa profissão de fé. Depois de assinalar que o culto da verdade "será la religión del porvenir", manifesta sua concepção do

39. Julio Orione, "Florentino Ameghino y la influencia de Lamarck en la paleontología argentina del siglo XIX", em "Quipu", v. 4, n. 3, sep./dic. 1987.

40. Buenos Aires, Sociedad Luz, Série II, Tomo V. Valho-me da coletânea Ameghino. *Homenaje de la Sociedad Luz en el XXV aniversario de su muerte, 1911*, op. cit.

Universo,

"constituído por un infinito tangible, la materia; y tres infinitos inmateriales, espacio, tiempo y movimiento. Materia y Espacio" -- diz ele -- "tienen la relación de contenido y continente"⁴¹.

Em outro opúsculo, a própria Sociedad Luz difunde "Espacio, materia y movimiento. La noción de Dios"⁴², no qual Ameghino expõe pormenores sobre essas dimensões cosmológicas axiais. O infinito espaço "no tiene límites,... no es susceptible de aumentar ni de disminuir", "es mensurable gracias a una ficción". Não existe o vazio, não existe o nada: o espaço infinito é de existência real e positiva. A infinita matéria é a ocupante do espaço infinito, há uma relação de continente/imaterial (o espaço) e conteúdo/material (a matéria).

Não há lugar "para un tercer infinito imaterial que esté fuera del espacio" -- não há lugar para um demiurgo transcendente, obstruem-se as pretensões deístas; mas tampouco cabem princípios de animação panteísta imanentes; tudo o que é, ocupa um espaço, tudo o que ocupa espaço é simplesmente redutível a matéria.

"La sola suposición de que el espacio haya tenido un principio y pueda tener un fin, repugna a la razón"⁴³ -- afirma. O espaço não criou a matéria, nem são "transformables entre sí", pois o primeiro possui o atributo de "reposo absoluto", enquanto a segunda possui o

41. F. Ameghino, *Mi credo*, op. cit., p. 126.

42. Buenos Aires, Sociedad Luz, Série II, n. XXI. Consta também em Ameghino. *Homenaje de la Sociedad Luz...*, volume por mim consultado.

43. F. Ameghino, "Espacio, materia y movimiento. La noción de Dios", op. cit., p. 149.

atributo de "movimiento continuo". Em perpétuo movimento, a matéria reconhece estados -- sólido, gasoso, ígneo, luminoso, embora existam estados "que permanecen inaccesibles a la inteligencia humana"⁴⁴. Mas, se as mudanças são incessantes, contínuas e afetam formas, aspectos, manifestações -- o movimento é o modo de ser da matéria --, isso na verdade acaba sendo apenas "un simple cambio de disposición de las partículas constituyentes", "sin que se modifique la substancia"⁴⁵;

"Todo lo que en el sucesivo caleidoscopio de la vida se nos presenta ante los ojos, son apariencias transitorias, fugaces en la eternidad del tiempo, de una substancia fundamental siempre la misma"⁴⁶.

No último item, depois de afirmar que a matéria é construída de átomos impenetráveis e que estes "vagan en el espacio..., separados bajo formas que varían..., que se atraen o rechazan", chega à noção de força. Não é a força a responsável pelo movimento da matéria, mas é a própria matéria em movimento que constitui a fonte da força. O movimento é o "tercero inmaterial": não existe transcendência, ou, em todo caso, imanência. Supera-se assim a suposição baseada em "que la vida dependía de otra fuerza". Por isso,

"toda manifestación de fuerza va acompañada de movimiento, y todo movimiento desarrolla fuerza (...). Ella no se gasta, sino que se transforma (...). La noción de fuerza es inadecuada (...), lo que hay es (...) materia en movimiento"⁴⁷.

44. Id., *ibid.*, p. 150.

45. Id., *ibid.*, p. 151.

46. Id., *ibid.*

47. Id., *ibid.*, p. 154.

Ameghino propõe um edifício cosmológico de "gran armonía" entre as quatro noções:

"El Cosmos" -- diz -- "es el conjunto de cuatro infinitos: el inmutable infinito Espacio ocupado por el infinito Materia, en infinito Movimiento en las sucesivas fases del infinito Tiempo"⁴⁸.

Como se pôde observar, no pensamento de Ameghino encontra-se uma generosa quantidade de idéias de Büchner mantendo o próprio ecletismo de sua procedência, não sendo difícil, pois, descobrir que o caráter monista de suas concepções -- com ascendência em Goethe-Spinosa -- desaloja as adesões contrárias ao espírito do "realismo filosófico". O "monismo-naturalista", tal como sublinhou Ricaurte Soler⁴⁹, que adquire a fixação de um objetivismo à outrance, em Ameghino salienta apenas um dos dois componentes do monismo, a matéria; portanto, suas idéias não extrapolam o "materialismo vulgar" -- algo também assinalado por Orione⁵⁰ --, sendo incapazes de uma maior preocupação metafísica. Os próprios infinitos são reificados.

Em *Mi credo*, propõe que a evolução da natureza -- e do conjunto cósmico -- obedece a dois tipos de movimento, o "concentrante" -- regido por uma lei progressiva, pela qual a matéria tende a uma maior densidade e se torna cada vez mais heterogênea -- e o "radiante" -- de caráter regressivo, levando à simplificação e à homogeneidade. O movimento concentrante consegue

48. Id., *ibid.*, p. 155.

49. Ricaurte Soler, *El positivismo argentino*, Buenos Aires, Paidós, 1968.

50. J. Orione, *op. cit.*, p. 452.

que a atividade absorvida passe a um "estado pasivo, latente, potencial", e tenha uma conduta "atrativa"; ao contrário, o movimento radiante faz com que o estado passivo se torne ativo-repulsivo. "La intensidad del movimiento está en relación inversa a la densidad de la materia" -- afirma, com intuições baseadas em Newton e no próprio Goethe.

Assim, sua leitura do grande sistema da natureza leva-o a postular que as próprias leis naturais não podem ser eternas e imutáveis:

"Llamamos leyes naturales a los diferentes modos de equilibrio que resultan de la lucha del movimiento concentrante con el movimiento radiante, roto el equilibrio la ley falla, cesa, para dar lugar a otro modo de movimiento, a otro modo de ser, a otra ley. Como las humanas, como las sociales, las leyes naturales también evolucionan"⁵¹.

Provavelmente, a essa altura revela-se uma boa pitada de Leibniz, de quem Ameghino parece ter extraído tais noções, embora seja provável tratar-se igualmente de um Leibniz de "segunda mão", aportado pelo ecletismo de Büchner. Em todo caso, há mais prefigurações de Leibniz que de Spinoza, mais matematização que inteligibilidade intuitiva no sistema proposto por Ameghino. De resto tampouco existem pistas de "transcendência", assim como não há pegadas remissivas em direção à potência subjetivante -- não é o homem o protagonista, mas a evolução em si mesma, como bem assinalou Oriola Rojas⁵² --, nenhuma perspectiva panteísta, nenhuma

51. *Mi credo*, op. cit., p. 134.

52. Margarita Oriola Rojas, "Florentino Ameghino (c. 1853-1911)", em Hugo Biagini (org.), *El movimiento positivista argentino*, Buenos Aires, Ed. de Belgrano, 1985, p. 402. Oriola Rojas realizou uma leitura filosófica de Ameghino, assinalando algumas influências com

"última pergunta", nada mais além -- ou aquém -- do espaço e da matéria, "el infinito inmaterial es imposible", "la idea de Dios (...) es hija del temor y la ignorancia"⁵³. O eterno movimento mecânico não tem eco e escuta apenas a si mesmo.

O otimismo e a firme confiança na exatidão matemática que o transformismo demonstraria, até para explicar o surgimento e desenvolvimento da espécie humana, estavam presentes nas idéias de Ameghino sobre a evolução; redundavam num consagrado credo transformista de grande inspiração para o socialismo local. Vale a pena nos determos na seguinte declaração, a partir da qual se pode interpretar resumidamente o sentido dos grandes afetos que granjeou entre os socialistas, levando-os a implantar suas idéias na Sociedade Luz:

"Una enseñanza se desprende de la evolución" -- dizia Ameghino -- "los seres que han cesado su desarrollo se volvieron incapaces de nuevas adaptaciones, tampoco permanecieron estacionarios -- quedaron atrás para sucumbir y desaparecer del escenario de la vida (...).

"Así también ha sucedido y sucede con las razas humanas y las sociedades y así sucederá en el futuro. La evolución y el perfeccionamiento no tienen límites: son eternos como el tiempo e ilimitados como el espacio. Es necesario" -- continuava -- "colocarse en sus corrientes e ir adelante so pena de quedarse atrás y desaparecer. La lucha entre las sociedades se ha establecido en el camino del progreso y en esa ancha vía en que todos tienen que avanzar sobre un mismo frente, es preciso ir adelante, siempre adelante, a no ser para apreciar el camino recorrido que nos separa de los que nos siguen de cerca"⁵⁴.

as quais concordo -- como o caso do próprio Haeckel -- e outras que me parecem dever-se ao "clima geral" spenceriano, mais do que a uma leitura de "primeira mão" do autor inglês. Curiosamente, não existe referência à inquestionável influência direta de Büchner.

53. F. Ameghino, "Espacio, materia y movimiento. Noción de Dios", em *Ameghino. Homenaje de la Sociedad Luz...*, op. cit., p. 158.

54. Id., *ibid.*, p. 6.

A vertente de Ameghino, que a um tempo aceitava e recusava Haeckel, teve um virtual contrapeso com as posições de Horacio Damianovich, que propôs, a partir do campo da química, um não-distanciamento da perspectiva do naturalista alemão, a quem considerava um de seus principais inspiradores nas primeiras fases de trabalho. Damianovich (1883-1952) constitui uma figura muito importante na pesquisa química, assim como na físico-química, à qual dedicou seus trabalhos mais importantes da fase madura⁵⁵. Graduou-se primeiro como doutor em química, em 1907, e mais tarde completou sua formação docente no Instituto Nacional del Profesorado. Membro da Sociedad Científica Argentina -- cujos *Anais* dirigiu entre 1916-1917 --, foi também um dos fundadores da sociedade que congregava os pesquisadores de química. Além de um longo exercício na docência secundarista e universitária, em Buenos Aires e Santa Fé, ocupou cargos importantes na Faculdade de Ciências Exatas e Naturais das Universidades de Buenos Aires e do Litoral, da qual chegou a ser reitor em 1933. Obteve os prêmios "Dr. Carlos Berg" (1909) e "Dr. Juan Kyle" (1932) e deixou numerosos trabalhos⁵⁶.

Membro destacado da Sociedad Luz -- por algum tempo foi seu dirigente máximo --, ministrou vários cursos sobre sua disciplina e conhecimentos afins, convencido do papel fundamental da elevação científica e cultural das massas. Essa convicção levou-o a dar aulas também para os trabalhadores que freqüentavam os cursos

55. Suas pesquisas sobre "gases raros" parecem conter ainda hoje aspectos notáveis. Devo a informação a Nicolás Babini.

56. Devem-se a Damianovich inúmeros artigos publicados em diferentes revistas especializadas, entre as quais os *Anales* de la Sociedad Científica Argentina e da Asociación Química Argentina.

noturnos na Escuela Industrial de la Nación. O *corpus* fundamental de suas posições durante 1900-1920 originou *La doctrina de la generación espontánea*, uma das primeiras publicações daquela Sociedade Luz⁵⁷. Embora eu tenha abordado seus alinhamentos básicos em outro lugar⁵⁸, é imprescindível retomá-los, uma vez que constituíram o núcleo da campanha de difusão entre os operários. Apesar de considerar precário e até provisório o conceito de "generación espontánea" para dar conta do processo pelo qual os elementos inorgânicos se tornavam orgânicos, dando início à vida, manteve a nomenclatura por razões de "comodidad" e "vulgarización", segundo suas próprias palavras. Na verdade, Damianovich preferia os termos "abiogênese" ou "arquegonia" -- tal como Haeckel indicara -- para designar a complexa manobra pela qual a matéria se transformava sucessivamente em formas vitais, fundamentado na unidade substancial da ordem cósmica.

Sua posição monista à maneira de Haeckel remete a posturas spinosianas, distanciando-o de Ameghino. Dirigindo-se aos céticos em matéria de "secreto de la vida", imagina perguntas típicas destes:

"¿A qué tantos afanes y desvelos (...) si el grand adelanto de la ciencia y de la filosofía (...) se reducen sólo a un paso imperceptible de los infinitos? ¿No vale más renunciar a los problemas metafísicos que surgen de los capítulos de la ciencia, a esos problemas que se denomina génesis y evolución de la materia cósmica, origen y evolución de la materia viva, génesis y evolución de las fuerzas psíquicas...?"⁵⁹

57. Série I, Tomo II, Buenos Aires, Imprenta de Kidd y Cia., 1918. O trabalho de Damianovich foi originalmente apresentado nos *Anales* da Sociedad Científica Argentina, n. 71, 1911.

58. D. Barrancos, "La modernidad redentora: difusión de ciencias entre los trabajadores de Buenos Aires, 1890-1920", op. cit.

59. H. Damianovich, *La doctrina de la generación espontánea*, op.

Ao que responde:

"Este es el eterno problema que plantean los decepcionados cuando algún entusiasta (...) se empecina en demostrar la gran utilidad que para el hombre culto prestan esas especulaciones que se apartan de las cosas materiales y de los objetivos inmediatos de la vida diaria. (...) Es nuestro deber" -- diz ele -- "luchar contra ese enemigo temible que apaga los más acariciados deseos aun cuando no podamos probar en absoluto, la utilidad de semejantes esfuerzos..."⁶⁰

Em primeiro lugar Haeckel e E. F. Osborn⁶¹, lidos copiosamente por Damianovich, seguindo-se Le Dantec, Gutier, Loeb e Pozzi Scott, Duclaux e, mais diretamente ligados ao campo de experimentações químicas, Bastian, Dubois, Burke, Kenwood, constituem, entre outros, a constelação de nomes convocados pelo texto de nosso autor. Outra figura de singular influência é Leo Herrera, o botânico evolucionista belga ligado à Université Libre, que também manifesta inclinação pela abiogênese.

Sem dúvida brilha alto a regência de Haeckel, pois foi este, segundo Damianovich, quem estabeleceu "más claramente" a teoria de que a vida pode sobrevir por "autogenia", isto é, surgimento de um ser por uma "solucción generatriz inorgánica", ou por "plasmogenia", "generación espontánea de un organismo en um líquido que contiene las substancias necesarias bajo forma de compuestos del carbono, complejos e inestables, por ejemplo, albúmina, grasas, hidratos de carbono"⁶². Ambas as formas constituem processos de

cit., p. 12.

60. Id., *ibid.*

61. Entre os livros de cabeceira de Damianovich, encontra-se a tradução italiana da obra de Osborn *Dai greci a Darwin. Disegno storico dello sviluppo dell'idea dell'evoluzione.*

62. H. Damianovich, *op. cit.*, p. 31.

geração espontânea; é que, para Haeckel, a idéia de unicidade substancial cósmica, contraposta ao criacionismo, leva a postular uma longa cadeia autogerativa cuja chave cifra-se nos albuminóideos protoplasmáticos. As mais primitivas combinações do protoplasma haviam originado as "moneras": Haeckel acreditava tê-las descoberto no mar, e mais tarde Huxley descreveu outras formas vivas -- também encontradas no mar -- que não hesitou em denominar Bathybus haeckelli, em sua homenagem. Essas matérias gelatinosas, "providas de movimientos, con corpúsculos calcáreos en su interior, que a veces constituían verdaderas redes"⁶³, representados pelo *bathybus*, não conseguiram, entretanto, passar pelo exame de cientistas como Buchanan. Este demonstrou categoricamente não haver tal massa orgânica naqueles supostos antecessores da vida; tratava-se da presença de sulfato de cálcio. A exemplo do *bathybus*, sucessivos descobrimentos orgânicos também acabaram se revelando de natureza inorgânica e nada neles anunciava chaves para a sustentação da geração espontânea.

O próprio Damianovich nos coloca a par do confronto entre "espontaneístas" e "contra-espontaneístas", uma das importantes batalhas entre as tantas travadas no campo do evolucionismo. Para decifrar o enigma, assim como Haeckel e Huxley haviam ido ao mar, agora era necessário ir à montanha: Pouchet à frente do primeiro grupo, Pasteur em nome do segundo.

Sem dúvida as pesquisas revolucionárias de Pasteur foram contundentes: nas condições de laboratório, o que crescia eram microorganismos gerados por germes introduzidos capilarmente.

63. Id., *ibid.*, p. 75.

Diante de uma platéia, Pasteur havia mostrado que "si se hacía hervir una infusión de materia orgánica en un recipiente de cuello retorcido y después se lo dejara enfriar no se alteraría el líquido de la infusión" -- relata Damianovich, tomando como base o livro de Boutet *Pasteur y sus discípulos*. Tyndall, na Inglaterra, também refutara os espontaneístas, mas, para nosso autor, apesar das autoridades mencionadas, ninguém fora capaz de derrubar totalmente as teses "tal como las concibe Haeckel e su escuela".

Seguindo alguns pesquisadores, centraliza suas expectativas nos "estados de equilibrio coloidal":

"(...) La función protoplasma parece depender del estado de equilibrio coloidal de los agregados moleculares albuminoideos y del estado de equilibrio labil de los grupos atómicos de la molécula de proteína. Cualquier agente físico o químico capaz de modificar o destruir esos estados de equilibrio, modifica o destruye la función de ser el protoplasma vivo (*sic*). (...) Casi todos los investigadores que han estudiado a fondo la constitución de la materia viva y orgánica (...) consideran a los albuminoides como el substratum fundamental del conjunto de propiedades que denominamos vitales"⁶⁴.

A importância da própria evolução da química não escapava a Damianovich, devendo-se aceitar que havia "una evolución lenta y gradual de las especies químicas". Assim:

"La organización de los verdaderos complejos vitales y el desarrollo pleno de sus principales funciones, no es un fenómeno brusco, sino el resultado de la acumulación progresiva de los elementos primordiales diferentemente coordinados y de las fuerzas físico-químicas conocidas y de otras que ignoramos"⁶⁵.

64. Id., *ibid.*, p. 53.

65. Id., *ibid.*, p. 53-54.

Para nosso autor, da mesma maneira que para outros pesquisadores, como o russo Danilewsky e o fisiologista italiano Ducceschi, havia uma filogenia química e uma ontogenia química. A química era essencial para o reconhecimento das transformações em sua dupla dimensão, horizontal e vertical⁶⁶. A disciplina, na perspectiva de Damianovich, repelia qualquer tentativa de "plasmogenia" -- nome que alguns simplificadores pretendiam dar a uma área biológica "basada en las sustancias más simples" -- sublinha --, "guiados exclusivamente por el empirismo y la observación más superficial basada en la sola inspección de las formas y los movimientos elementales"⁶⁷. Não obstante sua fé nos postulados mais complexos da geração espontânea -- que admitia, pois, modificações na própria química de acordo com o exposto, por um lado, e que por outro residia na constatação da complexidade das moléculas albuminóides e de suas formas de vincular-se a outras --, devia-se reconhecer a impossibilidade, "por ahora", de "establecer una analogía legítima entre la materia de los organismos rudimentarios y la de los inorganismos obtenidos artificialmente. Sólo una confianza grande en el porvenir de la química", afirmava, poderia resolver esse grande passo.

Boa parte do livro destina-se à análise dos desenvolvimentos tendentes a vincular matéria orgânica e inorganismos, por sua forma e segundo aspectos dinâmicos. Ao recapitular vários trabalhos que examinavam a primeira questão, Damianovich concluía que

66. Para além dos erros de algumas posições de Damianovich, não resta dúvida de que os avanços mais significativos nas teorias do transformismo durante o nosso século, sobretudo em matéria genética, procederam do campo da química.

67. Damianovich, op. cit., p. 58.

"en cuanto a la forma, en muchos casos, no existen diferencias esenciales entre los organismos vivos inferiores y los inorganismos; entre las estructuras orgánicas e inorgánicas"⁶⁸.

Já os aspectos dinâmicos levavam-no a apresentar diversas pesquisas centradas na análise do movimento, mas especialmente nos processos de assimilação, para chegar aos progressos em matéria de síntese, característicos da química orgânica e fundamentais para sua linha de argumentação.

"Es posible" -- asegurava -- "imitar por separado algunos procesos bioquímicos de asimilación que hasta hace poco se creía imposible reproducir en el laboratorio"⁶⁹.

De resto, Damianovich enfatizava os avanços em matéria de divisão celular -- destacando o papel do cientista argentino Angel Gallardo --, que abriam a grande perspectiva da "reproducción artificial de las figuras cariocinéticas". Nesse ponto, saudava o método dedutivo que se estava aplicando em biologia. Outros aspectos sob exame eram os avanços em matéria de fecundação artificial -- Damianovich revisa com entusiasmo os trabalhos mais antigos de Tichomiroff, Hertwig, Loeb e os mais recentes de Lefèvre -- e cruzamento entre espécies, que lhe pareciam da maior importância para seus pressupostos.

As partes finais relatavam algumas experiências diretamente vinculadas ao problema da geração espontânea. Em primeiro lugar, apresentava os esforços de Bastian, iniciados em 1877 em torno da

68. Id., ibid., p. 79.

69. Id., ibid., p. 85. Grifo do original.

"arquebiose" (assim denominava a teoria) e sobre os quais o pesquisador, em função das réplicas severas de Pasteur e Tyndall, "guardó silencio durante veinticinco años". Bastian acabava de resgatar sua pesquisa, publicando em 1907 *La evolución de la vida*⁷⁰, onde abordava a tentativa de observar crescimentos em "soluciones salinas libres de materia orgánica", pretendendo novamente refutar Pasteur.

Outras experiências provinham do fisiologista Rafael Dubois, que trabalhava com culturas minerais em seu laboratório em Lyon; em 1910 compareceu ao Congresso Científico Internacional realizado em Buenos Aires, e suas contribuições, embora problemáticas, revelavam-se mais promissoras. Dubois baseava-se no uso de cristais de cloreto de bário e rádio "sobre un caldo gelatinoso para cultura de microbios luminosos". "Al cabo de un tiempo (...) se formó una cantidad considerable de pequeños corpúsculos que penetraban más y más en la capa gelatinosa...", granações que podiam chegar a ser "huevos de esporos en el comienzo de la división celular".

Por sua vez, John Butler Burke, pesquisador de Cambridge, fazendo experiências com gelatina e sais de rádio e outras "debilmente radioactivadas", quis demonstrar o aparecimento de outras culturas diferentes das microbianas, os "radióbios". Seu trabalho foi acolhido por alguns pesquisadores, entre eles Dubois, que entretanto manifestou dúvidas sobre a natureza dos "eóbios" -- nome para ele mais apropriado --, já que aparentemente não passavam de "corpúsculos cristalinos".

A estes interessados na comprovação laboratorial da geração

70. Damianovich baseia-se na tradução francesa da obra de Bastian.

espontânea somavam-se o alemão Kuckuck e o próprio Damianovich. No caso do primeiro, seu entusiasmo provinha de haver conseguido atribuir fenômenos de nutrição, reprodução e locomoção aos corpúsculos aparecidos mediante o uso de sal de bário sobre uma combinação de gelatina, asparagina, glicerina e... água do mar. Mas Damianovich observava com cautela tais experimentos à base de sulfato de bário, pois ele mesmo chegara a resultados numa pesquisa que relatava minuciosamente. A análise das experiências levou-o a concluir:

"1. Que desde el punto de vista de la forma no es posible en muchos casos allar diferencias netas entre los organismos inferiores y las organizaciones de materia bruta (estructuras artificiales); 2. Que hasta el presente no se ha conseguido reproducir ni la materia ni el conjunto de las funciones vitales de los organismos elementales."⁷¹

Seu otimismo entretanto não arrefecia, porque se mostrara possível, de um lado, "obtener un sistema material semejante al de estos últimos (os organismos elementais), pero desprovisto de sus propiedades esenciales", e, de outro, "una serie de fenómenos elementales aislados que se creían característicos de los seres vivos". Para encontrar os nexos entre ambos os acontecimentos, deviam-se dedicar os maiores esforços ao campo da química.

Enquanto isso, era importante que as massas adotassem a idéia de que a unidade substancial podia revelar-se de maneira direta -- desfazendo o mistério da relação entre o vivo e o inerte --, mediante os vínculos entre química orgânica e inorgânica no fato transcendental da geração espontânea. Este parece ter sido o

71. Damianovich, op. cit., p. 139. Grifo do original.

espírito com que Damianovich encarava sua entusiasta gestão na Sociedade Luz -- espírito provavelmente manifestado também perante os operários que o ouviam na Escuela Industrial de la Nación --, convencido de que a transmissão das ciências aos trabalhadores era um passo imprescindível para se garantir o progresso social⁷².

Uma terceira e importante vertente do conhecimento foi a astronomia. O êxito alcançado com as séries de conferências pronunciadas por Camilo Meyer em 1912 e 1913 foi de tal ordem, que deu origem à publicação com a qual a Sociedade Luz inaugurou suas edições de divulgação científica, *Conferencias de astronomía popular*⁷³, fazendo uso do legado de Chopitea⁷⁴. Meyer era francês, nascido em Verdun em 1858. Na adolescência havia freqüentado o mesmo colégio que Henri Poincaré, tornando-se seu amigo⁷⁵; cursou direito, orientando-se depois para as ciências físico-matemáticas. Chegou a Buenos Aires em 1895 e ali iniciou um trabalho de professor particular naquelas disciplinas, mantendo-o até 1909, já que sua contratação para a rede pública fora dificultada por problemas de titulação. A partir de então, e até 1914, exerceu a docência na Faculdade de Ciências Exatas da Universidad de Buenos Aires. Vinculado aos socialistas, entre os quais encontrou grande apoio, dedicou esforços à divulgação científica, estando ligado à

72. Ver, no capítulo II, o discurso de H. Damianovich inaugurando os cursos da Sociedade Luz em 1908.

73. A capa desse texto inaugural da Sociedade Luz, Série I, Tomo I, apresenta o seguinte título: *Cursos populares organizados por la Sociedad Luz, Conferencias de astronomía popular dadas en 1912 y 1913 por Camilo Meyer*, Buenos Aires, Imprenta de Kidd y Cia., 1916.

74. Ver capítulo I.

75. Os vínculos com Henri Poincaré foram bastante estreitos também do ponto de vista das pesquisas físico-matemáticas. Por ocasião da morte do célebre amigo, Meyer dedicou-lhe uma conferência na Sociedade Científica Argentina.

Sociedade Luz pelo menos entre 1912 e 1913. Também manteve vínculos com o Centro de Estudantes de Engenharia e com a Sociedade Científica Argentina, de cujos *Anais* participou. Foi professor da Escuela Industrial de la Nación. Suas preocupações com a transmissão do conhecimento levaram-no a escrever *Programas de física de las escuelas normales*. Esse programa, a *Teoría de los quanta* (publicada pela Sociedade Científica Argentina) e o volume da Sociedade Luz de que tratarei em seguida constituem as três obras mais divulgadas de nosso autor⁷⁶.

Meyer iniciou seus cursos -- assim indica o texto -- com uma introdução aos avatares das relações do homem com a natureza e seu impacto sobre o próprio conhecimento das leis desta.

"Hemos de suponer" --dizia -- "que el hombre primitivo trató primeramente de aclarar los misterios que le ofrecía la naturaleza terrestre, con el fin de llegar a defenderse contra los elementos que por todas partes lo amenazaban, pues dondequiera que dirigiera las miradas no había para él sino peligros: el frío, el calor, el trueno, el agua, el mar, los ríos, las erupciones volcánicas tan frecuentes y formidables en las épocas prehistóricas, los animales terribles que los atacaban; todo lo incitaba al estudio de aquella naturaleza tan poco propicia para buscar en ella las armas que utilizaría para combatirla"⁷⁷.

A introdução põe em evidência o estilo comunicacional de Meyer, que brincava, como se verá, com as sensações e emoções da platéia, ao dramatizar sobre a ordem dos medos e das incômodas incertezas, conduzindo-a ao remanso das evidências científicas. Depois de provocar certo paroxismo, tão próprio dos "misterios del

76. Devem-se a Meyer mais de cinqüenta artigos publicados, especialmente nos *Anales* da Sociedade Científica Argentina e na "Revista del Centro de Estudiantes de Ingenieria".

77. C. Meyer, *Conferencias de astronomía popular*, op. cit., p. 11.

universo", Meyer levava os ouvintes de volta ao sossego remissivo das leis que comandavam o universo. Provavelmente esse estilo foi responsável pela grande assistência conquistada por suas aulas⁷⁸.

Para Meyer, ainda que os primeiros grupos humanos tivessem tido necessidade imperiosa de controlar o meio físico, não puderam "permanecer indiferentes ante el espectáculo mágico de la bóveda celeste", o que fizera da astronomia a mais antiga das ciências. Esta ciência desenvolvera-se como um longo exercício de antropomorfismo, porque manifestava-se, em virtude de uma inclinação dominante ainda "en el hombre actual, hasta culto e instruído", como "una tendencia nefasta a referirlo todo a sí mismo"⁷⁹. Os erros haviam se acumulado ao longo dos séculos -- Meyer repassava as diversas etapas vividas pela humanidade --, até que no Renascimento ocorreu uma transformação notável -- sendo isto um "señal de despertamiento general de la humanidad", dizia --, já que houve possibilidade, graças à liberdade religiosa, de conhecer "el verdadero sistema del Mundo". Copérnico era a síntese dessa etapa de transformação, ao colocar o sol no centro e explicar a rotação da Terra -- apenas "una bolita" que girava em torno dele.

Oferecia em seguida uma explicação bastante clara dos onze movimentos da Terra, a partir das rotações sobre si mesma e em

78. Seus biógrafos reconhecem grande habilidade didática em Meyer, assim como características de humildade, bom humor e "bondade". Tinha saúde delicada, o que o fazia ainda mais admirado por seus discípulos. Ver o discurso pronunciado por Horacio Damianovich nos funerais de Meyer, assim como a conferência proferida pelo engenheiro H. M. Levylier na Escuela Normal de Profesores -- da qual Meyer havia sido docente -- e publicada pela Sociedade Científica Argentina em *Anales*, tomo LXXXVI, set. 1918.

79. C. Meyer, *Conferencias de astronomía popular*, op. cit. Grifo do original.

torno do sol, e afirmava a respeito do décimo primeiro movimento, referido à própria translação "fantástica del Sol":

"(...) Arrastra consigo a la Tierra y al conjunto de los planetas (...) 600 a 800 km por año (...) hacia la Constelación de Hércules (...). Ningún astro ha vuelto a pasar dos veces por el mismo punto del espacio"⁸⁰.

Um aspecto importante de sua dissertação era, sem dúvida, a explicação da origem da Terra a partir da "nebulosa inicial", dando a imagem de uma "masa gaseosa que gira despacio en torno de un eje", agindo em seguida um processo "de condensación con las leyes mecánicas de la centrifugación". Quanto à idade da Terra, "la magnitud desafia nuestra imaginación, millares de millones de años" -- afirmava.

O didatismo de Meyer parece ter sido notável. Um de seus biógrafos manifesta-se assim:

"Sabía mantener el interés de los que lo escuchaban con el cambio de entonación adecuado y el gesto gráfico y oportuno. Los que asistieron a su curso de Astronomía Popular en la Sociedad Luz a un público de obreros de escasa instrucción recordarán cómo hacía adquirir a su auditorio la sensación de las magnitudes astronómicas"⁸¹.

Para aproximar os ouvintes -- e os leitores -- do feérico espetáculo dos inícios do planeta, Meyer dizia:

"Cuando la Tierra hubo adquirido una certeza sólida, siguió rodando en el Espacio durante millones de años como un inmenso laboratorio químico. Un diluvio continuo de agua herviente caía sobre el suelo ardiente y se transformaba

80. Id., *ibid.*, p. 38.

81. Raúl Biraben Losson, "Camilo Meyer", *Anales de la Asociación Química Argentina*, Buenos Aires, 1926, n. 14, p. 125.

enseguida em vapor para volver a caer sin cesar. Con estas tormentas espantosas, la corteza terrestre quebrantada mil veces por el impulso de las masas gaseosas y líquidos internos, daba salida a llamas colosales y volvían a soldarse, mientras la superficie desaparecía paso a paso en un océano de aguas calientes"⁸².

A vida se gestara nesse inimaginável estado de coisas, já que

"dentro de las mismas olas se verificaron las primeras combinaciones de carbono que formaron la célula viviente; aparecieron entonces las plantas más primitivas (...), con los siglos, y poco a poco, los varios seres se multiplicaron y se diferenciaron de la célula primitiva"⁸³.

E, decididamente adepto da perspectiva haeckeliana, anunciava:

"El período durante el cual la vida naciente no estaba representada sino por seres del todo rudimentario (...) corresponde la unidad del tiempo ya transcurrido desde la aparición del primer protoplasma o célula (...). La vida debe tener 20 millones de años..."⁸⁴

Meyer procurava mostrar que os conhecimentos sobre esse notável processo de surgimento da vida haviam se consolidado, sobretudo no século XIX, ao mesmo tempo em que extraía, certamente dos próprios sentimentos dos ouvintes, as perguntas cruciais: havia a possibilidade de sucumbir? A Terra se extinguiria? Que perigos a ameaçavam? Expunha três hipóteses possíveis, a saber: por extinção do Sol, devido ao seu progressivo esgotamento calórico; por "muerte natural", envelhecimento pela lenta absorção dos elementos químicos; por colisão com outro corpo celeste. Quanto à primeira hipótese, assinalava uma remota possibilidade para dali a 20 ou 30 milhões de anos. Em relação à segunda, ela poderia ocorrer dentro

82. C. Meyer, op. cit., p. 48.

83. Id., ibid., p. 48.

84. Id., ibid.

de alguns milhões de anos; e a terceira era muito improvável.

Mas, se algo aliviava seu espírito -- alívio que provavelmente conseguia transferir aos ouvintes e leitores --, era um absoluto otimismo que se sentia obrigado a transmitir, ao tentar resumir suas explicações a propósito da lua e do sol:

"...No podemos negar la eternidad de la materia en el pasado como en el futuro y, desde la época (...) de formación de los soles, ya habrían tenido tiempo más que suficiente para apagarse todos, y podemos decir que con respecto a la eternidad pasada, sólo brillan los de nueva formación; los primeros ya desaparecieron, y por lo tanto la idea de una sucesión no interrumpida se impone al espíritu sin vacilación posible (...). Los cuerpos celestes vuelven a la vida y empieza otro ciclo"⁸⁵.

Ultimava assim essa declaração de fé:

"Hemos de confiar en el destino del Universo y admitir que las leyes naturales destinadas a ser las causas de la muerte del Sol en un porvenir más o menos lejano, serán también más adelante las de su resurrección"⁸⁶.

Essas convicções provinham do legado monista -- ao qual Meyer aderiria firmemente; examinando o mecanismo pelo qual os planetas e cometas eram atraídos, formando órbitas, alguns afastando-se a mais de 7 bilhões de quilômetros do centro de atração, dizia:

"Cuán sublime es la armonía de nuestro Universo! Un movimiento general se lleva los astros, la Luna gravita alrededor de la Tierra, ésta en torno del Sol, y éste a su vez arrastra a todos los planetas y satélites, a todos los cometas, hacia una punta del cielo llamada Constelación de Hércules. Así se manifiesta la armonía general que ha de percibir el oído de la inteligencia, si no puede hacerlo ninguno de los sentimientos"⁸⁷.

85. Id., ibid., p. 111-112.

86. Id., ibid.

87. Id., ibid., p. 90.

Não me deterei nas aulas sobre cada um dos planetas, dos quais assinala a magnitude, o movimento, distâncias variáveis do centro comum, percepção possível da Terra a partir de cada um deles e condições de habitabilidade. Apenas sobre este último ponto -- que, imagino, devia ser objeto de consultas freqüentes por parte dos ouvintes -- devo dizer que Meyer não descartava a vida em Marte, nem em Vênus (que supunha ter condições próximas às da Terra e, sendo mais velho, se ali houvesse vida humana, "habría alcanzado un grado de perfección mucho mayor y superado el estado de civilización⁸⁸ (...)"). Considerava Saturno "un mundo para el porvenir", e, sobre o satélite da Terra, a lua, não deixava de imaginar a possibilidade de existência de selenitas.

A segunda parte do volume compreende as aulas durante o ano de 1913, dedicadas a cometas, meteoros, estrelas e seus movimentos. Sem dúvida o capítulo sobre cometas deve ter sido um dos mais atraentes; às inspirações sobrenaturais de terror provocadas ao longo da história por estas "figuras desmelenadas que parecen... colgadas sobre el abismo insondable", Meyer dedicou longos comentários. Bastava dizer que já em épocas mais avançadas e mesmo em espíritos científicos, como no caso do matemático Bernouilli, continuava-se a associar os cometas a vaticínios demonológicos. Durante a Idade Média eles eram descritos através de imagens como "espadas de fuego, cruces sangrientas, puñales en llamas, lanzas, dragones...". Durante o século XIX, o pavor insistia em se manifestar; "el temor" -- dizia Meyer -- "tenía relativa justificación si se considera el aspecto extraño" (havia aparecido

88. Id., ibid., p. 139.

os de seis caudas; o de Biela se desmembrara em dois, em 1846), e até o Halley atemorizava.

Era necessário compreender sua origem, mesmo que hipotética: provavelmente pequenas nebulosas que haviam sido atraídas pelo sol em seu constante caminho rumo à constelação de Hércules; ou talvez aglomerações cósmicas provenientes de explosões de estrelas; ou então -- e aqui novamente abria-se o mistério -- os cometas originavam-se de "desechos de mundos destruídos que caen en la noche eterna hasta que agarrados por una atracción cualquiera, se proyectan en el crisol de una nueva vida"⁸⁹.

"¿Cómo imaginar la inmensidad del viaje" -- interrogava -- "hasta llegar a nuestro Universo? ¿Cuántos años habrán volado dentro de las tinieblas sin límites para sumergirse por fin en las llamas solares!... Algunos han salido hace más de 20 millones de años"⁹⁰.

Quanto à possibilidade de colisões catastróficas com a Terra -- o que poderia provocar um dilúvio universal, segundo alguns, ou uma verdadeira explosão capaz de alterar a posição do equador e dos pólos, invertendo-os, segundo outros --, Meyer era tranqüilizador: tratava-se de uma possibilidade remotíssima, devido à massa pequena dos cometas. "¿Hemos de creer tamañas catástrofes?" -- inquiria. Certamente não. Dever-se-ia antes pensar na desintegração dos cometas e das próprias estrelas, produzindo meteoros, uranolitos, bólidos que às vezes chegavam à superfície da Terra originando um pó ferruginoso.

A exposição de Meyer demorava-se nesses fenômenos, bem como na vida das estrelas e das constelações, nas maravilhas de Sírio, da

89. Id., *ibid.*, p. 191.

90. Id., *ibid.*, p. 193.

Ursa Maior ou da grande Canopus, tantas e tantas vezes maior que o sol. Mostrava o grande espetáculo da Via Láctea, da qual éramos parte. Apontava modificações em movimentos estelares; nada estava quieto. "Nada permanece fixo en el infinito, ningún átomo está en reposo", "no hay principio ni fin" -- sustentava.

Nosso autor expressava, sem sombra de dúvida, um tributo filosófico às posições do spinosismo:

"Queda comprobada" -- assegurava -- "la existencia de una fuerza, de un movimiento, de la ley únicos que rigen la armonía de los mundos: todos están formados por una substancia igual, la materia nebulosa cósmica primitiva. Resulta que la unidad de la substancia se impone al espíritu como la unidad de la fuerza: el análisis espectral confirma (...) esta idea maestra, profundamente filosófica, mediante su extensión a la química de las estrellas (...). En realidad todo es Uno, en el Universo que nos enseña la unidad de origen, de fuerza, de substancia, de luz y de vida entre la infinita variedad de los aspectos y las generaciones"⁹¹.

Mas, se esse texto de difusão para trabalhadores nos revela uma identidade spinosiana na concepção do mundo, é provável que o próprio Meyer -- certamente uma figura erudita -- punha em dúvida uma vertente única e exclusiva, ainda que escolhesse o primordialismo spinosiano da "inteligibilidadade intuitiva". É o que se depreende de seu trabalho "La filosofía de las matemáticas y su evolución. Desde la doctrina cartesiana hasta el positivismo de Augusto Comte (1658-1857)"⁹², conferência que desenha os contornos de um espírito laborioso, muito distante do vulgarismo "positivista", contextual, e que ainda hoje não deixa de ter

91. Id., *ibid.*, p. 163.

92. Em *Anales de la Sociedad Científica Argentina*, 1913, 76:87-108; 129-153.

singularidade. Foge muito aos objetivos que me impus analisar essa obra na qual Meyer examina finamente Descartes, o "padre del método", e aponta seus limites na evolução da "filosofía matemática", passando em revista Melabranche, Newton, Spinoza, Leibniz, Lefrange e outros nomes importantes do século XVIII para penetrar em Comte. História da orientação ora analítica, ora geométrica do espírito matemático, dela escolherei apenas algumas questões tratadas com rara inteligência, restringindo-me ao modo como Meyer compreende Spinoza. Torna o filósofo responsável pela notável revolução de promover o deslocamento da "demostración" pela "intuición". Com Spinoza, aquela deixou de ser "un accidente" ou uma remissão metafísica e se constituiu, em virtude de bastar-se a si mesma, numa manifestação do "automatismo intelectual".

"...Sólo Spinoza pudo excluir completamente la noción escolástica de facultad. Para él la inteligencia es una actividad, a la vez juicio y voluntad, pues cada idea se afirma sola y engendra sola las consecuencias que resultan"⁹³.

E mais adiante acrescenta, com referência à concordância spinosiana da idéia com seu objeto, concordância que se trata de "un efecto, no de um principio"⁹⁴.

"En resumen" -- diz Meyer -- "a la oposición entre el mecanismo y el matematicismo, Spinoza sustituye una jerarquía de métodos para la comprensión de un mismo universo, jerarquía análoga a la geometría euclídea comparada con la cartesiana. Para el filósofo la existencia independiente de las partes, la multiplicidad no se relaciona con la esencia de cantidad; no expresan sino una propiedad de la imaginación que crea la

93. C. Meyer, "La filosofía de las matemática y su evolución...", op. cit., p. 102. Grifo do original.

94. Id., ibid. Grifo do original.

divisibilidad como en virtud de cierta refracción"⁹⁵.

Se a "quantidade" é captável pelos sentidos -- circunstância certamente abstrata --, a "substância" requer a inteligência; a quantidade, tal como a capta a imaginação, é finita, divisível; somente a intervenção da inteligência a faz indivisível, infinita, única. Assim, Spinoza pode "eliminar las paradojas con que antes tropezó la filosofía matemática",

"...la línea no se compone de puntos, la duración no se compone con elementos del tiempo; el agua misma (...) no se compone de las partículas que se forman y disuelven. La unidad de la línea está en el movimiento intelectual que la engendra íntegra, en virtud de la misma definición; la unidad de la duración se encuentra en la tendencia a perseverar en lo ser, esencia de todas las cosas, porque es la característica de la participación a la vida eterna del ser único; por último, la unidad del agua en la ley universal en virtud de lo cual la materia es indivisible, y el desplazamiento de cada partícula la consecuencia inevitable del movimiento del conjunto"⁹⁶.

Meyer conclui que por tais razões Spinoza "quedara indiferente frente de los infinitamente pequeños en las matemáticas" -- essa era a tarefa de Leibniz com sua análise infinitesimal --, sem conseguir transportar o "infinito del cielo a la tierra", não obstante a clarividência spinosiana.

Em outras duas conferências abordou "Las teorías físicas y los límites del conocimiento científico"⁹⁷, e nelas também se percebe um espírito matemático erudito, sutil na indagação das diferenças e limites do conhecimento nas teorias mecânica, energética e nominalista. Com agudeza, sustenta que, se "el mecanista buscará de

95. Id., *ibid.*

96. Id., *ibid.*, p. 103. Grifo do original.

97. Em *Anales de la Sociedad Científica Argentina*, n. 76, 1913.

preferencia una representación del universo edificada con el menor número posible de elementos", é fácil ver seu vínculo com as ciências da natureza, justamente por essa razão. Por isso, para Meyer "el mecanista se esforzará por construir una representación del mundo físico en continuidad con la mecánica, de tal modo que resulte la más simple, la más cómoda y la más fecunda"⁹⁸. Os "mecanistas" se amparam finalmente no atomismo e no "finito", enfrentando-se com os "continuístas", partidários do infinito, agora intermediados pela teoria dos quanta -- a radiação por "saltos", a descontinuidade...

"Pero si reflexionamos" -- Meyer escreve-- "veremos que aquella lucha debe durar tanto como dure la ciencia, pues su origen está en la oposición de dos necesidades inconciliables del espíritu humano: el afán de comprender, y no podemos entender sino lo finito, y el deseo de ver, y no podemos contemplar sino la extensión que es infinita"⁹⁹.

Bastam esses exemplos de hábil argumentação para evidenciar um espírito que, se testemunha o "cientismo", revela-se facetado, composto por instigantes perfis em que são constantes as preocupações filosóficas, em que não são menores nem subalternas as sondagens maiores do conhecimento e onde se ampliam as perspectivas da redução positivista.

* * *

Tentei oferecer uma amostra das posições mais recorrentes em matéria de concepção das ciências físico-naturais adotadas pela Sociedade Luz e transmitidas a seus seguidores. Essa amostra fala

98. C. Meyer, "Las teorías físicas y los límites del conocimiento científico", op. cit., p. 255.

99. Id., ibid., p. 262.

de interlocuções entre mentalidades adeptas do monismo, ora mais permeadas de materialismo vulgar, ora mais complexificadoras do mecanicismo, por momentos atravessadas por uma "metafísica da matéria" e não poucas vezes regadas a posições spinosianas. Se o conjunto é tributário do positivismo, isto se deve sobretudo a um de seus aspectos, o "cientismo", a religiosa fé na ciência, ao qual se junta o otimismo secularizado. Gostaria de insinuar que nossos autores devem muito mais ao movimento do transformismo do que ao positivismo, ainda que ambos se tivessem fundido a ponto de não se reconhecerem seus limites, uma vez que nenhum deles banuiu, definitivamente, questões metafísicas nas quais não há como não ver centelhas da vertente alemã. O espírito precavido e contingente do primeiro Darwin modificou-se com a concepção otimizada do monismo spinosiano de Haeckel -- e com a variante material *a fortiori* de Büchner --, originando uma afirmação irrecusavelmente progressiva que, entre os oficiantes da Sociedade Luz, apoiou-se, de tantas maneiras, mais no francês Lamarck -- adoção indispensável por esse primeiro pós-darwinismo -- do que no não menos francês Comte. Desde o agnóstico Ameghino até o possivelmente panteísta Meyer.

DORA BEATRIZ BARRANCOS

OS ÚLTIMOS ILUMINADOS

Ciências para trabalhadores na Argentina de princípios do século

Volume II

Tese de Doutorado apresentada
ao Departamento de História do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual
de Campinas.

Este exemplar corresponde
à redação final da tese
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em
.23./09./93.

Setembro de 1993

B272u
v.2
19960/BC

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo I	
Histórico sucinto do socialismo argentino (1880-1930).....	34
Capítulo II	
A Sociedade Luz - Universidade Popular (1899-1930).....	68
Capítulo III	
Sob o manto do transformismo.....	115
Capítulo IV	
A divulgação das ciências físico-naturais.....	179
Capítulo V	
Teoria e prática da história.....	228
Capítulo VI	
A comunicação dos novos saberes: sociologia e psicologia.....	262
Capítulo VII	
Saberes práticos: higiene e profilaxia social.....	313
Capítulo VIII	
Imagens: mediadores e destinatários.....	367
Conclusões.....	403
Anexo.....	411
Fontes e Bibliografia..	420

Capítulo V

TEORIA E PRÁTICA DA HISTÓRIA

Capítulo V

Teoria e prática da história

"El método científico es hoy el método socialista."

Juan B. Justo, *El método científico*

"Desde que el método hubo alcanzado cierta consistencia y difusión, los historiógrafos empezaron a comprender qué poco nos dicen de una época y de un país la enumeración de los dioses y sus dinastías, y que para su conocimiento nos importa menos la magnífica vestidura del rey que el abrigo usual de la masa del pueblo. En el cuadro de las edades pasadas, empezaron a hacer lugar para las formas generales de la actividad humana, la organización de la familia, la industria y el comercio, las ciencias y las artes, dejando ya enterever, tras las infladas figuras del primer plano, la vida laboriosa y fecunda de la población entera."

Juan B. Justo, *Teoría y práctica de la Historia*

Praticamente não é lembrado que o mais importante dos trabalhos do fundador do socialismo argentino, *Teoría y práctica de la Historia*¹, teve origem no curso para trabalhadores que Juan B. Justo desenvolveu dentro da programação da Sociedade Luz, durante 1907. Como o cenário escolhido para essas aulas foi a sede da Faculdade de Filosofia e Letras da rua Viamonte, confundindo talvez

1. A primeira edição de *Teoría y práctica de la Historia* (indicada a partir de agora como TPH) data de 1909, tendo sido editada em Buenos Aires pela casa editora Lotito y Barberis; é nela que baseio minha análise. Apareceu uma nova edição de La Vanguardia em 1915, na qual Justo fez atualizações do texto, acrescentando sobretudo quadros, embora sem corrigir a escritura anterior. Novas edições dessa mesma editora chegaram ao público em 1938 e 1947. Em 1969 a editora Libera difundiu uma quinta edição, acredito que a última da obra.

sobre o propósito delas, que deve ter parecido mais acadêmico do que de divulgação -- circunstância que teria feito esquecer as verdadeiras origens e interesses do curso --, torna-se imprescindível retificar esse ponto.

O pressuposto da divulgação é inerente ao autêntico conhecimento da história, assim como a qualquer outra disciplina científica, porque sem difusão, sem penetração na sociedade, não há ciência, sustentará Juan B. Justo. Hierarquizar as atividades do conhecimento, discriminar na realização científica um nível alto e um nível inferior, no qual por razões óbvias situa-se a "masa laboriosa y fecunda, sincera aún en el error"², não faz senão atentar contra o bom exercício do conhecimento, cuja origem e destino só pode ser a atividade humana. É a esta que se deve a ciência.

As análises mais recentes³ têm destacado as deficiências das leituras precedentes -- positiva ou negativamente preconceituosas

2. Justo inicia a dedicatória de seu texto da seguinte maneira: "Me propongo en este libro señalar al pueblo las fuerzas históricas e instruirlo en su manejo. Lo dedico a la masa laboriosa y fecunda, sincera aún en el error, hasta en la rebelión, santa. Ella tiene en sus manos su propio porvenir, y si no lo modela en conciencia, entrará con dolor en el molde que la ciega fatalidad le de".

3. Embora os aportes de Juan B. Justo tenham recebido numerosas análises, a maioria delas procede de panegiristas. Uma interpretação crítica de seu pensamento e o de sua geração encontra-se em Ricaurte Soler, *El positivismo argentino*, Buenos Aires, Paidós, 1968; Berta Perelstein, *Positivismo y antipositivismo en la Argentina*, Buenos Aires, Procyon, 1952. Recentemente, voltaram a atenção para seu pensamento Emilio Corbière, "Juan B. Justo", em Hugo Biagini (org.), *El movimiento positivista argentino*, Buenos Aires, Ed. de Belgrano, 1985; Jorge E. Dotti, *Las vetas del texto. Una lectura filosófica de Alberdi, los positivistas, Juan B. Justo*, Buenos Aires, Puntosur, 1990; Carlos Barbé e Mabel Olivieri, "Sociologia, storia sociale e scienza politica in Argentina sino alla crisi del positivismo", em Filippo Barbano et al., *Sociologia, storia, positivismo. Messico, Brasile, Argentina e l'Italia*, Milano, FrancoAngeli, 1992.

--, assim como a necessidade de resgatar Juan B. Justo do paralisante e quase exclusivo páramo positivista, assinalando a abertura de suas posições para um território significativamente mais amplo em fronteiras e interações. Antes de ingressar na análise da concepção de história que nosso autor transmitiu a seus ouvintes e leitores, impõe-se uma breve apresentação biográfica.

Nascido em 1865, numa família de classe média cujas origens remontam a Gibraltar, Justo orientou-se desde muito jovem na luta cívica para responder ao regime político oligárquico, incorporando-se à União Cívica, na qual integrou a direção da ala juvenil. Participou das jornadas violentas de 1890, embora apenas como médico, já que meses antes afastara-se daquele grupamento político. Cirurgião de talento⁴, viajou à Europa em 1889, o que lhe permitiu entrar em contato com a fervilhante atmosfera dos questionamentos à ordem, ainda que o motivo da viagem tenha sido essencialmente profissional. Incorporou-se à vida acadêmica, chegando a professor titular da Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires, onde teve problemas⁵.

Seu prestígio profissional e intelectual já era significativo quando, convencido das idéias transformadoras do socialismo, orientou-se para a gestação de um partido em consonância com tais

4. A vida profissional de Justo foi muito bem-sucedida desde o momento de sua formatura em 1888, pois sua tese sobre aneurismas arteriais mereceu a Medalha de Ouro da Faculdade de Medicina de Buenos Aires. Ao regressar da Europa, introduziu métodos inovadores em matéria de assepsia cirúrgica, praticando mais tarde uma ressecção osteoplástica da abóbada craniana. Seus biógrafos indicam essa operação como "la primera en el país" e "único caso exitoso en el mundo".

5. Em 1904, foi afastado do cargo por haver apoiado, para a direção da faculdade, a candidatura progressista do professor Julio Méndez.

idéias, o que finalmente cristalizou em 1896-1897⁶. Sem dúvida, Justo foi a referência central -- a mais elevada -- do socialismo argentino, devendo-se a ele participação direta na criação do jornal "La Vanguardia" (1896) -- do qual foi o primeiro diretor, permanecendo no cargo durante longos anos --, da Biblioteca Obrera (1897), da Sociedad Obrera de Socorros Mutuos (1898), da cooperativa "El Hogar Obrero" (1905) e, evidentemente, da Sociedade Luz, em 1899.

Distinguiu-se por sua ação no parlamento a partir de 1912, ano em que foi eleito deputado pela Capital Federal, exercendo mandatos por mais de uma década graças a sucessivas reeleições; em 1924 alcançou o senado. Mereceu o reconhecimento dos líderes da Segunda Internacional -- mantendo com eles vínculos fluentes -- e representou o partido nas reuniões de Berna em 1919. Sua tarefa intelectual revelou-se enorme, a começar pelo fato de se dever a ele a primeira tradução para o espanhol do tomo 1 do *El capital* de Marx (quarta edição), editado em Madri em 1898⁷. Além do já mencionado *Teoría y práctica de la Historia*, destacam-se entre suas obras *El método científico*⁸, *El realismo ingenuo*⁹, *En los Estados Unidos*¹⁰, *La teoría científica de la Historia y la política*

6. Ver capítulo I.

7. Sua publicação -- sob os cuidados de Antonio García Quijado -- deve-se à casa impressora F. Cao y D. Del Val, Madrid.

8. Conferência pronunciada em 8 de junho de 1896, no Centro Socialista de Estudos. Valho-me da segunda edição, publicada por La Vanguardia, Buenos Aires, 1905.

9. Este artigo foi originalmente publicado na "Revista Socialista" de Madri, em 12 de maio de 1903, e reproduzido em "Vida Nueva", Buenos Aires, 30 de outubro e 15 de novembro de 1906. Mais tarde houve uma edição a cargo de La Vanguardia, Buenos Aires, 1914.

10. Trata-se das crônicas de sua viagem a esse país, publicadas pelo jornal "La Nación", de Buenos Aires.

*argentina*¹¹, *Economía, valor, interés*¹², *El partido socialista en la República Argentina - La polémica entre Enrique Ferri y Juan B. Justo* (1915), *Cooperación obrera* (1920), *El socialismo argentino* (1915), *El programa social del campo* (1915), *El comercio internacional y los cambios* (1920), *Crisis ganadera o cuestión agraria?* (1923), *La Iglesia y el Estado* (1926)¹³.

Foi casado em primeiras núpcias com a militante Mariana Chertkoff, que também participava da Sociedade Luz, como já vimos, e que morreu em consequência de um parto. No início da década de 1920, casou com a destacada líder Alicia Moreau. Justo morreu exercendo a condução do partido, em 1928.

Não é possível, com as provas de que dispomos, estabelecer se o texto surgido em 1909 guardou estrita fidelidade ao curso de 1907, curso cuja propaganda em "La Vanguardia" anunciava que o palestrante apresentaria uma "nueva versión de la Historia", que se estava diante de um fato inaugural e que os participantes poderiam comprovar a ruptura com a maneira tradicional de ensinar a História¹⁴. Para além da correspondência das seções do livro com o programa -- se bem que haja uma grande coincidência entre seus tópicos e as articulações do texto --, não há como duvidar de que mantiveram univocidade temática e conceitual.

Ao trabalhar sobre esse longo texto, faz-se necessário isolar analiticamente a vertente epistêmico-ôntico-historiográfica, de um

11. Conferência no Ateneu, pronunciada em 18 de julho de 1898 e publicada depois por La Vanguardia.

12. Surgido originalmente nos *Anales de la Facultad de Derecho*, Buenos Aires, 1913, t. 3.

13. Sua obra completa -- com os debates parlamentares -- foi compilada por La Vanguardia em 1947, ocupando vários volumes.

14. Ver LV, março-abril 1907.

lado, e a vertente epistêmico-lógico-filosófica, de outro, ainda quando a comunhão e o entrelaçamento de ambas torne difícil a tarefa de distingui-las.

A concepção de Justo responde a uma visão do processo histórico que, se extraiu uma parte medular do próprio Marx -- com quem estabelecerá um diálogo permeado de ambivalências --, aproveita com não pouca erudição interpretações intersticiais de Morgan, Buckle, Schmoller, Rogers, Sumner Maine e Mantellier, leituras aparentemente de "primeira mão". De resto, é abundante a coletânea de inspirações contextuais socialistas, a começar pelo que se deve atribuir a Engels -- com quem também estabelece vínculos polarizados de atração-rejeição, mas do qual parece ter absorvido maior substância ---, juntamente com Bernstein, Kautsky, Plekhanov, Mhering, Bebel. Com diferente influxo, todas essas constituem figuras demarcatórias no amplo espectro sócio-historiográfico manipulado por Justo.

Já suas posições propriamente filosóficas, sobretudo em termos de articulação gnoseológico-lógica, se de um lado são tributárias de Marx-Engels, estabelecem, de outro, uma recusa explícita ao método do "materialismo dialético", não tanto em si mesmo, mas por sua filiação abstrusa, especulativa, obscura para a tarefa prática, derivada do incontornável vínculo hegeliano. Justo tampouco aceita sem reservas o conceito de materialismo, que considera bastante inadequado para a própria formulação marxiana da história¹⁵.

15. "Tan magna teoría (diz Justo, referindo-se à elaborada por Marx-Engels) merece verse libre del nombre metafísico de 'materialista'. La ciencia no conoce el materialismo sino como una de las fórmulas ingenuas, petulantes y huecas de la adolescencia intelectual. En física, en química, en biología, podemos aprender y

Mas, fugindo da metafísica, Justo não abraça as teorias sociológicas de Comte¹⁶ nem de Spencer¹⁷, porque ambos são

enseñar todo lo que se sabe e investigar (...) sin necesidad de esa palabra que nada significa. ¿Por qué hemos de necesitarla en la historia?" (Juan B. Justo, *La teoría científica de la Historia y la política argentina*, Buenos Aires, La Vanguardia, 1915, p. 9.)

16. Referindo-se a Comte, a quem atribui corretamente o fato de ter querido responder à necessidade de contar com uma teoria que coordenasse o "cúmulo de datos sobre la evolución humana", dando lugar a uma nova disciplina, a "sociologia", não lhe escapa que, desde seu aparecimento, "los sociólogos han creído necesario y posible, para estudiar las sociedades humanas, ponerse fuera de ellas, en frente de ellas, como los zoólogos ante las ostras o los pájaros. Ven la Historia como un cuadro cinematográfico y para explicarlo no se les ocurre sino sacar de él fotografías instantáneas. Reniegan de toda solidaridad de clase o de partido, ponen el más pueril empeño en ignorar los preceptos que, a pesar suyo, pudieran resultar de los dogmas de su ciencia inmaculada, y, proclamando su social intención de no tener ninguna, reiteran su propósito de no entrometerse en la práctica. Hipocresía o ilusión? Todos estamos dentro de la sociedad, inclusive los sociólogos, y si alguien realmente prefiera sus teoremas a la vida de la comunidad, sería tan estéril en la teoría como en la práctica." (TPH, p. 4-5. Grifo meu.)

17. É evidente que antes da leitura da patrística socialista Justo havia incursionado por Spencer. "La lectura de Marx me hizo ver más allá; comprendí la superficialidad de Spencer..." -- reconhecerá muitos anos mais tarde (Juan B. Justo, "Fanatismo autoritario", conferência proferida em 8 de abril de 1920, Centro Socialista da Seção 2ª da Capital Federal, "La Vanguardia", p. 29, cit. por Luis Pan, *Justo y Marx*, Buenos Aires, Monserrat, 1964). Objeterá a Spencer, entre outros erros, a incorreta assimilação do "organismo individual" ao "organismo social". Não obstante o "biologismo epistêmico" sobre o qual, como se verá, assenta-se em primeiro lugar a teoria de Justo, o autor adverte que talvez somente como metáfora haja lugar para as homologações, ainda que sancione de maneira inequívoca o "organicismo": "la asimilación de la sociedad humana a un organismo individual es una doctrina infecunda, buena para reemplazar con ficciones y palabras las nociones que faltan. Se explica por otra parte que sea muy cara a toda clase privilegiada, pues es la consagración de las castas. Así como en el animal hay células cerebrales, vellosidades intestinales, fibras musculares y palanizas óseas, en el mundo social habría una clase de hombres originaria y definitivamente gobernantes, una clase rentista, encargada de absorber las substancias nutritivas, y una clase trabajadora, alimentada, dirigida por las otras dos. Y si fuera realmente así, no sería de todo malo. Sólo que los hombres son menos concienzudos que las células en el desempeño de las funciones y que, para mal de la comparación, vemos gobernantes que se ahitan de alimento como vulgares vellosidades, propietarios que retienen para sí lo que hace falta a las otras partes del cuerpo

responsáveis por perspectivas esgotadas na mera "abstração" e omissos em relação à "ação prática", que constitui, como insinuei e se verá mais adiante, um pressuposto epistêmico fundamental de sua postura.

Vou abordar essencialmente os pressupostos centrais da ciência histórica, isto é, da primeira das vertentes, tal como Juan B. Justo a divulgou para os trabalhadores e outros segmentos sociais que freqüentaram as salas da rua Viamonte durante o inverno e a primavera de 1907.

1. A história tem como primeira determinação as leis da vida

Sob o manto primordial do transformismo, Justo entende a história como continuação da biologia. Se essa última expressa as "leyes de la vida", então estas são as "leyes más generales de la História"¹⁸. A inconsciência precede a consciência, e se poderia dizer que, em função dos atos crescentemente inteligentes com que se amplia a consciência, mais o homem se avizinha da história; quanto menos desenvolve uma diferenciação intelectual, mais se aproxima da biologia.

Mas, ainda que o homem se eleve "como más alto resultado de la evolución orgánica", Justo lembra que nele atuam as forças gerais da vida -- da mesma forma como em todas as espécies inferiores.

social, contando con el apoyo de repletos gobernantes y, en consecuencia, alzamientos de trabajadores explotados que pugnan por satisfacer sus necesidades de absorción y sus aptitudes de autonomía" (TPH, p. 20-21; grifo meu).

18. TPH, p. 9.

"¿No son el hambre y el amor, los apetitos de la animalidad, nuestros móviles más fuertes?" -- pregunta. "¿Nos asombra acaso que los hombres reclamen medios materiales, aún con la más brutal energía y se rebelen cuando se les niega un sitio al sol?"¹⁹

O impulso inescapável da vida tal como está presente na "mais brutal energia" é responsável pela fecundidade das mulheres sob todas as latitudes, mesmo em contextos desolados; é o motor que direciona o homem na busca da resolução de suas necessidades:

"Si la vida consiste esencialmente en la nutrición y el crecimiento; si la rápida multiplicación y la lucha por la existencia, la adaptación al medio y la evolución responden a ese objeto; si a los fines vegetativos los animales se desarrollan en sociedades; si los hombres obedecen a los mismos primeros impulsos que los seres vivos en general, ¿cómo no creer que las condiciones de nutrición y multiplicación sean fundamentales para las sociedades humanas?"²⁰

O biologismo de Justo em todo caso expressa a ascendência de Engels, de quem extrai que

"la producción y reproducción de la vida real es, en última instancia, el elemento determinante de la Historia, (...) fórmula que podemos aceptar como el fundamento biológico en las sociedades humanas. Comprenderla es perder toda ilusión de un origen o destino idealmente superior de nuestra especie y tener al mismo tiempo la visión clara de su fuerza como la más alta y potente manifestación de la vida"²¹.

Justo, "pela esquerda" e como a grande maioria dos evolucionistas, deleita-se com esse desmentido às forças espiritualistas da transcendência, aos mandamentos "humanístico-cristãos" que pensam o Homem surgido do criacionismo. Portanto,

19. TPH, p. 12.

20. TPH, p. 23.

21. TPH, p. 23.

será recorrente quanto ao pressuposto biológico que "naturaliza" o homem, na necessidade de transformação incessante que tem a vida, originada a partir do mais elementar, e de maneira reiterada fará referências à instância físico-biológica como determinante.

Mas, ao mesmo tempo, seu pressuposto elimina, "pela direita", um excessivo compromisso com o "materialismo economicista" de Marx. Enquanto este baseou-se na longa cadeia de ações históricas empreendidas pelo homem para atender suas necessidades, sendo o conceito final de "modo de produção" nada mais que a expressão histórica de uma complexa cristalização de "relações sociais" determinantes, Justo, como se verá mais adiante, prefere manter em primeiro lugar as "condições biológicas" que levam os homens à criação da história, proclamando a soberania dessas condições com o apotegma: "Una fuerza primordial domina la Historia: el crecimiento indefinido del protoplasma". Expressa assim uma filiação monista com claras nervuras haeckelianas, ainda que abjure identificações capazes de dar conteúdo místico ao seu pensamento. E, mesmo que o fundamento do desenvolvimento humano se encontre na capacidade indefinida da vida, adverte que "las nociones de la biología están muy lejos de bastarnos para interpretar una época histórica determinada y en la política práctica"²².

2. A história é regida inicialmente pelas grandes leis biológicas de luta pela vida e seleção natural

Não se pode subsumir esse pressuposto ao primeiro, pois,

22. TPH, p. 23.

embora seja uma consequência, o meio físico-biológico será permanente no devir dos séculos, enquanto os efeitos das "grandes leyes de la biología", descobertas por Darwin e aperfeiçoadas por seus continuadores, só podem se revelar plenamente em fases iniciáticas. É certo que Justo também percebe o império de tais leis no quadro das sociedades mais "atrasadas" do planeta, mas é muito cuidadoso em relação ao problema das raças. E mais: acredita que um "conflicto biológico", como a oposição dos brancos norte-americanos aos negros, "debilita la sociedad humana en sus cimientos y se agrava proporcionalmente a la vitalidad que cada una de las razas antagónicas tiene por separado"²³.

Seu discurso é avançado nesta matéria e o coloca numa situação peculiar, se levarmos em conta o contexto:

"Desconfiemos de toda doctrina política basada en la diferencia de sangre" -- advierte --, "uno de los últimos disfraces científicos de que se han revestido los defensores del privilegio. Ellos dicen, por supuesto, que la raza trabajadora es de una raza inferior a la de los señores. Pero la unión sexual es también fecunda entre individuos de clases diferentes, de distintos peldaños de la escala social"²⁴.

Constata que os homens e as sociedades travaram duras batalhas com o meio físico para sustentar a vida, com outras espécies e com a própria, lutas que fizeram triunfar os mais bem dotados, eliminando os competidores, tal como fielmente interpreta da doutrina da evolução.

"En esa lucha vencen los individuos y los grupos mejor dotados por la herencia y la variación para las circunstancias del

23. TPH, p. 22.

24. TPH, p. 22.

momento y del lugar, sobreviven los más aptos, y dejan una prole a la cual transmiten los caracteres anátomo-fisiológicos que les dieron el triunfo en el riguroso proceso de selección natural. Y acumulándose en las generaciones sucesivas los efectos de la herencia de las variaciones favorables, los seres humanos se transforman y se adaptan sin cesar al medio físico-biológico, que siempre cambia"²⁵.

Mas nas teses evolucionistas de Justo não há lugar nem para Gumplowics, já que em "su lucha por la existencia no necesita el hombre destruir otros seres", nem para Malthus, a quem rebate amplamente, pois a falta de alimentos, a miséria e a escassez geral dos povos não se originam no aumento da população -- talvez apenas no início --, mas no "conjunto de los medios de la vida social", "comprendiendo entre ellos las costumbres del trabajo y la política".

"No pudiendo castrar a los proletarios como a los animales domésticos (...) la ley de Malthus (apresenta-se) como una fórmula absoluta y fatídica que basta para explicar su miseria. Rechacémosla en ese sentido, como una postura perniciosa (...). Rechacémosla por absurda, sobre todo en Sud America, donde el acaparamiento del suelo por ineptas oligarquías de terratenientes y la falta de educación del pueblo mantienen secuestradas y dejan perderse estériles fuentes copiosísimas de vida"²⁶.

Como se poderá ver, se a luta pela existência é natural à espécie, sua história progressiva é em grande medida o abandono de um estágio meramente biológico, transformado pela obtenção de meios que inequivocamente incrementam o desenvolvimento das sociedades humanas.

25. TPH, p. 16.

26. TPH, p. 37.

3. O desenvolvimento da história é possível graças à criação de meios técnicos

Nesse ponto, Justo ingressa em boa medida nas posições de Marx -- embora auxiliado por Buckle, Deville, Morgan e Thomsen, entre outros --, e é justamente a partir desse tributo de idéias que se estabelecem paradoxais distanciamentos. Dotti²⁷ percebeu, a meu ver corretamente, a primazia do técnico sobre o econômico nas teses de Justo, bem como a inversão marxiana que assim se estabelece. Não se trata de ver nos meios criados pelo homem -- no trabalho humano -- a superação "dialética" da natureza²⁸, mas, em todo caso, evidências de uma continuação em níveis mais altos das manifestações do homem. Justo sustenta:

"Manifestación primordial del desarrollo mental, la técnica es la síntesis de la 'naturaleza' y el 'hombre', la conjunción de la 'materia' y el 'espíritu'"²⁹.

E um pouco mais adiante:

27. *Las vetas del texto...*, op. cit., p. 95-97.

28. Os termos de origem hegeliana -- e evidentemente sua concepção -- parecem-lhe pouco eficazes, insondáveis, nada contribuindo para uma doutrina destinada à ação prática. Acompanhemos as afirmações de Justo: "La influencia que las oscuras y remotas negativas concepciones de Hegel puedan haber ejercido sobre la Ciencia en general y sobre el socialismo en cuanto científico, no es evidente. Para los que comprenden la nueva teoría de la Historia y ven también en ella un acontecimiento histórico, sus lazos de parentesco con la dialéctica son muy problemáticos. Sin Hegel también hubieron sido descubiertos (los nuevos fundamentos), como efectivamente lo ha sido por Morgan siguiendo el método ordinario de la investigación científica. (...) No falta quien crea que si Marx y Engels han llegado a grandes resultados no ha sido gracias a la dialéctica hegeliana, sino a pesar de ella..." (Juan B. Justo, *El realismo ingenuo*, Buenos Aires, La Vanguardia, 1914, p. 11; de agora em diante, indicado como ERI).

29. ERI, p. 54.

"El hecho es que al elevar sobre el medio físico-biológico el mundo técnico, al asimilarlo y aplicarlo en mayor extensión dependemos y necesitamos más de él"³⁰.

Para chegar a esta síntese:

"El trabajo humano es lo que subordina la História a la Biología y al mismo tiempo la separa de ésta. La subordina porque el esfuerzo productivo del hombre obedece a los apetitos animales como estímulo inicial, y tiende ante todo a la satisfacción de necesidades primordiales; porque las condiciones de su realización se las da el medio físico-biológico con el cual se vincula y compenetra más el trabajo del hombre al extenderse y diversificarse. La separa, porque la técnica es el trabajo del hombre, que la hace conciente e intencionalmente"³¹.

Depois de repassar os estádios propostos por Morgan em relação à capacidade criadora de meios de transformação (como se lembrará, estádios caracterizados primeiro pelo selvagerismo, seguindo-se a barbárie e por último a civilização), nosso autor celebra Marx e Engels, que "han sido los primeros en comprender en todo su alcance el papel del modo de producción". Mas concordo com Dotti em que, no nível anterior da gestação histórica de meios técnicos, Justo ainda não vê "relações sociais de produção". Os homens, que são parte da natureza e têm necessidades marcadas por esta, devem enfrentá-la e modificá-la, "como única fuerza humana productiva" --, ponto sobre o qual também Dotti mostrou diferenças em relação a Marx, já que para este entre as "forças produtivas" -- mas não exclusivamente -- situa-se o esforço humano. Assim, há uma continuidade da inserção "natural" da espécie; continuidade e também distanciamento, pois é cada vez mais intencional, e teleológica, a busca de meios de

30. ERI, p. 55.

31. ERI, p. 55.

subsistência, e por essa razão torna-se o homem mais consciente da transformação que sobrevém.

Mas, de acordo com a interpretação de Gerald Cohen³², não se aproxima Justo do próprio Marx, já que para ambos as forças produtivas não podem ser confundidas com as relações de produção, somente estas incluindo-se na noção de "estrutura econômica"?

Se Justo se entusiasma ao mostrar as evidências do desenvolvimento tecnológico, da mecanização, que reduziram fantasticamente os tempos de produção, vê nos transportes "la técnica más decisiva del progreso histórico, la que más modifica las relaciones de los hombres en la producción y revoluciona en consecuencia, todas las otras ramas de la técnica". E não pode ser de outro modo, porque em sua perspectiva os vínculos entre a produção do campo e a cidade, bem como os intercâmbios entre nações e continentes, tiveram e têm no transporte a chave de seu desenvolvimento. Em alguma medida "georgiano"³³, suas preocupações com a produção agrícola levam-no a exaltar a transformação agrária graças ao impacto tecnológico que já se vislumbra em algumas sociedades.

32. G. A. Cohen, *La teoría de la historia de Karl Marx. Una defensa*, Madrid, Siglo XXI/Ed. Pablo Iglesias, 1986.

33. Boa parte da geração "progressista" de Juan B. Justo foi adepta da teoria fisiocrática de George, sobretudo de sua crítica ao "rentismo" parasitário. Lamento que não existam estudos sobre tais orientações no país.

4. A história alcança seu maior desenvolvimento com o incremento das relações econômicas entre os homens

Assim como em Marx, as relações "econômicas" não surgem em Justo no momento mesmo em que há necessidade de se prover alimento, abrigar-se e evitar ataques de animais. Constituem um passo muito posterior e necessariamente intermediado pela obtenção de meios e instrumentos, graças ao desenvolvimento mental que permite aos homens a compreensão do próprio meio.

"Sobre la base de las relaciones biológicas que como individuos de una misma especie guardan los hombres entre sí" -- afirma -- "y a medida que comprenden el mundo físico-biológico y lo aplican en la técnica, desarróllanse las relaciones económicas, las relaciones de los hombres a los fines de la técnica, como cooperadores o como coproductores³⁴".

Em diversas passagens, Justo sustenta que "vínculos psíquicos" precedem a maior inteligência e desenvolvimento mental impulsionadores da evolução histórica, e quanto mais intencional vai se tornando a técnica, mais se reforça a evidência desse fenômeno; quando ressalta a concepção haeckel-hegeliana sobre a condição ereta e a liberação das mãos, "momento decisivo de superioridad mental del hombre (...) que al usarlas libremente para tocar y agarrar, acrecienta y afina en alto grado sus impresiones sobre el medio y su dominio sobre este"³⁵, não deixa de pensar em termos de mentalização, de recursos de ideação e consciência adquiridos pela espécie.

34. ERI, p. 80.

35. ERI, p. 16.

A primazia do estritamente biológico se manterá por longo tempo e impedirá que os homens cheguem ao estágio de atividades econômicas vinculantes de caráter permanente, algo que persiste nas comunidades "selvagens" que lhes são contemporâneas e cujos intercâmbios não são "sociais", como se pode perceber no seguinte parágrafo:

"Ya el salvaje ha conquistado en parte el mundo físico, ya sabe hacer fuego y lanzar el 'boomerang' o la flecha y todavía sus relaciones con los otros hombres son exclusivamente biológicas. En la horda de botocudos, de negros australianos o de negritos filipinos cada individuo es para los otros lo mismo que en una horda de animales; no hay en ellos más distinciones que la edad, sexo y parentesco, que los dividen en grupos para el comercio sexual"³⁶.

Para Justo, a complexidade social, a diferenciação crescente em que se inclui a divisão do trabalho e culmina com as "relações econômicas", acabam sendo consequência direta dos "avanços técnicos", ainda que freqüentemente (e talvez pelo fato mesmo de se disputarem tais avanços) possam ser interrompidas por "la vuelta al primitivo estado biológico de la guerra"³⁷.

A descrição feita por Justo das "relações econômicas", cuja evolução vai de um estado embrionário, do "trueque directo de cosas

36. ERI, p. 16.

37. A guerra, fenômeno crucial por razões que explico mais adiante, merece um capítulo na longa análise de Justo. Em princípio, ela representa uma "relación biológica, resultado de la tendencia de cada unidad social a crecer, a expandirse" (TPH, p. 114). "Las guerras entre grupos étnica y geográficamente próximos, son un riguroso proceso de selección natural" (idem). Suas consequências são igualmente biológicas. Mas a essa primária justificação biológica da guerra sucede outra fase: "A medida que progresa la técnica y que la división del trabajo y el cambio de productos se extiende entre los hombres, la guerra cambia de forma y de consecuencias (...). Cada día triunfan no los biológicamente más fuertes, sino los mejor armados y organizados" (idem, p. 115).

e servicios", até a instituição da "idéia de valor econômico" -- valor de troca das coisas --, mediante uma completa assunção do caráter de mercadoria, não nos dá sinais da constituição de relações de classe, e aqui, sim, existem marcantes diferenças com Marx. Justo expõe as notáveis transformações da produção, a incessante renovação técnica, o crescimento de grêmios e corporações a partir do século XIII, as mudanças na organização do trabalho, do artesanato à indústria, a incorporação das mulheres à produção, o fenómeno concentrativo, as mudanças na produção agrícola, o fenómeno imigratório e emigratório, mas não é no capítulo da economia que situa a divisão social em classes. O autor é explícito quanto a esse aspecto crucial, tornando-se evidente o repúdio à concepção marxista: mesmo com toda a importância que têm para a história as esferas "técnica" e "econômica", "no basta el simple desarrollo técnico-económico interno para explicar la formación de las clases fundamentales de la sociedad". Na gênese da história, ocupam lugar proeminente a dimensão do conflito externo, a luta entre comunidades e os conseqüentes atos de espoliação, que a Justo parecem ser uma chave segura para interpretar, se não as origens, ao menos a evolução da propriedade. É em grande medida a guerra que gesta as classes -- foi ela que originou o escravo --, assim como gesta a consolidação do poder político como função diferenciada que se impõe no quadro social e o hierarquiza definitivamente .

A descrição na verdade não corresponde conceitualmente ao "capitalismo" -- embora seja o desenvolvimento deste o objeto da análise --, mas ao que o autor denomina "sistema de actividades

humanas" que veio a ser enriquecido pelos modernos meios de comunicação -- correio, telefone, máquinas rotativas.

"Un grandioso sistema de actividades humanas especiales se ha desarrollado pues, al servicio de la creciente actividad psíquica de los hombres en el proceso de su vida social. Mediante ellas hemos alcanzado el grado presente de coordinación de los esfuerzos y la evolución técnico-económica ha llegado a su momento actual"³⁸.

Como vemos, é sobretudo nesse terceiro patamar, depois do elemento biopsíquico e do técnico, que se deve considerar o intrincado desenvolvimento histórico.

5. A luta de classes é uma manifestação da complexidade técnico-econômica e política do desenvolvimento histórico das sociedades

Para Justo, a luta de classes é consequência de determinado grau de desenvolvimento histórico alcançado pelas sociedades e não representa o único motor da história. Se é certo que o regime de propriedade leva à divisão entre possuidores e não-possuidores -- divisão que herda a diferenciação anterior, baseada somente no sangue --, torna-se imprescindível o aparecimento de "una constitución política que mediante la coerción directa por la fuerza, y la indirecta por la propiedad, obligue sistemáticamente a los hombres a cooperar"³⁹. Os conflitos se instalam quando surge a força -- ou a possibilidade de seu exercício -- através da figura da autoridade, que "se encarna entonces en la clase rica y noble

38. TPH, p. 118.

39. TPH, p. 153.

que, junto con el orden social, defiende sus propios privilegios". O "então" de Justo traduz uma consequência lassa, sem teor causal; geralmente coincidirão propriedade-riqueza-autoridade; serão solidários propriedade e poder, mas não são consubstanciais em sua perspectiva biossociogenética da história. É um dos atributos mais notáveis das classes dominantes -- ainda que Justo raramente empregue a expressão -- é a "estática social", o conservatismo, assim como a tendência "a perder sus aptitudes y funciones sociales y a degenerar en una casta parasitaria"⁴⁰.

A luta de classes, iniciada de maneira violenta quando os escravos tentaram libertar-se, tendeu a se tornar "más regular y constructiva, un juego de fuerzas que agitan a la sociedad entera y conducen a su progreso".

Justo passa em revista, com farto número de dados históricos, as diferentes formas de trabalho servil até o aparecimento da burguesia. O quadro cambiante da produção, a divisão do trabalho, os acontecimentos políticos e científicos adquirem no capitalismo uma tal conformação processual, que originam o antagonismo entre a burguesia e o "salariado"⁴¹.

"Lejos de ser una relación histórica primitiva entre los hombres, el salariado, como forma general de la sujeción de la clase trabajadora, es pues, un fenómeno propio de la sociedad actual"⁴².

Se há diferenças inegáveis entre o escravo e a "moderna classe

40. TPH, p. 154.

41. Justo adota o termo "salariado" indistintamente para o sujeito -- o proletariado -- e para o objeto -- o regime de relações.

42. TPH, p. 219.

servil" -- esta tem direito a locomover-se, a mudar de trabalho, ingressou nos direitos civis, incluindo a possibilidade de ter acesso à propriedade --, a economia burguesa pretende ignorar falaciosamente, sublinha, "la división de la sociedad en clases suponiendo a todos iguales". É importante nos determos na definição de "salarariado" oferecida por Justo, pois nela aparecem os motivos dominantes de seu pensamento histórico-social, já que entram em jogo as dimensões biológicas, políticas e econômicas:

"El salariado es, pues, una relación histórica *sui generis*, compleja, en la que entran diversos elementos. En cuanto está basada en los privilegios de la clase rica, es una relación biológica de parasitismo. En cuanto coerción ejercida por la clase propietaria (...) es una relación política. En cuanto la relación de salariado y capitalista está fundada en la actividad inteligente de éste como director de la técnica y la economía, en cuanto entre patrón y trabajador hay una verdadera división del trabajo, es una relación económica. Pero esta misma es unilateral, pasiva de parte del trabajador que está en ella involuntariamente, muchas veces sin comprenderla (...)"⁴³.

Não há dúvida quanto às distâncias em relação ao pensamento de Marx e às explicáveis proximidades com o espírito do reformismo. Mas talvez nenhum dos intelectuais da Segunda Internacional tenha podido como Justo referir-se à concepção marxiana de valor e mais-valia. Marx "ha conmovido hasta los cimientos" o edifício da economia política, valendo-se para tanto da economia política clássica, "del mismo principio burgués" -- escreve -- "que ve en la fuerza humana de trabajo un vulgar objeto de cambio". Ver nisso uma mercadoria, um objeto intercambiável por dinheiro -- uma "coisa", acrescentaríamos -- parece-lhe absurdo, "una fórmula sofisticada de

43. TPH, p. 229.

la jerigonza profesional de los economistas". Visto que Marx certamente foi obrigado a trabalhar como "metáforas" a tradição daquela economia, sua explicação da criação da "super valía, o valor nuevo incorporado por el trabajador asalariado a las materias primas sin recibir por ello compensación es" -- afirma -- "una ingeniosa alegoría con que Marx ha puesto en evidencia la explotación capitalista"⁴⁴. Ocorre que, para Justo, todo o processo de vinculação do trabalhador com a produção se faz "como se" houvesse simetria absoluta entre as partes contratantes, o capitalista e o trabalhador. Por não existir tal simetria, já que um é mais poderoso que o outro, e não se tratando de "una relación voluntaria y libre entre iguales" -- "no es una relación de derecho" --, o contrato resulta numa "paródia" que esteriliza a própria possibilidade de valor, seu fundamento. Essa argumentação "jurídica", que alcança em cheio o campo "civil" -- o contrato "desigual" --, está acima de toda e qualquer circunstância na concepção de Justo e o faz descrever como ficção o miolo mesmo da teoria de Marx.

É por isso que a inspiração socialista de nosso autor o levará a propor, sobretudo, uma transformação histórica das modalidades jurídicas, para reverter o caráter perverso da desigualdade real sustentada pelas relações econômicas sob o capitalismo. Não pode surpreender então que seja no campo institucional e jurídico que devam os assalariados travar sua grande batalha histórica.

44. TPH, p. 225. Grifo meu.

6. A história adquire um nível significativo mediante a ação política

A ação, a intencionalidade prática, a normativa da aplicabilidade, são soberanas nas concepções epistêmicas de Juan B. Justo. Entende-se por que no contexto justista a "ação política" é uma via orientativa superior. A ação predomina sobre a teoria, e tem sido precursora em todos os campos científicos. "La solidez de la verdad científica" -- afirma Justo --, "el valor de la teoría consisten en que nos sirven en la práctica del trabajo directamente productivo o del trabajo investigador"⁴⁵.

Enquanto as relações de classes permanecem como conflitos meramente econômicos, e sobretudo enquanto cada uma das classes não "compreende" o significado dos interesses que estão em jogo, paralisa-se a própria história.

"Para que los elementos del medio físico-biológico o del medio social empujen al hombre en un sentido progresivo, necesario es que éste los 'aplique', es decir, que prácticamente los 'comprenda' "⁴⁶.

E mais adiante, depois de analisar o cenário argentino desde a colônia, identificando fases carregadas de significado por sua maior completude em termos de "compreensão" política dos conflitos de classes (dado o maior exercício de inteligência dos interesses econômicos em jogo), insiste:

"Las cosas necesitan ser prácticamente comprendidas para que influyan en un sentido progresivo como factores históricos..."⁴⁷

45. TPH, p. 492.

46. TPH, p. 11.

47. TPH, p. 23.

Quando as classes "ignoram" o conteúdo de seus conflitos e são incapazes de torná-los transparentes na arena da política, as sociedades sofrem estancamentos.

"Necesitamos, ante todo" -- sustenta --, "que cada grupo social adquiera conciencia de sus intereses políticos"⁴⁸.

Ao que acrescenta, depois de percorrer alguns episódios de polarização (em especial proprietários rurais *versus* arrendatários) presentes na cena local:

"Pero estos dos antagonismos no serán fecundos mientras no se declare otro más fundamental, el antagonismo político entre capitalistas y asalariados, la gran lucha de clases que empuja hacia adelante las sociedades modernas"⁴⁹.

De onde se podem extrair duas conclusões: primeiro, que os enfrentamentos históricos no meio rural são enfrentamentos de classe; segundo, que eles poderão encontrar uma saída sob a condição de que se expressem politicamente os antagonismos no mundo urbano-industrial.

Se a greve é "la primera forma colectiva de la moderna lucha de clase, la manifestación primordial de la solidaridad proletaria", à qual se uniram outras manifestações da "ação direta", chegando mesmo a preceder as próprias organizações operárias -- em cuja história se demora a análise realizada por Justo em *Teoría y práctica de la Historia* --, torna-se necessário agora superar essa "violência", superar seu poder de "coerção física" mediante a ação política, aceitando a juridicidade de lei resultante de tal ação.

48. TPH, p. 25.

49. TPH, p. 25.

"La acción revolucionaria del proletariado" -- diz Justo -- "sería sin embargo bien limitada si se encerrara en las normas de la lucha propiamente sindical (...). El gremialismo proletario no pone en juego todas las nuevas aptitudes del proletariado, no da campo a todos sus métodos de acción (...). Mientras no se hace por medio de la ley, la coerción está en conflicto con la ley (...). Para reforzar su poder coercitivo, sacándolo del campo de la violencia, entra la clase trabajadora con fines propios en la acción política, que da doble eficacia a sus esfuerzos"⁵⁰.

Mas não escapam a Justo as dificuldades ulteriores dessa decisão do proletariado para obter a transformação social mediante a luta política. Adverte sobre os radicalismos que permeiam os partidos da classe operária, os quais alimentam a idéia de que "bastaría posesionarse del poder para derrumbar la institución más fundamental, la propiedad privada". Seu programa é outro. O socialismo é um objetivo de obtenção paulatina e se encontra em algum ponto da evolução futura; e, se antecipa-se na juridicidade crescente que o proletariado pode ganhar com a obtenção de direitos, com a reversão da falácia do "contrato", sua base econômica está radicada menos na "propriedade coletiva" do que na "cooperação livre", na qual decididamente aposta.

Não se poderia deixar de lado, na teoria historiográfica de Juan B. Justo, um conjunto de pressupostos epistêmicos reveladores de fina sintonia com problemas nucleares no desenvolvimento da disciplina.

Em primeiro lugar, deve-se assinalar sua concepção de tempo. Não há dúvida de que o tempo verdadeiro da história é o presente

50. TPH, p. 386.

projetado em direção ao futuro, portanto primazia deste. "El presente es un momento fugaz. Salimos continuamente del pasado, entramos a cada instante en el porvenir" -- sustenta⁵¹; e mais adiante:

"...No concebimos el pasado sino refiriéndolo al presente, y éste no se revela en su complejidad sino a quienes, movidos por necesidades o aspiraciones, preparan intencionalmente un futuro distinto"⁵².

As maneiras que têm os homens de conceber suas ações passadas mudam de acordo com a época que lhes cabe viver, porque "en el curso de la evolución humana, y en el grado que nuestro concepto de mundo se desarrolla, cambia también el concepto de Historia".

Em segundo lugar, sua visão da historiografia clássica, anterior à incorporação primordial dos fenômenos técnico-econômicos, é que, sendo ela essencialmente política, suas informações pouco ou nada podiam acrescentar ao verdadeiro conhecimento do passado. Disso fala claramente a epígrafe deste capítulo. Uma alteração notável produziu-se a partir do momento em que "las formas generales de la actividad humana" deslocaram a história política, esterilizada pela crônica das grandes figuras do poder, dando lugar ao aparecimento da "vida laboriosa y fecunda de la población entera".

Outra ordem de posições deriva da necessária subjetivação valorativa e do conseqüente relativismo do que-fazer histórico e científico em geral. Ainda que aprisionado na idéia de determinismo

51. TPH, p. 2.

52. TPH, p. 6.

e regularidade à moda do período -- os fenômenos históricos, como os naturais, pensa ele, são "lógicos e necessários" --, Justo não hesita:

"Mientras haya partidos, la ciencia de la Historia, a diferencia de las matemáticas, será ante todo una ciencia de partido"⁵³.

Refuta, por impróprios, o dogmatismo, a verdade absoluta -- "ningún hombre ve toda la verdad, todos los hombres ven una parte de ella"⁵⁴ --, a idéia de um conhecimento acabado, já que ocorre a mediação da ação prática:

"Las leyes científicas no tienen, pues, una validez absoluta y perpetua. Se desarrollan junto con el hombre, están sujetas a continua aplicación y corrección a medida que entablamos con las cosas y personas nuevas relaciones..."⁵⁵.

Por último -- mas não na ordem das preocupações de nosso autor --, deve-se consignar a primazia gnoseológica da paridade realismo ingênuo e senso comum. As preocupações de Justo ao enfatizar o papel desempenhado pelo realismo ingênuo na captação do mundo não ocorrem nem por desconhecimento, nem por negligência, nem por se instalar a urgência do político⁵⁶. Não se trata, pois, de preguiça intelectual, mas de uma reação elaborada que se interpõe às formulações dos "materialismos" e quer fugir das armadilhas das

53. TPH, p. 7.

54. Justo, *El método científico*, p. 11.

55. TPH, p. 492.

56. Dotti, em seu destacado trabalho (*Las vetas del texto...*, cit.), tende a enfatizar que as idéias de Justo sobre o "realismo ingênuo" como método de conhecimento respondem às urgências da ação política, com o que não estou de acordo.

metafísicas -- sejam estas do "espírito" ou da "matéria".

O espontaneísmo cognitivo impera tanto na experiência comum como na mais qualificada das atividades reflexivas (a dos cientistas) -- parece dizer-nos Justo --, e estas estão marcadas pela intencionalidade da consciência, mas não reconhece atos anteriores críticos que suspendam o processo de captação do real para se "pensar" um "antes", para se pensar, digamos assim, a partir de onde se pensa.

"La ciencia (...) no es hija del materialismo ni del idealismo, sino del realismo ingenuo, de la vida y de la técnica"⁵⁷.

E no mesmo caminho:

"El más ordinario sentido común y la última palabra de la ciencia desechan por igual el equívoco del núcleo material de una cubierta ideal, o la envoltura material de un núcleo ideal"⁵⁸.

Justo, que acompanhou com atenção certos debates filosóficos e que seguiu a polêmica Bernstein/Kautsky -- assim como as acirradas discussões entre Schmidt, Plehkanov e aquele Kautsky --, tendo em conta reflexões do primeiro, escreve:

"Bernstein, erudito y concienzudo discípulo de los fundadores del socialismo, duda de que Hegel haya sido realmente idealista (...), (se) él concebía de hecho el proceso de pensamiento o la 'idea' como creadora de la realidad (...) o si la 'idea' creadora (...) no fue al menos en principio más que el concepto comprensivo de las leyes objetivas del movimiento y el desarrollo del mundo real en una ley universal fundamental"⁵⁹.

57. ERI, p. 20.

58. TPH, p. 495.

59. Baseia-se no artigo de Bernstein em "Die Neue Zeit", 1889-1899,

A intenção de Justo é claramente mostrar que já o próprio inspirador da dialética adotada por Marx não pôde deixar de se haver com a realidade material. De Plekhanov, por sua vez, extrai que a inspiração hegeliana "ve las cosas en su 'Werden' (devenir)", quando afirma que "todos los fenómenos encierran las fuerzas que han de engendrar su contrario"⁶⁰.

O próprio Engels, depois de se dedicar durante tanto tempo ao estudo das ciências, "reconoció" -- afirma Justo -- "que la idea de evolución se adquiere directamente de los fenómenos físico-biológicos"⁶¹; e ela "parece ser la sustancia de la dialéctica". Portanto, na linha argumentativa de Justo, se até o próprio Hegel bebia da objetividade do mundo, se a dialética está nas "coisas" (no mundo físico-natural), se é consubstancial com a evolução, ao incorporar esta última ao "sentido común de las gentes", a dialética passa espontaneamente à "lógica vulgar, que por otra parte, nunca ha podido carecer de nociones de cambio y desarrollo"⁶².

Passando em revista algumas posições marxistas de nomes que discutiram com Kant -- Kautsky, o próprio Engels, para quem "la cosa en sí es algo material", diz Justo --, nosso autor também cita os que acabaram aceitando o kantismo, como Waltman e Schmidt. Mas acha estéril a polêmica, afastada do mundo real, e se tranqüiliza pensando que

n. 87, "Dialektik und Entwicklung", resposta ao artigo de Kautsky "Bernstein und die Dialektik" (ERI, p. 8).

60. Justo extrai a citação do texto de Plekhanov "Beitraege zur Geschichte des Materialismus", Stuttgart, s/e, 1896, p. 161.

61. ERI, p. 9.

62. ERI, p. 11.

"...la evolución de la ciencia nos ha liberado de la deslumbrante dialéctica con que nos ofuscaba la Filosofía y enseñándonos como funcionan nuestros sentidos, nos sustrae al criticismo especulativo de Kant, tenebroso y equívoco"⁶³.

Nada de se enfrontar nas diferenças entre "realidade" e "aparência", nada de obsessões quanto a "materialismo"⁶⁴ e "idealismo", e muito menos nada de sofisticar a obviedade existencial, dificultando as relações entre "consciência ordinária" e "pensamento das essências". Se parecem ressoar forte os ecos "positivo-sensualistas" nessa assertiva, não deveríamos pensar que a intuição de Justo baseia-se nos mesmos pressupostos de Cohen, para quem "es una suerte que no siempre percibamos los fenómenos naturales esenciales: ello nos permite sobrevivir", e "el abismo entre la realidad y la apariencia en la naturaleza es beneficioso para el ser humano"⁶⁵?

Somente a possibilidade de eliminar as diferenças abstrusas --

63. ERI, p. 18. Grifo meu.

64. Justo chama a atenção -- e corretamente -- sobre a obra de F. A. Lange, *Historia del materialismo*, que não menciona a teoria de Marx-Engels (ERI, p. 13). Já assinalei que esse texto foi um dos inspiradores de Büchner e certamente de boa parte dos que o rodeavam; não creio que sua difusão fosse muito ampla no ambiente local, mas Justo teve acesso a ele, embora se baseie na indignação de Plekhanov a propósito de tal omissão. Não obstante a passagem do tempo, esse texto ainda mantém percepções singulares sobre a evolução do materialismo, o qual, segundo o autor, ainda que "se organizó por primera vez como sistema en Francia (...) no por eso deja de ser Inglaterra la tierra clásica de la concepción materialista del mundo", "mientras Alemania permanecía encerrada entre los muros de la pedántica escolástica". Atribui a Spinoza, entre outros, um "notable influjo" sobre os alemães, pois "los spinosistas forman solos la extrema izquierda que combate la escolástica y la ortodoxia aproximándose al materialismo como pueden permitírsele los elementos místicos-panteístas de la doctrina de Spinoza". (F. A. Lange, *Historia del materialismo*, t. 2, Buenos Aires, Lautaro, 1946, p. 9, 10, 32.)

65. G. A. Cohen, op. cit., p. 362.

"pseudo-problemas nacidos de un individualismo mórbido"⁶⁶ -- opera uma autêntica democratização do processo de conhecimento, uma vez que a diferença é "desalentadora para los hombres sencillos que sin salir del conocimiento ordinario, aspiran al patrimonio intelectual de la humanidad"⁶⁷.

E não se deve perder de vista que o esforço desse ensinamento da história, abrindo uma nova perspectiva de conhecimento para as massas, tinha exatamente este objetivo: fazê-las participar do patrimônio intelectual da humanidade. Se a nova doutrina social não fosse de compreensão meridiana -- se não resultasse capaz de assimilar-se ao "realismo ingênuo" --, não frutificaria como "senso comum", encarnando-se como cotidianidade na massa trabalhadora -- e é possível que nesse ponto Justo se antecipasse à própria noção gramsciana.

"La filosofía del pueblo es el realismo ingenuo, el modo de ver intuitivo y vulgar que los filósofos desdeñan"⁶⁸.

66. TPH, p. 495.

67. TPH, p. 20.

68. TPH, p. 495. Justo confessou -- muitos anos depois -- que intuitivamente havia cunhado a concepção de "realismo ingênuo" e que, enquanto "estaba terminando *Teoría y Práctica de la Historia*, conocí las obras de Mach, el físico austriaco, que corroboran mi opinión (...). Después encargué a mi librero la obra de Avenarius, *El concepto humano del mundo*, y cuál no sería mi agradable sorpresa al encontrar intercalada una carta de Schuppe a Avenarius, en que aquel sostiene que el último resultado de la filosofía es la confirmación del realismo ingenuo. Por recomendación de Mach, en su *Análisis de las sensaciones* que lo admiro como un poema, hice también venir los *Elementos de la teoría del conocimiento* de Schuppe, que estamos traduciendo con Alicia (Moreau), aunque su lectura está lejos de ser fácil ni agradable. Lo cómico de todo esto es que Schuppe cree haber hecho un descubrimiento trascendental con su 'confirmación del realismo ingenuo' y se queja amargamente que los filósofos 'von Fach' no lo entienden o desdeñan (...)" (carta de J. B. Justo a Macedonio Fernández, de 20 de março de 1926, em Macedonio Fernández, *No todo es vigilia la de los ojos abiertos*, 2. ed., Buenos Aires, 1977, cit. por Dotti, op. cit., p.

Em todo caso, não deixa de chamar atenção que o princípio epistêmico abraçado por Justo -- levando em conta as dificuldades do socialismo para conquistar lugar entre os setores menos qualificados de trabalhadores e sua aposta na respeitabilidade letrada -- baseara-se na equiparação gnoseológica entre o pensamento comum e o científico; a pergunta que faz é um desafio:

"¿No tiene derecho el socialismo, afirmando también en el terreno mental su tendencia igualitaria, de considerar vano todo esfuerzo por salir del 'realismo ingenuo', de proclamar que ante el universo infinito todos los hombres son iguales?⁶⁹"

Não foi Juan B. Justo o único divulgador da história entre os trabalhadores ávidos pelo conhecimento, mas seu caso é paradigmático por um explicável feixe de razões, a começar pelo esforço conceitual, pela trabalhosa tentativa de assimilar os elementos teóricos dos fundadores do "socialismo científico" à via reformista. Sua visão da história, para além dos erros e carências -- que não estão em julgamento aqui -- não está isenta de singularidades e afasta-se bastante do molde positivista *tout court*, se devemos nos ater a uma visão mais despojada. Subsumir nosso autor inteiramente ao positivismo não parece adequado hoje; e ele tampouco participou inteiramente da sedução monista, como ocorreu com outros companheiros de causa. Não pode surpreender que os mais próximos à "dureza" das ciências -- os oficiais que acompanhamos no capítulo anterior -- tenham atribuído um lugar mais

105, e por Corbière, op. cit., p. 484).

69. ERI, p. 20.

amplo às preocupações metafísicas, enquanto os que se orientaram para a "ciência social", como Justo, apenas se incomodaram com seus ecos, uma vez que para estes o conhecimento era indissociável da experiência. Justo concebeu a história como o próprio conhecimento social, cujo sentido e orientação repousavam na ação humana.

Bio-historicista, não viu, entretanto, fatalidade no curso da história, mas indicou ao proletariado que o futuro lhe pertencia, desde que as reformas cívicas pudessem abrir caminho às transformações sociais, sendo a modificação contratual uma de suas chaves, passagem para uma nova era civil que lhes retiraria os grilhões, convertendo-os em "cooperadores livres".

Capítulo VI

A COMUNICAÇÃO DOS NOVOS SABERES: SOCIOLOGIA E PSICOLOGIA

Capítulo VI

A comunicação dos novos saberes: sociologia e psicologia

"Si es cierto, como se desprende de las inducciones de la sociología, que la concentración de los medios productivos (...) ha de traer la apropiación colectiva, un sistema más armónico, más equitativo, más humano de distribución de la riqueza, podemos afirmar que la sociedad argentina marcha por ese camino y que ha de llegar a él, no por saltos, sino por etapas sucesivas, a un régimen colectivista de la propiedad".

E. del Valle Iberlucea, *El proletariado argentino*

"La sociología es una ciencia natural que estudia la evolución general de la humanidad y la evolución particular de los grupos que la componen. Las 'sociedades' humanas pueden estudiarse con el mismo criterio que los naturalistas aplican al estudio de otras 'sociedades' animales (...)."

J. Ingenieros, *De la sociología como ciencia natural*

"Concebimos la psicología como una ciencia natural concordante con las hipótesis más generales de la filosofía científica: tratamos sus problemas con los criterios del evolucionismo determinista."

J. Ingenieros, *Principios de psicología biológica*

A irrupção no país, ao se apagar o século, dos novos conhecimentos sobre a sociedade e o homem foi de tal magnitude, que levou Babini -- pioneiro na renovação da história da ciência argentina -- a entrever que as novas disciplinas haviam eclipsado o desenvolvimento das ciências físico-naturais¹. Numerosas razões explicam essa virada nativa rumo aos novos objetos disciplinares, orientação certamente universal fecundada sob o manto da doutrina

1. José Babini, *Historia de la ciencia argentina*, México, FCE, 1949.

positivo-evolucionista, ali onde o desenvolvimento capitalista fazia brotar profundas diferenciações e onde fervilhava a "questão social". Foge inteiramente ao meu propósito retomar a análise dos tópicos sócio e psicológicos presentes na farta textualidade que, sobretudo a partir dos anos 90, se tornará obsessiva em matéria de "nação", "raça", "multidões", "delinqüência", "criminologia", "ignorância" -- para citar motivos amplamente abordados--, em consonância com as condições da Argentina moderna. Percepções, métodos, motivos e agentes têm sido generosamente arrolados -- e não sem razão -- como "movimento positivista", ainda que cada vez mais se identifiquem os matizes e as dissimilitudes².

Os socialistas participaram no centro mesmo da consagração das novas ciências e se dispuseram a transferir suas interpretações às massas, ainda que também respondendo a perspectivas heterogêneas, como se verá.

1. Interpretações sociológicas

Só por um ardil analítico o conhecimento histórico tem sido recortado como saber específico. Para os difusores socialistas, a

2. Com relação ao clima geracional no campo das idéias, da cultura e da ciência -- subsumido ao conceito de "movimento positivista" --, há uma vasta produção. Remeto especialmente a Ricaurte Soler, *El positivismo argentino*, op. cit.; Ezequiel Gallo e Gustavo Ferrari (orgs.), *La Argentina del Ochenta ao Centenario*, op. cit.; Hugo Biagini, "Bibliografía sobre el positivismo latinoamericano", op. cit., e *El movimiento positivista argentino* (org.), op. cit.; Oscar Terán, *Positivismo y nación en la Argentina*, Buenos Aires, Puntosur, 1987; Carlos Barbé e Mabel Olivieri, "Sociologia, storia sociale e scienza politica in Argentina sino alla crisi del positivismo", em VVAA, *Sociologia, storia, positivismo. Messico, Brasile, Argentina e l'Italia*, op. cit.

velha história e a jovem sociologia se confundiam; de fato, a "renovação de métodos" que ambos os conhecimentos anunciavam, mesmo incontestavelmente imersos no paradigma biológico, permitiu uma diferente dose de capilaridade "materialista histórica", o que estreitou ainda mais os laços entre a "realidade" e o passado.

Assim como Juan B. Justo, o próprio Alfredo Palacios e Enrique del Valle Iberlucea dedicaram-se a transmitir conhecimentos históricos a partir de interpretações sociológicas³, tanto na Sociedade Luz como no Ateneu Popular, em centros partidários e outras entidades de certa penetração entre as massas. Essas figuras de primeiro plano do socialismo partidário foram acompanhadas por outros difusores de menos renome na tarefa de difundir o conhecimento sociológico com acentuado predomínio de reflexão histórica.

Enrique del Valle Iberlucea encarna bem a fusão disciplinar, a partir de uma vertente diferenciada que trouxe não poucas dores de cabeça aos companheiros de causa. Representante -- como o havia sido o Ingenieros da primeira fase -- de um jacobinismo refratário à acomodação reformista, dono de um estilo contestatório inflamado, del Valle Iberlucea⁴ identificou-se com a "interpretação sociológica materialista" da história e a transmitiu a ouvintes e leitores. Com ele a "sociologia argentina" -- que remonta a várias

3. A interpenetração de história/sociologia chegou aos pesquisadores acadêmicos, como é o caso de Ricardo Levení. Este colaborou algumas vezes com o Ateneu Popular e até proferiu ali uma conferência sobre "Sociología y ciencia positiva", "con numeroso público" -- segundo a crônica --, na sede dos Bombeiros Voluntários de La Boca (29 de maio de 1914). Sobre as assimilações entre ambos os marcos disciplinares no país, cf. Carlos Barbé e Mabel Olivieri, op. cit.

4. Sua figura foi introduzida no capítulo I.

décadas anteriores à ciência academizada de meados do nosso século, como mostrado por Barbé e Olivieri⁵ -- adquire um representante local que domestica uma exegese peculiar das teses socialistas.

Nascido na Espanha em 1877, sua família mudou-se para a Argentina em 1885 e instalou-se em Rosário, cidade onde foi um dos fundadores do primeiro Centro Socialista (1895). Radicou-se em Buenos Aires para estudar Direito, formando-se em 1902. Nessa época, é *habitué* dos ambientes boêmios e contestatórios: são conhecidos os seus vínculos com os escritores anarquistas Florencio Sánchez e Alberto Ghirardo. Amigo de José Ingenieros, compartilha em grande medida seu ardor reformista em fins dos anos 90; também del Valle Iberlucea representa o corte dessa geração em relação ao "progressismo oligárquico" dos anos 80⁶.

Por volta de 1906, acentua ainda mais sua distância em relação às posições hegemônicas do Partido Socialista e incrementa, acompanhado por Alicia Moreau, entre outros -- e certamente para responder à revista "Vida Nueva", em mãos dos mais reverentes e reformistas --, a "Revista Socialista Internacional" ("Publicación mensual de experiencias del socialismo científico, crítica social e influencia del movimiento obrero en ambos mundos" -- era o subtítulo, praticamente um decalque da que circula na Europa). A publicação continuadora, lançada em 1908, será "Humanidad Nueva"⁷,

5. Carlos Barbé e Mabel Olivieri, op. cit.

6. Sobre a ruptura que representa a geração de 90, remeto à introdução de Oscar Terán à antologia de trabalhos de Ingenieros, *José Ingenieros. Antimperialismo y nación*, México, Siglo XXI, 1979.

7. A reaparição da "Revista Socialista Internacional" em dezembro de 1908 suscitou um longo editorial de del Valle Iberlucea, que não deixa dúvidas quanto à "diferenciação" que pretendia dentro do socialismo: "(...) Colocada en el dominio teórico de la concepción marxista, esta publicación nace para explicar y desarrollar ideas

cujo subtítulo fala às claras: "Sociología, arte, educación"; atuará como órgão do Ateneu Popular -- a modalidade socialista de "extensão universitária", par da Sociedade Luz⁸.

As posições "à esquerda" de del Valle Iberlucea não o impedem de transitar nas áreas mais liberais do poder: participa da elaboração do projeto de lei do Trabalho (1904) -- projeto que no fim das contas contrariará o Partido⁹ --, em virtude de suas estreitas relações com o ministro Joaquín V. González, que o estima pela inteligência. O próprio González o leva para secretariar a nova Universidade Nacional de La Plata (1906), permitindo a presença de elementos "progressistas" nas áreas das humanidades e suas novas ciências (educação, psicologia). O compromisso de del Valle Iberlucea com o ensino secundário e superior é manifesto, pois, à gestão na Universidade de La Plata, somam-se o cargo de professor no Colégio Nacional Buenos Aires e a dedicação aos cursos

de acuerdo con el estado material y económico de la República. Apártase desde sus primeros pasos de la tendencia revisionista o reformista caracterizada por la Democracia Social de Alemania por su acerba crítica a los programas teóricos o abstractos sancionados por los congresos socialistas, desde Erfurt a Dresde (...). Esta revista cree que el socialismo debe ser el centro motor superior (...) del movimiento de redención integral de la clase trabajadora" (grifo do original).

8. Já introduzi essa importante agência (capítulo II). Remeto novamente a um trabalho de minha autoria, "El proyecto de 'extensión universitaria' en Argentina: el Ateneo Popular y el movimiento obrero durante 1909 y 1918", Buenos Aires, CEIL-CONICET, 1988. As influências diretas "socialistas" de diversas áreas para criar organismos de elevação científica e cultural das massas, deve-se incorporar a "via espanhola", através da Universidade de Oviedo e do Instituto Libre de Segunda Enseñanza, com a presença na Argentina de seus líderes Adolfo González Posada e Rafael Altamira. Isso influiu fortemente no surgimento do Ateneu Popular.

9. No quadro de posições do período -- quadro do qual alguns socialistas participam com maior vigor à maneira reclamada pelo reformismo --, não pode surpreender o apoio de José Ingenieros, que fez do exame do projeto uma lição de "política científica". Retomarei mais adiante suas posições.

de história na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires.

Em 1913 consegue eleger-se senador no âmbito da capital: se Alfredo Palacios goza de extensa simpatia nos meios populares, outro tanto ocorre com esse advogado que se engajou na defesa dos "perseguidos sociais"¹⁰ e que, se não possui todo o carisma do primeiro, maneja uma retórica igualmente notável. A essa altura há uma tentativa de impugnar-lhe o diploma, em virtude de Iberlucea ser naturalizado¹¹; sua defesa junto ao Parlamento origina "Nacionalismo e internacionalismo" -- texto também marcado por pressupostos histórico-sociológicos --, de ampla divulgação. Não obstante um destacado trabalho parlamentar, não deixa de criar problemas junto às próprias forças a que estava integrado, sobretudo com suas posições a favor dos aliados em 1914, problemas que também o farão deixar a direção de "La Vanguardia" em 1917, antes de completar um ano de gestão.

Sua evolução final em nada surpreende; as posições de José Ingenieros -- que seguiu outro rumo -- agora coincidem com as suas: entusiasma-se com a Revolução Russa e se posiciona abertamente pelo alinhamento partidário com a Terceira Internacional. A diáspora socialista, que irá fundar o Partido Comunista Argentino, está a um passo de tê-lo em suas fileiras, mas Iberlucea decide permanecer no Partido e expor seus pontos de vista no movimentado congresso de

10. Não obstante a relutância anarquista à juridicidade, del Valle Iberlucea representou militantes com problemas perante a Justiça; teve destaque o seu trabalho em defesa dos que foram expulsos do país. Provavelmente fosse o segundo homem mais querido do socialismo entre os setores operários (o primeiro, obviamente, foi Palacios).

11. Ver capítulo I.

1921 (Bahía Blanca). Faz ali um discurso a favor do "maximalismo" e pede a adesão à Terceira Internacional. Com base nessas posições, abre-se contra ele um processo por "incitación a la violencia" e se consegue suspender seu mandato para poder julgá-lo, com vistas a aplicar-lhe a Lei de Defesa Social. Isso ocorre em junho de 1921, quando já sofria de uma grave enfermidade que lhe dificultava a fala. Deixando uma ampla obra escrita (que inclui discursos e debates parlamentares)¹² e um profundo sentimento de simpatia popular, morre em agosto desse mesmo ano.

Um dos primeiros cursos de análise "sociológica" do passado argentino oferecido na Sociedad Luz foi ministrado por del Valle Iberlucea, em 1903. É lamentável que tais conferências não tenham sido transcritas, de modo que somente recorrendo aos escritos afins do autor podemos conformar um quadro hipotético de seu conteúdo. Dou por certo que Iberlucea, ao descrever a evolução da sociedade argentina, deve ter se apoiado em sua interpretação da "teoria materialista da história"¹³, que, segundo o fundador da teoria,

12. Entre seus trabalhos encontram-se: "Derecho político" (1901); "Derecho procesal internacional" (1902); "Fundamento científico del divorcio" (1902); "Ley de residencia" (1903); "Expulsión de extranjeros" (1903); "Teoría materialista de la Historia" (1903-1906); "La doctrina histórica de Marx" (1909); "Industrialismo y sociedad en Argentina" (1909); "La Iglesia y el Municipio" (1910); "Los diputados de Buenos Aires en las cortes de Cádiz. La revolución de España y la democracia en América" (1912); "Evolución de la propiedad" (1912); "La Ley de Defensa Social" (1912); "Nacionalismo e Internacionalismo" (1913); "Discursos parlamentares" (1913); "La guerra europea y la política internacional" (1914); "El presupuesto científico" (1914); "Los jesuitas y el regicidio" (1915); "La cuestión internacional y el Partido Socialista" (1917); "El divorcio y la emancipación civil de la mujer" (1919); "Protección industrial y explotación capitalista" (1920); "La doctrina social y los consejos obreros" (1920).

13. O folheto *Teoría materialista de la Historia* veio à luz em 1907, Buenos Aires, Imprenta Europea de M. A. Rosas, tendo como antecedente o artigo publicado na revista "El Libro" (1906). Trata-

opõe-se à crença "idealista" de que a história é conduzida pelo "livre-arbítrio". A "teoría económica de Marx" -- escreve -- concebe "los hechos sociales" em primeiro lugar "de manera determinista", como resultado de "condiciones externas independientes de la voluntad", e, em segundo lugar, de maneira "materialista", como luta de classes baseada nas "relaciones de producción (...) correspondientes a un determinado grado de desarrollo de las fuerzas materiales productivas (...), entre las que se cuenta el ambiente físico que juega un rol importantísimo (...) y los instrumentos de trabajo"¹⁴. Arma-se entretanto uma tensão -- quase invariável em suas interpretações --, pois há nos fenômenos sociais "una acción concurrente de motivos personales, de causas sociales y de circunstancias físicas".

No segundo artigo, baseando-se numa carta de Engels datada de 1890¹⁵, conclui: "La concepción del materialismo histórico no quiere negar la autonomía personal (...), pero su esfera de acción

se de uma conferência de "extensão universitária", ministrada em 4 de agosto de 1906 na Biblioteca da Universidade de La Plata. Referindo-se a esse trabalho, o comentarista José G. de María dizia: "Ha sido tal vez de todos los de extensión universitaria el que ha llegado a conocimiento del mayor número de obreros intelectuales y manuales" ("Revista Socialista Internacional", ano 1, t. II, n. 3, 15.agosto.1909).

14. Valho-me do conjunto de cinco artigos intitulado "La doctrina histórica de Marx", publicado em "Humanidad Nueva" em 1911, tal como se encontram compilados: Año III, t. IV. Outra edição desse trabalho aparece numa antologia do autor difundida sob o título *Justicia y trabajo*, Rosario, Talleres Gráficos Editorial La Tierra, 1931.

Há pouquíssimas diferenças entre "La teoría materialista de la Historia" e "La doctrina histórica de Marx".

15. Engels diz: "La situación económica es la base; pero los diferentes momentos de las estructuras superiores, las formas políticas de la lucha de clases (...), la constitución establecida por la clase victoriosa, las leyes (...) todo eso, ejerce su acción sobre el curso del movimiento histórico y obra (...)".

no podrá cambiar la dirección de la evolución". Feita essa apreciação-chave, encaminha a análise: quem pretenda torcer, burlar ou deter o rumo das coisas se colocará fora da ciência. Daí lhe ser fácil concluir que os agentes da política no país são acientíficos por não compreenderem as leis sociológicas, juízo que compartilha com o próprio Justo e sobre o qual também insistirá Ingenieros.

Uma das figuras em que se apoiará del Valle Iberlucea é o sociólogo socialista De Kelles-Krauz, tanto ou mais que em Labriola ("que ha mantenido cierta rigidez... al basar (a formação de classes) en el modo de distribución y de cambio"¹⁶). Dialogará com Loria -- leitura obrigatória dessa geração de socialistas --, Ciccoti, De Greef -- corrigindo-lhe a interpretação de que Marx não seria materialista mas economicista --, Fournière, Schmoller, dentro do campo socialista; recorrerá também a Buckle e à importância por este atribuída ao clima e aos alimentos no desenvolvimento social, assim como ao "admirável" Taine, ao determinismo de seu "fiscalismo" meio-ambiental -- teoria tão amplamente absorvida no período --, a Rodgers e sua visão dos interesses econômicos em jogo em matéria de religião, a Bryb e suas análises da evolução política inglesa, também baseada na luta material, e, é claro, ainda que apenas em doses homeopáticas, a Spencer.

Mas é a De Kelles-Krauz, o primeiro dessa lista (certamente

16. Em geral, os trabalhos que tratam de del Valle Iberlucea, preocupados em mostrar seu antecipado marxismo, insistiram no apoio em Labriola, que inegavelmente foi visto com simpatias pela vertente mais radicalizada por suas posições, sobretudo em *La teoría de los factores históricos y la concepción materialista de la historia*, México, América, 1939.

incompleta, pois as citações acumulam-se nas análises de nosso autor), que Iberlucea atribui uma exposição "magistral" das noções fundamentais da teoria materialista da história, numa intervenção durante as seções do Institut International de Sociologie de Paris, em 1901. Para De Kelles-Krauz, enquanto os animais das outras espécies simplesmente se adaptam, "el hombre lo hace por medio de instrumentos, gracias a lo cual puede, dentro de ciertos límites, escojer el medio natural". Diferentemente das demais espécies, o organismo humano "puede quedar invariable o casi (...) a traves de lugares y tiempos". A diferença está, pois, na criação de um "meio artificial", meio este que se interpõe ao natural graças aos instrumentos de trabalho, que "cambian, aumentan y se perfeccionan con la tendencia instintiva de nuestra especie a una mayor productividad". E a história humana só pôde começar no momento em que "los instrumentos de producción y defensa fueran productos sociales".

A ênfase na criação de um meio artificial centrado nas ferramentas de trabalho -- circunstância angular em De Kelles-Krauz -- leva-o a concluir: "Los instrumentos de trabajo, en concurso con el medio natural, determinan el modo de producción". É nesse ponto que del Valle Iberlucea percebe a notável "verdade" com a qual se há de concordar -- a despeito de posições como a de Limousin, que naquele mesmo encontro empenhara-se em rebater o materialismo a partir da interrogação: "¿por qué, entonces, todos los pueblos no han llegado al mismo estado social?". A isto, opina, deve-se responder com a tese de Haeckel, "todos los hombres no aparecieron al mismo tiempo en el planeta, las migraciones de las razas del

continente lemúrico tuvieran lugar en épocas distintas, lejanas unas a otras". De sua própria lavra, nosso autor continua a interpretação haeckeliana:

"Hubo (...) diferencias en el punto de partida que crean desigualdades en su lucha por la expansión, en su marcha hacia la civilización (...); como las diferencias (no ponto de partida) de los individuos en la lucha por la vida los coloca, en las sociedades modernas, bien en una clase privilegiada que goza de la propiedad y el poder, o bien en otra condenada, pero no eternamente, porque son transitorias las condiciones históricas..."¹⁷

Discute com Loria a necessidade de distinguir entre monismo econômico -- ao qual pensa estar aderida a doutrina daquele -- e materialismo histórico, cujas teses não têm a estreiteza do anterior, "pues toma en cuenta el medio geográfico, las condiciones climáticas, el ambiente telúrico con asimilación del individuo y su organización biológica". Em suma, para del Valle Iberlucea o materialismo histórico

"relaciona todas estas causas y factores exteriores o individuales con el ambiente social, con el ambiente artificial creado por el hombre, colocado entre sí y el ambiente físico, sobre el cual reacciona por el deseo de asegurar la vida y conseguir un bienestar cada vez mayor"¹⁸.

Temos, pois, no centro de suas idéias, a importância do meio físico-natural, ao qual superpõe o meio artificial representado pelos instrumentos de trabalho, cujo aparecimento é determinante do modo de produção, e em função do qual o homem reage -- "no es pasivo", repetirá -- levado por seu vitalismo. A complexidade que

17. Terceiro artigo, idem.

18. Idem.

adquire o meio artificial (técnico-instrumental) em resposta às diferenciações do meio natural implicam uma grande variação de culturas.

Não se pode desconsiderar que o modo de produção em que pensa del Valle Iberlucea está ancorado no predomínio de atividades econômicas: "la caza, la pesca, la cría..."; e sustenta o autor que "el modo de producción y las Relaciones Sociales motivadas por él, reaccionan sobre la fisiología humana y ocasionan (...) degeneración o perfeccionamiento de una raza". Assim, pode-se falar de diferenças entre as sociedades de acordo com seu desenvolvimento institucional, artístico etc. No caminho das diferenciações, a humanidade -- e aqui Iberlucea remete a Engels e a Loria -- foi da família ao Estado, aí mediando o aparecimento da propriedade privada -- que não é um "direito natural", como explicará detidamente em *Evolución de la propiedad*¹⁹. O Estado, expressão do poder político, emerge das relações econômicas; de forma que as sociedades evoluíram da propriedade coletiva à propriedade privada invertendo a fórmula da solidariedade: recorrendo mais uma vez a Loria -- a quem cita longamente --, afirma que "la propiedad colectiva (é) una perfecta solidaridad económica, a la que responde una completa solidaridad política", ao passo que, sob o capitalismo, "responde el atomismo político máximo al atomismo económico básico, por el que la solidaridad íntima del ciudadano y del Estado desaparecen (...) por relación de mutua tolerancia o de indiferencia recíproca".

No quarto artigo, depois de discutir que a religião e a arte

19. "Humanidad Nueva", 1912, t. IV e V.

assentam-se nas condições materiais, Iberlucea recorre a De Kelles-Krauz para descrever como funciona a estrutura econômica. Lendo o texto do sociólogo, enuncia que "alegoricamente" a sociedade pode ser vista de maneira estática ou dinâmica (com claros vestígios comtianos). No primeiro caso, "la base es la estructura económica (...) y la cúspide la superestructura de relaciones jurídicas, morales, religiosas, artísticas, científicas". No segundo caso,

"el nucleo central está formado por el elemento económico, o mejor dicho, por relaciones materiales de vida, medio natural, instrumentos de trabajo, modo de producción, y constituyen sus diferentes capas las relaciones religiosas, morales, jurídicas, artísticas, científicas; el nucleo es el contenido social"²⁰.

Essas alegorias servem para interpretar "el momento histórico de un pueblo y sus sucesivas transformaciones". Ingressamos assim num momento central de sua analítica, ao ser incorporada a pergunta sobre "cuál es el verdadero rol, no alegórico, de la base con relación a la cúspide". De Kelles-Krauz não vacila: "Esencialmente, es la existente entre el fin y el medio". E aqui existe uma curiosa translação do "fim"; assim, "la satisfacción de las necesidades biológicas es el fin de la actividad económica; pero ésta se convierte en fin al mismo tiempo que en la condición fundamental de la vida social".

O desenvolvimento do plano alegórico das camadas envoltórias do núcleo econômico fica sem explicação. Del Valle Iberlucea tenta uma sutura, dizendo que "las condiciones del ambiente social, las

20. "Humanidad Nueva", 1911, t. IV; primeiro grifo, meu; segundo, de del Valle Iberlucea.

formas de producción y de cambio, reaccionan sobre la inteligencia humana que progresa constantemente", mas se refere exclusivamente aos instrumentos de trabalho.

No artigo final, nosso autor dirige o olhar para os processos de mudança social e para as "resistencias de la clase dominante", cifrado na interpretação marxiana de que aquelas mudanças não são possíveis senão quando amadurecem "todas las fuerzas productivas". O "envoltório" jurídico-institucional -- ou a superestrutura -- "tiene cierto rol que el materialismo no desconoce... pero la reduce a causa secundaria". O processo de transformação deve passar por "períodos pacíficos unos, violentos otros". Parece-lhe evidente que a tendência pacífica tem lugar quando se observa uma espécie de "publicização" da propriedade privada, pois vai se instalando uma idéia de "utilidade pública", como o provam o contrato coletivo de trabalho e a legislação trabalhista que avançam no mundo. Mas isso não impede que o "largo proceso de lucha de clases" se torne violento; isso depende de muitas circunstâncias, de "tiempo e lugar", das relações existentes entre a "base material" e "los elementos de la superestructura". O importante é que "la teoría materialista de la historia toma en cuenta el conjunto y no separadamente, el ambiente natural (...), la acción de los hombres y los instrumentos de que se valen".

Seguindo Schmoller (de quem leu na versão italiana *Il tramonto della schiavitù*), sustenta que, se a teoria materialista da história foi primeiro narrativa e depois pragmática, chegou agora ao estágio genético. Isso quer dizer que, abandonando qualquer compromisso teleológico, "coloca al término de su camino una meta

fija y prefija, para hacer lugar a un dinamismo inmanente que consiste en el esfuerzo por parte de los agregados, para encontrar los mejores medios de coexistencia". Em outras palavras, parece necessário conhecer as "relaciones internas o causales de los acontecimientos" e reconhecer, entre os diferentes níveis, aspectos e fenômenos, seus vínculos de "coexistência", tudo impulsionando rumo à evolução ("término de su camino").

Del Valle Iberlucea foi um dos poucos membros, entre os notáveis do socialismo, que morigeraram as urgências "biológicas" -- expressas em seu caso como "necesidades" --, operando uma equiparação entre necessidades biológicas/atividades econômicas; deslocou para o "meio" a leitura "natural" do homem, ainda que inicialmente tenha sintetizado em "raza, medio físico, y momento histórico"²¹ a chave do desenvolvimento social. É evidente que o patamar de conceitos sócio-históricos -- se repousa na anterioridade das leis biológicas -- tensiona a primazia de tais leis, diferentemente do que ocorre na perspectiva de Juan B. Justo. É certo também que a assimilação das teses marxistas ingressa numa zona de turbulência, sobretudo quando diante das dificuldades de interpretar o conceito de "modo de produção": a mera justaposição de condições meio-ambientais físicas e instrumentos criados pelo homem é determinante daquele e do movimento da história. Estou me referindo, evidentemente, às posições de Del Valle Iberlucea nos anos 1900-1917.

Aplicou -- embora caoticamente -- aquele marco conceitual à

21. E. del Valle Iberlucea, "Industrialismo y socialismo en la Argentina", na antologia *Justicia y trabajo*, op. cit., p. 9.

maioria de seus trabalhos históricos, boa parte deles enfocando os vínculos coloniais entre a Espanha e o Rio da Prata²². Assim, tudo leva a crer que por essa óptica se pautaram os cursos que ministrou, tanto na Sociedad Luz como no Ateneu Popular, desde os tópicos de história até o exame das relações trabalhistas e outros de alto teor sociológico que o ocuparam como conferencista.

Tentando penetrar no conteúdo do já aludido ciclo "Historia argentina (Su concepto sociológico)" (1903), pode-se inferir que somente através da análise com o "método de la teoría materialista" seria possível "encontrarse una explicación científica de la historia de nuestra República".

Ainda quando domina em suas percepções uma condenação ao atraso do caudilhismo interiorano e mesmo celebrando a geração da "organização nacional" -- Sarmiento, Alberdi -- que pusera fim à "tirania" e dotara o país da Constituição, não se encontra nas idéias de Iberlucea o repúdio às "razas inferiores" característico do período. Ao examinar a consuetudinária adesão do homem "de campaña" ao patrão -- o fato de que "el obrero rural" acabava sendo o "más firme apoyo a los partidos conservadores y de la tradición" --, reclamava compreensão e paciência:

"(...) Nuestro gaucho es revolucionario por temperamento; esa fidelidad al amo se explica no por un acto de servilismo sino por un sentimiento de nobleza; en el fondo de su alma el gaucho ama la independencia y la libertad. Conociendo su psicología" -- acrescentava -- "hay que saber actuar sobre su

22. Também abordou as revoluções de 1848 e a Comuna de Paris. Por ocasião da guerra de 1914, realizou um exame da política européia durante o século XIX. Ver "La guerra europea y la política internacional (Lecciones sobre historia de las relaciones internacionales de Europa en el siglo XIX)" (Facultad de Filosofía y Letras), Buenos Aires, Talleres Gráficos Riachuelo, 1914.

espíritu; es necesario instruirlo, educarlo, despertarle la conciencia de su fuerza y su derecho"²³.

Para concluir sobre a peculiar reivindicação de elementos do "materialismo histórico" na concepção sociológica e histórica de del Valle Iberlucea, que acreditava que as classes trabalhadoras conseguiriam sua "completa y definitiva redención económica, el día en que se hayan redimido moral e intelectualmente"²⁴, vale a pena nos determos no texto que se segue, síntese de sua apreciação sobre a evolução sociológica do país:

"Un estudio profundo y detenido" -- dizia -- "nos demostraría las razones económicas de la Revolución de Mayo -- una consecuencia del modo de producción durante el coloniaje, de la restricción comercial de España -- muchas de las cuales formulara la intuición genial de Mariano Moreno en la Representación de los Hacendados. (...) Y que nuestras guerras civiles entre unitarios y federales, entre la campaña y la ciudad, entre la Confederación y la Provincia de Buenos Aires, fueron resultado, más que de tendencias y principios políticos, de la extensión y naturaleza del territorio, de la distancia entre los centros de población, de lo reducido de ésta, de la homogeneidad étnica, de la técnica industrial, del predominio de la ganadería sobre la agricultura, de la apropiación de las tierras libres, de la clausura de los ríos, del monopolio aduanero del puerto de la metrópoli (...), de la percepción de los derechos de importación e exportación por una sola ciudad con prejuicio de los intereses económicos generales"²⁵.

23. E. del Valle Iberlucea, "El proletariado argentino", conferência pronunciada no Centro Socialista Operário (6 de setembro de 1902), em *Justicia y trabajo*, op. cit., p. 107.

24. E. del Valle Iberlucea, "La revolución de la cultura" (10 de maio de 1906), em *Justicia y trabajo*, op. cit., p. 200.

25. Esses parágrafos encontram-se tanto no texto central que venho analisando -- "La doctrina económica de Marx" ("Humanidad Nueva", ano III, t. IV, 1911) -- como no artigo "De la Revolución al Centenario" ("Humanidad Nueva", maio 1910, t. III, n. 5).

É necessário reconhecer a leitura "econômica" que del Valle Iberlucea faz dos textos históricos de Bartolomé Mitre, mas sobretudo de Juan A. García e de Agustín Alvarez, em alguma medida precursores de uma "história social" no país, e muito estimados pelo socialismo, bem como, evidentemente, de Juan B. Alberdi.

Em algumas passagens deste capítulo surgiram paralelismos entre del Valle Iberlucea e Ingenieros, e nisto não faltou intencionalidade. Apesar de este último não ter participado da Sociedade Luz, agência que está em foco, nem do Ateneu Popular -- até onde pude investigar, não foram estes os locais de seus contatos com o grande público --, não é possível ignorá-lo: Ingenieros é uma figura a tal ponto irradiante que Sarlo, acertadamente, denominou-o "homem-farol" de sua geração²⁶. Mas reduzirei a análise ao mínimo indispensável, pois, mesmo reconhecendo-lhe a centralidade -- o "sortilégio Ingenieros" --, o fato de estar ausente na empresa educativa junto às massas impõe apenas um exame sumário de sua enorme produção.

Ingenieros²⁷ sintetiza a conformação teórica dos dois

26. Beatriz Sarlo, *El imperio de los sentimientos*, op. cit.

27. José Ingenieros nasceu em Palermo em 1877, filho de Salvador Ingenieros, socialista que por razões políticas teve que emigrar, primeiro para o Uruguai e depois para a Argentina. Envolve-se desde a adolescência na luta ideológica e contribui para a fundação do Centro Socialista Universitário (1894) e, em seguida, para a criação do Partido Socialista (1895-1896).

Representante da corrente *enragé* -- suas idéias são contaminadas por "malonismo espiritual", anarquismo e socialismo anti-reformista --, mantém discussões com os membros mais reformistas do Partido. Vincula-se ao ambiente literário e cultural marcado pelo modernismo; suas crises com o Partido levam-no a afastar-se em 1899, mas na realidade somente em 1902 desfilia-se formalmente. Forma-se em medicina e farmácia e inicia uma longa atuação no campo da psiquiatria, da criminologia, da psicologia e do ensaio sociológico, de notável impacto. Em 1902 aparecem sob sua direção os "Archivos de Criminología, Medicina Legal y Psiquiatria". Ganha relevo no campo docente, pois em 1904 consegue por concurso o cargo de suplente na cadeira de psicologia da Faculdade de Filosofia e Letras; a Academia de Medicina outorga-lhe um prêmio pela tese "La simulación de la locura" (depois publicada como *La simulación en la lucha por la vida*). Assiste em 1905 ao V Congresso Internacional de Psicologia, com o que aumenta sua projeção local e internacional. Em 1910 torna-se presidente da recém-fundada Associação de Psicologia.

A partir de seu afastamento do Partido e até 1911, Ingenieros

gêneros de conhecimento: sociologia e psicologia encontram em seu pensamento pressupostos ônticos e epistêmicos de ampla repercussão, a começar entre os que se alinham no campo intelectual dos diversos matizes do socialismo. Vou me ater à parte de sua textualidade

manifesta uma mudança notável de posições ideológicas, com visível aproximação do poder político: faz uma defesa do projeto de lei do trabalho (1904), do qual foi consultor, e uma série de ensaios revela um "darwinismo étnico". Uma profunda ruptura se produz quando o Poder Executivo o descarta da lista tríplice para a titularidade da cadeira de Medicina Legal da Faculdade de Medicina, o que o leva a decidir emigrar para a Europa, onde permanece até 1914. É uma fase de transição em suas posturas.

Em 1915 funda a "Revista de Filosofía, Cultura, Ciencias y Educación". Em 1918 é designado professor suplente de ética e metafísica na Faculdade de Filosofía e Letras -- nessa época orienta-se com firmeza para a filosofia, e, com os novos ventos da Reforma Universitária, assume o cargo de vice-decano da mesma faculdade. Em 1919 um nova crise o faz retirar-se da vida docente, enquanto ideológica e politicamente gira para a esquerda. Adere ao grupo "Clarté", manifesta-se a favor da Revolução Russa e busca ativamente alianças para a formação de uma organização antiimperialista, a União Latino-Americana. Participa em Paris da reunião que congregou, em maio de 1925, essas posições. Em outubro desse ano, quando nada o fazia supor, morre vítima da evolução de uma sinusite.

Sua obra escrita é vastíssima (a bibliografia compilada por Oscar Terán, op. cit., p. 419-517, chega a quatrocentos e oitenta e quatro títulos entre livros e artigos). Seus trabalhos mais conhecidos são: *Qué es el socialismo* (1895), *La simulación en la lucha por la vida* (1903 e seguintes), *Sociología argentina* (1918; trata-se de uma antologia organizada por Aníbal Ponce, que recolhe treze trabalhos de Ingenieros escritos entre 1899 e 1916, muito polêmicos, sobre suas percepções sociológicas em relação à história e à realidade argentinas, com incursões sobre a América Latina -- em alguns deles baseio minha breve análise nesta tese); *La psicopatología en el arte* (1903); *Los accidentes histéricos y las sugestiones terapéuticas* (1904); *Italia en la ciencia, la vida, el arte* (1906); *Al margen de la ciencia* (1908); *Principio de psicología biológica* (1913) (sucessivas edições mudaram esse título para *Principios de psicología* ou *Psicología genética*); *Psicología clínica de los delincuentes* (1911); *El hombre mediocre* (1913); *Hacia una moral sin dogmas* (1917); *Las doctrinas de Ameghino. La tierra, la vida, el hombre* (1919); *La universidad del porvenir* (s/d); *Enseñanzas económicas de la Revolución Rusa* (s/d); *Significación histórica del movimiento maximalista* (s/d); *Emilio Boutroux y la filosofía universitaria en Francia* (1923). Depois de sua morte, publicou-se dele o *Tratado sobre el amor*, que reúne diversos cursos.

"sociológica" produzida durante a segunda fase, momento em que as agências culturais do socialismo difundiam esses tipos de conhecimento²⁸.

Já no Prefácio à *Sociología argentina* (trabalho de 1901), nos diz que a

"sociedad es un cuerpo organizado de individuos que, en determinadas circunstancias de tiempo, modo y lugar, lucha por la vida con otros grupos sociales y se caracteriza por cierta homogeneidad de intereses, creencias y aspiraciones"²⁹.

As "mudanças sociológicas" costumam ocorrer "sin que las colectividades adviertan el rumbo de su propio itinerario (...), son arrastrados por necesidades naturales", e

"Los grupos humanos suelen ser como bajeles que marchan sin brújula, arrastrados por corrientes cuyo secreto reside en causas mesológicas y biológicas que la conciencia social no sospecha"³⁰.

O programa teórico de Ingenieros, embora este já estivesse afastado do socialismo, revela a soldagem entre fenômenos biológicos/econômicos, termos subsumíveis por obra de um determinismo progressivo e inexorável, pois nele se opera uma assimilação da "sociologia econômica" à "sociologia biológica"³¹.

As preocupações do autor com a evolução da sociedade nacional da "barbárie à civilização" e com o pressuposto-chave da "raça"

28. Valho-me da compilação -- já citada, produzida graças ao esforço de Aníbal Ponce, seu discípulo e amigo -- *Sociología argentina*, t. 8, *Obras completas*, Buenos Aires, Ediciones L. J. Rosso, 1918 (de agora em diante, indicada como SA).

29. J. Ingenieros, SA, p. 12.

30. SA, p. 13.

31. SA, p. 14.

repousam a tal ponto no arsenal conceitual dominante darwiniano-haeckeliano -- privado das morigerações procedentes da experiência "marxista" de alguns socialistas --, que fazem de seu sistema sociológico uma das peças mais cruamente biologistas do contexto da época.

Discutindo com Spencer, afirma um maior biologismo que este:

"La formación natural de las sociedades humanas se comprende mejor reemplazando el clásico organicismo spenceriano por una interpretación biológica de la evolución social; las sociedades son simples colonias organizadas por la división de las funciones sociales y no superorganismos (...)"³².

Também é preciso ir mais longe que os "sociólogos economicistas" -- supostamente os socialistas --, os quais vêem a análise da sociedade "bajo el aspecto particular de la división del trabajo humano", noção arriscada -- interpreto --, pois se está na zona de turbulência da "determinação social", que desloca a hegemonia absoluta das leis biológicas:

"La economía política es una aplicación a la especie humana de leyes biológicas que rigen la lucha por la vida en todas las sociedades animales"³³.

É fácil entrever a abordagem da disciplina contígua -- a metade epistêmica da ciência "natural" sociológica -- e a ciência igualmente "natural" psicológica -- a psicologia social. Na versão da época, esta se refere a "mentalidades coletivas" e se confunde com uma psicologia étnica. Vejamos esta síntese:

32. SA, "De la sociología como ciencia natural" (trabalho de 1908), p. 25. Grifo do original.

33. SA, p. 25. Grifo do original.

"Las sociedades humanas se han sucedido en el tiempo lo mismo que las especies biológicas, desarrollando sus funciones mentales colectivas para adaptarse a las condiciones del ambiente natural. Y así como coexisten en la superficie de la tierra diversas especies, coexisten (...) sociedades humanas diversamente evolucionadas. Todo ello hace posible una psico-sociología comparada, estudiando los restos dejados por las razas primitivas desaparecidas o los caracteres de las que aún persisten, en relación con las sociedades civilizadas"³⁴.

Como se pode observar -- aqui e em tantos discursos do período --, instala-se uma contradição: leis bioeconômicas (sentido forte do positivo-materialismo) ou leis biometais (sentido forte do positivo-idealismo)? De qualquer modo, as sutilezas cessam quando se trata da indiscutível autonomia das leis naturais. Sob o primado destas, Ingenieros desenha o paradigma da "sociologia biológica", rebatizada como genética³⁵, absorvendo pura e simplesmente -- sem explicitar o autor -- a lei da recapitulação de Haeckel³⁶:

"1º - En la filogenia social se estudiarán las variaciones de organización y mentalidad de las sociedades humanas, partiendo de los pueblos primitivos hasta llegar a las sociedades civilizadas. (...) Eslabones de una serie continua, que es la evolución natural de la especie (Sociología general).

2º - En la ontogenia social se observará aisladamente, la formación natural de cada grupo o agregado (familia, tribo, nación, etc.), desde su organización como sociedad diferenciada de las restantes hasta su disolución histórica. Será una historia particular de las instituciones y creencias de cada unidad caracterizada dentro de la especie por determinada estructura y mentalidad (Sociologías nacionales).

3º - El estudio comparativo de la filogenia y la ontogenia sociales permitirá confirmar -- en general -- la ley de correlación biogenética que rige en toda la evolución biológica. En cada sociedad, si no difieren las condiciones del medio y de la raza, las instituciones y creencias resumen

34. SA, p. 28. Grifo do original.

35. Ingenieros se vê obrigado a esclarecer no rodapé: "Designación que le hemos dado desde 1901, con anterioridad a los estudios homónimos de Baldwin y Cosentini".

36. Ver capítulo III.

las de las otras sociedades que la han precedido en la evolución social: en las diversas clases sociales, coexistentes en una sociedad, permanecen estratificadas las etapas recorridas en la formación natural de su experiencia. (Sociología comparada)"³⁷.

Não é difícil imaginar os desdobramentos originados por tais pressupostos. Entre outros, o de que as lutas políticas no país têm sido "lutas pela existência", mais que entre classes oponentes, entre "facciones de una clase" (a latifundiária, que Ingenieros chama "feudal" e que está evoluindo para uma "clase agropecuaria"). Como Justo -- e Iberlucea -- afirma que os atores "ignoraban en absoluto su propio fundamento económico". Mas estabelece uma distância marcante em relação a este último, ao condenar o atraso das massas rurais (nas quais se observa a mestiçagem indígena): "El proletariado rural, ignorantísimo y compuesto de mestizos, sirvió en esa lucha a los patrones".

"Raça" e "nação" -- como bem observou Terán³⁸ -- são noções substantivas de seu sistema; Ingenieros coincidirá com a geração "organizadora": o passado hispânico e indigenista é uma "filogenia" comprometedora; e vaticinará que na América do Sul a Argentina é o país capaz de chegar a constituir exemplarmente a "nação", fenômeno maior da sociedade humana, pois o "nacionalismo" é uma necessidade "natural" -- ao contrário do "patriotismo"³⁹. Descarta o Chile e o

37. SA, p. 32-33. (Grifo no parágrafo final de minha autoria.) O mesmo afirmará em *Principios de psicología biológica* (1913) e nas pequenas correções dessa obra editada como *Principios de psicología* (1916). Não deixa de chamar atenção a mudança de título de tais obras nos anos em que ocorre uma evolução do pensamento do autor.

38. O. Terán, *José Ingenieros. Antimperialismo y nación*, op. cit.

39. É inegável que os sentimentos de Ingenieros por ocasião do Centenário convergem para o clima de "nacionalização", diante da ameaça da "estrangeirada" imigrante. Mas, em seu caso, as levadas imigrantes constituem um elemento de reafirmação racial que só pode

Brasil, os dois possíveis concorrentes: o primeiro, pela estreiteza do meio físico e populacional e por certa "mentalidad militarista"; o segundo, em virtude da prodigalidade "tropical" -- do "clima" -- e da "raça":

"(...) la masa de negros y mulatos que forman el substratum de su población. Admitiendo que la civilización superior corresponde actualmente a la raza blanca, facil es inferir que la negra debe descontarse como elemento de progreso"⁴⁰.

E em seguida conclui:

"Países en que abundan el negro y el indio, no pueden preponderar sobre otros donde el negro y el indio son objetos de curiosidad. Tal es el caso de Argentina, libre ya o poco menos de razas inferiores..."⁴¹

Em suma, somente a Argentina poderia responder positivamente aos quatro requisitos -- extensão, clima, riqueza natural e raça -- e alcançar maior progresso. Para Ingenieros, no país a "capilaridad social" havia "permitido el encumbramiento del proletariado inmigratorio", cujas "capacidades para el trabajo" eram "infinitamente mayores que las del proletariado criollo". Mas, afora esses contendores incorporados à burguesia, também a "clase rural" agora ia de encontro ao "proletariado industrial", que

ser progressiva para a nação, tratando-se de elementos brancos. Em todo caso, não acredita que haja problemas dentro da raça branca -- "terreno incerto y escabroso". "(...) El antagonismo entre arios y semitas -- diz -- carece de pruebas; en esta parte es fuerza convenir con Finot que la cuestión de razas es más bien un prejuicio que un resultado de la experiencia" (*La evolución sociológica argentina*, op. cit., p. 40).

40. J. Ingenieros, "Función de la nacionalidad argentina en el continente sudamericano" (acrescentado em 1910 a *La evolución sociológica argentina*, op. cit., p. 87).

41. Ingenieros, *La evolución social argentina*, op. cit.

lutava por melhorar suas condições de vida.

Embora o Ingenieros das últimas fases tenha revisto suas posições do "segundo ciclo", sempre acreditou que a capacidade de progresso recaía em uma "seleta minoria"; somente alguns indivíduos poderiam expressar as notas superiores da espécie -- foi manifesta sua adesão a Nietzsche⁴², sobretudo entre 1911-1917 -- e revelar faculdades cognitivas e morais em todo o seu desdobramento. Acreditava que os operários concebiam "el socialismo en su forma simple y pasional" e que em suas mãos a política não passava de algo instrumental contra a burguesia: "Su móvil es el hambre o el descontento, no la sociología" -- afirmava⁴³. Apoiava-se na "compañía mental" (*sic*) de Felipe Turati e com este considerava o próprio socialismo inacessível aos operários, tão impossibilitados de atos de consciência e tão próximos dos atos de fé⁴⁴. Antes de sua última virada -- virada em que pesa a admiração pela personalidade destacada de Lenin --, afirmou ainda mais um sistema científico de moral, suavizando o exponencial biologismo sem jamais abandonar a fé no monismo com centelhas panteístas spinosianas e certo retorno ao encantamento malonista⁴⁵.

42. Um dos autores que viram melhor que "la antropología de Ingenieros va a culminar en razismo", em "soberbia", o que não é estranho às adesões a Nietzsche e aos compromissos com este, é José Luis DAMIS, "José Ingenieros (1877-1925)", em Hugo Biagini (org.), op. cit., p. 527-538.

43. J. Ingenieros, "Socialismo y legislación del trabajo", em *Sociología argentina*, op. cit., p. 233.

44. Ingenieros adere sobretudo ao polêmico texto de Felipe Turati *Le leghe di resistenza e il partito socialista*, Milano, Critica Sociale, 1902, especialmente ao capítulo "Misticismo socialista".

45. Ver a Introdução desta tese; baseio-me em seu texto *Hacia una moral sin dogmas. Lecciones sobre eticismo*, 2. ed., Buenos Aires, L. J. Rosso y Cia., 1919. O apoio em Spinoza nessa fase de transição foi bem ressaltado por J. L. Damis, op. cit.

O acentuado elitismo de seu credo talvez explique a ausência de Ingenieros nos cenários populares de difusão de conhecimentos. Mas é necessário insistir: muitas de suas concepções instersticiavam o pensamento e os sentimentos de não poucos socialistas.

Entre aqueles que se dedicaram à difusão de uma "sociologia" mais próxima do eixo comtiano-spenceriano, com pitadas de "materialismo histórico", encontrava-se José Mouchet. Menos conhecido que seu irmão Enrique⁴⁶, foi um dos fundadores do Ateneu Popular, exercendo ali o cargo de secretário-geral em 1914. Nesse mesmo ano ministrou o curso "El positivismo y la filosofía evolucionista". É interessante transcrever o programa:

"Primera parte: El positivismo. I - Comte: su vida y sus obras. II - Fundación y desarrollo del sistema filosófico; la ley de los tres estados. III - Su clasificación de las ciencias. IV - La sociología. V - Ética y religión.

"Segunda parte: VI - Carlos Darwin: su vida y sus obras. VII - Teoría y método de la evolución. VIII - Ética y religión.

"Tercera parte: IX - Spencer: su vida y sus obras. X - Principios fundamentales de su sistema filosófico: el mundo de los incognoscibles. XI - La filosofía sintética: unidad del conocimiento. XII - Teoría de la Evolución. XIII - Filosofía especial: aplicación de la evolución al dominio de la biología y la psicología. XIV - Aplicación de la misma teoría en el dominio de la Sociología y de la Ética.⁴⁷

Poucas vezes encontram-se mapas tão demarcatórios de um território de mentalidades. E não é difícil imaginar a retórica empregada pelo palestrante para encadear homens e tópicos na mais

46. Enrique Mouchet foi um destacado psicólogo e também esteve próximo do socialismo.

47. "Humanidad Nueva", t. 7, 1914, p. 489.

sólida das alianças a favor do positivo-transformismo. O próprio Mouchet considerava necessário o "ecletismo" dos métodos para sustentar a causa superior da ciência, "el conocimiento exacto de las cosas"⁴⁸.

Se o procedimento científico ia do "simple a lo complejo, de lo más conocido a lo menos conocido, de lo simple y concreto a lo general y abstracto", a sociologia deveria redobrar os cuidados para obter uma "serie graduada de conocimientos", dada a complexidade dos fenômenos que analisava. A ela devia-se agregar o "determinismo económico (...), prepotente como causa de los fenómenos sociales, aún de aquellos que asemejan estar muy distantes de los fenómenos materiales"⁴⁹. Mouchet, tensionado pelo verdadeiro papel da psicologia -- já que era difícil alcançar o "secreto" que "imprime movimiento a los hechos sociales" --, inclinava-se pela "magnitud real del factor económico", responsável, segundo ele, por "80%" da causalidade; mas devia-se levar em conta "territorio, población (...) el ambiente físico y orgánico".

Segundo Spencer, distinguia o método psicológico (interno) do sociológico (externo), mas era necessária uma combinação de ambos, "porque el observador es al mismo tiempo sujeto y objeto". Depois de atacar a metafísica teleológica, expunha a grandeza da teoria oponente, o positivismo, que demonstrara que

"el mundo, el hombre, todo los fenómenos del universo son el resultado espontáneo y mecánico de la nebulosa primitiva,

48. J. Mouchet, "Acerca de las causas que determinan los fenómenos sociales", "Humanidad Nueva", t. 7, 1914, p. 469.

49. Id., ibid., p. 470.

homogénea y confusa, indefinida y incoherente, que evoluciona sin cesar hacia lo definido y coherente"⁵⁰.

Fortes ecos de Spencer achavam-se presentes na sintonia de Mouchet com os princípios do transformismo, negando qualquer pano de fundo místico ao seu "agnosticismo", pois simplesmente limitava-se a "desconocer la causa primera". A tendência inexorável era a evolução. Enquanto isso, a análise dos fenômenos sociais significaria que a pesquisa dos "fatores" -- o estudo analítico dos fatos causais -- iria se reduzindo a "expresiones más simples, unificando los principios directores"⁵¹. Finalmente, entre tais fatores Mouchet incluía "la tierra, los medios de producción y las riquezas", sintetizando-os como o "econômico", em última instância preponderante na "determinación de los fenómenos sociales".

Esses "sociólogos" difusores colocam o dramático fórceps do período entre socialismo-evolucionismo-positivismo e -- salvo diferenças -- copiam o repertório de alternativas que vão de Kautsky a Ferri, para citar contrapontos bem conhecidos, encruzilhadas e soluções em que se envolveram os espíritos da Segunda Internacional. Quem pôde escapar do atoladeiro das leis biológicas foi del Valle Iberlucea, cujas idéias tiveram um parentesco mais estreito com Kautsky, incomodado pela aceitação do fluir pacífico da evolução na sociedade⁵². Tampouco assimilou as

50. Id., *ibid.*, p. 473.

51. Id., *ibid.*, p. 473.

52. Kautsky foi sem dúvida um dos que melhor compreenderam os problemas de transposição das leis da natureza à sociedade: "Je ne prétend pas sans doute que les naturalistes, dans leurs théories successives, se soient déterminé d'après les besoins politiques et sociaux de la bourgeoisie. Mais l'esprit de classe où il vit influe sur chacun, et chacun en teinte quelque peu ses convictions scientifiques"; "(...) Quiconque veut aujourd'hui combattre la

teses de "raça" à maneira da "sociologia filogenética geral" de Ingenieros, mas sem dúvida compartilhava o sentimento de Labriola, Ferri e tantos outros para quem o destino da evolução era o socialismo -- uma cambalhota sobre o otimismo do "progresso sem fim" de Spencer.

Mouchet, por sua vez, identificou-se em primeiro lugar com a patrística positivista, associando aos motivos centrais desta um determinismo "econômico" que quase nada absorvia do "modo de produção" dos ascendentes do socialismo científico. Mas ambos -- Mouchet e Iberlucea --, mediados pelo cientificismo naturalista de Ingenieros, acreditavam que somente tornando "científicas" a política, as idéias e a vida haveria condições de modificar o quadro "sociológico" do país.

Para del Valle Iberlucea, bem como para Mouchet e aqueles que se alternaram na difusão da "sociologia" entre os setores populares, assim começava a recuperação da política para a ciência: sua primeira conquista era a consciência das massas.

révolution au nom de la science se réclame de la théorie de l'évolution: elle démontre, en effet, que la nature ne fait pas de saut (...)" ; "(Mais) Il est déjà nécessaire de distinguer rigoureusement la nature inanimée de la nature animée. Personne ne songera, en se fondant sur des analogies extérieures, à transporter purement et simplement une loi que est valable pour un ordre de choses dans autre ordre de choses" ; "(...) On commet (une) faute en appliquant directement les lois naturelles à la société, quand, par exemple, on proclame la nécessité naturelle de la concurrence, quand, s'appuyant sur les lois de l'évolution naturelle, on repousse, on déclare impossible la révolution sociale" (Karl Kautsky, *La révolution sociale*, Paris, Marcel Rivière, 1912, p. 22, 23 e 25). Contudo, alimentava certa expectativa em relação às novas teorias naturais que mostravam mecanismos rápidos de transformação baseados em Mendel-De Vries, mas mantinha a idéia de que o processo social poderia dar saltos, isto é, produzir revoluções.

2. Saberes da psicologia

As agências culturais do socialismo provavelmente foram pioneiras em difundir os novos conceitos psicológicos aos setores populares, correspondendo às urgências científicas com que a disciplina abria caminho no meio argentino⁵³. O fato de o socialismo contar com um número considerável de médicos -- e é fácil adivinhar o significado dessa peculiaridade -- e de "humanistas" que contribuíram para a conformação local da ciência, foi decisivo para a divulgação desse tipo de conhecimentos.

O evolucionismo constituía a pedra angular para se revogarem as antigas posições intelectualistas sobre a "psique" como entidade à parte, em geral equivalente a "consciência", espectro subjetivo reverente ao dualismo corpo/alma; ou como magma congregante -- no plano da consciência -- das finalidades superiores do "vitalismo", expressão sintética da ainda insistente "filosofia da natureza". As novas bases propostas pelo monismo evolucionista e a investida do positivismo cavaram um amplo leito atravessado por toda espécie de ecléticos afluentes, que fixaram os processos psíquicos numa inexorável legalidade assentada, em primeiro lugar, na fisiologia neurológica.

Na tentativa de extinguir a concepção do "mental" com raízes no racionalismo intelectualista -- que culminava invariavelmente em

53. Sobre a constituição do "campo científico" da psicologia e psiquiatria na Argentina, remeto a Hugo Vezzetti, *El nacimiento de la psicología en la Argentina*, Buenos Aires, Puntosur, 1988; *La locura en la Argentina*, Buenos Aires, Paidós, 1985; "Problemas de una historia de la psicología en la Argentina", em revista "Punto de Vista", n. 30, jul.-oct. 1987; e a Lucrecia Rojaletti, "Panorama psicológico", em Hugo BIAGINI (org.), op. cit.

postulados metafísicos --, as escolas psicológicas científicas surgidas na segunda metade do século XIX esquadrinharam as "funções psíquicas", amparando-se no rápido desenvolvimento da neurobiologia, e a partir delas mapearam seus objetos, em consonância com as prescrições desta última. Mas essa mesma extensão biológica não deixava de ser "social", de tal maneira que, como assinala Vezzetti, "la constitución de un pensamiento psicológico, es la afirmación de un sujeto natural y social desamarrado de ataduras espirituales trascendentes"⁵⁴.

E, assim como o exame teratológico havia sido um propulsor do desenvolvimento da embriologia "normal", também o foi a preocupação com os fenômenos neuropáticos, de cujas obsessivas análises emergiram repertórios conceituais que explicavam as funções psíquicas "normais" da espécie segundo o imbatível horizonte do determinismo evolucionista. Como bem se sabe, multiplicaram-se as associações entre conduta "desviada", morbidez psicofísica e pobreza. Essa correlação negativa de fenômenos, tanto como sua revogação positiva -- de diversas maneiras, interpretou-se o regresso à "sensatez" como uma autêntica recuperação moral, e a saúde mental como expressão de dispositivos morais instintivos⁵⁵ --

54. Hugo Vezzetti (estudo preliminar e organizador), *El nacimiento de la psicología en la Argentina*, op. cit., p. 12.

55. As associações com a moral dos saberes psiquiátricos e a exclusiva finalidade de "controle social" têm nos trabalhos de Michel Foucault uma referência indiscutível. Mencioná-lo aqui é já uma obviedade. Remeto a análises pontuais como a de Bárbara Sicherman, "The paradox of prudence: mental health in the Gilded Age", em Andrew Scull (org.), *Madhouses, mad-doctors, and madmen. The social history of psychiatry in the Victorian Era*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1981.

Hugo Vezzetti, referindo-se ao *desideratum* moral da psiquiatria, diz: "El alienista es, desde sus orígenes, un ser bifronte, que si atiende por una parte a ese reducto cerrado de

, não se podiam explicar senão pelas leis evolutivas.

A identificação dos mecanismos de seleção natural e do papel da hereditariedade alcançou, no interior do estatuto epistêmico das novas correntes, um porte notável: é que nenhum outro saber que delimitava seu objeto na compreensão dos mecanismos do comportamento humano -- individual e coletivo -- parecia tão idôneo para lidar com as questões filo e ontogenéticas. Essas dimensões cruciais do transformismo estendiam-se agora à competência de tal saber e em tudo remetiam à normatividade inapelável da informação orgânica. Psicologia e neurologia entrelaçavam-se desfazendo suas fronteiras, embora pudessem desafiar-se mutuamente quanto a estratégias terapêuticas⁵⁶.

E, se a própria sociologia parecia ser somente o capítulo mais desenvolvido das ciências da natureza, a insinuação de qualquer independência em relação a estas soava -- pelo menos até 1920 -- como disparate entre os cultores do "método científico" da psicologia. Entretanto, era imperioso reconhecer que ao menos o limite exterior de seu *corpus* e a ressonância da empresa recaíam numa emaranhada ordem de problemas assinalados como "produtos do espírito humano" -- tal como expressava Villa⁵⁷ --, um tumulto de

moralización en el asilo, no deja de orientar su mirada y su diagnóstico sobre los males de la sociedad". "El discurso psiquiátrico", em Hugo Biagini (org.), op. cit., p. 367.

56. No caso inglês, sobre as recusas dos mais "fisiologistas" em aceitar as terapias "psicológicas" no campo da saúde mental, remeto a Bonnie E. Blustein, "The rejection of psychological approaches to mental disorder in late nineteenth-century British psychiatry", em Andrew Scull (org.), op. cit.

57. Cf. Guido Villa, *La psicología contemporánea*, trad. V. González Serrano, Madrid, Fernando Fe/Sáenz de Jubera Hnos., 1902. Villa era professor da Universidade de Roma e do Reale Liceo Torcuato Tasso. A primeira edição dessa obra apareceu em Turim (Brocca, 1899) e mereceu um prêmio da Real Academia de Ciências de Turim.

saberes-normatividades de diverso efeito retórico: as "ciências morais".

O crescente interesse despertado pela psicologia nas sociedades de fins do século XIX é inegável. As questões "psicológicas" estavam na ordem do dia na maioria dos países europeus, invadindo a cotidianidade em especial quando aventadas por processos judiciais de repercussões, circunstância em que o estatuto da ciência era demandado para a interpretação de condutas delituosas, concorrendo com as interpretações "morfológicas" da "escola positiva de criminologia", que tanto devia aos italianos Lombroso, Ferri, Garófalo e Fioretti⁵⁸. Na realidade, as explicações psicológico-neurológicas deslocaram paulatinamente as "certezas" da tipologia antropomorfológica -- se bem que o próprio Lombroso tenha incursionado pela hipnose, tingindo sua antropologia de "psicologismo"⁶⁰. Na verdade, a "escola lombrosiana" foi perdendo o antigo crédito à medida que a neurofisiologia prometia uma interpretação mais sólida das verdadeiras molas do

58. A discussão sobre os efeitos da hipnose alcançou um alto teor público na França, na esteira de um famoso crime cometido por Gabrielle Bompard, que alegou ter agido sob efeitos hipnóticos. Confrontaram-se as duas escolas, Paris (Charcot) e Nancy (Bernheim-Liégeois) -- sabidamente com pressupostos desencontrados -- para dirimir o grau de responsabilidade de Bompard, que finalmente foi absolvida. Ver Ruth Harris, "Murder under hypnosis in the case of Gabrielle Bompard: psychiatry in the courtroom in Belle Époque Paris", em W. F. Bynum, Roy Porter e Michael Shepherd, *The anatomy of madness. Essays in the history of psychiatry*, v. 2, London, Tavistock, 1985.

59. Entre os numerosos trabalhos que originou essa bem conhecida corrente, destaco o trabalho conjunto dos quatro autores: *La escuela criminológica positiva*, Madrid, Ed. La España Moderna, s/d.

60. César Lombroso, *El hipnotismo. Aplicaciones judiciales y médicas de la antropología. Ultimos progresos de la antropología* (3 v.), Madrid, Ed. La España Moderna, s/d.

comportamento⁶¹.

A vulgarização de conceitos -- notavelmente mais acentuada nos meios ilustrados -- inundava a literatura; novos cultores abandonavam o "naturalismo" para adotar ficções "psicológicas", conformando estilos que na maioria das vezes soaram como recuperação romântica. A impregnação crescente de motivos "psicológicos" na linguagem das classes médias respondia provavelmente, de um lado, a preocupações com a extensa manifestação da "neurastenia" e da histeria, mal que atormentava as "frágeis mulheres", e, de outro lado, como repertório de estereótipos para caracterizar a ameaça rondante da "sugestionabilidade" das massas para a revolta, doença que destruiria a sociedade. Para uma disciplina que estava adquirindo rigor e maior experimentação, e que por tantas razões parecia arrastada a transbordamentos pseudocientíficos, a rápida vulgarização podia constituir um problema :

"Si se habla y discute tanto de psicología, a veces con poca seriedad científica, es signo indudable (...) de que ejerce atracción en la mente de los contemporáneos" -- dizia Villa. "(...) No se produce siempre regularmente de un modo justo y con cautela científica el comercio entre los doctos y el gran público; los incompetentes se dejan arrastrar con facilidad al uso errado y exagerado de las ideas y términos científicos y no se libran siquiera de las más grandes extravagancias"⁶².

61. José Ingenieros, presente no congresso que em 1905 reuniu os pesquisadores e profissionais da psicologia e áreas afins em Roma, vaticinava o ocaso da Escola Positiva italiana em matéria de criminalidade e a "inminencia de una nueva orientación en el estudio de los delincuentes". "El estudio de las anomalías antropológicas de los delincuentes" -- afirmava -- "está destinado a ceder paso a sus anormalidades psicológicas. La morfología empírica será sustituida por la psicología científica". (*Al margen de la ciencia*, Buenos Aires, J. Lajovane y Cia., 1908, p. 126.)

62. G. Villa, *La psicología contemporánea*, op. cit., p. I.

Villa advertia, na mesma direção do próprio Spencer, sobre a cautela com que se devia tratar a vulgarização entre as "clases incultas", "que sin tener conciencia clara y por pura intuición, aplican principios psicológicos..."⁶³.

Em sentido contrário às prevenções de autores como Villa, os profissionais da psicologia vinculados ao socialismo -- uma significativa proporção dos novos oficiais --, em sua manifesta intenção de irradiar a ciência aos trabalhadores provavelmente concordaram que, à perspectiva de uma banalização defeituosa, era preciso justamente opor uma informação em tudo ajustada à verdade dos novos saberes. Mas, além disso -- e em última instância este talvez fosse o ponto mais decisivo --, era preciso divulgar o conhecimento da psicologia para se desbravar o matagal de instintos primitivos, superstições, atavismos e religiosidades sempre rondando as massas, mostrando as leis pelas quais o psiquismo podia aderir a tais atavismos, em manifestação individual ou coletiva.

De todo modo, deve ficar claro que a incorporação dos conhecimentos dessa área ocupou um distante terceiro plano na fase mais exuberante de irradiação científica, isto é, até aproximadamente 1920. É preciso ter em conta que as comunicações aos trabalhadores relacionadas com a psicologia não tiveram nem a abundância, nem a constância das demais ciências; assim, só me ocuparei aqui dos alinhamentos gerais com que se concebia a disciplina, bem como de um limitado número de tópicos abordados por um dos mais assíduos conferencistas na matéria.

63. Id., *ibid.*, p. 382.

É lamentável não ter sido possível reconstituir nem a biografia de C. Herschel, nem o conteúdo de suas conferências sobre "psicologia" oferecidas entre 1906 e 1907 na Sociedade Luz (palestras inaugurais, certamente), pois foram inencontráveis. A guisa de hipótese, poder-se-ia sustentar que não lhe seriam desconhecidas, de modo algum, as idéias de um dos fundadores da "psicologia científica" no país, José Ingenieros, cujos passos mais uma vez é preciso retomar.

Tal como demonstrado na enfática epígrafe deste capítulo, o estatuto da psicologia -- assim como o da sociologia -- correspondia às ciências naturais; seus objetos e métodos não podiam ser tomados senão destas. E não por acaso Ingenieros deu à sua obra mais sistemática do período o título de *Principios de psicología biológica*⁶⁴. Também advoga uma "psicologia genética", que compreende -- como antecipa no Prefácio -- "la psicología comparada (filogenética), la psicología social (sociogenética) y la psicología individual (ontogenética)".

Respondendo ao "evolucionismo determinista", a ciência psicológica reconhece a "formación natural" tanto da "materia viva", da "personalidade conciente", como da "función del pensar". Falando às claras, não há transcendência possível, não há um espírito insuflador, não há teleologia, nem escolástica, nem racionalismo, mas tampouco imanência: seu programa opõe-se ao

64. Madrid, Daniel Jorro Ed., 1913. Houve uma edição na França dessa difundida obra. Ver mais atrás, no histórico das modificações posteriores desse título, em consonância com a transição de Ingenieros para outras posições.

"vitalismo y la generación espontánea, a la conciencia epifenoménica o creadora y al racionalismo intelectualista". Método genético -- método que dá conta das sucessivas passagens, da transformação da espécie e da linhagem ascendente e descendente em correspondência com os amplos conjuntos sociais -- e enquadramento no "sistema general de la filosofía científica" -- são as suas coordenadas.

Essa inscrição na "filosofia científica", que atropelou a antiga filosofia alheia à experiência, é a garantia da reintegração da psicologia "a los dominios de la biología". "El factor decisivo de esta transmutación general" -- afirma Ingenieros -- "ha sido la teoría de la evolución"⁶⁵. Torna-se explícito que os elementos constitutivos dessa "filosofia científica" são em boa medida tributários do "método positivo", sobretudo das contribuições de Spencer, a quem se deve "lo más completo ensayo de metafísica fundado en las ciencias"; e, não obstante suas "debilidades" e "inexactitudes", deve-se reconhecer, sustenta Ingenieros, que:

"Quedan en pie (...) las nociones fundamentales del sistema spenceriano: la experiencia empírica determina el conocimiento, las sensaciones son relativas y constituyen la base del pensamiento, la realidad es única, todo fenómeno responde a un determinismo riguroso, toda la realidad evoluciona perennemente. Nociones que podemos traducir diciendo: la unidad de lo real (monismo) se transforma incesantemente (evolucionismo) por causas ineludibles (determinismo)"⁶⁶.

Adepto agora do "monismo energético"⁶⁷, pensa Ingenieros que

65. J. Ingenieros, *Principios de psicología biológica*, cit., p. 30. Grifo do original.

66. Id., *ibid.*, p. 32.

67. Ingenieros trabalhou um quadro tipológico das filosofias que

essa é a versão mais *aggiornata* da filosofia evolucionista -- interpreta-a como uma convergência do "relativismo matemático" de Poincaré, da "energética" das ciências físicas de Mach e Ostwald e das posições biológicas de Le Dantec. Mas, reconheçamos, Ingenieros não realiza um esforço maior para refinar conceitualmente esta conjunção de perspectivas que a seu ver constitui o "monismo energético", e que na verdade devia muito a Giuseppe Sergi⁶⁸, como se poderá ver mais adiante.

Depois de longas discussões sobre a suspensão-readmissão da metafísica, sobre as generalidades da investigação filosófica e sobre as particularidades a que se atêm as ciências, Ingenieros propõe uma saída *sui generis* para a questão:

"Todas las ciencias son hipotéticas en lo que excede a sus experiencias respectivas; todas las filosofías son metafísicas en cuanto sus hipótesis exceden a las leyes científicas"⁶⁹.

Isso permite um reingresso através da larga porta de outra qualidade de metafísica: "La Filosofía Científica" -- diz -- "es

iam desde manifestações "triístas", passando pelas "dualistas" e indo às "monistas", considerando os modos de conceber três fenômenos: a matéria, a vida, e o pensamento. Para os "sistemas monistas", havia três alternativas: o "panpsiquismo", o "panvitalismo" e o "energetismo". Chegou a preocupar-se pelo que lhe parecia em William James -- de notável influxo no período -- um escape do monismo, quando este autor chegou a referir-se ao "pluralismo" da consciência. Cf. *Principios de psicología biológica*, op. cit., p. 16 e 18.

68. Cf. G. Sergi, *La psiquis en los fenómenos de la vida. Idea de una psicología general*. Trad. Miguel Domenge Mir, Barcelona, Ed. Carbonell y Esteve, 1907. Sergi cunhou o conceito de "estocinese", que se refere ao binômio estimulação-resposta; os organismos, excitados pelos estímulos exteriores, produzem alterações que constituem "la energía vital". A "estocinese" é "el más elevado principio de protección". Op. cit., p. 98.

69. Id., *ibid.*, p. 45.

una metafísica de la Experiencia". Por isso repudia a "estreiteza" dos métodos experimentais de Wundt, assim como se aborrece com o "intuicionismo neoidealista" de Bergson.

Não surpreende a reposição explícita da metafísica, pois, como assinalou Geymonat⁷⁰, o positivismo em última instância constituiu um grande sistema metafísico, com suas noções insuficientemente exploradas e reificadas de "lei", "fato" e "experiência".

Tendo como pano de fundo esses pressupostos epistêmicos, resumirei os tópicos da psicologia de Ingenieros⁷¹, tópicos que, não duvido, gozaram de ampla aceitação, para além de circunstâncias miúdas e diferenças localizadas, já que na verdade resumiam as grandes linhas da psicologia positivo-evolucionista pré-freudiana:

1. As funções biológicas são o resultado de permutas energéticas; a desequilíbrios do meio correspondem desequilíbrios dos organismos. O novo equilíbrio depende da assimilação que "acumula energía" e restaura o necessário para a adaptação.
2. A excitação é uma "modificación de las condiciones de equilibrio físico-químico de un organismo por la acción de las energías que actúan sobre él desde el medio en que vive".
3. As funções psíquicas constituem adaptações ao meio.
4. Há relação entre função e órgão, "en cada momento del desarrollo, la forma de los órganos representa el grado de la función..."
5. A memória é a propriedade de conservar "una modificación estructural" e é a base da formação natural da "experiência".
6. As funções psíquicas "se desarrollan de manera progresiva y continua en el curso de la evolución de las especies". Entre as espécies há diferenças de grau, mas não de "natureza"; "la filogenia psíquica y la filogenia orgánica son correlativas".

70. Ludovico Geymonat, *El pensamiento científico*, Buenos Aires, EUDEBA, 1968.

71. Valho-me das apreciações conclusivas do próprio autor em *Principios de psicología biológica*, op. cit., p. 459-468.

7. As funções psíquicas coletivas desenvolvem-se de maneira "progresiva y continua desde los pueblos primitivos a las sociedades civilizadas". "Cada sociedad particular reproducirá esa evolución general, si no difieren las condiciones del medio y la raza. En las diversas clases sociales (...) permanecen estratificadas las etapas recorridas en la formación natural de la experiencia social" (lei biogenética de recapitulação).

8. "La formación natural de la personalidad está formada por el medio: la experiencia individual se forma en función de la experiencia social". Toda personalidad "normal" percorre três etapas: organização, aperfeiçoamento e involução. Existem sedimentos na formação da personalidade: o primeiro corresponde às tendências e inclinações hereditárias; o segundo revela "la mentalidad social"; por último, as "variaciones adquiridas" constituem a "mentalidad individual". Na involução, perde-se primeiro o adquirido em último lugar e assim sucessivamente.

9. "La desigualdad mental entre los individuos es el primer postulado de la psicología biológica. La diferenciación de los individuos, según su diversa educación, es el segundo. El tercer postulado es la variación continua de la mentalidad individual..."

10. "La 'conciencia' no es una 'entidad' inextensa e inmaterial, no es una 'facultad' sintetizadora (...), no es un 'epifenómeno' sobrepuesto a los fenómenos fisiológicos. Sólo puede hablarse de 'estados de conciencia' o de 'personalidad conciente'".

11. O pensamento não provém de nenhuma "facultad especial", mas é o resultado "natural y sinérgico de la experiencia". "La historia natural de las operaciones intelectuales sólo puede constituirse comparando las del hombre con las de los otros animales, las del civilizado con las de los primitivos, las del adulto con las de los niños". Existem infinitas maneiras de pensar cujas diferenças se explicam evolutivamente, de "lo simple a lo compuesto" (das raças primitivas e das crianças aos mais evoluídos).

12. "El resultado más alto de la función de pensar es la formación de ideales; la imaginación, partiendo de la experiencia, elabora una creencia acerca del futuro perfeccionamiento humano. Un 'ideal' es una hipótesis..."

Quantas assimilações haeckelianas não estão presentes nessas asserções? A lei de recapitulação, que armava "magistralmente", de um só golpe, o quebra-cabeças do edifício monista, era uma circunstância-chave. As interpretações da teoria geral do transformismo, em especial a leitura dos vínculos entre filo e

ontogenia, tiveram amplos efeitos sobre a "naturalizaçã_o" da condição humana. Ingenieros criava um registro local -- projetado para o continente -- em correspondência com uma rica intertextualidade contemporânea que reunia, entre outros e para além das diferenças, Bayley, Baldwin, Ribot, Sergi, Morselli, Ardigó -- sobretudo os quatro últimos --, James, Lange e Paulhan, estendendo-se a Le Bon, aos admirados Tarde e Taine e, ainda que corrigido⁷², ao próprio Spencer, um dos precursores em matéria de função psíquica como adaptação ao meio.

Quando, em 1914, Alberto Palcos ministrou um ciclo sobre psicologia⁷³ na sede dos trabalhadores gráficos, fica evidente que seu objetivo era apresentar o novo ramo do conhecimento como "ciência natural", contrariando qualquer aventura "espiritualista". Adiantarei breves dados biográficos dessa figura que aderiu ao socialismo e teve certa projeção na vida cultural argentina.

Palcos nasceu em 1894, estudou medicina e filosofia e letras,

72. H. Spencer, *The principles of psychology*, 2 v., London, Williams & Norgate, 1872.

73. Já apresentei os tópicos desse ciclo ("La modernidad redentora...", cit., p. 19), mas é ilustrativo reproduzi-los aqui: "1ª Conferencia: La psicología como rama integrante de las ciencias naturales. Los fenómenos psíquicos. La 'estoquinesia' (Sergi). La energía nerviosa: su origen. Orientación energética de la psicología contemporánea. 2ª Conferencia: Sensaciones. Percepciones. Ilusiones. Consecuencias científico-filosóficas del proceso psíquico de percepción. 3ª Conferencia: La vida afectiva: clasificación de Tichner. Los sentimientos. Las emociones: teoría de Lange-James. 4ª Conferencia: Procesos psíquicos de la ideación. Otras teorías. Críticas de las mismas. El afecto. El intelecto. 5ª Conferencia: La actividad instintiva. El instinto en la escala zoológica. Proceso psíquico de la formación de los instintos. El instinto y la inteligencia. Concepción de Bain. Concepción cartesiana. Crítica de las mismas. 6ª Conferencia: La actividad voluntaria. Proceso psíquico. La inhibición. El carácter: Paulhan, Ribot, Malapert. Clasificación clásica: crítica de la misma. Clasificación de Palcos. Formación del carácter. Educación de la voluntad".

incluindo-se no grupo de professores do Colégio Nacional da Universidade de La Plata. Entre as disciplinas que ensinou, encontra-se Teoria e História das Ciências. Até onde pude saber, não se dedicou a atividades terapêuticas, mas, ainda assim, boa parte de sua primeira formação -- até fins da década de 1920 -- voltou-se à indagação de questões psicológicas, e Palcos em algum momento filiou-se à Sociedade de Psicologia⁷⁴. Numa segunda fase, orientou-se decididamente para o ensaio histórico. Entre suas obras, encontram-se *El genio* (1920), *La vida emotiva* (1925), *La psicología en la Argentina* (1925), *Sarmiento* (1929), *Facundo* (1934), *La visión de Rivadavia* (1936), *El ideal panamericano de Sarmiento* (1938), *Echeverría y la democracia argentina*, *Nuestra ciencia y Francisco J. Muñiz* (1943). Escreveu o prólogo às *Memorias y epistolario íntimo* de Charles Darwin publicadas pela editora Elevación em 1946. Morreu em 1965.

O programa de Palcos de 1914 iniciava com a fundamentação da "psicologia como ciência natural", inscrevendo os fenômenos psíquicos no sistema nervoso -- segundo a interpretação "energética" vista em Ingenieros, submetida ao já introduzido conceito de "estocinese" cunhado por Sergi --, para em seguida abordar as "funções psíquicas" à maneira "molecular" do período: sensações, percepções, emoções, afetividade, atividade intelectual, vontade, inibição. Os instintos e o "caráter" ganhavam um lugar importante nesse ciclo.

74. A Sociedade foi fundada em 1908, com um grupo inicial de quarenta membros, "no todos psicólogos", dirá Ingenieros em "La psicología en la República Argentina" (1909), trabalho publicado nos *Anales de Psicología*, 1910 (valho-me da reprodução feita por Hugo Vezzetti, op. cit., p. 71).

Farei uma reconstrução sumária de suas posições relativas às "emoções" (temática sobre a qual Palcos deixou trabalhos), que haviam começado a se tornar objeto de particular indagação, sem dúvida para enfrentar a longa vocação para os fenômenos da consciência.

Nessa matéria as noções centrais de nosso difusor remetiam à propalada teoria de James⁷⁵-Lange⁷⁶, para a qual contribuiu, entre outros, o conhecido Ribot⁷⁷. Desautorizando as correntes "intelectualistas", segundo as quais as emoções eram algo assim como uma manifestação secundária da vida psíquica ou um fenômeno inferior, aqueles autores propunham o reconhecimento da anterioridade da vida sensível-afetiva, identificando a base fisiológica "material" das emoções. Fora das respostas orgânicas através das quais estas se manifestavam -- desde as mais simples às mais complexas --, nada restava a dizer. Entretanto, a indiscutível primazia dos "cambios experimentados por el organismo", não como consequência mas, sim, como causa dos estados emocionais -- tal era

75. James desenvolveu inicialmente sua teoria em *What is an emotion?* (1884) e depois em *Principles of psychology* (1891). De uma posição nitidamente monista-fisiologista, James aceitou mais tarde, quando integrou seus sistemas como "pragmatismo", uma visão da vida psíquica com perspectiva mais filosófica e de certa "autonomia". Ver seu *Pragmatismo. Nombre nuevo de antiguos modos de pensar. Conferencias populares sobre filosofia*, trad. Santos Rubino, Madrid, Daniel Jorro Ed., 1923.

76. Karl Lange, anatomopatologista dinamargquês, fundamentou suas teorias numa obra que provavelmente circulou pela primeira vez na Argentina em edição francesa: *Les émotions. Etude psychophysiologique* (traduit d'après l'édition allemande du Dr. Kurella, par George Dumas), Paris, Félix Alcan, 1895.

77. A vasta obra do psicofisiologista francês Théodule Ribot teve uma influência comparável à do próprio William James. Em *Psicología de los sentimientos* (trad. Ricardo Rubio, Madrid, Fernando Fe/Victoriano Suárez, 1900), Ribot retoma suas posições, em debate com James-Lange.

a idéia nuclear --, encontrava pontos de vista não inteiramente coincidentes.

Lendo-se o programa, não resta dúvida de que Palcos estava interessado em que os ouvintes soubessem que as emoções ocupavam um lugar tão fundamental como o outrora atribuído à consciência -- e isto, pode-se inferir, era importante para "animalizar" a "natureza humana" e colocá-la na linha de parentesco com as espécies inferiores, tal como subjacente à maior parte da textualidade psicológica que aderiu ao poligenismo.

Para James-Lange, as emoções tinham o seguinte encadeamento: em presença de uma excitação sensorial suscitada por um fato físico qualquer, por uma representação ou idéia, agiam os mecanismos orgânicos periféricos e centrais -- Lange, em especial, identificava decididamente o "sistema vasomotor" -- e essas mudanças produziam a emoção, pois permitiam uma consciência dela⁷⁸. A emoção era um "sentimento orgânico" -- cenestésico --, pois o organismo percebia as reações corporais graças à atividade nervosa. Isso era bem ilustrado pelo famoso exemplo de James: "Estamos tristes porque lloramos; sentimos la cólera porque golpeamos; tenemos miedo porque temblamos"⁷⁹.

78. Lange dizia: "C'est au système vaso-moteur que nous devons toute la part émotionnelle de notre vie psychique, nos joies et nos peines, nos heures de bonheur et de malheur". K. Lange, op. cit., p. 136. Por sua vez, W. James afirmava: "Los cambios corporales que siguen inmediatamente a una percepción, y nuestra conciencia de esos cambios, en tanto que ellos se producen, es la emoción" (apud Th. Ribot, op. cit., p. 124).

79. Apud Ribot, op. cit. "Suprimid" -- dizia este autor -- "en el miedo los latidos del corazón, la respiración anhelosa, el temblor, el debilitamiento muscular, el estado particular de las vísceras; suprimid en la cólera la ebullición del pecho, la congestión de la cara, la dilatación de las narices, el rechinar de los dientes, la voz cortada, las tendencias impulsivas; suprimid en la

Para Ribot, que reconhecia idêntico mecanismo neurológico, estando no essencial plenamente de acordo com James-Lange, a análise das emoções não podia negar que estas constituíam "impulsos instintivos e inconcientes de adaptación", que existiam "tendencias, deseos", e que a partir das emoções mais instintivas e simples chegava-se às de maior complexidade (estéticas, religiosas), para tanto sendo necessário, contudo, que os indivíduos fossem capazes de "concebir y comprender las ideas generales"... Tropeço notável na teoria intelectualista, a grande inimiga, mas, nesse ponto, havia que estar de "perfecto acuerdo con los intelectualistas"⁸⁰.

Uma variante da teoria das emoções provinha de Paulhan⁸¹, que punha em discussão o "automatismo" das reações nervosas à maneira de Ribot, pois considerava que o organismo era um "sistema sistematizador". Os fenômenos afetivos ocorriam porque algo se desorganizava, havendo descoordenação e desajuste de impulsos e tendências dominantes, impedindo associar ou dissociar, mas podendo originar novas "tendencias superiores"⁸².

Palcos defendia a perspectiva James-Lange, sobretudo em face

pensa las lágrimas, los suspiros, los sollozos, la sofocación, la angustia, qué queda? Un puro estado intelectual, pálido, incoloro, frío. Una emoción descorporalizada es un no ser" (op. cit., p. 124).

80. Th. Ribot, op. cit., p. 28.

81. Frédéric Paulhan, *Les phénomènes affectifs et les lois de leur apparition. Essai de psychologie générale*, 2. ed., Paris, Félix Alcan, 1901.

82. Paulhan sustentava que as condições gerais dos fenômenos afetivos significavam um "dégagement de force psychique qui ne peut s'employer d'une manière systématique et se traduit par des phénomènes suffisant coordonnés". F. Paulhan, op. cit., p. 97. "Toute passion, toute émotion, tout sentiment, est donc le signe d'une imperfection de l'organisme". Id., p. 160.

das idéias propostas pelo neurofisiologista francês Sellier, que sustentava a existência de dois cérebros, um orgânico posterior (que registrava toda a atividade visceral e periférica) e um "psíquico", localizado no lóbulo frontal, dando a entender -- embora confusamente, como o próprio Palcos observava -- que este subordinava o outro. Contudo, Sellier afirmava que ambos os cérebros participavam da emoção, "fenómeno puramente fisiológico, que no toma su carácter afectivo sino cuando el sujeto tiene conciencia de las modificaciones cerebrales que lo constituyen" -- traduzia Palcos⁸³. O problema estava em saber qual dos dois cérebros atuava primeiro; para Sellier, tudo levava a supor que o "cérebro psíquico" antecipava-se e em seguida atuava o "orgânico", mas era preciso levar em conta que, enquanto o segundo era automático e respondia somente ao presente, a atividade do primeiro revelava o sentimento completo da personalidade (o sentimento do presente mais o passado). Sellier evidentemente avançava, ainda que por uma zona de turbulência, em direção a outras explicações, pois sustentava que, caso se pudesse inibir "como en la histeria" a atividade do "cérebro psíquico", a emoção seria apenas uma reação a circunstâncias atuais. Já parecia insinuar-se que a vida emocional poderia não estar relacionada somente a "reações orgânicas".

Palcos considerava evidente -- e, menos mal, Sellier finalmente cedia -- que o decisivo era o "cerebro orgánico... porque la anulación de los centros superiores de la vida orgánica" -- sublinha -- "entraña no sólo la desaparición de la vida emotiva,

83. A. Palcos, "La teoría cerebral de las emociones", "Revista de Filosofía", v. 22, n. 24, jul. 1925, p. 109.

sino de todo género de vida"⁸⁴. Enfim, a "teoría cerebral de las emociones", que parecia ameaça de retorno ao "intelectualismo" de Herbart e discípulos, dava uma volta e se tornava, segundo Palcos, "la ratificación y complemento de la de James", ainda que o próprio Sellier a julgasse oposta⁸⁵.

Não deixa de chamar atenção que ainda se debatessem tais quando Freud já estava em cena, profundamente interrogado pelos enigmas da vida emocional.

Quanto às percepções de Palcos a respeito da vontade e do caráter, estes pareciam associar-se de maneira peculiar em certos indivíduos "geniais"⁸⁶. Para explicar o aparecimento dos "gênios", assegurava, deviam-se ter em conta as contribuições da psicologia e da biologia -- queixava-se de que o "aspecto biológico" não estava merecendo a devida atenção -- e fazer face às teorias antropomórficas de Lombroso, conformando uma "teoria psiquiátrica". Um dos objetivos de seu texto era refutar o lombrosismo e sua equivocada percepção de uma tendência "degenerativa" inexorável, já que as próprias características dos indivíduos geniais a demoliam.

Palcos ancorava-se nas "condiciones biológicas del genio" e assinalava:

84. Id., *ibid.*, p. 111. Grifo do original.

85. Palcos incluiu esse artigo em *La vida emotiva*, Buenos Aires, M. Gleizer, 1925, e, além das posições analisadas -- tomando maior distância em relação a James, pois admitiu que a emoção tinha origens internas não apenas reativas --, ampliou mais o espectro do reducionismo fisiológico.

86. Alberto Palcos, *El genio*, Buenos Aires, Cooperativa Buenos Aires, 1920. María C. Galati viu o interesse generalizado pela genialidade em boa parte da estética natural-hedonista, que se associou à mentalidade positivista, ao que Palcos não é alheio. Remeto ao seu trabalho "El problema estético", em Hugo Biagini (org.), *op. cit.*

"dos conceptos novedosos: la función biológica que asignamos al genio de acuerdo con la teoría mutacionista de De Vries y el papel que atribuimos a las glándulas de secreción interna. Concebimos al genio el más alto grado no sólo de equilibrio nervioso sino de equilibrio endocrino"⁸⁷.

De resto, outra importante vertente explicativa provinha da "psicologia do gênio", no qual se manifestavam "una rica y fina sensibilidad, una pasión tenaz, porfiada, potente imaginación creadora y alta capacidad de inhibición voluntaria"⁸⁸. Palcos demorava-se no último atributo: a vontade domava um caráter, e este se facetava segundo um molde que inibia as tendências instintivas e congêntas, evidenciando os traços de uma evolução superior. A vontade era um instrumento da moral que contrariava ontogeneticamente as forças mais remotas da filogenia.

Uma última ordem de fatores introduzida por Palcos revela adesão ideológica e política ao socialismo de vertente mais radicalizada, pois expressou sua inscrição nas idéias do "materialismo histórico"⁸⁹. De fato, ao incorporar como dimensão as "condiciones sociales del genio" -- última parte de seu livro --, enfatizou ainda mais uma oposição à idéia de que a espécie humana caminhava "hacia la degeneración". Provavelmente os acontecimentos do outubro russo reforçaram nele a aliança com as classes trabalhadoras, e, não obstante o acentuado organicismo de sua

87. A. Palcos, *El genio*, op. cit., Prefácio.

88. Id., *ibid*.

89. Em 1915 Palcos escreveu *El materialismo o economismo histórico* (Buenos Aires, Ariel, 1915), que lamentavelmente ainda não pude encontrar. Essa referência nos é dada por um brevíssimo comentário assinado por P. E. na "Revista de Filosofía, Cultura, Ciencias y Educación" (ano 1, v. 1, n. 2, 1915), onde se alude à adesão de Palcos àquela teoria.

psicologia, entreviu que as propriedades do "gênio" poderiam encontrar-se mais bem distribuídas desde que houvesse uma transformação da sociedade⁹⁰.

"(...) Ponemos de relieve" -- dizia -- "la primordial necesidad de cambiar substancialmente la estructura económica de la actual sociedad, madurando y superando, mediante la gestión activa y liberadora de las grandes masas, el proceso inexorable de la lucha de clase por la abolición de las mismas en un régimen ni de explotados ni de explotadores, y colocando al alcance de todo ser humano las posibilidades de desarrollar por entero, y en un medio social favorable, su personalidad"⁹¹.

Talvez agora se torne mais claro por que Alberto Palcos interessou-se em divulgar o conhecimento da psicologia entre os setores populares. A adesão ao materialismo histórico, que o coloca ao lado de del Valle Iberlucea, provavelmente fortaleceu a oposição a qualquer fórmula "intelectualista" para explicar os fenômenos psíquicos, orientando-o para a interpretação das manifestações vegetativas, afinal as mais "naturais" da espécie.

Não obstante a paisagem plana de uma psicologia inteiramente dobrada ao primado das leis orgânicas, há de se reconhecer, com Soler⁹² e Schuster⁹³, que a adesão a ela ocorreu de modo menos mecânico, atento às "nuevas fuerzas sociales"; e concordar com o último dos autores, para quem essas figuras exponenciais, "con su apego a lo natural, objetivo, entendían alejarse de todo tratamiento 'apriorístico' de la realidad (...), y estas firmes

90. A. Palcos, *El genio*, op. cit., Prefácio.

91. Id., *ibid.*

92. R. Soler, *El positivismo argentino*, op. cit.

93. Félix G. Schuster, "El concepto de ciencia", em Hugo Biagini (org.), op. cit.

convicciones les permitían enfrentarse con mucho vigor a las fuerzas conservadoras que se le oponían"⁹⁴. O certo é que homens do socialismo como Palcos contribuíram para incorporar termos, idéias, sentimentos "psicológicos" à vida cotidiana, iniciando a inveterada tradição de culto à "psicologia" que tanto distingue a sociedade argentina. Possivelmente isso começou entre os grupos marcados pelas oportunidades de ascensão, os mais receptivos à mensagem socialista nas primeiras décadas do século.

94. Id., *ibid.*, p. 331.

Capítulo VII

SABERES PRATICOS:
HIGIENE E PROFILAXIA SOCIAL

Capítulo VII

Saberes práticos: higiene e profilaxia social

"Cuando se ve el doloroso vía crucis de los trabajadores, toda su triste existencia, las enfermedades profesionales, los talleres insalubres, el alcoholismo, la tuberculosis, y se investiga y se prueba que todo esto es evitable, con una mayor higiene, con una mejor habitación, una educación que eleve y dignifique abriendo nuevos horizontes, haciendo más agradable y más humana la vida, ya que el derecho a la salud no ha de ser un eterno privilegio de clase."

Angel M. Giménez, "El trabajo nocturno"

"El alcohol es el opio que impide (aos trabalhadores) ver las injusticias sociales, convertidos en esclavos de la Iglesia, de los caudillos, del capitalismo."

Angel M. Giménez, "Represión al alcoholismo"

É bem sabido que a transformação substantiva buscada pelo socialismo repousava na melhoria das condições de vida das classes trabalhadoras. Os objetivos fundamentais de suas demandas dirigiam-se à promoção educativo-cultural e à elevação material do proletariado; neles se pode sintetizar a "reforma social" preconizada. E, se a "socialização dos meios de produção" era uma meta incerta cujas vias de obtenção ensejavam o acirramento dos conflitos, parece improvável encontrar quem se abstivesse de promover alguma forma de "economicismo" visando à elevação dos níveis de vida. Até aqueles que, com maior radicalidade, incomodavam-se com a estreiteza da reivindicação das organizações de trabalhadores por salários e melhores condições de trabalho, mesmo estes estavam longe de sustentar publicamente o "quanto pior, melhor". Ao contrário, os opositores do reformismo exacerbado

afirmavam, com Marx, que a consciência do proletariado só poderia se desenvolver desde que a ele se permitissem condições mais dignas de existência.

É certo, porém, que os socialistas podiam divergir quanto a problemas, aspectos, ênfases e modalidades de ação em matéria de melhoria das condições de vida operária, tanto como o é o fato de que, dependendo de circunstâncias de inserção, assimilaram-se em maior ou menor grau às correntes liberais mais radicalizadas -- a um tempo assustadas e compadecidas -- que se preocupavam com a situação das classes baixas¹.

1. Um caso paradigmático de convergência e aliança entre posições socialistas e liberalismo radical em matéria de reforma social é sem dúvida a área anglo-saxã. Se examinarmos os debates em torno dos problemas de higiene, salubridade, legalidade da prostituição e alcoolismo, habitação e urbanismo, assim como os acordos entre as líderes sufragistas e as militantes das organizações de trabalhadoras, tanto em matéria de "moralização dos costumes" como de melhoria da situação da mulher trabalhadora, feito esse exame observaremos uma sólida tradição de acordos. Creio que aí os fenômenos decisivos são, primeiro, a existência efetiva de uma tradição de "liberalismo radical" (algo que não conheceram as sociedades latino-americanas) e, segundo, o avanço inegável do movimento "feminista". Cf. Frank Mort, *Dangerous sexualities. Medico-moral politics in England since 1830*, London/New York, Routledge & Kegan Paul, 1987; M. Freedom, *The new liberalism: an ideology of social reform*, Oxford, Clarendon, 1978; Peter N. Stearnes, "Working-class women in Britain, 1890-1914", em Martha Vicinus (org.), *Suffer and be still women in the Victorian Age*, London, Methuen, 1980; E. M. Sigsworth e T. J. Wyke, "A study of Victorian prostitution and venereal disease", em Martha Vicinus (org.), op. cit.; Robin Miller Jacoby, "The women's Trade Union League and American feminism", em Milton Cantor e Bruce Laurie (orgs.), *Class, sex, and the woman worker*, Westport/London, Greenwood Press, 1977; Nancy Schrom Dye, "Creating a feminist alliance: sisterhood and class conflict in the New York women's Trade Union League, 1903-1914", em Milton Cantor e Bruce Laurie (orgs.), op. cit.; James KENNEDY, "Women and Trade Union, 1870-1920: the quandary of reformer", em "Labor History", Winter 1973, v. 14, n. 1; Judith Walcott, "The making of an outcast group: prostitutes and working women in nineteenth-century Plymouth and Southampton", em Martha Vicinus (org.), *A widening sphere. Changing roles of Victorian women*, London, Methuen, 1980; Seth Koven e Sonia Michel, "Womanly duties: maternalistic politics and the origins of

Os socialistas argentinos não só não escaparam à generalizada experiência de exigir a promoção do proletariado mediante a ênfase na higiene, na salubridade e na moradia -- sem dúvida ajudados pelo grande número de médicos alistados em suas fileiras --, como se postaram na primeira fila do reformismo sanitário, que se revelou de inegável impacto na sociedade argentina em princípios do século².

welfare states in France, Germany, Great Britain and the United States, 1880-1920", em "The American Historical Review", v. 95, n. 4, oct. 1990.

2. De minha perspectiva, o período analisado por este trabalho corresponde a uma "segunda" e "terceira" fases do movimento higienista argentino. A primeira está circunscrita a um grupo de médicos "liberais", com uma visão modernizante dos problemas de urbanização e iniciadores do higienismo contemporâneo no país, influenciando sobre as políticas públicas para obter infra-estrutura sanitária e atendimento hospitalar entre 1870 e 1890 (integram o grupo os doutores Wilde, Rawson e Ramos Mejía). A segunda fase (de 1890 até aproximadamente 1920) é de expansão dessas concepções higienistas, mas ainda muito vinculada à resolução dos problemas básicos e ao combate das doenças infecto-contagiosas (os doutores Coni e Penna, assim como figuras do socialismo, são aqui destacadas). A terceira fase não abandona os problemas anteriores, mas, de um lado, incorpora firmemente os cuidados com o grupo materno-infantil e afirma a luta antivenérea, muito ligada à eugenia; de outro lado, avança uma concepção mais especializada em "higiene industrial" (destaca-se a ação dos doutores Peralta Ramos, Aráoz Alfaro e de alguns eugenistas, enquanto aos socialistas unem-se posições independentes como as do Dr. Feinmann, no campo da "higiene laboral").

Remeto a Diego Armus, "Enfermedad, ambiente urbano e higiene social. Rosario entre fines del siglo y comienzos del XX", em Diego Armus (org.), *Sectores populares y vida urbana*, Buenos Aires, CLACSO, 1984; Leandro Gutiérrez e Ricardo González, "Las condiciones de la vida material de los sectores populares en Buenos Aires, 1880-1914. La cuestión de la salud", em II Jornadas de Historia de la Ciudad de Buenos Aires, *La salud en Buenos Aires*, MCBA/Instituto Histórico de la Ciudad de Buenos Aires, Buenos Aires, 1988; Nestor T. Auza, "La política municipal en el sector industrial y las derivaciones en el saneamiento urbano y la salud pública. 1900-1920", em II Jornadas de Historia de la Ciudad de Buenos Aires, *La salud en Buenos Aires*, op. cit.; Hector Recalde, "La salud de los trabajadores en el Buenos Aires del Centenario", em *La salud en Buenos Aires*, op. cit.; A. Kohon Loncarica e Abel Agüero, "Enrique Feinmann y su política del trabajo", em III Jornadas de Historia de la Ciudad de Buenos Aires, MCBA/Instituto

O próprio batismo do Dr. Juan B. Justo nas águas da doutrina remete a essa constância em relação aos problemas de profilaxia social. De fato, sua primeira comunicação como "socialista", dirigida a um pequeno número de ouvintes na sede do Club Vorwärts, em 11 de outubro de 1893, versou sobre "higiene dos trabalhadores"³. A Sociedade Luz constituiu um dos focos irradiadores de maior especialização em saberes relacionados a profilaxia, higiene e salubridade; objetivava instruir sobre as circunstâncias que davam origem às doenças infecciosas, com absoluto destaque para as de transmissão sexual, bem como

Historico de la Ciudad de Buenos Aires, 1988; Hector Recalde, *La higiene y el trabajo*, 2 v., Buenos Aires, CEAL, 1988; Donna Gay, "White slavery public health, and the socialist position on legalized prostitution in Argentina, 1913-1936", em "Latin America Research Review", n. 3, dec. 1988; Donna Gay, "Emilio and Gabriela Coni reformers. Public health, and working women", em Judith Ewell e William Beezley (orgs.), *The human tradition in Latin America. The nineteenth-century*, Wilmington, Scholarly Resources Impr., 1989; Nancy Stepan, *The hour of eugenics. Race, gender, and nation in Latin America*, New York, Cornell Univ. Press, 1991; Eduardo A. Zimerman, "Liberals, reform and the social question: Argentina, 1890-1916", Doc. Th. University of Oxford, 1991, e "Algunas reflexiones sobre reforma social, control social y lenguajes políticos a comienzos de siglo", em Ricardo Salvatore (org.), *Reformadores sociales en Argentina, 1900-1940*, Buenos Aires, Instituto Di Tella, DTS 119, 1992.

3. Nessa conferência, à qual compareceram quatorze ouvintes, Justo analisou as condições da moradia operária. Em suas notas dizia: "En los libros y lecciones ordinarias. Prescripción de las habitaciones de los ricos. Lamentos sobre las de los pobres. Cuando en las tentativas de demostración que es un buen negocio hacer habitaciones para pobres -- lo que es indemostrable -- o llamados a la filantropía de los ricos. Cómo debo encararlo yo" (fac-símile da primeira conferência publicada pelo "Almanaque del Trabajo", ano 1, 1918, p. 75, grifo do original). Aborda em seguida tipos de solo, construção, pavimentos, ventilação, iluminação, aquecimento, disposição de latrinas. Faz referência aos cortiços onde se amontoam os trabalhadores e a iniciativas em Londres, Nova York e Berlim para resolver o problema. Finalmente, refere-se à habitação futura, mencionando expressamente uma das utopias mais difundidas: "No será como la pinta Bellami, pero todo el que trabaje tendrá habitación higiénica y agradable" (op. cit., p. 79).

esclarecer sobre enfermidades devidas às próprias circunstâncias do trabalho e dissuadir quanto ao consumo do álcool entre os operários. A propósito desse último problema, lançou-se numa autêntica cruzada, como se verá.

A enorme atividade desenvolvida em função de tais objetivos, através de repetidos ciclos de conferências, campanhas e textos, poderia ser agrupada nas seguintes dimensões:

1. Saúde operária e higiene industrial
2. Higiene e profilaxia sexual
3. Alcoolismo
4. Higiene materno-infantil
5. Prostituição
6. Habitação

A análise que me proponho desenvolver circunscreve-se às três primeiras questões, visto que, de um lado, constituiria tarefa de envergadura abarcar o conjunto e, de outro, as demais temáticas estão sendo objeto de análises; no que diz respeito à prostituição, Gay⁴ realizou uma reconstrução excelente, abrangendo, entre outros aspectos, a atuação dos socialistas.

A habitação -- problema crucial nos setores populares -- foi pouco abordada pela entidade, pois dentro do socialismo encontrou inteira especialização através da histórica cooperativa El Hogar

4. Donna J. Gay, *Sex & danger in Buenos Aires. Prostitution, family, and nation in Argentina*, Lincoln, University of Nebraska, 1991; ver também "White slavery...", op. cit. A mesma autora está realizando uma pesquisa sobre maternidade, puericultura e diversas questões atinentes ao problema da infância no período.

Obrero⁵.

Embora o programa sanitário da Sociedade Luz tenha sido consubstancial ao do próprio Partido Socialista, seria totalmente equivocado não reconhecer que tanto a seleção dos assuntos como a maneira de veiculá-los, passando pelo vigor e continuidade alcançados, devem-se à figura do Dr. Angel Mariano Giménez, de tal modo que nesse âmbito não se distinguem a ação da entidade e a de seu mais fiel mentor.

Membro fundador do Partido Socialista e de notável projeção seja na vida política partidária, seja no campo médico-higienista, Giménez nasceu em Buenos Aires em 1878, ali falecendo em 1941. Várias vezes alcançou a Câmara de Deputados da nação, primeiro

5. Sobre a moradia nos setores populares, remeto a Oscar Yujnovsky, "Políticas de vivienda en la ciudad de Buenos Aires, 1887-1914", "Desarrollo Económico", n. 54, 1971; Ana M^a Rigotti, "El reformismo oligárquico y las casas para obreros", "Revista Estudios Sociales", Santa Fe, n. 1, 1991; Ana María Facciolo, "Crecimiento industrial, expansión metropolitana y calidad de vida. El asentamiento obrero en Buenos Aires desde principios de siglo", "Desarrollo Económico", n. 80, 1981, e "El asentamiento obrero en Buenos Aires a principios de siglo", Buenos Aires, 1991, mimeo.; Francis Korn e Lidia de la Torre, "La vivienda en Buenos Aires, 1887-1914", "Desarrollo Económico", n. 98, jul./set. 1985; Pancho Liernur, "Buenos Aires: la estrategia de la casa autoconstruida", em Diego Armus (org.), *Sectores populares y vida urbana*, op. cit.; Diego Armus e Jorge R. Hardoy, "Conventillos, ranchos y casa propia en el mundo urbano del Novecientos", em Diego Armus (org.), *Mundo urbano y cultura popular*, Buenos Aires, Sudamericana, 1990; Juan Suriano, *La huelga de inquilinos de Buenos Aires*, Buenos Aires, CEAL, 1983; Anahí Ballent, "Vivienda y sectores populares: el caso de 'El Hogar Obrero'. Buenos Aires, 1905-1940", Colección Crítica, Buenos Aires, Instituto de Arte Americano, 1991; Anahí Ballent, "La casa colectiva, 1920-1940", Buenos Aires, Inst. de Arte Americano, 1985, mimeo.; Anahí Ballent, "La casa colectiva en las propuestas de reforma social. Buenos Aires, 1915-1940", Informe CONICET, 1985; María Marta Lupano, "Villa Crespo: una vila obrera entre el modelo higienista y el paternalismo católico", Buenos Aires, 1991, mimeo.; Agustina Prieto, "Condiciones de vida en el barrio Refinería de Rosario: la vivienda de los trabajadores (1890-1914)", Rosario, 1991, mimeo.

entre 1914 e 1918, depois em 1932 e por último entre 1934 e 1938. Por longos períodos foi vereador metropolitano: exerceu o primeiro mandato em 1919-1920 e, de maneira intermitente, entre 1922 e 1930. Esteve presente na maioria das grandes iniciativas do socialismo, mas especializou-se em saúde, profilaxia e higiene social, deixando diversos trabalhos escritos⁶.

As orientações higienistas da Sociedade Luz, portanto, foram ganhando relevância quando se impôs uma continuada gestão de Giménez à frente do organismo, até que nos anos 1920 -- e sobretudo a partir de meados da década -- pôde-se observar sua clara hegemonia, enquanto declinavam as comunicações sobre ciências físico-naturais⁷.

Uma vez mais insisto em que, embora a instituição não tenha abandonado o compromisso com tais ciências -- e certo número de publicações o evidencia --, os conhecimentos veiculados nos diversos ciclos orientaram-se para finalidades práticas, com o

6. Uma boa parte corresponde a artigos publicados sobretudo no "La Vanguardia" e à participação de Giménez em debates parlamentares e na Cámara de Vereadores da cidade de Buenos Aires. Entre suas obras, encontram-se: "La vacuna" (1913); "El trabajo nocturno de los panaderos" (1926); "Las misiones de la Patagonia y la civilización del indio"; "Contra la reglamentación de la prostitución: abolición de las ordenanzas municipales y profilaxis de las enfermedades venereas. Proyectos y discursos pronunciados en el Consejo Deliberante de Buenos Aires, 1919" (1926); "La reglamentación de la prostitución y la represión de la trata de blancas" (1930); "El torno libre" (1932); "Los precursores del socialismo en Argentina" (1918); "Nuestras bibliotecas obreras" (1923); "Páginas de historia del movimiento social en la Argentina" (1927); "Un debate histórico: la reforma eclesiástica de Rivadavia"; "La Iglesia y el Estado argentino". Depois de sua morte, imprimiram-se a partir de 1943 suas obras completas, sob responsabilidade da Sociedade Luz, alcançando quatro tomos; enquanto o primeiro tem por título *Higiene obrera*, os três restantes foram denominados *Por la salud física y mental del pueblo* (Seleção e prólogo de Carlos Rovetta).

7. Remeto ao capítulo III.

contrapeso da divulgação médico-higienista como circunstância "teórica" maior, ainda que buscando igualmente uma assimilação prática, capaz de alterar os comportamentos e construir outra fisionomia moral e sanitária no meio operário.

Saúde operária e higiene industrial

Como bem se sabe, os trabalhadores estavam seriamente expostos a doenças ocasionadas pelo próprio processo de trabalho, as quais reduziam a expectativa de vida ou resultavam em invalidez, aumentando a miséria de famílias já afetadas pela baixa remuneração. Condições e meio ambiente de trabalho causavam dano sobretudo a determinados grupos de trabalhadores cedo identificados: aqueles que inalavam pós, toxinas e gases estavam condenados a doenças pulmonares. Padeiros, moleiros, mineiros, ferreiros e soldadores encabeçavam as estatísticas de morbimortalidade vinculadas ao sistema respiratório, de tal modo que uma das mais graves preocupações do higienismo industrial foi a freqüência de vítimas de tuberculose, enfisema pulmonar, pneumonias e fibrose devidas à aspiração de farinha, silício, asbesto, talco, carvão, óxido nítrico, vapores de mercúrio e manganês, para citar algumas das substâncias nocivas mais comuns⁸.

Acrescia o envenenamento causado por minerais e sobretudo pelo

8. Sobre as mudanças das orientações em matéria de higiene pública, remeto a Jorge Rosen, *Da polícia médica à medicina social*, Rio de Janeiro, Graal, 1980. Aspectos históricos -- em particular os trabalhos precursores de identificação de doenças profissionais realizados por Rammazzini ainda no século XVII -- são analisados por Giovanni Berlenguer, *A saúde na fábrica*, Rio, CEBES/Hucitec, 1982.

chumbo, ao qual estavam expostos os tipógrafos, os operários de fundição e das fábricas de tinta, bem como os próprios pintores. O temido saturnismo afetava o sistema nervoso central (paralisias, encefalopatias) e produzia insuficiência renal crônica, uma de suas mais devastadoras conseqüências.

Além disso, eram ameaças a temperatura, a umidade, os vapores, a carga física, os horários inadequados e a extenuação devida às longas jornadas de trabalho. O higienismo industrial de fins do século XIX identificou os principais problemas e contribuiu para reforçar as demandas operárias, que se fizeram mais contundentes nos países de capitalismo avançado.

Na Argentina, esse higienismo foi em certa medida antecipatório, pois os problemas de saúde só constavam na pauta das vanguardas organizadoras; para o conjunto dos trabalhadores, não estavam em primeiro lugar nas reivindicações, excetuando-se alguns casos, é certo. Porém, mesmo dentro da "massa crítica" do movimento operário, os aspectos sanitários tinham como sujeitos privilegiados as mulheres e as crianças, era preciso evitar que o trabalho lhes prejudicasse a saúde; mas desde o início não deixou de haver protestos em função do trabalho noturno e dos riscos oferecidos por determinadas indústrias. De resto, a luta pela jornada de oito horas também respondia à necessidade de preservar o organismo, ainda que provavelmente se encontrem mais razões vinculadas à necessidade de dispor de tempo livre para instrução e lazer do que para cuidados com o corpo. Em geral, os sentimentos dos trabalhadores compatibilizavam-se com uma fatalidade inexorável, ter ou perder a saúde era uma questão de acaso, e a capacidade da

saúde media-se pela capacidade do rendimento. Os sintomas eram um problema somente em face do esgotamento⁹.

Giménez formou-se médico com sua conhecida tese "Consideraciones sobre higiene del obrero en Buenos Aires"¹⁰, somando-se às inquietações que já afloravam no meio¹¹. Constata ali que a cidade "ha entrado de lleno en el industrialismo", gerando "un proletariado numeroso, en condiciones semejantes al de los países europeos", e se propõe mostrar as relações entre baixos salários e saúde operária. Nas apreciações que faz, salientam-se os problemas acarretados pelo trabalho feminino sem proteção, responsável pelo alto índice de mortalidade infantil devida a "alterações digestivas": a interrupção do aleitamento, motivada pela necessidade de cumprir as obrigações do trabalho fora de casa, era uma chave da mortalidade.

9. Postulações genéricas sobre higiene no trabalho não faltaram nas primeiras manifestações "federativas" dos trabalhadores -- houve desde cedo petições, como as efetuadas em 1890 e 1892, aos poderes públicos, reclamando uma legislação na matéria. Mas não alcançaram a expressão de outras reivindicações, aí incluída a educação. Compartilhamos com Leandro Gutiérrez e Ricardo González esse tipo de conclusão. Cf. L. Gutiérrez e R. González, "Las condiciones de la vida material de los sectores populares en Buenos Aires...", op. cit., e o trabalho de minha autoria "Vida material y pugna ideológica en La Boca, 1870-1930", em Gianfausto Rosoli (org.), *Argentinità italiana. Reti sociale, lavoro e identità degli italiani in Argentina*, Consiglio Nazionale delle Ricerche, Roma; CEMLA, Buenos Aires (no prelo).

10. Apresentada na Faculdade de Ciências Médicas em 1901. Valho-me da edição original, Universidad de Buenos Aires, Facultad de Ciencias Médicas, Imprenta Nacional de Carlos Gallarini, 1901.

11. Na introdução, refere-se aos esforços do conselheiro Doutor Pittaluga -- um aliado na causa dos trabalhadores --, dos deputados Carlés Coronado e Weigel Muñoz para conseguir uma legislação protetora (ainda que sem êxito), e até do Congresso Industrial Argentino. Neste último caso, o patronato se interessa pelo rendimento operário ameaçado pela falta de higiene e segurança industrial. Um importante documento foi preparado pelo Dr. Aberastury para o Departamento Nacional de Higiene em 1894. Essas iniciativas ocorrem entre 1898 e 1900.

Referindo-se ao crescimento dos estabelecimentos manufatureiros e industriais -- em 1900 computaram-se 2.837 --, não hesita em afirmar que "sus locales, en general, no reúnen las condiciones exigidas por la higiene", estando instalados precariamente, a maioria "en galpones de madera en los que no se toma ninguna de las precauciones para garantizar la salud de los que en ellos trabajan"¹².

Apresenta as estatísticas relativas a morte por tuberculose entre diversos grupos profissionais -- os "jornaleros" perfazem uma proporção importante --, mas não há propriamente um exame dos dados¹³. O alcoolismo, a fadiga operária, os acidentes, as condições meio-ambientais merecem um rápido e denunciativo percurso, mas geralmente Giménez retorna à problemática do trabalho feminino e infantil.

Se o trabalho é tributário de algumas pesquisas europeias, incorpora a análise pioneira de um conhecido organizador socialista do movimento operário local, Adrian Patroni: *Los trabajadores en la Argentina* (1896).

As duas conclusões da tese afirmam que não há higiene no trabalho e que "las condiciones de vida de la clase trabajadora de Buenos Aires están mui lejos de ser las más propicias al mejor uso

12. Giménez, "Consideraciones sobre higiene del obrero en Buenos Aires", op. cit., p. 42.

13. É instigante que, das 33 categorias profissionais em que se distribuíram as 3780 mortes por tuberculose na cidade de Buenos Aires entre 1889 e 1897 -- além das duas categorias "sem especificar" e "diversas", a primeira bem avultada --, depois dos "diaristas" venham em importância "dependientes y empleados" e "comerciantes", algo sobre o que evidentemente o autor passa por alto. Giménez baseia-se na informação do "Anuario de Estadística Municipal" -- fonte indispensável de informação para o período.

y desenvolvimiento de las aptitudes individuales para el trabajo y para la vida civilizada"¹⁴. As soluções não poderiam vir senão da "reglamentación higiénica de las fábricas y talleres" (ar, luz, ventilação, controle das substâncias tóxicas e prevenção de acidentes), limitação da jornada de trabalho, proibição de atividades insalubres e perigosas "a los menores de 18 años y a la mujer", descanso obrigatório de "un día por seis de trabajo", proibição do trabalho da mulher nas doze semanas anteriores e nas seis posteriores ao parto e seguro obrigatório. Mas tais medidas devem somar-se ao "mejoramiento de la condición social de la clase trabajadora", mediante a "elevación progresiva del salario mínimo" e "todas las medidas (...) que tiendan a elevar la situación moral, intelectual y física del obrero, preparándolo para una vida cada vez más humana"¹⁵.

Uma conferência de Giménez sobre "El problema del pan desde el punto de vista médico y social", pronunciada em 1914 dentro da programação da Sociedade Luz, atraiu um público notável: a crônica fala em oitocentos ouvintes¹⁶. O mais provável é que não estivesse em foco o problema nutricional do pão entre as classes trabalhadoras, mas, sim, suas condições de produção, origem de doenças entre os operários panificadores e a população. Isto se pode concluir se seguimos o combate de Giménez, da instituição e do grupo de deputados socialistas que o acompanhava na Cámara de Deputados, exigindo o fim do trabalho noturno na indústria, com

14. Giménez, "Consideraciones sobre higinene del obrero...", op. cit., p. 65.

15. Id., ibid., p. 66. Grifo do original.

16. "Memoria de la Sociedad Luz. Año 1914".

particular ênfase nas panificadoras.

Fundamentando o projeto parlamentar, Giménez lembrou as pesquisas precursoras de Rammazzini, bem como os trabalhos recentes dos higienistas franceses Lettouille -- que constatara que "la jornada nocturna es cinco veces más fatigosa, cinco veces más productora de desgaste orgánico" -- e Courmont, assim como do espanhol Queraltó, os dois últimos coincidindo em apontar as altas taxas de tuberculose entre os operários panificadores.

"Entre nosotros" -- sustentava -- "si bien las estadísticas son deficientes, los que hemos sido médicos de hospitales municipales y de trabajadores, hemos podido comprobar la frecuencia de estas enfermedades entre los obreros que trabajan de noche"¹⁷.

Não hesitava em trazer como referência o próprio Marx, que, diante dos protestos que em 1863 fizeram os trabalhadores da panificação na Inglaterra, havia afirmado que só então a sociedade inglesa descobrira não apenas as abomináveis condições daquela tarefa, mas também as do próprio pão consumido. Giménez recordava os padeiros franceses e seu célebre desafio: "¿o queréis el pan a las diez de la mañana, hecho por manos sanas, o queréis el pan fresco a las cinco de la mañana elaborado por manos enfermas?"

Finalmente, lembrava também, perante seus pares, o informe dos doutores Maglione, Aguilar e Pastorino -- elaborado a pedido da

17. Giménez, "El trabajo nocturno", em *Obras completas - Higiene obrera*, t. I, Buenos Aires, Sociedad Luz, 1943, p. 75. A publicação original da apresentação da lei, tanto como a conferência "El trabajo nocturno de los panaderos", realizada no Ateneu de Montevideu (Uruguai), sob o patrocínio da Sociedad de Obreros Panaderos em 6 de fevereiro de 1915, apareceu na Série 2, t. 3, n. 46, 1926 da Sociedad Luz, Imprenta La Vanguardia.

Câmara de Vereadores de Buenos Aires em função dos protestos dos trabalhadores --, informe que mostrava os horrores das condições de trabalho dos padeiros¹⁸, em contraste com os progressos da legislação que proibia o trabalho noturno em outras latitudes (Noruega; 1906; cantão de Ticino, Suíça, 1907; Finlândia, 1908; Itália, 1911 -- por iniciativa do deputado socialista Bertese); alguns estados norte-americanos; e a iminência de uma lei na França graças ao projeto Godard).

A pedido do sindicato dos padeiros de Montevideu, em luta para abolir o trabalho noturno, Giménez realizou em fevereiro de 1915 uma documentada exposição sobre os danos causados aos operários do ramo, tomando como base estudos europeus e locais. Inicialmente declarou seus sentimentos, identificados com o sofrimento proletário -- tal como expressa a primeira epígrafe deste capítulo --, e praticamente repetiu as palavras que proferira na Câmara no ano anterior, ao recordar:

"la primera huelga que pude ver de cerca hace más de 25 años, siendo casi un niño, la huelga más santa y más justa que se haya llevado a cabo en las repúblicas del Plata, en la que no se pedía ni aumento de salario ni disminución de la jornada, sino la abolición del trabajo nocturno"¹⁹.

18. "El Dr. Aguilar" -- relata Giménez -- "en una parte de su informe, decía al respecto: 'Hemos tenido ocasión de ver (...) algunas panaderías que son verdaderos antros, verdaderas cavernas, porque eso no puede ser el sitio de una industria como ésta, sino que verdaderamente podrían servir de prisión para los seres más protervos que pueden existir en la tierra: son panaderías colocadas en sótanos, con una sola abertura de entrada para luz. En esos locales, en esos sótanos, no se puede vivir; y, sin embargo, allí se elabora el pan'" ("El trabajo nocturno de los panaderos", op. cit.).

19. "El trabajo nocturno", op. cit., p. 79. Giménez refere-se sem dúvida à greve feita pelos padeiros em janeiro-fevereiro de 1888. Até onde se sabe, essa greve teve os seguintes objetivos: aumento salarial, entrega a cada trabalhador de um quilo de pão por dia,

Retomou então o informe dos já mencionados médicos argentinos, estendendo-se em mais considerações sobre as condições tenebrosas dos estabelecimentos e a presença amontoadas de trabalhadores (de 8 a 14) em recintos estreitos, sem ventilação alguma, com extenuante jornada (de 10 a 14 horas) e salários que oscilavam entre 45 e 80 pesos²⁰.

Enfocando o processo de trabalho, detia-se em analisar o esforço de preparar a massa, "rápido y rítmico", acompanhado de uma expiração prolongada; "en esta tarea" -- dizia -- "el obrero fatigado y sudoroso queda extenuado", chegando a perder de 200 a 250 gramas de peso em cada amassadura, "representada por el sudor que corre por la superficie del cuerpo del obrero y que en parte se incorpora a la masa"²¹. Irônico, sugeriu: "¿Será por eso que es más agradable el pan trabajado a mano?"

Outro detalhe do processo era conseguir "el aspecto brillante y lustroso" do pão, mediante o que às vezes se denominava *buffatta*: antes de terminar o cozimento, retiravam-se do forno as peças elaboradas e "el maestro de pala se llena de agua la boca y rocía la superficie de los panes que luego son rapidamente entrados y sacados del horno"²².

Se bem que os pesquisadores do Instituto Pasteur tranquilizassem a população parisiense quanto a essa modalidade de

sem custo, e permissão de comer fora do próprio estabelecimento. Ainda não aparecia a exigência de suprimir o trabalho noturno; isso veio a ocorrer na primeira década do nosso século.

20. Esse cálculo parece extremamente baixo, se se comparam algumas estatísticas do período (algo sem dúvida muito problemático).

21. Giménez, "El trabajo nocturno", op. cit., p. 85.

22. Id., ibid., p. 86.

de distribuição de bacilos (pois, garantiam eles, o cozimento os eliminava), não hesitavam em apontar a posterior manipulação como meio de contágio.

Para Giménez, a tecnificação da indústria deveria ser acompanhada de severo controle higiênico; as máquinas podiam evitar alguns problemas de contaminação, mas certamente não todos; e se detinha em mostrar os progressos europeus, especialmente nas cooperativas socialistas de panificação da Austrália e da Alemanha²³.

A análise da expectativa de vida entre os operários panificadores oferecia um quadro sinistro: não havia padeiros "velhos" entre os alemães da Bavária, 85% dos associados do sindicato tinham menos de 30 anos. Cifras de Berlim apresentadas pelo higienista Sommerfeld (anos 1889-1891) mostravam a incidência severa, entre os padeiros, de doenças da pele e dos músculos; também eram um pouco mais freqüentes entre eles as "alteraciones del desarrollo y de la nutrición" (deformidades, escrófulas, esgotamento, senilidade, câncer e anemia eram algumas dessas alterações). Mas, analisando a distribuição apresentada, as doenças infecciosas e as do aparelho respiratório não representavam no grupo de padeiros valores superiores aos de outros grupos. A pesquisa levada a cabo a partir de dados das "cajas de enfermedad" em Berlim tampouco evidenciava uma situação de morbimortalidade entre os padeiros, mas, sim, entre os trabalhadores de bondes a

23. Não há menção às célebres cooperativas socialistas da Bélgica, e sim a uma padaria "belga de la calle Canalejas de Buenos Aires", que parecia constituir um modelo de mecanização e higiene (Giménez, "El trabajo nocturno", p. 88).

tração animal; a estes seguiam-se em ordem de importância os pintores, os tipógrafos e depois os padeiros. De todo modo, estes também eram uma população exposta.

Giménez assinalava que outro grande risco para a saúde da categoria eram as altas temperaturas, que, provocando diminuição da hemoglobina, resultavam em numerosos transtornos, ao que se unia a constante ameaça de tuberculose. Recentemente o chefe da Assistência Pública de Buenos Aires, Dr. Alberto Zwank, havia assegurado a Giménez, de acordo com os dados que estava analisando, que além da tuberculose os maiores riscos eram a febre tifóide e as doenças venéreas. Mas a partir dos próprios números sobre a Alemanha inferia-se que as doenças pulmonares os acossavam, sendo os moleiros os operários mais afetados.

Uma grande contribuição à melhoria das condições de vida cifrava-se na proibição do trabalho noturno e na amassadeira mecânica, como sustentava o francês Lettouille, longamente citado na conferência. Estava-se diante da evidência de outros males entre os padeiros submetidos à penosa obrigação noturna: neurastenia, afecções nervosas e a temida e tão freqüente evasão alcoólica. Dissolução pessoal e familiar rondavam esses trabalhadores, a par da anulação da consciência:

"Y luego, a buscar la distracción en la calle, a la espera de la ergástula de su trabajo; pero todo le ha de faltar, los suyos, sus amigos (...) y le quedará el consuelo de hacer su club social del boliche, del almacén de la esquina donde entre unas partidas de naipes y unas copas de alcohol irá matando sus energías, destruyendo su cuerpo y hechando un fuerte velo ante sus ojos que le ha de impedir ver todas las injusticias, haciéndole tolerables todas las vejaciones, destruyendo sus

mejores rebeldías"²⁴.

Embora não seja possível reproduzir as palavras de Giménez quando conseguiu reunir aquelas oitocentas pessoas, explanando sobre os aspectos "médicos e sociais" do pão, parece admissível suspeitar que foram conceitos como estes os ventilados naquela noite memorável, um acontecimento para a entidade, que via nessa enorme platéia um sinal de sua aceitação popular.

Outro grupo de trabalhadores de que se ocuparam os socialistas -- e a Sociedade Luz através de Giménez, sobretudo -- foi o dos pintores, por sua alta exposição ao risco de saturnismo. Num artigo publicado em "La Vanguardia" em 1913, Giménez denunciava que nos últimos dez anos haviam morrido em Buenos Aires quinze pessoas com saturnismo, "que es de suponer sean pintores"²⁵. Era inadmissível o descaso local, ao passo que os problemas da "medicina e higiene social" constituíam uma preocupação na Europa, onde já havia uma "nutrida literatura médica" encabeçada por "Teleky en Viena, Albrecht y Weyl en Alemania; Pieracini en Italia; Napias, Sayet, en Francia".

"Entre nosotros, país de aluvión, de inmigración europea -- en que se niega de parte de algunos la existencia de cuestiones sociales inherentes y propias de todo país medianamente civilizado --, tenemos todos los problemas de la higiene

24. Id., *ibid.*, p. 98.

25. Valho-me de A. M. Giménez, "El saturnismo en los pintores", em *Obras completas. Higiene obrera*, op. cit., p. 148. A edição original que incorporou esse artigo denomina-se *Las pinturas a base de plomo*, Serie 2, t. 2, n. 39, Sociedad Luz, Impr. La Vanguardia, 1926.

social en toda su realidad. Basta sólo investigar un poco para comprobar un fondo de dolor humano, de víctimas sacrificadas al holocausto del capitalismo (...)26".

Discorria sobre os sintomas do envenenamento por chumbo -- as horríveis cólicas, a inflamação da boca, o azulado das gengivas, a paralisia dos músculos extensores do antebraço, as alterações nervosas, a temível nefrite, que levava à morte. O chumbo comia os glóbulos vermelhos, trazia a anemia; e também a tuberculose estendia-se entre os pintores. O quadro tornava-se ainda mais sinistro na medida em que o saturnismo agia "sobre el porvenir de la especie", ao favorecer "el aborto, el parto antes de tiempo y la producción de criaturas débiles o con estigmas de incapacidad"27.

Chamava atenção para o fato de as substâncias tóxicas serem introduzidas no país em grande volume, fornecendo números sobre o ingresso de várias toneladas de alvaiade e zarcão só em 1911. A isso acrescentavam-se as falsificações, pois se vendia óxido de zinco por alvaiade.

Giménez pedia uma legislação que proibisse o emprego de sais de chumbo, coibisse sua importação e facilitasse, com tarifas alfandegárias reduzidas, as substâncias similares; mas à "obra parlamentaria" deveria somar-se

"la acción directa y conciente de los obreros pintores, exigiendo de sus patronos medidas de higiene y seguridad en los talleres y la supresión de este veneno en el trabajo, porque en eso va su porvenir"28.

26. Id., *ibid.*, p. 146.

27. Id., *ibid.*, p. 147.

28. Id., *ibid.*, p. 150.

Em 1913 o Dr. Nicolás Repetto apresentou na Câmara dos Deputados -- com o apoio de sua bancada -- um projeto de lei proibindo o emprego de tintas produzidas com chumbo e substituindo-o por outras substâncias (óxido de zinco, bário, óxido de ferro etc.), como forma de eliminar uma das fontes mais freqüentes de envenenamento de trabalhadores. Mas o projeto não vingou.

A campanha contra o saturnismo foi retomada com força quando Giménez se elegeu vereador de Buenos Aires e reclamou, em fins de 1919, uma normativa que proibisse a "fabricación, venta y empleo de pinturas a base de plomo". Sem resultados, voltou à carga em 1923, conseguindo que no ano seguinte o projeto fosse aprovado. Mas a normativa foi vetada pelo prefeito de Buenos Aires, sob a alegação de que o comércio seria prejudicado..., advogando que cada operário -- certamente para o prefeito a responsabilidade era "individual" -- "aceptara medios y elementos de producción".

Giménez voltou a insistir em 1925, originando debates que também foram difundidos pela Sociedade Luz: era evidente a pressão exercida pelos grupos que fabricavam e comercializavam substâncias tóxicas. Giménez e seus aliados puderam enfim apoiar-se sobretudo em dois fabricantes locais de tinta que, tendo eliminado o chumbo, ofereciam "muy buenos productos". Uma das fábricas era a Alba do grupo Bunge y Born. Finalmente, uma normativa definitiva proibiu "la fabricación, venta y expendio de pinturas a base de plomo" a partir de 1º de janeiro de 1927. Culminava assim uma longa campanha; a Sociedade Luz publicou a normativa de 1926, como forma de preservar a memória do fato e marcar as preocupações socialistas com o higienismo industrial.

A situação sanitária dos operários teve espaço na Sociedade Luz através de outros palestrantes e publicistas. Apresentaram ciclos na entidade os médicos Gustavo Pittaluga e Antonio Cetrángolo (que se projetava como um dos mais importantes pneumonologistas do país²⁹), o primeiro analisando a situação alimentar dos assalariados e o segundo abordando as características epidemiológicas da tuberculose, com ênfase na condição operária. Por sua vez, conhecidos médicos socialistas companheiros de Giménez e figuras de projeção como Augusto Bunge, Nicolás Repetto, Enrique Dickmann e Alicia Moreau, reiteraram comunicações relativas à saúde dos trabalhadores. Sem dúvida, isso não ocorreu respondendo apenas aos objetivos da entidade, mas também aos das outras agências, como o Ateneu Popular e os Centros Socialistas, que em meados da década de 1920 haviam se estendido à maioria dos bairros de Buenos Aires.

Obsessões sexuais

Se o temor quanto às doenças de transmissão sexual se instalou cedo nas preocupações do higienismo local -- correspondendo ao vasto movimento dos países ocidentais --, os socialistas estiveram na linha de frente. A Sociedade Luz incorporou a guerra às doenças venéreas com extraordinário afinco, podendo-se duvidar que os setores médicos próximos à Igreja -- para mencionar um âmbito reconhecidamente empenhado na matéria -- tenham conseguido igualá-la no movimento para impedir que se propagassem.

29. Desde sua época de estudante, Cetrángolo vinculou-se às expressões operárias, cooperando com a difusão de conhecimentos higienistas e médicos.

A fase mais aguerrida no terreno da divulgação sobre os perigos da sífilis, da blenorragia e outras infecções por via sexual transcorreu durante os anos 1920, atingindo o clímax no final da década. É muito provável que a identificação dos perigos proviesse do auge alcançado pelas posições eugenistas, que se estenderam como regueiras, tal como mostrou Stepan³⁰, e, mesmo não se podendo afirmar que conquistaram grande número de adeptos, seus efeitos doutrinários se fizeram sentir generalizadamente. Giménez, entretanto, não pode ser reconhecido como "eugenista"; não lia a doutrina à maneira dos seguidores de Galtón e tampouco o fazia através do álibi do "eugenismo social", que tanto entusiasmou os anarquistas franceses Paul Robin e Charles Chaughí, bem como ao companheiro de estrada Eugène Humbert³¹. Mas suas posições evolucionistas, à maneira que apresentei em capítulos precedentes, eram necessariamente neolamarckianas -- fenômeno bem observado por Stepan --, compreendendo-se então que o papel da hereditariedade constituísse um lugar-comum em suas interpretações sociais e médicas.

30. N. Stepan, *The hour of eugenics...*, op. cit.

31. A documentada análise de Stepan a meu ver não abriga o "eugenismo social" da Liga de la Regeneración Humana (1896) e mais tarde de "Génération consciente" (1908) na França, que adota o programa: "un buen nacimiento, una buena educación, una buena sociedad". Em movimentos como este se apoiou o feminismo libertário de "Maternidad Voluntaria". Cf. Alain Corbin e Michelle Perot, "Entre bastidores", em Ph. Ariès e G. Duby, *Historia de la vida privada - Sociedad burguesa: aspectos concretos de la vida privada*, Madrid, Taurus, 1989; Mary Nash, "El neomalthusianismo anarquista y los conocimientos populares sobre el control de la natalidad en España", em M. Nash (org.), *Presencia y protagonismo. Aspectos de la historia de la mujer*, Barcelona, Del Serbal, 1984; Linda Gordon, "Maternidad voluntaria: inicios de las ideas feministas en torno al control de la natalidad en Estados Unidos", em M. Nash (org.), op. cit.; Dora Barrancos, *Anarquismo, educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo*, op. cit.

Desse modo, as obsessões com os perigos da sexualidade, se estavam dirigidas aos sujeitos individuais expostos a terríveis doenças que certamente levariam à paralisia, à loucura e à morte, na verdade exacerbavam-se em face do problema da hereditariedade, da contaminação inexorável que sofreriam os descendentes, degradando a espécie. Nada mais associado ao conceito medular de "degeneração" do que os males trazidos pelo contágio sexual: hospícios e cárceres testemunhavam seus efeitos ao longo de gerações. Malformações, graves defeitos orgânicos, patologias psiquiátricas, deficiências intelectuais e comportamentos amorais acumulavam-se no quadro do horror.

No ambiente local, algumas entidades identificaram-se plenamente com o programa eugênico, a exemplo da Liga de Profilaxia Social e daqueles que se agrupavam no Museu Social Argentino, além das adesões de algumas cadeiras de Medicina³². Mas, enquanto essas posições advogavam medidas "negativas" de controle -- solicitando dos poderes públicos providências extremas como a esterilização dos contaminados ou portadores de sinais de malformação --, Giménez tomava distância. Em muitos sentidos, suas idéias e atitudes parecem assimilar-se às dos condutores da reforma médico-sexual na "Viena vermelha", o anatomista Julius Tandler e o ginecologista Karl Kautsky³³.

Sob sua direção a entidade orientava-se para uma campanha de

32. Remeto a N. Stepan, *The hour of eugenics...*, op. cit.

33. Remeto aos trabalhos de Helmut Gruber, "History of the Austrian working-class: unity of scholarship and practice", "International Labor and Working-Class History", n. 24 (Fall 1983); "Sexuality in 'Red Vienna': Socialist Party conceptions and programs and working-class life, 1920-34", "International Labor and Working-Class History", n. 31 (Spring 1987).

prevenção "positiva", propalando, como se verá, não apenas diretivas higiênicas para erradicar as doenças venéreas, mas também chamando à reflexão sobre a sexualidade, segundo uma perspectiva de reforma médico-social mais abrangente. Nisso estriba sua diferença em relação aos militantes do "eugenismo" de corte individualista, que circunscreviam o problema aos "responsáveis" imediatos pelas patologias, isto é, às próprias vítimas, e exigiam a esterilização.

O programa da Sociedade Luz durante os anos 20 foi bastante reiterativo em matéria de conhecimentos médicos e profiláticos relacionados às doenças venéreas, e a ilustração aproveitou todo o arsenal de meios ao alcance: as conferências eram acompanhadas de diapositivos e pranchas ilustrativas, por vezes filmes e, invariavelmente, distribuição de cartilhas.

Essa atuação se viu reforçada com uma série especial de publicações iniciada em 1926, sob o título *El problema sexual*. Os textos ali incorporados³⁴, cerca de vinte, poderiam ser classificados em três ordens: a) visões crítico-propedêuticas das relações entre os sexos; b) informação anatomoclínica e profilática sobre as doenças de transmissão sexual; c) iniciativas e legislação para evitá-las.

O primeiro folheto da série é o capítulo "De las mujeres" do livro *Nosotros los jóvenes*, de Hans Wegener³⁵, o autor costumbrista difundido entre os "reformadores da sexualidade". Veja-se a nota dirigida "Al lector", assinada pelo próprio Angel M. Giménez, justificando a nova série de publicações:

34. Ver Anexo.

35. Madrid, Ed. Jorro, 1910. A edição de "De las mujeres" pela Sociedade Luz foi impressa por La Vanguardia.

"Se viene con ellas a llenar una necesidad de sana y buena lectura, sobre lo que con justa razón se ha dado en llamar la miseria sexual de nuestro tiempo.

"Muchos libros y folletos circulan por librerías y quioscos, con lo que se busca alagar las bajas pasiones o se presentan las cuestiones en sus formas más anormales y perversas (...).

"Se nos acusará de entrar en un terreno escabroso, no lo negamos, pero hay que entrar en él con valentía, sin el silencio hipócrita de los moralistas o el de los predicadores de la doctrina del pecado, y menos del simplismo de algunos médicos, con su argumento de la necesidad fisiológica, del vicio legalizado (...)"

E para que não restassem dúvidas quanto aos setores visados pelos dirigentes da entidade, finalizava:

"Destinados estos folletos a circular principalmente entre los trabajadores más concientes, entre los que luchan por los grandes ideales de emancipación social, han de encontrar en estas páginas hondas preocupaciones que les han de servir como guía en sus actividades y anhelos, libertándolos de prejuicios, de la esclavitud sexual y del veneno del alcohol".

Efetuariarei uma breve leitura de alguns desses textos, escolhidos dentro das três ordens acima apontadas, a começar pelo que inaugura a série. O texto de Wegener intenta propor aos homens jovens uma nova maneira de considerar o outro sexo, capaz de eliminar a idéia exclusiva de "apetito sexual". Partindo da idéia de que os contatos e a afetividade inicial vinculam-se a uma mulher, a mãe, estendendo-se em seguida às irmãs, com as quais fica excluída qualquer possibilidade de "excitabilidad sexual" -- contando-se além disso com o princípio de proteção, devido à "superioridad intelectual del hermano sobre la hermana"³⁶ --, é possível apostar numa reeducação que estabeleça a amizade entre os

36. H. Wegener, *Nosotros los jóvenes*, cit., p. 6.

sexos. Esse programa deve iniciar com a eliminação de práticas sexuais com prostitutas, porque antes de tudo implica ausência de respeito usá-las como a um objeto. "El que se entrega a la prostitución ofende al mismo tiempo a la mujer corrompida y a la mujer pura" -- afirma³⁷, imbuído da convicção de que não se pode viver com antinomias, pois também os sentimentos se contaminam.

Se isso já representa um primeiro problema, existe outro igualmente grave que o autor sublinha: quem costuma gastar "energías" dessa maneira perde a própria capacidade amorosa, "la aptitud para un verdadero amor".

"La plena y profunda felicidad del amor duradero sólo puede ser gozada con ininterrumpida energía. Muchas desdichas matrimoniales provienen de que el hombre ha malgastado en amoríos la fuerza del sentimiento"³⁸.

Se se devem, então, evitar relações com prostitutas, Wegener adverte sobre a alternativa de se resolver o problema com uma "querida", uma amante, opção que não deve ser cogitada por "un joven honrado y culto", pois seria "un egoísmo cobarde y feroz huir habilmente del campo en que combate el instinto sexual y dejar que una desgraciada mujer sufra por nosotros (...)"³⁹. Eis aí um começo factível no caminho da prostituição. Mas, mesmo sem chegar a tanto, abrem-se numerosos entraves para o futuro, vêm os sofrimentos familiares:

37. Id., *ibid.*, p. 8.

38. Id., *ibid.*, p. 10.

39. Id., *ibid.*, p. 10.

"(...) Supongamos que una muchacha que ha tenido un amante durante varios años, encuentra después un marido, y es madre y esposa relativamente 'dichosa'; pensemos lo que sentiríamos si alguien nos contara que nuestra mujer propia, la madre de nuestros hijos, ha sido la querida de un hombre antes de casarse (...). De cualquier modo que lo consideremos, el ser una querida es siempre una degradación en la mujer y una cobardía en el hombre que es su amante"⁴⁰.

Pode haver "caídas momentáneas" (*sic*) -- quem não está sujeito a elas? -- , mas é necessário refletir, meditar sobre as conseqüências, incluída aí a alta probabilidade de conceber filhos ilegítimos. Não escapa ao didata Wegener que algo diferente acontece entre as classes populares, onde inveterados costumes não enxergam imoralidade nas relações sexuais pré-matrimoniais:

"Es inútil lamentarse o predicar contra esas prácticas y costumbres del pueblo. Llevan ya más de un siglo, han llegado a formar parte del alma popular, y se con ello no sufre la sana normalidad de la vida doméstica y nacional, lo mejor es dejar las cosas como están, esperando que una más alta cultura personal, llegue también hasta esos círculos"⁴¹.

E acrescentava:

"Esos hábitos populares que, dada la ingenuidad de las relaciones y de los juicios entre la gente del campo, no perjudican el honor de la muchacha, son cosa absolutamente distinta del refinamiento del placer sexual que se busca en la prostituta o en la querida"⁴².

Felizmente, entre as "clases cultas" (*sic*) prevalecem a "buena costumbre según la cual la esposa pertenece al hombre, la opinión de que la relación sexual no es legítima hasta después del

40. Id., *ibid.*, p. 11.

41. Id., *ibid.*, p. 24.

42. Id., *ibid.*, p. 24.

matrimonio"⁴³. Apoiando-se sobretudo em Ruskin, Wegener celebra as diferenças entre os sexos; a ação, a criatividade, a proteção e, é evidente, a superioridade intelectual para "la investigación y el descubrimiento" caracterizam o homem, complementado pela "fuerza de la mujer", que "reina pero no combate", e por sua inteligência, "que no desea inventar o crear sino ordenar, iluminar y decidir".

O programa que se abre aos jovens é o da amizade desinteressada com o outro sexo, inibindo o homem os instintos -- embora seja forçoso reconhecer que "algo de sexual tiene siempre la amistad, entre un hombre y una mujer" --, aperfeiçoando sua natureza, já que as relações amistosas constituem "el modo más noble y el único posible de intimidad bienhechora entre los dos sexos". A pura amizade é a verdadeira chave do íntimo, mesmo para os cônjuges, "porque" -- afirma nosso autor -- "el comercio sexual entre hombre y mujer no es, en modo alguno, lo mejor del matrimonio"⁴⁴.

Dois folhetos do célebre médico espanhol Gregorio Marañón somam-se ao do alemão Wegener na coleção da Sociedade Luz, com vistas a difundir uma visão crítico-propedêutica das relações entre os sexos. O primeiro, *Notas para la biología de Don Juan*⁴⁵, é a reedição do controvertido artigo publicado na "Revista de Occidente" (janeiro de 1924) -- artigo que granjeou ao autor toda espécie de réplicas e contra-réplicas.

Como se sabe, Marañón lança aqui a tese de que a patologia donjuanesca encontra-se na fronteira -- ou melhor, já a cruzou --

43. Id., *ibid.*, p. 24.

44. Id., *ibid.*, p. 15.

45. Sociedad Luz, Impr. La Vanguardia, 1926.

da homossexualidade, apoiando-se no exame morfológico dos sujeitos assim como de seus comportamentos, sob a determinação dos atributos biológicos característicos dos sexos. Inteirado das teses de Freud -- ainda que não as utilize na análise --, mas sobretudo absorvendo o próprio Wegener, Moebius e Metchnikoff, baseia-se nos caracteres sexuais anatômicos e funcionais, primários e secundários, que distinguem a mulher e o homem.

Um quadro-síntese dos atributos que os compõem aparece no segundo folheto do autor, *Sexo, trabajo y deporte*⁴⁶, onde se lê que os "caracteres sexuales / funcionales / secundarios" da mulher são: "el instinto de la maternidad y cuidado de la prole", "mayor sensibilidad a los estímulos sensitivos", "menor disposición para la labor abstracta y creadora", "menor aptitud para la impulsión motora activa y para la resistencia pasiva" e, finalmente, "voz de timbre agudo". No que respeita ao homem, os atributos são: "instinto de actuación social (defensa y auge del hogar)", "menor reacción ante los estímulos afectivos", "mayor capacidad para la abstracción mental y creadora", "mayor aptitud para el impulso y la resistencia pasiva", "voz de timbre grave".

Valendo-se dessa distribuição de caracteres secundários, Marañón desenvolve seu argumento sobre a inexorável "femenización" a que chega a figura de Don Juan e põe abaixo o "mito de baja estofa" de sua suposta virilidade, mito que se apóia num anterior, no fato de que "el hombre ha venido siendo educado en el culto estúpido del sexo". Não tem dúvida de que a mentira começou quando "dos hombres se juntaron para hablar de sus secretos amorosos".

46. Sociedad Luz, Impr. La Vanguardia, 1926, p. 6.

Mas, antes de ingressar no miolo de seus pressupostos, deve-se assinalar que, para Marañón, o Don Juan literário mais genuinamente representativo das características do tipo "biológico" é, sem sombra de dúvida, o de Zorrilla; e não só no que diz respeito a Tenorio, mas também em termos de protótipo feminino, pois, como se verá, ambas as "biologias" -- a deste Don Juan e a de D. Inés -- são exponenciais da patologia.

Mas, muito cuidado! Não pode haver margem para confusões: o "mulherengo", o apaixonado fugaz -- aquele que se rende a "aventuras pasajeras" -- não se assimila a Don Juan. E mais: às vezes "grandes hombres" são levados por arroubos libidinosos (indo mais longe, o próprio Goethe sucumbiu...); o caso não é grave:

"El grande hombre propende con frecuencia a una suerte de narcisismo espiritual que en ocasiones repercute en su vida afectiva, y se deja querer de ese tipo de mujeres de un romanticismo intelectual que revolotean como mariposas en torno de la llama del genio. Pero no hay que confundir ese narcisismo espiritual con el narcisismo sexual de Don Juan, ni a esas mujeres, casi siempre superiores, que se sienten atraídas por las grandes inteligencias, con la mujer, de un sexualismo inferior, que corre hacia Don Juan con los brazos abiertos"⁴⁷.

Pasemos agora a esse "emaranhado"... de constatações:

Em primeiro lugar, como Don Juan "vive para amar" -- e não se conhece que tenha outra ocupação (o Tenorio de Zorrilla faz setenta e duas vítimas em cinco dias) --, revela um "apartamento de la vida social" que configura um fracasso do caráter secundário masculino. Don Juan "es siempre un hombre de notoria incapacidad mental en la lucha por la vida", e, com Eugenio d'Ors, o autor

47. G. Marañón, *Notas para la biología...*, op. cit., p. 13.

concorda que "carece de todo genio creador" -- é "lo opuesto de Pasteur" --, e já se vê por aí outra similitude com o sexo feminino.

É digno de nota -- sem que o autor fale absolutamente em sublimação -- que "la masculinidad puede acentuarse hasta que toda la energía sexual se invierta en las actividades sociales, quedando reducido al mínimo el acto amoroso propiamente dicho"⁴⁸. Com esses argumentos que sintetizei, Marañón acredita ter demonstrado que a virilidade se mede, sobretudo, por um grande envolvimento social -- à diferença da "precária actividad social de las mujeres", algo em tudo compatível com o caráter de Don Juan.

Uma segunda ordem de circunstâncias está referida à "psicologia" donjuanesca, pois também nesse campo percebe-se uma alteração dos padrões de atração vigentes no mundo natural e na espécie humana. E aqui não deixa de haver paradoxos, pois, ainda que Marañón enfatize o papel diretor do macho na iniciativa e no ataque, em matéria de sexualidade a atração, a condução sedutora, residem na mulher. Ela é o centro do torvelinho, pelo "conjunto de atributos que la hacen adorable para el hombre", numa gradação que vai desde a "gracia" à "belleza" e ainda à "falta de belleza", esta exercendo com freqüência uma "atracción sexual mucho más enérgica e ingastable que la de las beldades más famosas". Mas, reconheça-se, este é um "centro pasivo" (haja paradoxos...).

Na figura de Tenorio ocorre um deslocamento, é ele o "centro pasivo"; as mulheres são arrastadas para ele, apaixonam-se sem saber por quê; parafraseando Perez de Ayala, Marañón escreve: "En

48. Id., ibid., p. 16.

Don Juan se encierra un agente diabólico, un hechizo de amor" que "intranquiliza con su sola presencia..." Essa inversão é contundente e põe em evidência os traços de feminidade do personagem.

Uma terceira questão consiste nos aspectos morfológicos ligados à sexualidade. As glândulas cumprem de tal maneira seu papel, que "podemos deducir de la simple observación visual de un individuo cualquiera el grado de su energía sexual"⁴⁹. Vale a pena acompanhar atentamente o que Marañón extrai da "morfología hipergenital" através da qual se identificam excelentes dotes varonis:

"(...) La talla es exigua, sobre todo desproporcionada, por un predominio muy poco elegante de las dimensiones del tronco y cabeza sobre los miembros, la osamenta de la cara suele ser muy desarrollada; el mentón es frecuentemente prognático. Y por fin, la barba y el bigote son recios y espesos, así como el vello corporal que a veces recubre uniformemente miembros y tronco. Cuando esos rasgos se exageran hasta el límite de la patología, dan lugar al tipo de enano acondroplásico que bajo su catadura grotesca suele esconder una increíble aptitud para el amor"⁵⁰.

Nada mais nos antípodas, pois, do que a beleza de Don Juan, nada mais denunciativo de sua precariedade sexual, de sua escassa virilidade. A maioria das mulheres sabe que "el hombre es como el oso, cuanto más feo más hermoso"; salvo algumas que, por sua psicologia, se tornam as vítimas prediletas, aquelas de sexualidade equivocada -- estão na fronteira da homossexualidade --, histéricas, propensas "a la seducción por el misterio". Mas,

49. Id., *ibid.*, p. 22.

50. Id., *ibid.*, p. 23. Grifo meu. As criaturas desse tipo são as mais disformes dentre os afetados.

anuncia Marañón, enfático, "ninguna mujer normal, dueña de su cerebro y de su sexo, ha sido jamás seducida por ningún Don Juan"⁵¹. Uma bem-definida biologia feminina não pode senão preferir, simetricamente, uma boa identidade masculina; eis aqui o modelo:

"Extrañará a muchos esta afirmación de que el varón por excelencia no sea el cazador impenitente de mujeres, sino el hombre trabajador y activo, con frecuencia monógamo, no raramente tímido y aún a veces recluso en un estado de voluntaria castidad. Pero así es la verdad y hay que repetirla muchas veces u ondearla como una enseña en la batalla contra el donjuanismo"⁵².

Outros autores se somam ao propósito crítico-propedêutico que transpira essa coletânea da Sociedade Luz. Na linha de desautorizar firmemente os males iniciáticos da sexualidade dos jovens varões, encontra-se *Hasta el matrimonio*⁵³, do higienista suíço Dr. Robert Chable. Com aquela convicção de que é tributária a ousadia e que enuncia as coisas por seus nomes -- típica da textualidade do período, sobretudo acadêmica, referente à sexualidade --, Chable instrui sobre a morfologia e as funções do aparelho reprodutor masculino, a par de enunciar as sucessivas transformações do corpo entre a infância e a adolescência, bem como o aparecimento das tensões normais da sexualidade. Sobrevêm assim, num relato de estilo paternal, advertências sobre a masturbação -- embora o autor já esteja em condições de assegurar que esta "nunca ha llevado a ninguna enfermedad" --, sobre os intercâmbios com prostitutas e

51. Id., *ibid.*, p. 27.

52. Id., *ibid.*, p. 16.

53. Buenos Aires, Sociedad Luz, Impr. Federación Gráfica Bonaerense, 1930.

também com as que não o são. A masturbação rende culpas, remorsos e sensação de pouca energia; degradação e risco de doenças venéreas provêm dos intercâmbios com aquelas "pobres mujeres"; sofrimentos e irresponsabilidade são resultados de se ter uma "querida". Como fazer frente às tensões do sexo? Há uma única saída: a castidade, que Chable faz malabarismos para distinguir da continência, pois na primeira, longe do sacrifício, têm de primar os ideais nobres, as atitudes positivas de simpatia e amizade pelas mulheres, contando também, em menor medida, o esporte, tudo dentro de um espírito "sólido", assentado e bem-humorado. Não posso me furtar a suas recomendações para diminuir as pressões do sexo:

"Evitar un calor demasiado intenso. Mantenerse en una atmósfera fresca y confortable (...). Se tratará, pues, de no dormir demasiado cubierto, ni vestir demasiada ropa, no estar en una pieza demasiado recalentada y mal aireada, no tomar baños demasiado calientes. Al contrario, el frío, bajo la forma de ducha matinal, (...) el lavado del busto con agua fría, es muy saludable. Lavad a menudo vuestros órganos genitales con agua fría (...). Tened respeto por su limpieza"⁵⁴.

Em sentido idêntico ao de Chable orienta-se a opinião de outro suíço, o neuropatologista Paul Dubois, que advoga a castidade como aumento da autoconsciência e da "solidaridad humana", e, em nome de melhores condições para a vida dos sexos, defende a instituição do matrimônio⁵⁵.

54. R. Chable, *Hasta el matrimonio*, op. cit., p. 39.

55. P. Dubois, "Enseñanza sexual" (capítulo da obra *La educación de sí mismo*), Buenos Aires, Sociedad Luz, Impr. B. Canals, 1923. O autor faz uma crítica aos defensores do "amor livre" -- sobretudo a Paul Margueritte, entusiasta propagador de meios contraceptivos (juntamente com seu irmão Henri), vinculado aos anarquistas franceses e processado por "pornografia". Cf. D. Barrancos, *Anarquismo, educación y cultura...*, op. cit.

Um dos poucos textos que escapam a essa linha pertence ao irônico Bernard Shaw. Um brevíssimo artigo, "El socialismo y el matrimonio"⁵⁶, extraído de seu livro *Guía de la mujer inteligente para el conocimiento del socialismo y el capitalismo*, surge sufocado sob o império de um puritanismo tardio que agora se anima à mais completa identificação dos órgãos e sensações, enquanto exige que estes se mantenham domados. A defesa do feminismo, a ironia sobre o casamento e outras formas de institucionalizar a sexualidade, a aceitação da contracepcionalidade, a certeza de Shaw de que "el socialismo ha de producir un efecto tremendo sobre el matrimonio y la familia", quebrando-lhes as normas, não criam fissuras nesta maciça textualidade oposta ao "sexo temerário". Haveria também, é certo, o matiz de Marañón, não fosse o fato de o talante "científico" obedecer ao imperativo de coagir os sedutores -- falsos homens, em última instância; em seu caso não se encontra nem o alívio de que a censura serviria ao menos para enaltecer a causa da liberação feminina...

Discursividade anacrônica, até para a sociedade argentina de fins da década de 1920; mas provavelmente não o fosse para o próprio socialismo, se se compara sua atuação em outras latitudes. Gruber⁵⁷ mostra a gestão social-democrata em matéria de sexualidade na Viena dos anos 20, gestão que se poderia resumir em normas profiláticas reprodutivistas, condenação do aborto e dissuasão da iniciação precoce nas relações sexuais. O programa para os jovens das famílias operárias tendia à sociabilidade amistosa entre os

56. Buenos Aires, Sociedad Luz, La Vanguardia, 1929.

57. Gruber, "Sexuality in 'Red Vienna'...", op. cit.

sexos, mediante o contato com a natureza, a cooperação em tarefas culturais, o esporte e, sobretudo, a sublimação através das leituras edificantes. Outro tanto ocorreu na Alemanha com as diversas agrupações juvenis, que eram treinadas no domínio dos ideais social-democratas e entre as quais se promoviam modelos de temperança e controle dos instintos. Essa continência exemplar praticamente não se diferenciava das prescrições religiosas.

De todo modo a repressão sexual socialista não se afinava com a cotidianidade do proletariado, e ingressava sem fissuras no horizonte valorativo da pequena burguesia. Entre as raras vozes que denunciavam a repressão sexual como forma proeminente do domínio social, erguia-se a de Wilhelm Reich⁵⁸, quase um solitário entre seus pares social-democratas; não se encontra na Argentina, a essa altura do século, um precursor socialista equiparável. O "discurso competente" do socialismo local -- retomando o conceito já clássico de Chauí⁵⁹ -- era inócuo, pois a vida mesma já lhe dava as costas.

Para aumentar a instrução anatomoclínica e profilática no terreno das doenças venéreas, a Sociedade Luz incorporou à coleção

58. Reich defendeu a sexualidade como uma função liberadora. Cf. Gruber, op. cit. Remeto a W. Reich, *Análisis del carácter*, Barcelona, Paidós, 1986. As teses de Reich tiveram pouco impacto nas concepções social-democratas. Há diferenças marcantes com o anarquismo, pioneiro no discurso sobre a sexualidade e crítico de suas instituições, dentro do limite imposto pelo período. Cf. D. Barrancos, "Anarquismo, educación y costumbres...", op. cit. Sobre as mudanças culturais em Buenos Aires, ver Leandro Gutiérrez e Luis A. Romero, "Sociedades barriales, bibliotecas populares y cultura de los sectores populares: Buenos Aires, 1920-1945", Buenos Aires, "Desarrollo Económico", n. 113, 1989; Beatriz Sarlo, *El imperio de los sentimientos*, op. cit., e *Una modernidad periférica: Buenos Aires, 1920 y 1930*, Buenos Aires, Nueva Visión, 1988.

59. Marilena Chauí, *Cultura e democracia*, 4. ed., São Paulo, Cortez, 1989.

"El problema sexual" textos que vão de uma grande simplicidade e economia de comunicação, até uma identificação mais elaborada de problemas, especialmente em relação à sífilis. Entre os primeiros, encontra-se a cartilha ilustrada *Lo que todo joven debe saber de las enfermedades venereas*⁶⁰, de autoria de Angel M. Giménez. A idéia de que "el instinto creador es como un fuego" está realçada pela alegoria de uma locomotiva em movimento, seguindo-se um texto que, convenhamos, conserva em chave abstrusa o "instinto criador":

"Cuando es bien empleado, el fuego es fuente de calor, de luz y de energia...

"Cuando se pierde su dominio, siembra la ruína y la muerte por todas partes...

"¿ESTAIS EMPLEANDO CON PROVECHO O MALGASTANDO VUESTRO INSTINTO CREADOR?

"Lo empleáis mal y un peligro os amenaza:

Las enfermedades venereas

La blenorragia y la sífilis"

Sem dúvida, as explicações sobre os agentes causadores das doenças e deficiências tanto no homem como na mulher -- e de resto mais graves nos casos de sífilis, sobre a qual aumentavam as informações -- cumprem bem os objetivos da campanha. Os textos concisos parecem destinados menos a responder interrogações da população do que a despertar-lhe o interesse, a fazê-la preocupar-se, sobretudo com os quadros temíveis da sífilis.

Duas características merecem destaque nessa cartilha, que foi distribuída em profusão: a ausência de qualquer comunicação relativa à hereditariedade (menciona-se o contágio blenorragico no parto, capaz de tornar cego o recém-nascido, mas obviamente não se

60. Sociedad Luz, n. 17 da série "El problema sexual". Ver Anexo.

trata de um problema de herança) e a presença de alertas nos rodapés da maioria das páginas, do tipo "Toda prostituta tiene blenorragia, cuidado con las prostitutas!" E isso não me parece aleatório. Em se tratando de propaganda maciça, Giménez parece mais interessado em que a população atente para o que ocorre imediatamente do que em focalizar o risco mediato; mas, por outro lado, estão em pleno debate as formas de contágio fetal e de transmissão por sucessivas gerações. Já os alertas nos rodapés são de motivação óbvia: Giménez foi um dos mais pertinazes denunciadores do regime de prostíbulos como o grande irradiador de doenças e figura de proa no combate à prostituição como atividade legal, tanto por razões sanitárias como éticas⁶¹.

Com essa cartilha concorreu um folheto de instruções elaborado pela Associação Argentina de Dermatologia e Sifilografia e anexado como parte integrante da "libreta de tratamiento" que se distribuía aos pacientes nos centros assistenciais, em especial nos dispensários mantidos pela prefeitura de Buenos Aires. A Sociedade Luz o reproduziu.

Ali há informações sobre as vias de contágio da temida *spirochaeta pallida*: órgãos genitais, boca -- a saliva pode produzi-la, o cigarro usado por um sifilítico com "cancro" é transmissor da espiroqueta, assim como a bombilha do mate. Informa-se que o sifilítico contagia não só através das lesões das feridas, mas também do "esperma que es infeccioso" -- embora isso fosse inteiramente controvertido na época.

61. Cf. Donna Gay, *Sex & danger...*, cit.; Hector Recalde, "La salud de los trabajadores en el Buenos Aires del Centenario", op. cit.

Associam-se à sífilis o tabagismo e o álcool, agravantes da evolução da doença. O folheto enfatiza a lenta contagiosidade, imprime a idéia de que o tratamento bem-realizado a suprime e que "la sífilis es una enfermedad curable, y tanto más curable cuanto más temprano y más vigorosamente se haya empezado su tratamiento"⁶².

Além de sublinhar que somente um médico tem condições de orientar o tratamento -- houve muitos alertas na época a propósito de "charlatães" que garantiam curá-la --, o folheto reproduzido pela Sociedade Luz chama a atenção para as curas incompletas, uma vez que pouco depois de se iniciar o tratamento a reação de Wassermann apresenta resultado negativo. Eis aí o outro grande perigo -- a falsa cura:

"El que desoyendo esta advertencia e hiciera correr el peligro de contagio a otras personas, comete un delito que la ley castiga (art. 202 del Código Penal Argentino) ('Será reprimido con una reclusión o prisión de tres a quinze años el que propague una enfermedad peligrosa v. contagiosa para las personas')"⁶³.

Numa linguagem que não dá margem a dúvidas, insiste-se sobre os riscos para a reprodução e para a descendência, seja por infecção direta, seja pela silenciosa transmissão que se dá quando a doença já deixou de apresentar sintomas:

"La sífilis de los padres es la causa más constante de los abortos a repetición, o de que nazcan niños muertos, o de que sobreviviendo sean seres mal desarrollados, enfermizos, destinados a sucumbir o aumentar el número de anormales."

62. "La sífilis. Instrucciones y consejos generales para los enfermos", n. 118, Sociedade Luz, 1930, p. 2. Grifo do original.

63. Idem, p. 4. Grifo do original.

idiotas, dementes, etc. que llenan los hospicios; o de delinquentes degenerados"⁶⁴.

A essas instruções incorporam-se outras relativas expressamente ao tratamento, hegemonizado no período pelas sulfas, em particular sob a forma de "neosalvarsan". Para prevenir inconvenientes durante a fase terapêutica, recomenda-se evitar a fadiga e adotar uma alimentação leve.

Entre os textos mais elaborados, encontra-se o trabalho do médico eugenista norte-americano Oscar D. Meyer, *Sífilis. Uno de los más importantes factores de eugenia y eutenia*⁶⁵, bem como os do professor de medicina francês E. Jeanselme, *La sífilis hereditaria. Sus síntomas y evolución; La sífilis ignorada, desconocida o latente. El pronóstico de la sífilis e La sífilis hereditaria*⁶⁶.

Por razões explicáveis não me deterei na análise de seus pontos de vista sobre a doença. Apenas assinalarei que Meyer, depois de discorrer sobre os danos e a devastação social produzidos pela sífilis, conpenetra-se em pedir a esterilização "del insano, el débil mental, los epilépticos, los imbéciles y los idiotas"⁶⁷. Em todo caso, é uma voz solitária nesse conjunto, provavelmente o único "eugenista negativo" divulgado pela entidade.

Quanto a Jeanselme, discute a transmissão espermatozóidica da doença, pois isso não está devidamente constatado, e, se concorda

64. Idem, p. 5.

65. Sociedad Luz, n. VII da série "El problema sexual", La Vanguardia, 1930.

66. Sociedad Luz, n. 11, 12 e 13 respectivamente da série "El problema sexual", s/d, s/ref. ed. (como se pode ver, a numeração varia entre romana e arábica).

67. C. Meyer, "Sífilis. Uno de los más importantes factores de eugenia y eutenia", op. cit., p. 14.

sobre o quadro de gravidade da hereditariedade, é bastante cauteloso: "La transmisión hereditaria de la sífilis humana no es fatal"⁶⁸. Entre os fatores preventivos e atenuantes acham-se o tratamento precoce, a idade da sífilis dos pais, o estágio em que se encontra a doença; claro está, quanto mais cedo se faz o diagnóstico e o tratamento, melhores probabilidades para o feto e o desenvolvimento da criança.

As preocupações de Giménez com as doenças venéreas levaram-no a legislar na matéria, e a Sociedade Luz encarregou-se de divulgar sua atuação parlamentar. Em 1927, propôs na Câmara de Vereadores portenha o "examen médico voluntario previo al matrimonio", para coibir os enlaces entre portadores das doenças, medida que acabou se impôs⁶⁹.

Em setembro de 1933 -- com o apoio da bancada socialista e de outros membros --, propôs na Câmara de Deputados da Nação uma lei de "profilaxis de las enfermedades venereas" que, além de criar uma repartição especial no Departamento Nacional de Higiene exclusivamente dedicada ao controle dessas doenças, previa mudanças na educação. De fato, além de sugerir que a Faculdade de Medicina implantasse cursos intensivos de venereologia para os médicos⁷⁰, e cursos "populares de divulgación sobre los peligros y la necesidad de la profilaxis de las enfermedades venereas", pedia a introdução

68. E. Jeanselme, "La sífilis hereditaria", p. 4. Grifo do original.

69. Até os dias de hoje é necessário o exame médico pré-nupcial, que deve ser realizado nos hospitais públicos.

70. Artigo 11 do projeto, Sociedad Luz, Dr. Angel M. Giménez, "Profilaxia de las enfermedades venereas", Serie II, t. IX, n. 180, Impr. Fed. Graf. Bonaerense, 1933.

"obligatoria de la educación sexual" em todos os níveis de ensino; outro tanto deveria ocorrer nos "acantonamientos navales y militares"⁷¹.

O dispositivo enquadrava como "ejercicio ilegal de la medicina" a atividade de farmacêuticos, parteiras e dentistas "leigos" que tratassem pacientes⁷². Mas a normativa mais dura propunha modificações no próprio Código Penal, de modo a impedir o casamento aos portadores de doenças venéreas; a medida devia ser complementada pela exigência legal de uma declaração por escrito dos contratantes, na qual "por su honor y su conciencia (*sic*) asegurasen no padecer ninguna enfermedad venerea". Por esse projeto o contágio também podia ser alegado como causa de divórcio⁷³.

O restante do projeto remetia à luta contra a legalidade da prostituição e o proxenetismo.

Como se pôde ver, sob a direção de Giménez a Sociedade Luz postou-se na primeira fila do combate às doenças de transmissão sexual. Mas até que ponto tais doenças constituíam um problema de proporções na sociedade argentina, no transcurso da década de 1920? Já se disse que toda época realiza uma "construção" sintética que absorve, através de um mal, complexos imaginários sociais de ameaças, repulsas e medos; assim ocorreu com a lepra, com a "peste negra", em períodos mais recentes com a sífilis e agora com a Aids. Talvez o mais notável e sombrio seja que essas construções foram cada vez mais se vinculando indissoluvelmente à sexualidade: um

71. Artigo 12, op. cit.

72. Artigo 18, op. cit.

73. Artigos 23 e 24, op. cit.

mesmo arcano reúne as duas principais fontes de temor da humanidade ocidental -- a doença e o sexo.

Não resta dúvida de que as pessoas receavam o tenebroso contágio da sífilis, alertadas pela informação médica incorporada centralmente a entidades próximas aos trabalhadores, como a Sociedade Luz. O que se deveria analisar de perto -- e escapa inteiramente ao meu propósito aqui -- é a pertinência das preocupações de Giménez, a partir dos dados de morbimortalidade do período. Ele mesmo se inconformava porque o *Anuário Demográfico* registrara para 1921 apenas 542 mortes decorrentes da sífilis, entre as quase 121.000 ocorridas no país naquele ano⁷⁴, mas não lhe poderia escapar -- como a ninguém que hoje analise as estatísticas -- que as doenças venéreas vinham recuando. Para insistir quanto à magnitude do perigo, Giménez valia-se dos dados de mortalidade das nosologias, que, segundo ele, identificavam a sífilis em sua etiologia -- algo que já na época se podia reputar absolutamente arbitrário. Por esse critério, computava como diretamente associadas àquela doença as mortes devidas a raquitismo, cânceres, encefalites, meningites, hemorragias cerebrais, afecções do aparelho circulatório, tuberculose e úlceras de estômago... De resto, todas as doenças nervosas e as geniturinárias eram tributadas ao mal.

Isso leva à conclusão de que as pessoas -- e penso sempre nos seguidores da Sociedade Luz -- tinham muita razão em se alarmar com

74. A. M. Giménez, "La lucha antivenerea en la República Argentina", II Congreso Sudamericano de Dermatología y Sifilografía, Montevideo, 1921, cit. por Giménez na fundamentação do projeto de lei de que me ocupei. Op. cit., p. 13.

essa doença odiosa, mas sem dúvida já não tinham tanta aqueles que continuavam a fomentar o temor, quando os números declinavam e a própria medicina fazia progressos na discriminação etiológica das doenças. Certamente, também aqui instalava-se o anacronismo.

A guerra ao álcool

A luta antialcoólica levada a cabo pela Sociedade Luz destaca-se entre todas. Se as preocupações com a temperança remontam aos primeiros anos de atuação da entidade, mais uma vez foi graças a Giménez que adquiriram contornos de proporções, cruzando-se -- com mútuo reforço -- com a luta contra as doenças venéreas. Vejamos alguns antecedentes.

A divulgação relacionada aos perigos físicos, morais e sociais da bebida não faltou na pregação de socialistas e anarquistas: eis uma questão comum às duas correntes, particularmente acentuada na última⁷⁵. Ambas viam no alcoolismo um inimigo que barrava aos trabalhadores a consciência de seus direitos e impedia que se alistassem nas organizações dispostas a reivindicá-los. Freqüentemente a ignorância e os hábitos da bebida foram identificados como mais perigosos que o próprio capitalismo, pois eram os primeiros escolhos à sua visualização. Mais além, entretanto, contava em si mesma a degradação moral, o esmorecimento da disposição para o trabalho, a destruição das famílias, a ameaça à espécie.

75. Cf. D. Barrancos, "Anarquismo, educación y costumbres...", op. cit.

Em 1899, o então estudante de medicina e socialista Augusto Bunge, tomando a si as inquietações da militância, discorreu longamente sobre o alcoolismo aos ouvintes do Centro Socialista Operário. Deve ter feito muito sucesso, pois doze anos depois a Sociedade Luz decidiu reeditar a conferência, "accediendo al pedido constante que se nos hace"⁷⁶. Bunge mencionava o fato de que a loucura, o suicídio e o crime aumentavam nas sociedades, a par do crescimento do "bienestar general". Por que isso acontecia? Porque, se de um lado abriam-se mais escolas, de outro também se abriam mais tabernas. O espectro do alcoolismo erguia-se com seu rastro de seqüelas:

"El alcohol es la causa que enferma y degenera la raza, llena los manicomios, los asilos, las cárceles (...), da hijos que llevan en sus facciones embrutecidas el estigma de la degradación y el crimen; y el alcoholismo, duro es decirlo, es el enemigo misterioso que hace imposible un relativo bienestar de muchos hogares obreros"⁷⁷.

Era preciso, entretanto, distinguir o consumo moderado -- "no hay razón para la abstinencia absoluta", afirmava Bunge -- dos quadros de embriaguez que levavam àquela degradação moral (algo que certamente muito poucos anarquistas teriam, em princípio, aceitado). Bunge estava convencido -- e não sem razão -- de que um trabalhador começava a beber para adquirir mais força, mais energia, e também para afastar a sensação de esgotamento. Um de seus objetivos era demonstrar justamente o oposto: "el alcohol" -- dizia -- "causa agotamiento en lugar de fortalecer", não era uma

76. Augusto Bunge, "El alcoholismo", Sociedad Luz, Tall. Tipogr. Santiago del Estero 1781, 1912, p. 1.

77. Id., ibid., p. 2.

fonte nutriz, muito pelo contrário.

Por facilitar a iniciação, os baixos preços da aguardente representavam um verdadeiro problema -- a par da má qualidade --, começava-se com "algunas copitas diárias" e se ia parar no etilismo; assim, "al trabajo malsano de la fábrica se asocia la pasión de la taberna", assegurava.

Bunge enumerava os diversos órgãos afetados pelo alcoolismo, sobretudo o aparelho digestivo, com graves distúrbios hepáticos. Manifestavam-se diferentes quadros mentais segundo o agravamento do problema, desde pesadelos e alucinações com bestas até o *delirium tremens*, durante o qual o sujeito afetado "treme... huye, grita, se arroja por una ventana".

Um capítulo especial era dedicado à hereditariedade, o "epílogo aterrador", nas palavras de Bunge:

"Los hijos de alcohólicos llevan en su fisionomía física y moral el estigma imborrable del vicio paterno. Es entre ellos que se recluta la inmensa mayoría de los epilépticos, idiotas, (...) la falange mayor de los degenerados: física y moralmente débiles y aún deformes"⁷⁸.

A atuação de leis atávicas era evocada em casos de pessoas normais que um dia, de repente, se entregavam ao vício, impelidas por uma força incontível; aí operavam antepassados alcoólatras. As crianças costumavam ter feições tristes, melancólicas, chegando a tendências suicidas na adolescência. E era possível observar, inclusive, diferenças de estatura nas populações de aldeias, umas inclinadas à bebida por sucessivas gerações, outras não; nestas os

78. Id., *ibid.*, p. 17.

habitantes eram mais altos. A comparação com os países europeus levava-o a dizer que na França havia somente uma taberna por 20 mil habitantes; quanto aos alemães, se bebiam mais que os ingleses, devia-se levar em conta nesse caso o vinho era consumido nas regiões "más pobres de Silesia".

Finalmente, Bunge insistia nas preocupações sobre o baixo preço dos destilados menos nobres consumidos pelos trabalhadores, mesmo por imigrantes acostumados a bons vinhos em seus países de origem, o que era proibitivo na Argentina. Endossava como bastante positiva a alternativa encontrada para os operários na Alemanha, já que a cerveja "es un tónico nada despreciable si se bebe con moderación"⁷⁹. Para devolver o vigor, julgava importante acrescentar mais açúcar à dieta dos trabalhadores, mas não tinha dúvidas quanto à verdadeira receita:

"(O) único remedio radical sería mejorar las condiciones de trabajo y aumentar los salarios (...); la buena alimentación, el organismo bien descansado, libre del hastío de la abominable tarea del taller..."⁸⁰.

Versões do alcoolismo à maneira de Bunge estavam na ordem do dia entre os higienistas do socialismo. Numerosas vezes o público ouvia advertências desse tipo, e elas não faltaram na Sociedade Luz durante o período 1900-1920. Mas foi entre 1925-1926 que a entidade

79. Sobre as mudanças sociais e culturais e os hábitos em relação à bebida nesse país, remeto a Ulrich Wirwa, "La formazione della cultura proletaria del bere: il caso di Amburgo", em "Movimento Operaio e Socialista", 3 Anno, XII, 1989 (Nuova serie), e a M. Grüttner, "Osterie e consumo di alcoolli nella vita quotidiana della classe operaia in Germania (1871-1933)", em "Movimento Operaio e Socialista", n. 1, 1985.

80. A. Bunge, "EL alcoholismo", op. cit., p. 30.

desencadeou uma vigorosa campanha de combate ao etilismo, contando com uma doação especial do próprio Angel M. Giménez para custear folhetos, cartazes, cartelas ilustradas, o que também ocorreu no movimento contra as doenças venéreas.

Os folhetos da série "Guerra al Alcohol!" -- numerados de 1 a 40 -- constituem uma coletânea de parábolas, admonições, poemas, sátiras, dramas, notícias de jornal, reunindo desde autores anônimos a outros tão diversos como Jacinto Benavente e Tolstoi -- figura emblemática da abstinência em todos os campos⁸¹ --, o escritor anarquista Alberto Ghiraldo e Lord Roseberry, Ruskin e Lamennais, Darwin e Joaquín Castellanos (autor local que se celebrizou com o poema "EL borracho"), Jack London (de quem se difundiram as *Memorias de un alcoholista*⁸²) e o líder belga Emilio Vanderveld, o Dr. Bertholet, Guy de Maupassant e Edmundo de Amicis, Dickens e Daudet, Pierre Loti e Benjamin Franklin...

Todas as vozes comungam na denúncia dos danos provocados pelo vício, evidenciam repetidamente os quadros aberrantes, mostram a dissolução e a miséria, ou desenhavam a exemplaridade dos que

81. Cf. D. Barrancos, "Anarquismo, educación y costumbres...", cit.

82. Tradução e adaptação da edição francesa, com prólogo de J. Guillermet, que celebra o autor, vítima do que o próprio London chama o "Dominador". Guillermet incluía esta historietta: "Un día de verano salía de su rancho de California en ese 'Valle de la Luna' (...), el autor había ido a votar a favor del sufragio femenino. Por el calor que hacía, se había embriagado después de copiosas libaciones (...). -- Habéis puesto un sí o un no en la urna?, le preguntó Charmian, la compañera (...). -- Yo he votado SI.

Exclamación de sorpresa. Nunca London había parecido interesarse hasta entonces en esta cuestión de tanta actualidad.

-- Porque -- explicó él -- yo sé que desde que las mujeres voten se opondrán al alcohol (...). Sólo las madres, las mujeres y las hermanas serán capaces de plantar clavos en su féretro". (Sociedad Luz, n. XXI da série "Guerra al alcohol!", Buenos Aires, Impr. La Vanguardia, 1926, p. 3-4).

conseguiram abandonar o álcool, exaltando as vontades dos que não se deixaram aprisionar em suas garras.

No folheto de número 25 o mito de Baco (segundo a leitura de Meunier) é contraposto aos das grandes tradições religiosas -- bem como a outros personagens mitológicos -- que combateram a embriaguez, desde Brahma, Confúcio, Orfeu e Moisés a Jesus Cristo e Maomé, em cujas prescrições se alonga a publicação.

Literatura, opinião de personalidades, sabedoria das grandes religiões e trabalhos médicos, como o do Dr. Juan M. Obarrio, "Efectos del acoholismo en la infancia", disputam nessa trincheira um lugar para as invectivas.

Como era de esperar, Giménez também levou ao plano da sanção legal a repressão ao alcoolismo. Foi precedido em 1907 por Alfredo Palacios e em 1918 por Enrique del Valle Iberlucea -- ambos haviam apresentado projetos requerendo ao Parlamento uma lei que proibisse o comércio de álcool sob determinadas modalidades; a eles somou-se Juan B. Justo, em 1920, propondo que os bancos oficiais (Banco de la Nación e Banco Hipotecario) não abrissem crédito aos fabricantes e comerciantes de certas bebidas alcoólicas. Giménez apresentou seu projeto em setembro de 1932, com o endosso de outros membros da Câmara dos Deputados.

Requeria a proibição da "introducción, elaboración y venta" de bebidas obtidas mediante "fermentados de granos a los que se agrega alcohol", das que continham "extratos aromatizantes o amargos", vinhos tônicos, elixires, licores, aperitivos e os chamados "digestivos". Da proibição só ficariam livres os vinhos fabricados com uvas frescas (sem adição de sacarose ou outros açúcares), as

cervejas elaboradas com malte, as sidras de maçã e pêra frescas e as bebidas à base de alfarroba, milho e amendoim⁸³ com apenas 6% de álcool.

Outro aspecto do projeto era verdadeiramente inovador: os "despachos de bebidas" -- uma longa lista que ia de armazéns a cantinas de quartel -- só poderiam funcionar, devidamente licenciados, na proporção de 1 para cada 5 mil habitantes!, vetando-se o trabalho de mulheres e crianças nesses locais. Declarava-se "obrigatoria" a campanha contra o alcoolismo, devendo o Estado assumi-la através de material didático -- livros, folhetos, diapositivos, filmes --, criando-se nas escolas "grupos juvenis de temperança" (art. 10 do projeto).

Requeriam ainda modificações no Código Civil, para possibilitar o impedimento do matrimônio e a retirada do pátrio poder ao "alcoholista habitual".

Em seguida ao golpe militar de 1930, lembremos, as instituições tentavam a custo recuperar-se e os ventos da direita sopravam forte, levado em conta o contexto internacional⁸⁴. O socialismo enfrentava-se com os setores "nacionalistas" e em geral com os grupos mais conservadores, integrados pelos altos escalões da Igreja e parte significativa do Exército. Daí que Giménez começasse a fundamentação de seu projeto dizendo:

"En momentos en que se desencadena una tempestad de insultos contra el más sano y honesto de los partidos políticos

83. A "chicha" e a "aloja", bebidas típicas da região norte do país.

84. Remeto a Sandra Mc Gee Deutsch, *Counterrevolution in Argentina, 1900-1932. The Patriotic League*, Lincoln, University of Nebraska, 1986.

argentinos, el socialismo (...) presenta un proyecto de represión al alcoholismo en defensa de la salud moral y física del pueblo y por el porvenir de nuestra patria. Ha sido el Partido Socialista en 1896 el que ha iniciado la lucha contra el alcohol..."⁸⁵.

Novamente a pergunta é esta: até que ponto o alcoolismo constituía um problema médico e social nas áreas densamente habitadas por trabalhadores? O próprio Giménez nos oferece pistas para discutir a questão. Em defesa do projeto, apresenta os dados referentes a vítimas de "locura alcohólica" (*sic*) entre os anos 1901-1931, colhidos no Hospicio de las Mercedes, sem dúvida a instituição que abrigava o maior número de doentes mentais na cidade de Buenos Aires.

A análise desses dados indica claramente um declínio no número de pacientes assim diagnosticados: se no início da série representam 58% (495 sobre um total de 853), em 1920 constituem 29% e em 1931, apenas 19%. Quanto ao consumo médio de vinho, há alguma oscilação: em 1900 consumiram-se 37,41 litros por habitante/ano; em 1910, cerca de 60 l/h; mas em 1931 esse índice havia baixado para 50 l/h. Enfim, o único dado que soa mais inquietante -- e aí provavelmente a animosidade de Giménez contra as bebidas menos nobres encontrava algum fundamento -- é a evolução do consumo semanal de bebidas alcoólicas de todo tipo: em 1905 se estava em 2,13 l/h; houve uma baixa em 1910, ano em que não chegou a 2 l/h; subiu em 1915 a 3,21 l/h e mais ainda em 1923 -- último ano da série considerada por Giménez --, chegando a quase 4 litros por

85. A. M. Giménez, "Por la salud física y moral de nuestro pueblo", t. 2, *Obras completas*, Buenos Aires, Impr. Fed. Graf. Bonaerense, 1932, p. 132.

semana.

Mas tudo indica que os padrões de conduta dos setores trabalhadores na Argentina modificaram-se muito durante esses anos, entre outras razões pela mobilidade ascendente possibilitada por salários melhores e mais regulares, num horizonte de franca ampliação do mercado de trabalho. É certo que em outros países essas mudanças produziram desajustes, já que, com melhor remuneração e mais tempo livre, o consumo do álcool aumentou, dando muito trabalho às ligas de temperança. E, tanto quanto o álcool, deve ter sido ameaçador o intercâmbio de idéias e sentimentos a respeito da própria situação de classe, tema em que nos ilustraram sobretudo as análises já clássicas de E. P. Thompson e G. Stedman Jones⁸⁶, a propósito de como os lugares de entretenimento também forjaram uma identidade. Ademais, Hobsbawm nos assinalou que nas regiões de maior produção de vinho, especialmente na França, predominaram as orientações leigas e secularizadas, sempre um auxílio para as idéias socialistas⁸⁷.

A evidência empírica indica que o aumento do alcoolismo não foi um problema nas grandes cidades argentinas. A enorme quantidade de tabernas (ou melhor, de botequins) portenhos parece dever muito a tradições de sociabilidade, experiência de toda a Europa mas de características particulares na área hispânica, onde se "cambia el

86. E. P. Thompson, *La formación de la clase obrera*, Barcelona, Laia, 1977; G. Stedman Jones, *Languages of class. Studies in England working-class history (1832-1982)*, Cambridge, Cambridge University Press, 1983. Para o Brasil, remeto, entre outros, a Sydney Chaloub, *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle-Époque*, S. Paulo, Brasiliense, 1986.

87. E. Hobsbawm, *La era del imperio (1875-1914)*, Barcelona, Labor, 1989.

mundo" em intensos intercâmbios verbais⁸⁸.

Ao examinar a cruzada de Giménez contra o álcool, empreendida quando tantas coisas estavam mudando no país, na vida dos trabalhadores e no próprio socialismo -- que àquela altura, não obstante as restrições à sexualidade, modificou bastante o paradigma normativo-edificante, conceito introduzido por mim para dar conta de seus propósitos político-educativos entre o proletariado⁸⁹ --, volto a constatar certo atraso. Uma cota de anacronismo invade a Sociedade Luz nos anos finais da década de 1920 e projeta-se em direção às seguintes. Anacronismo, mas não trabalho da memória...⁹⁰. Afinal, por que tanto receio? Não haviam sido os bares e cafés as verdadeiras maternidades do mesmo socialismo no país, tanto como de outras correntes que queriam a emancipação do proletariado? O higienismo extremado de Giménez -- um "moderno-integralista" na matéria -- tornou conservadora a Sociedade Luz, mas -- como ocorre com tantos conservantismos -- com paradoxal incapacidade de memória, e portanto com problemas para antecipar-se ao futuro.

88. Remeto a Sandra Gayol, "Vincularse en el Buenos Aires de fines del siglo: despacho de bebidas y cafés, 1860-1910", Tandil, Universidad del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 1993, mimeo.

89. Cf. D. Barrancos, *Cultura, educación y trabajadores...*, op. cit.

90. Sobre o significado social da memória e suas implicações históricas e historiográficas, remeto a Edgar S. De Decca, "Memória e cidadania"; Maria Clementina Pereira Cunha, "Patrimônio histórico e cidadania: uma discussão necessária"; Maria Célia Paoli, "Memória, história e cidadania: o direito ao passado"; Marco Aurélio de Garcia, "Tradição, memória e história dos trabalhadores", em VVAA., *O direito à memória*, S. Paulo, Depto. do Patrimônio Histórico/SMC, 1991.

Capítulo VIII

IMAGENS:
MEDIADORES E DESTINATARIOS

Capítulo VIII

Imagens: mediadores e destinatários

"El pináculo de la Ciencia no es inaccesible; es accesible a cualquiera que estudie, (...) y mucho más accesible es todavía para los militantes de un ideal de justicia e igualdad."

Francisco de Soto, "La Vanguardia", 1907

"¿Por qué no hemos de servirnos de los estudios económicos y sociológicos, de las enseñanzas que sobre la historia del pasado pueden hacernos conocer los llamados intelectuales, desde el momento en que los obreros no estamos en condiciones de realizar semejantes estudios?"

M. Sella, "La Vanguardia", 1907

"La historia está a mitad de camino entre la ciencia y la poesía."

Octavio Paz

Tentei mostrar parte dos conteúdos científicos dos saberes práticos difundidos pela Sociedade Luz e pelo Ateneu Popular, encarnados por mediadores de primeira linha dentro do socialismo, assim como por cultores de campos disciplinares atraídos ao seu propósito. Trata-se em grande medida de didatas produtores de conhecimento, pois, para além das reapropriações, do débito à intertextualidade, é mister reconhecer sua capacidade de criação, por certo diversificada.

Deve-se lembrar a projeção nas ciências e na cultura argentinas de grande parte daqueles divulgadores. Até certo ponto, o perfil desses didatas produtores emerge da objetivação proporcionada por seus textos, e a estes remeto.

Proponho-me agora delinear imagens de um segundo nível de mediadores: trata-se de destinatários que certamente se converteram em multiplicadores de conceitos, enunciados e sentimentos de credibilidade na ciência. Nesses didatas reprodutores confiavam os primeiros para que a ciência, ao final, se difundisse entre o proletariado. Mas desde já aviso que essa distinção conceitual é apenas analítica, discreta e evanescente; corresponde a uma certa maneira de aproximação empírica.

Tais intérpretes puderam intensificar a comunicação nos locais de trabalho, nos cafés, nos piqueniques, nas tertúlias familiares; por vezes, dirigiram-se ao público como conferencistas e mesmo como autores de pequenos artigos -- ainda que se tratasse apenas de "cartas de leitores" -- na imprensa partidária. Provavelmente alguns constituíram quadros, empenhados em ampliar as adesões ao socialismo no auge das campanhas eleitorais; mas, em essência, discutiram, enfureceram-se e mostraram-se entusiasmados ao proclamar idéias secularizadas, sobretudo ali onde transcorriam os programas de instrução popular.

É necessário recorrer ao método "indicial" -- como propõe Ginzburg¹ -- para a reconstrução de suas identidades, seguir pistas e imaginar configurações de idéias-sentimentos. Alguns rastros nos desafiam a partir das nove fichas remanescentes de sócios da Sociedade Luz desde sua criação até 1933². Essa pequena amostra informa a respeito da adesão de um trabalhador "herramentista" (por

1. C. Ginzburg, "Señales: raíces de un paradigma indiciario", em Aldo Gurgari (org.), *Crisis de la razón. Nuevos modelos entre las relaciones de saber y la actividad humana*, México, Siglo XXI, 1983.
 2. Registro de sócios da Sociedade Luz.

certo, fabricava ferramentas), um desenhista, quatro "empleados", um ferroviário e um estudante. Deste último estão preservadas, na verdade, duas fichas, uma correspondente ao seu ingresso em 1917 e outra, à sua reincorporação dez anos mais tarde: trata-se de Andrés Justo, o filho de Juan B. Justo, e assim se explica o zelo em preservá-las³.

De alguns se conhecem outras circunstâncias biográficas. Manuel Palacín, que figura como "empleado" (1924), projetou-se no Partido e escreveu-lhe os anais. José Bogliolo, também "empleado", era um militante conhecido em 1933, embora circunscrito a atividades de bairro. Santiago Fassi, que em 1910 declarou ser "empleado" e ter 18 anos, pulou a cerca: filiou-se à União Cívica Radical e chegou a deputado nacional.

As fichas remanescentes informam sobre nacionalidades: dois sócios são espanhóis, um deles naturalizado (o ferroviário). E sobre idades: o mais jovem dos ingressantes tem 16 anos -- o filho de Justo --, enquanto os dois mais velhos têm 43 anos (um deles é Bogliolo). A maioria está acima dos 25.

Esse micro-repertório não contradiz outros signos e sinais, a longa evidência empírica que situa a maior penetração do socialismo entre os grupos de trabalhadores mais qualificados e parcelas pequeno-burguesas. É por aí que se encontra -- com alta probabilidade -- a identidade social dos receptores fiéis à divulgação científica, e logo os didatas reprodutores.

Outras pistas provêm das publicações. Embora o "La Vanguardia"

3. Andrés Justo consta como estudante na ficha de 1917, mas não se esclarece sua profissão na de 1927.

tenha adotado um estilo pouco propenso a abrigar a "livre participação" -- provavelmente por receio, tanto das confusões conceituais como dos erros ortográficos⁴ --, manteve por certo tempo uma coluna destinada às cartas dos leitores. Assim, Francisco de Soto, dirigindo-se sobretudo aos jovens de famílias trabalhadoras, escreve com o objetivo de reforçar nestes o que dá por certo: a "necesidad imperiosa de instrucción". A escritura segue um pesado padrão castiço, de onde é fácil inferir que Soto não é outra coisa senão espanhol de origem. Vejamos como se expressa:

"(...) Vosotros, los que tenéis por filosofía religiosa la Ciencia pura, los que destrozáis los mitos de esas religiones absurdas que para oprobio de nuestro siglo aun existen; a vosotros rebeldes intransigentes os digo: abandonad todos los prejuicios que os incubaron, abandonad esos antros de envenenamiento que se llaman hipódromos, garitos, frontones, prostíbulos y estudiad mucho, muchísimo..."⁵

Essas linhas resumem exemplarmente as axialidades da ciência que destaquei na introdução destes ensaios; Soto põe em evidência seu agudo sentimento de que a ciência canaliza o conteúdo da fé, transformada em religião da secularidade e em supremo mandamento moral. Como ocorre com a deidade -- remota e estranha --, mesmo estando no "pináculo" ela é também acessível, assim assevera o autor na epígrafe deste capítulo. Se bem que não lhe escapem os empecilhos:

4. Sem dúvida, uma diferença em relação à imprensa anarquista, na qual é fácil constatar a "invasão" do leitor, o que muitas vezes foi um verdadeiro problema.

5. F.de Soto, "Voluntad. A la juventud socialista", LV, 24/abril/1907.

"El hijo de un humilde obrero nunca podría ser un químico, geógrafo o sociólogo, poseer cualquier otra ciencia, salvo que se instruyera por sí solo, estudiando sobre libros o formando centros de estudios sociales en compañía de otros jóvenes. Eso es lo que deben hacer"⁶.

Se para Soto o programa de instrução científica, mais que um desafio, é um "dever ser", outro didata a serviço do socialismo encontra algumas dificuldades. Trata-se de V. Kuen, que, chamado a fazer conferências no circuito partidário, enfrenta o que percebe como caos de forma e fundo nos programas de instrução.

"Llamo la atención" -- diz -- "sobre la inutilidad educativa en sí, más bien perjudicial si no se ordenan y conectan las conferencias (...), especialmente las doctrinarias"⁷.

Creio estarmos diante de uma pessoa cautelosa, provavelmente mais exposta ao debate, em cujas lides sentiu a importância de uma estratégia pedagógica "regrada", para que "los escritos de los compañeros, como sus conferencias" sejam verdadeiras "lecciones". Preocupa-o que tais esforços "influyan más o menos convincentemente sobre el ánimo y conciencia de los simpatizantes". E essa tarefa não pode ser realizada sobre a base da desordem, da "improvisação". Pode-se inferir que está crescendo o número de didatas reprodutores, com a incorporação de jovens que provavelmente recriam com bastante autonomia o que ouvem e, ao enfrentar o público, "improvisam".

6. Id., *ibid.*

7. V. Kuen, "Nuestras cosas", LV, 14/abril/1907.

"Y si no, veamos lo que deben enseñar todos estos jóvenes oradores que tenemos que de resultados de lo que dicen, se constata que no leen, que no estudian, que no tienen experiencia de la vida, y menos de la vida proletaria en sí"⁸.

Nota incisiva, que convida a refletir sobre questões já ventiladas: a cultura letrada se resolve essencialmente como processos de intercâmbios orais, com a copresença do emissor e do receptor, sendo desnecessária a confirmação recursiva da escritura, pois é dado como certo que se "habla por los libros". O que o didata Kuen certamente reclama é recursividade, ordenamento pelo texto, argumentação disciplinada. Os atos de ressignificação oral são avessos ao texto, de tal maneira que nosso preocupado Kuen adverte estarem os bens culturais ameaçados pelo mesmo processo de circularidade.

Outra vertente de preocupações pode estar representada pelo militante M. Sella, que comenta o opúsculo de Angel Vaccaro *La lucha por la existencia y sus efectos en la humanidad*. Ao que parece, ambos -- autor e comentarista -- colocam-se na crista da onda difusora das teses evolucionistas e se mostram pesarosos quanto ao fracasso da "seleção natural". Torna-se necessário admitir

"...la dolorosa e inaceptable constatación de que en el transcurso del tiempo no se ha operado lo que Darwin ha llamado selección natural. No han sobrevivido los mejores, física, moral e intelectualmente, sino que se ha hecho una selección al revés"⁹.

8. Id., *ibid.*

9. M. Sella, "Los antiintelectuales", LV, 26/janeiro/1907.

É fácil concluir que Sella lança dardos contra a recém-surgida corrente "sindicalista revolucionária" -- ainda que não a nomeie -- , apoiando-se em argumentações tributárias das leis maiores da evolução para contrariar as posições daquela corrente. Como já foi visto, não são poucos os "transformistas" céticos quanto à sobrevivência dos "melhores" -- a própria classificação, insisto, é uma distorção de Darwin --, mas, no caso, Sella adverte sobre como o risco aumenta pela ação dos que repelem os intelectuais de suas fileiras¹⁰. Quem pode duvidar de que estes se acham no ponto mais elevado a que pode chegar o processo seletivo? Interroga então sobre as prevenções dos "antiintelectuais"; elas não se deveriam ao

"...ingenuo temor de que dada su superioridad mental pueden ejercer sobre el trabajador una dominación moral? ¿Puede acaso evitarse y de qué manera? ¿Eliminando a los intelectuales del movimiento obrero, negándose a servirse de su cooperación, no aceptando su concurso en la lucha y emancipación del proletariado?"¹¹

Para Sella, o fundamental é que o proletariado possa absorver tudo o que lhe sirva "para elevar su capacidad mental" e portanto não cabe discriminar -- assim como não se pergunta a "raza o nación" --, contanto que o "proceder demuestre ser sincero y desinteresado". Não há razão para recusar os ensinamentos dos

10. Como é sabido, o "sindicalismo revolucionário", ou "sindicalismo de ação direta", recusou a participação dos intelectuais no movimento operário. Entre outros trabalhos, ver Jacques Julliard, "Sorel, Rousseau et la Révolution Française", "Cahiers George Sorel", n. 3, 1985. Para a Argentina, onde a corrente se projetou e se metamorfoseou de maneira significativa, remeto ao trabalho de minha autoria "Cultura y educación en el temprano 'sindicalismo revolucionario'", em *Anuario*, Escuela de Historia, Facultad de Humanidades y Artes, Universidad de Rosario, 2ª Época, n.14, 1989-1990.

11. M. Sella, "Los antiintelectuales", op. cit.

intelectuais, pois, como interroga na epígrafe do capítulo, quem poderia substituir seu saber no meio operário, de que ele mesmo é oriundo?

O parágrafo final transmite uma convicção tranqüilizadora, visto que

"por fortuna la mayoría de los obreros no obran de esta manera. Todo lo contrario, procuran asimilar todos los conocimientos que se elaboran en las diferentes manifestaciones del pensamiento".

Desconfiança em relação à "cegueira" da natureza, que nem sempre coroa a evolução com o triunfo dos mais qualificados, mas confiança nas retificações, se se têm os olhos abertos; os trabalhadores permanecerão fiéis à maior instrução científica, que não pode provir senão daquele grupo. Não teríamos com Sella um integrante pleno dos didatas reprodutores, sendo relativamente fácil identificá-lo entre os que puxam a carroça?

A luz sobre esses mediadores aumenta, quando nos deparamos com suas impressões a respeito de acontecimentos diretamente ligados à vida das instituições culturais do socialismo. Adolfo L. Macchi -- assíduo participante dos programas do Ateneu Popular -- encontra-se no círculo dos que sentem a necessidade de escrever sobre as experiências que vive nas visitas passeios e didáticos organizados pelo Ateneu Popular. Felizmente foi pródigo na matéria.

A visita que faz ao Museu de Belas Artes na tarde de 22 de setembro de 1912, um domingo, inspira-lhe uma crônica em "Humanidad Nueva" onde relata seus sentimentos, a começar pelo "ambiente agradable" propiciado pelas "cerca de noventa personas", pois

"entre nosotros, los obreros, se hallaban también muchos estudiantes"¹².

Impressionado com a versatilidade e cultura do guia de seu grupo, o estudante de arte e conferencista do Ateneu Popular Oreste de Zeo -- que, ao analisar as obras de arte, ressaltou como cada uma delas condensa o caráter do autor --, Macchi revela:

"En ese momento, al oír semejantes palabras, yo recordaba el hermoso estudio del doctor Paolo Mantegazza¹³ (...), 'I caratteri umani', en cuya página 29 dice: 'Voi sarete giudicati dalle vostre opere'. En dicho libro se estudia el carácter como expresión del sistema nervioso central y sus diversas manifestaciones. Entonces yo al observar ao señor de Zeo con sus modales francos y amenos, me lo figuraba como el verdadero artista, con sus aptitudes especiales para ello"¹⁴.

Eis uma amostra de saberes científicos e artísticos do certamente italiano Macchi, resultado de uma inclinação autodidata auxiliada pelos programas de agências como as que estão em foco. O texto de Macchi traz um autor incorporado graças aos mediadores de escalões mais altos, e interpreta-o seja em leitura de primeira mão, seja por intercâmbios com companheiros, seja através das publicações periódicas partidárias e de outras correntes do proletariado¹⁵, ou ainda via jornais de grande circulação. Estamos

12. Adolfo L. Macchi, "La visita al Museo de Bellas Artes", em "Humanidad Nueva", 1912, t. V, p. 476-478.

13. Paolo Mantegazza teve grande difusão, tanto entre socialistas como entre anarquistas, assim como na área acadêmica e junto ao grande público.

14. A. Macchi, "La visita al Museo de Bellas Artes", cit.

15. Não era incomum que mesmo os adeptos e simpatizantes socialistas lessem "La Protesta", o principal jornal anarquista. Constatar o inverso já é mais difícil. Em outras latitudes também se observa a maciça aceitação da imprensa por parte do proletariado, à medida que se dissemina a alfabetização. Sobre a difusão da imprensa socialista -- no sentido mais amplo do termo -- na França, remeto ao número especial de "Cahiers George Sorel",

diante de sujeitos que não só não desprezam nenhuma fonte, como se acham particularmente sintonizados com a "grande imprensa", de indiscutível hegemonia; embora denunciada como expressão das classes dominantes, os didatas reprodutores não deixam de lê-la.

Zelosos -- quase sem dúvida -- das "fontes verdadeiras" e de uma "correta assimilação" do conhecimento, encontram-se entre os que melhor expressam uma combinação heterodoxa, inquantificável, de estímulos à reinterpretação. Se constituem uma ponte entre os didatas produtores (os que sabem) e as massas menos letradas, e até se sentem na obrigação de custodiar as "diferenças" -- para tornar mais respeitável o próprio papel que desempenham --, não resta dúvida de que sua principal transformação está radicada na capacidade reinterpretação e necessariamente deformadora dos "mestres". Nesse grupo encontra-se uma chave das reciprocidades -- ainda que reconhecendo a complexidade empírica e conceitual do diálogo -- entre a "história intelectual-cultural" e a "história das mentalidades", tal como enfatizaram Chartier¹⁶, Ginzburg¹⁷ e, não obstante algumas ressalvas, também Darnton¹⁸.

"Les réves dans la vie intellectuelle - 1885-1914", n. 5, 1987, particularmente os trabalhos de Madeleine Rebérioux, "La Révue Socialiste"; Jacques Julliard, "L'ouvrier des deux mondes"; e Marion de Flers, "Le mouvement socialiste (1899-1914)".

16. R. Chartier, "Histoire intellectuelle et histoire des mentalités. Trajectoire et questions", Journée Histoire des Sciences et Mentalités, "Révue de Synthèse", n. 111-112, juil./dec. 1983, e *Les origines culturelles de la Révolution Française*, Paris, Seuil, 1991.

17. C. Ginzburg, *El queso y los gusanos*, Barcelona, Muchnik, 1989.

18. R. Darnton inclui na "história intelectual" (*intellectual history*) desde o mais "alto", a "história das idéias", até as formas culturais antropológicas e anônimas, as "*mentalités*". Ver do autor "Intellectual and cultural history", em M. Kammer (org.), *The past before us: contemporary history writing in the United States*, Cornell, Cornell University Press, 1980. Darnton, Pierre Bourdieu e o próprio Chartier realizaram uma interessante discussão sobre

Em outra ocasião, Macchi descreve a visita a uma das mais importantes fábricas de calçados, a de Pagola e Martínez, que emprega quase setecentos operários. Não deixa de se irritar ao observar que um dos proprietários -- Pagola, que os acompanha ao longo do percurso -- parece ter mais consideração pelo saber de determinados operários, quando são "indispensables desde el más humilde de los obreros hasta el más célebre de los sabios".

"Sí, no es en el más capaz en quien debemos poner nuestra consideración, sino tener alto, y bien alto!, el concepto de que quien nos lleva a disfrutar de las comodidades de la vida es la ayuda mutua. Sí, porque con nuestro esfuerzo de productores, contribuimos en nuestra esfera de acción a la felicidad de la gran familia humana, satisfaciendo las necesidades del hombre civilizado, en pacto de la solidaridad social"¹⁹.

A crônica evidencia o espírito observador de Macchi, que passa em revista as diferentes fases do processo de trabalho, admirando a tecnologia que estão tendo oportunidade de conhecer, celebrando a comunicação que se estabelece quando os próprios operários ilustram o grupo visitante -- composto em sua maioria por trabalhadores, segundo o relato -- a respeito de suas tarefas.

Mas, para o objetivo central desta pesquisa, adquire particular ressonância o texto de Macchi sobre a excursão realizada em fins de 1911 à cidade de La Plata, para visitar diferentes locais destinados ao que-fazer científico e acadêmico. Em 12 de novembro, domingo, ao meio-dia, concentram-se na estação de trem

"história cultural", conceito que ao final julgo mais adequado; "Dialogue à propos de l'histoire culturelle", em "Actes de la Recherche", n. 59, set. 1985.

19. Adolfo L. Macchi, "Visita a la fábrica de Pagola y Martínez", "Humanidad Nueva", 1912, t. V., p. 328-330.

Constitución

"como 100 personas, en su casi totalidad obreros a los cuales se les veía cierta expresión de alegría y satisfacción. De cuando en cuando oíase alguna voz que exclamaba: 'Vamos a La Plata!'. Si alguien interpelaba: 'A qué?', se le contestaba: 'A ver el Museo, el Observatorio, la Universidad'"²⁰

O texto transpira, com toda a obviedade, o orgulhoso sentimento de participar de uma liturgia que parece destinada apenas a um grupo de eleitos. Vale a pena nos determos na seguinte passagem e atentar para o arremate da linha de argumentação:

"Se dice que nosotros, los obreros, no tenemos necesidad de conocimientos científicos, técnicos y demás; porque somos incapaces de aceptarlos y nos mostramos al mismo tiempo indiferentes.

"Cuán equivocados están los que así razonan!

"Mezquinos intereses tal vez los obligan a ellos. Bastaría ver la reunión del domingo para desengañarse y comprender cómo nosotros, aunque obreros, amamos el Arte y la Ciencia venerándola como se debe"²¹.

Integram o grupo, além dos alunos do Ateneu Popular, os da Universidade Popular Alberdi, acompanhados, entre outros, pelo próprio Enrique del Valle Iberlucea.

Em La Plata, a primeira abordagem é ao prestigioso Colégio Nacional, vinculado à Universidade Nacional de La Plata. Ali Macchi reencontra o conhecido pedagogo Ernesto Nelson²², que conhecera há alguns dias, "al oír su conferencia sobre 'Nuestro clima' (...) en el Centro Republicano Español bajo el patrocinio del Ateneo

20. Adolfo L. Macchi, "Impresiones de un obrero", "Humanidad Nueva", 1911, t. IV, p. 576-579.

21. Id., ibid.

22. Figura de projeção na educação pública argentina, diretor do internato desse organismo educativo.

Popular".

O grupo percorre primeiro o setor de alunos internos, um alojamento que lhes parece plenamente funcional dados os objetivos da casa. É del Valle Iberlucea quem ciceroneia o grupo nos espaços destinados ao estudo das ciências, "con palabra elocuente" são introduzidos nos gabinetes de geografia, física e química.

Em seguida dirigem-se ao Observatório Astronômico: "De mi parte" -- exclama Macchi -- "con todo el corazón ansiaba verlo!". Meca de diversas excitações em matéria de contato direto com "o desconhecido", o Observatório se abre aos visitantes. Começam pelo pavilhão do Gran Ecuatorial, onde um técnico, "el sr. Collo, con suma amabilidad (...) y con su lenguaje mezcla de Italiano y Castellano, pero que muy bien se hacía comprender", ilustra-os sobre o "mecanismo complicadísimo para nosotros del Anteojo Astronómico" e sobre o movimento giratório das abóbadas, acionadas por um mecanismo elétrico.

"Pero como se debía entrar de a 10 personas por vez, siendo el local pequeño para dar cabida a todos, con mi mayor dolor tuve que retirarme para que otros pudieran ver; me quedé con ganas de saber; tengo intención de volver; como sé que los viernes de 8 a 11 p.m. son días de visitas para el público, iré y tendré el consuelo de observar y darme cuenta mejor"²³.

O reconhecimento prossegue com o pavilhão do Sismógrafo (Macchi lamenta que aqui as explicações lhe tenham parecido confusas, pois, sendo necessário deixar entrar sucessivos grupos, perdeu trechos da exposição). Encaminham-se ao Meridiano, onde outro técnico (de sobrenome Gómez), também com "suma cortesía y

23. Adolfo L. Macchi, "Impresiones de un obrero", cit.

paciencia a toda prueba", explica sua utilidade e funcionamento. A etapa final no Observatório é uma visita à oficina mecânica, onde se consertam os equipamentos. Macchi agradece "con toda el alma" (*sic*) a ilustração propiciada por ambos os técnicos.

A próxima estação científica é o Museu de História Natural, onde o "incansable" (*sic*) del Valle Iberlucea dá explicações a inúmeras perguntas. Percorrem a sala de antropologia, "con sus hermosas colecciones de esqueletos y tipos humanos", a de zoologia e a sem dúvida comovedora sala de paleontologia,

"donde se conserva la colección de fósiles de la pampa recorrida por el inmortal sabio Dr. Florentino Ameghino. "En la Sala de Paleontología yo, por mi parte, observé el esqueleto del Gliptodon, del Tenedon y parte del gigantesco Mastodonte."24

A visita continua nas salas de mineralogia e geologia, na biblioteca de ciências naturais.

Fazem parte do roteiro a Escola de Química e de Farmácia da Universidade, o laboratório de química do Dr. Herrera Ducloux, outros gabinetes e departamentos, "y tanto más hemos visto que yo en este momento no recuerdo", confessa nosso cronista.

Os excursionistas não regressam sem passar pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais; numa das espaçosas salas, admiram o quadro de Florentino Ameghino (Macchi volta a destacar a figura), passando por fim a um salão destinado às aulas de "extensão universitária" da Universidade. A noite se aproxima, é preciso voltar a Buenos Aires. Muitas coisas não puderam ser vistas, o que

24. Id., *ibid.*

Macchi lamenta,

"porque representan el esfuerzo de la actividad humana en la conquista de la felicidad general, que yo concibo en cultura y educación".

A essa altura do texto inspira-se em Horacio Damianovich -- sendo evidente, pois, que nosso homem reconhece na Sociedade Luz uma marca --, lembrando o discurso que aquele pronunciou na abertura dos cursos da entidade em 1908, quando instou os operários a serem estudiosos, para "hallar la clave de muchos problemas y el alivio de muchos sufrimientos". Macchi afirma idêntica certeza:

"Oh!, si la mayoría de nosotros siguiéramos (...) el consejo, por cierto que la justicia ya hubiera brillado en nuestro horizonte"²⁵.

Esse adepto dos organismos socialistas, e certamente um convicto multiplicador de seus esforços, não vacila em respaldar, sobretudo, a divulgação das ciências. De fato, em 1912 o Ateneu Popular realiza uma enquete entre os freqüentadores de seus cursos, a fim de orientar-se em matéria de programas -- pois deve haver divergências entre os diretores. Pretende-se obter respostas sobre quatro itens: a) influência que os conhecimentos ministrados têm sobre o povo; b) qual é o ensino mais vantajoso, o de tipo "práctico" ou a "orientación de ideas y cultura general"; c) como se poderia conseguir maior intercâmbio entre alunos e professores; e d) qual deve ser a orientação: vulgarização científica ou difusão artístico-literária²⁶.

25. Id., *ibid.*

26. "Humanidad Nueva", 1912, t. V, p. 18.

Entre os que responderam, há unanimidade sobre a influência benéfica dessa instrução junto ao povo; há disparidade quanto à segunda questão -- alguns se inclinam pelos conteúdos práticos, outros pelos gerais, enquanto não faltam os que sustentam serem ambos igualmente importantes; sugerem-se medidas como conversar com os alunos durante ou depois das aulas, para estabelecer um melhor intercâmbio com os professores, ou usar também as escolas para ampliar o acesso dos operários²⁷.

Com relação ao último item, surpreende a unanimidade a favor da divulgação de conhecimentos científicos -- ainda que devamos ser bastante cautelosos, pois as respostas publicadas provavelmente constituem um grupo selecionado em que se impôs determinado ponto de vista da entidade. Mas aqui voltamos a Macchi; vejamos como respondeu, contundente numa ilação praticamente sem pontos ou vírgulas e que ressoa como síntese dos sentimentos do período:

"Estoy convencidísimo de que los cursos de vulgarización científica son superiores a los de carácter artístico o literario, aunque estos últimos los creo necesarios de cuando en cuando para distracción de nuestro espíritu e inteligencia, porque es bueno admirar lo bello en las obras humanas.

27. O autor da resposta, F. Molinari, diz: "El acercamiento entre alumnos y profesores se obtiene más fácilmente haciendo durante las clases o una vez terminadas, preguntas sobre las materias que se han tratado. En esa forma se presta más atención y no vemos en los profesores seres diferentes de nosotros, con los cuales tememos familiarizarnos, suponiéndonos inferiores a ellos (...). Influye mucho para desvanecer esos prejuicios las excursiones, como la ya verificada a La Plata (...). Viendo en los profesores, compañeros de viaje, amigos que nos instruyen y que nos refrenan muchos vicios". Por sua vez, J. Dunau escreve: "Usando los locales de las escuelas públicas para conferencias nocturnas y vespertinas, encausando así (...) hacia la escuela, centro de la civilización moderna, sucedáneo del templo -- palenque moral éste de la barbarie que aún perdura -- las tendencias humanas, estancadas en el marasmo de los pueblos indolentes". "Humanidad Nueva", 1912, t.V, p. 24. Não pude encontrar dados sobre esses trabalhadores.

"La razón de mi preferencia es que la enseñanza o vulgarización científica tiene la ventaja de dar al pueblo aquellas nociones que están basadas en la experiencia y el raciocinio profundo de las cosas, necesario para el mejor desenvolvimiento individual en la sociedad y capacitarlo, de este modo, para la conquista de aquel hermoso ideal que es la Justicia basada en la Ciencia y la conciencia humana, que será la que se llevará a cabo en la sociedad del porvenir"²⁸.

As pistas do mediador Adolfo L. Macchi felizmente não são escassas; ele se aproxima bastante do modelo exemplar que procuramos encontrar nos didatas reprodutores do socialismo: recrutamento na base social dos trabalhadores qualificados -- apostado que era operário especializado --, competência letrada, comunhão "cientista", confiança no futuro. A série ciência = socialismo = justiça = renovação moral encarna-se em Macchi como um apotegma.

Outra fórmula de mediadores pode provir de intercâmbios heterodoxos entre socialismo/anarquismo, em se tratando exclusivamente de "frente cultural". Por certo não é a mais comum, mas não se pode recusar a hipótese diante de alguém como o operário Natal de Barbieri. Ele freqüentará os ciclos de conferências da Liga de Educação Racionalista -- patrocinada por simpatizantes anarquistas com o aval de figuras proeminentes do socialismo²⁹ --, não sendo difícil reconhecer-lhe inscrição libertária. Mas em seu caso fala mais alto a obrigação de ilustrar-se; quem adere às doutrinas sociais estabelece para si o compromisso de elevar a consciência operária, sem importar muito em qual campo se está. Esse supremo objetivo inicia-se com a recusa aos dogmas da Igreja e

28. Adolfo L. Macchi, "Humanidad Nueva", 1912, t. V, p. 25.

29. Remeto ao trabalho de minha autoria *Anarquismo, educación y trabajadores...*, cit.

com a aceitação das verdades da ciência mediante o trabalho da razão. Por isso Barbieri não hesita em freqüentar as programações do Ateneu Popular -- e provavelmente da Sociedade Luz --, que devem ter contribuído para sua formação como didata, pois mais tarde chegará a ministrar cursos na Liga. Assim, interrogado na enquete que venho abordando, inclina-se pela difusão do conhecimento científico:

"Prefiero los cursos de vulgarización científica a los literarios y artísticos; más aún, considero aquellos muy necesarios y éstos de poca utilidad.

"Y esto porque si bien el Arte ennoblece, mejora y eleva al individuo, más necesidad se tiene de la Ciencia, sin la cual el Arte es sólo un vaso vacío, y además porque es achaque común de los pueblos meridionales, mal llamados latinos, el gusto por lo bello, brillante y atrayente, aunque a menudo hueco, y la aversión a la Ciencia, severa y difícil de adquirir, pero absolutamente necesaria, ya que es la substancia, no siendo el Arte sino la forma. Y porque en este país, quizás más que en otro ninguno, los obreros demuestran generalmente una lamentable ignorancia, hija de la indiferencia con que se miran los conocimientos científicos"³⁰.

Barbieri, como se vê, maximiza o tom de respeitabilidade que o diferencia da massa e até atribui a certa geografia étnica a atração pelo vácuo, pelo superficial e pelo decorativo que identifica na cultura proletária...

No perfil desses mediadores provavelmente se encaixa M. F. Landeira, e seu caso incrementa o plano conjectural. Entre os numerosos textos que reuniu encontra-se o de Camilo Meyer, *Conferencias de astronomía popular*³¹, ao qual o leitor Landeira,

30. "Humanidad Nueva", cit., p. 25.

31. M. F. Landeira doou seu acervo à Biblioteca Obrera Juan B. Justo. O exemplar que lhe pertenceu serviu de base à pesquisa do capítulo V.

identificado com o socialismo, agregou cerca de quarenta recortes de jornal (datados a mão por ele mesmo) referentes à temática do livro. Essa paciente tarefa de compilação transporta-nos à persistência de um *habitus*, à repercussão conquistada pelo saber científico entre alguns grupos sociais, numa época em que a capacidade de subjugação deste saber já se havia reduzido. Porque Landeira reúne essas notas entre 1934 e 1935, quando a ciência perdera a eficácia convocante dos primeiros ciclos bem-sucedidos da Sociedade Luz e do Ateneu Popular, eclipsados à medida que correm os anos 1920.

As pesquisas de Sarlo³² assinalam bem o deslocamento: é o encantamento com a técnica o que dispara na sociedade argentina no período entre-guerras. A onda estende-se desde os cultores mais exigentes -- que "profissionalizam" os *hobbies* -- até o setores populares sintonizados com a aventura da invenção, graças sobretudo à imprensa, cada vez mais lida por uma população urbana na qual o número de analfabetos se reduziu de maneira notável.

Mas, bem observada, a série de notas selecionadas por Landeira é tributária tanto da ciência quanto da técnica. Correspondem em grande parte à divulgação do "astrónomo y meteorólogo" Martín Gil, que alcançou notoriedade em vastos setores do público -- mas provavelmente não tanto na área acadêmica -- graças às suas contribuições jornalísticas. Um trabalho seu, "Piedras de arriba y de abajo", foi objeto de publicação pela própria Sociedade Luz em 1916; de sua leitura conclui-se que a busca científica depara-se

32. Beatriz Sarlo, *La imaginación técnica. Sueños de modernidad en la cultura argentina*, Buenos Aires, Nueva Visión, 1992.

com a queda de meteoritos (as pedras de cima), o que pode ser explicado por leis, e com atitudes não-secularizadas, acientíficas (as pedras de baixo). Até onde pude saber, Gil não foi socialista, ainda que um de seus textos recolhidos por Landeira inicie justamente com um jogo de sutilezas sobre os "fenômenos" que está tendo oportunidade de observar, como o "sugestivo fenómeno político-social socialista", aludindo ao caudal de votos obtidos pelo Partido nas últimas eleições³³.

Gil era sobretudo um divulgador de notícias tanto científicas como técnicas; em seu sistema de "crenças", a chave do Universo estava dada pelo sol, cujo comportamento o obcecava. As manchas solares, bem como sua evolução cíclica de aproximadamente onze anos, deviam pôr de sobreaviso o nosso planeta: elas suscitavam desde movimentos telúricos e sísmicos até notórias epidemias, pois, segundo acreditava Gil, desencadeavam uma atuação especial dos agentes infecciosos.

Algumas vezes remontava à história da percepção dos fenômenos astronômicos e à comprovação da efetividade de tais percepções. Costumava referir-se a mitos, como a idéia de que nos momentos de maior proximidade entre o planeta Marte e o sol ocorriam guerras: se isso era verdade, dever-se-ia esperar alguma guerra entre 1937-1939... (Certamente, não houve erro nisso!) Sua habilidade comunicacional -- empregava um estilo coloquial, ameno e compreensível -- consistia em mesclar recursos científicos com percepções cotidianas, prognósticos e medidas práticas para evitar

33. Martín Gil, "Marte y la guerra", jornal "La Nación", 12/abril/1935, Fondo M. F. Landeira, cit.

os efeitos meteorológicos, sem excluir uma dose mística: no fim das contas, não deixava de existir o arcano³⁴.

E, embora advertisse sobre os perigos do "charlatanismo", tanto ou mais preocupava-o o ceticismo que rondava a coletividade humana, com endosso de certas cabeças ilustradas. O descrédito da ciência estava à vista, esta "ha pasado de ser fe viva social, a ser casi despreciada por la colectividad"³⁵, e isso se devia em grande parte à abundância de "gente imbecil" (*sic*).

Tenho a impressão de que também Landeira -- que estudou regularmente e chegou a exercer a docência, ao que pude saber -- encaixa-se na categoria dos destinatários que se tornam didatas. Hospedada nos interstícios das conferências de Meyer -- cujas noções ajuda a completar --, sua construção de uma cotextualidade constitui um exemplo do modo como circula a cultura, apagando as fronteiras entre produtor/reprodutor, criador/consumidor, emissor/receptor. Landeira certamente é um triangulador, reúne outras procedências sem que ele mesmo intervenha -- conserva-se de sua escritura apenas um pequeno bilhete --, mas nem por isso é menos criativo. Gestou um texto novo, uma interpretação que tem a sua marca, e devemos suspeitar que isso ocorre com todos os processos de subjetivação da cultura. Assim o viram com lucidez de Certau e seu comentarista Chartier; também o nosso leitor "ne prend ni la place de l'auteur ni une place d'auteur. Il invente (...) autre

34. Em "Alrededor del gigante", diz: "(...) En lo desconocido va incluída la idea de la suerte, uno de los grandes tónicos del espíritu. El misticismo de la suerte, creo debe ser inculcado desde la escuela y cultivado por todos durante toda la vida; vale decir la esperanza...", "La Nación", 14/dezembro/1934, coleção citada.

35. M. Gil, "Notas al margen", "La Nación", 12/janeiro/1935, coleção citada.

chose que ce qui était leur "intention" -- sustenta de Certau³⁶.

Chartier acrescenta:

"Conçus comme un espace ouvert aux lectures multiples, les textes (mais aussi toutes les catégories d'images) ne peuvent donc être appréhendés ni comme des objets dont il suffirait de réperer la distribution, ni comme des entités dont la signification se dirait sur le mode de l'universel, mais pris dans le réseau contradictoire des utilisations qui les ont historiquement constituées"³⁷.

Cabe concluir, então, que Landeira não foi exatamente um sujeito passivo da cultura científica -- e portanto duplamente letrada -- com a qual se identificou; suas pegadas nos permitem pressupor que devemos adjudicar-lhe inteira criatividade na decomposição/ recomposição de impressões intelectuais, o que talvez tenha modelado uma faceta decisiva de sua personalidade.

Duas testemunhas auxiliam este exercício de reconstrução de identidades. Ambas provavelmente situam-se na fronteira inferior da faixa dos didatas reprodutores, pois tudo indica que sua participação na Sociedade Luz -- durante os anos aqui analisados -- coloca-os no universo dos "destinatários finais".

Um deles, H.E.R. -- membro da atual direção da Sociedade Luz --, nasceu em Buenos Aires, em 1908, numa família de trabalhadores que teve dez filhos e que morava no popular bairro de Barracas. Começou a trabalhar desde criança, como encadernador, numa gráfica

36. M. de Certau, "L'invention du quotidien", t. I, "Arts de faire", Paris, UGE, 10/18, 1980, p. 11, apud R. Chartier, *Histoire intellectuelle et histoire des mentalités...*, op. cit., p. 302.

37. R. Chartier, *Histoire intellectuelle et histoire des mentalités...*, cit., p. 302.

"muy grande"³⁸. Aos 14 anos aproximou-se da Sociedade Luz, já instalada no bairro -- lembra a subscrição popular, a venda de selos para terminar a construção do prédio--, ainda que os primeiros contatos com o socialismo viessem através de vizinhos e de um irmão mais velho, A., eletricitista e mais tarde operador de cinema.

Relembra com invejável lucidez algumas circunstâncias:

"Yo venía a la biblioteca, a las funciones de cine... venía porque estaba de acuerdo... vi 'Maternidad' y perdí el conocimiento, nunca había visto un parto! El salón se llenaba de gente. Se llegaban a dar cuarenta cursos semanales... fue el primer lugar donde se dio 'motores a explosión'..."³⁹

Sobre seus companheiros dos anos 1920 -- atraídos pelos programas da entidade --, lembra:

"M. era empleado del frigorífico Anglo, después quedó cesante; los dos hermanos M., el mayor era vendedor de diarios y el otro litógrafo... D. era empleado en una firma comercial, trabajava en el centro. También estaba otro, B., que después fue mi cuñado, era mecánico de automóviles, después trabajava frente al parque Lezama en una repartición de la Armada como empleado. S. era lonero, hacía velas para barcos. Había estudiantes también..., B., que después fue médico, pero era malo como médico (él mismo reconocía...!)... Otro era E. N.... era empleado de la Goodyear; ah, y estaba B., que también trabajava allí, y generalmente cuando necesitábamos dinero hacíamos festivales. Alquilábamos el cine Dante, para ayudar a la biblioteca Edmundo de Amicis, y B. era el organizador de los festivales"⁴⁰.

38. Gráfica de Botto Hermanos, rua Peru 883.

39. Entrevista feita em 26 de abril de 1993. Lembro que houve uma tentativa de censurar esse filme. Ver capítulo III.

40. Idem. A biblioteca Edmundo de Amicis foi provavelmente uma das mais importantes do socialismo, depois da Biblioteca Obrera (central). Situada no bairro de La Boca, outras testemunhas corroboram o porte, o movimento e a popularidade dessa entidade, lamentavelmente dissolvida em fins da década, devido aos confrontos que dividiram o Partido.

Como muitos, participou de diferentes atividades da Sociedade Luz, e por certo das excursões didáticas e de entretenimento :

"Visité el Instituto Experimental del Cáncer... eran los domingos, el Instituto Bacteriológico... ah, en La Plata, el Museo de Ciencias Naturales y el Planetario. Se juntaban más de cien personas. Recuerdo una excursión por el Delta, era una noche espléndida! Era generalmente gente joven, íbamos con mis amigos (...) Se hacían viajes a la Unión Obrera Municipal, en Núñez, se jugaba al fútbol... se iba también al parque Avellanera..."⁴¹

Sobre o uso da biblioteca e suas leituras, H.E.R. responde rapidamente:

"Yo sacaba libros, pero venía más cuando había actos. Me gustaba leer Emilio Zola, prácticamente leí todos, 'Fecundidad' y los otros, porque él refería naturalmente los acontecimientos, y después leía a Dumas, también a autores nacionales... leía mucho en esa época, siempre fui curioso con las ciencias... Fui lector de 'La Vanguardia' y de 'La Prensa'"⁴².

E quando lhe pergunto por que lia "La Prensa", responde:

"Porque era el diario que se leía en esa época, porque eran los diarios que entraban en casa... También estaba 'La Argentina', que no era como 'Crítica', porque ya se sabía las contradicciones de 'Crítica', lo que hacía..."⁴³.

41. Idem.

42. Idem.

43. O jornal "Crítica" constituiu um expressivo representante da chamada "imprensa marrom", de ampla aceitação popular. Caracterizou-o a utilização da chantagem e de outros métodos de extorsão. Ao mesmo tempo, não foram poucos os bons escritores que trabalharam no jornal, que, por outro lado, adotou posições de defesa dos setores populares e de causas progressistas, devido à singular personalidade de Natalio Botana, seu proprietário, casado com Salvadora Onrubia, uma conhecida adepta do anarquismo.

Ao interrogá-lo sobre as conferências científicas -- ciências naturais --, sua memória evoca Horacio Damianovich:

"Aquí (Sociedade Luz) estaba el gabinete de física y química y él daba demostraciones. Yo asistí a algunas de sus conferencias... Recuerdo una demostración de aire líquido... en un termo se introducía, por la temperatura muy baja -- a mí parecía como una cocción -- pero en realidad era que el aire se transformaba en líquido. Los que concurríamos estábamos más abajo, claro, porque había una tarima donde él se subía y uno no apreciaba su altura⁴⁴. Era accesible, por lo menos yo entendía (porque yo no creo que haya sido muy inteligente!)... Yo salía muy satisfecho".

De resto, guarda muitas impressões do Dr. Angel M. Giménez:

"La mayoría de las veces yo venía a sus conferencias. Era un hombre muy gordo... tenía un saco con unos bolsillos muy amplios y de allí sacaba folletos y los iba entregando; y nos tomaba el pelo a los muchachos, decía que comíamos lupines!! Detestaba el alcohol, cuando fuymos al Delta no se vendían bebidas alcohólicas, sólo gasiosas. Nosotros entonces le hicimos una broma; hicimos ver que tomábamos el tren, pero nos fuymos caminando a una confitería y ahí tomamos cerveza. Él nos sorprendió!, y nos dijo: 'Ah, con que tomando cerveza?!' Cómo nos reímos!!"⁴⁵.

Ao solicitar-lhe que procure lembrar se os freqüentadores eram do bairro ou vinham de outros lugares, H.E.R. responde:

"La mayoría era del barrio... de aquí de Barracas y de La Boca. La '4a de fierro' tenía mucha importancia frente a las elecciones, y yo creo que (a Sociedade Luz) influía sobre el electorado... Creo que tenía una gran influencia; el salón estaba casi siempre lleno... teníamos diferentes sillas de esterillas, de madera terciada, pero eran pocas... hasta que nosotros compramos otras sillas, porque venían 100 a 150 personas..."

44. Ao que parece, Damianovich era de baixa estatura.

45. A alusão aos "lupines" (tremoços), uma espécie de grão, era bastante popular; "comer lupines" em geral significava "engordar". Hoje a expressão praticamente desapareceu do repertório popular.

Mas um pouco mais tarde H.E.R. afastou-se da entidade. Estudou primeiro comércio e por volta de 1938 formou-se técnico em química industrial, num instituto particular⁴⁶. Na década de 1950, retornou definitivamente.

Seu companheiro de sessões C. A. P. também nasceu em Buenos Aires, em 1910, de pai italiano e mãe argentina. O pai exercia o ofício de alfaiate militar na Intendência de Guerra, mas ganhava "muy poco"; "éramos pobres, muy pobres... la gente era pobre" -- diz. A família, numerosa, também morou na região de Barracas, "llena de industrias grandes".

"Empezé a trabajar a los 13 años en un aserradero en Barracas, en Guleguay y Ruiz Díaz... Había algunos menores trabajando allí... Luego pasé a ser ferroviario, comencé desde abajo y llegué a Jefe de Oficina; comencé en Constitución, en el ferrocarril sud, fue a los 20 años y subí todos los escalones..."⁴⁷

Sobre os vínculos iniciais com a entidade, responde:

"Estoy en la Sociedad Luz desde 1928... Me vinculé porque me agradaba, y como estudiaba a mí me servía la biblioteca; estudiaba contaduría -- imagine, ahora con la computación, no tiene razón de ser... Me agradaba el socialismo, cómo decirle... era la manera de uno de pensar. El socialismo en esa época era importante, teníamos a Justo, Repetto, del Valle Iberlucea, Palacios... a Giménez también, que es uno de los fundadores de la Sociedad Luz"⁴⁸.

46. Foi bastante amplo o treinamento profissional informal através de organismos particulares.

47. Entrevista de 16 de junho de 1993.

48. Idem. É evidente que a memória "recupera" como vivos os já mortos: del Valle Iberlucea falecera há alguns anos e Justo morreu no mesmo ano em que o entrevistado ingressou na entidade. Remeto ao recente trabalho de Michael HALL, "História oral: os riscos da inocência", em VVAA., *O direito à memória*, op. cit.

Embora seja evidente que prefere instalar-se em épocas mais próximas e recordar outros acontecimentos -- sobretudo os problemas vividos com o peronismo --, faz um esforço para reconstruir as vivências dos primeiros anos de participação:

"Fui bibliotecario desde 1931, hasta... el año 1942, por ahí... después pasé a ser miembro de la Comisión. La gente venía por la biblioteca, por las conferencias también,... por las visitas guiadas. Me acuerdo de la visita al Museo de Historia Natural, íbamos con el Dr. Giménez... éramos unas cuarenta o cincuenta personas. Hemos ido también al Museo Fernández, al Museo Naval... Eso después del treinta".

Mais adiante, acrescenta:

"Se hacían paseos nocturnos... se iba a la Sociedad de Amigos de la Astronomía, al Parque Centenario; al Delta -- había un cuadro aquí de esa excursión..."

Não se lembra bem das pessoas com as quais teve mais intimidade nessa época e freqüentavam os programas da entidade.

Revela seu interesse e as razões do êxito da programação:

"Me interesaban todas las conferencias, y como bibliotecario, cuando se traía a algún conferencista era porque ya lo teníamos estudiado, sabíamos que iba a ser interesante... A la gente le agradaban los temas, por eso venían. A mí todo me agradaba... sobre todo porque lo organizábamos nosotros, pensábamos en el éxito, en que resultara favorable... que gustara, y así sucedía".

De resto, acredita que uma chave da boa aceitação da entidade era a biblioteca:

"La biblioteca cerraba a las diez de la noche, y no se cobraba por el cargo de bibliotecario, se trabajaba mucho... Venía de todo a consultar. Había gente que conocía mucho, otros menos... Hubo gente que se recibió de médico estudiando acá!

La mayor parte vivía en el barrio, pero nunca recibimos ayuda del barrio, salvo 'Alpargatas', que hizo algunas donaciones. Había muchas diapositivas sobre las venereas, sobre el tabaco. A la biblioteca venían los chicos. Pero no tanto los grandes... algunas venían del centro, pero eran los menos".

Não faltam lembranças da admiração por Giménez:

"Era una buena persona. Sostenía con su peculio la Sociedad, la parte de arriba (do prédio) fue hecha por él... Legó al Estado sus bienes para construir un colegio con el nombre de su madre, Sara Elía de Giménez... La escuela se construyó en Urquiza, creo..."

Entre 1960 e 1980 nosso bibliotecário se afastou: "Dejé de venir porque trabajava a la noche en el ferrocarril". Ele se mudara para longe e tudo ficou difícil. Sobre seus companheiros de trabalho nas últimas décadas, opina que "la mayor parte no le gustaba estudiar, quería llevar una vida rutinaria, creían que iban ajubilarse bien...". A aposentadoria o devolveu à entidade, onde ainda milita.

Creio que essas testemunhas nos fornecem imagens do perfil social, cultural e espiritual de destinatários finais. É certo que a sobrevivência de uma adesão é já um fato notável, e por isso mesmo impõe-se cautela nas interpretações. Contudo, não hesitaria em afirmar que, para além da precariedade do plano irradiador de conhecimentos -- minúscula avaria na couraça de um mundo de experiências e sentimentos cada vez menos confiantes na "verdade" da ciência --, alguns homens guardam ainda marcas profundas daquela longínqua inscrição. Com eles respira-se a sensação de que foram sujeitos de circunstâncias pouco comuns, circunstâncias em que se

impunham o gosto pelos livros, a curiosidade pelo saber frente ao desconhecido, a proximidade de homens ilustres... algo que pertence a um passado e que somente a própria biografia é capaz de recuperar.

E as mulheres? Elas não apareceram na galeria dos difusores de primeira linha, e é fácil imaginar -- mesmo quando também o socialismo argentino abriu com brios a questão feminina e obteve uma singular adesão de mulheres -- a impossibilidade de escapar ao horizonte temporal. Com todo o seu peso, elas não conseguem alterar a hegemonia masculina.

O caso da própria Alicia Moreau -- que conquistou um dos lugares mais altos no partido -- não deixa de ser ilustrativo. Partidária fervorosa da educação popular, encontra-se no grupo fundador do Ateneu Popular, chega a secretariar o organismo e a dirigir a revista "Humanidad Nueva". Embora publique diversos artigos sobre questões educacionais, suas numerosas conferências relacionadas com medicina e higiene social, bem como outras abordagens afins, não têm uma edição que nos permita ter acesso a suas idéias na matéria. É evidente que se facilitou sua expressão como "educadora", mas não como "cientista".

A Dra. Paulina Luisi, uruguaia e muito ligada ao socialismo de seu país, assim como ao da Argentina, teve um pouco mais de sorte, pois sua militância no combate à legalidade da prostituição e às doenças venéreas -- campos a que dedicou constantes esforços -- rendeu alguma publicação, graças ao empenho de Giménez,

inteiramente coincidente com seus pontos de vista⁴⁹.

É digno de nota que absolutamente não tenham faltado mulheres, nem preocupação de sua parte com disciplinas "teóricas", nas iniciativas culturais do socialismo local: Mariana Chertkoff ministrou na Escuela Libre para Trabajadores -- na última década do século -- matérias como geografia física; outro tanto fizeram a própria Alicia Moreau e Bertha Gertchunoff na Sociedad Luz. A extrapartidária e médica Elvira Rawson de Dellepiane encontra-se entre as primeiras participantes da divulgação higienista nesta última entidade. Mas esses e outros exemplos não bastam para que conquistem inserção plena como didatas produtoras de conhecimentos científicos.

Não foi precisamente a contribuição à ciência o atributo que o socialismo -- em absoluta consonância com o contexto -- desejou enfatizar nas adeptas femininas, mas, em todo caso, sim, suas preocupações com a condição da mulher trabalhadora e da criança -- âmbito que produziu pesquisas premiadas fora do país, como as de Carolina Muzzilli⁵⁰, e que dificilmente os pares masculinos estavam dispostos a classificar como "trabalhos científicos" --, a educação popular, os direitos cívicos, civis e sociais femininos. Com

49. É inegável a admiração de A. M. Giménez pelas mulheres que sustentaram a luta contra a prostituição. Seu texto "La reglamentación de la prostitución y la represión de la trata de blancas ante la justicia penal" (que se refere ao projeto de lei apresentado por ele em junho de 1917 à Cámara dos Deputados da nação) é dedicado à destacada Josephine Butler. Sociedad Luz, Serie "El problema sexual", Buenos Aires, Impr. La Vanguardia, 1930.

50. Notável militante socialista (1889-1917), autodidata. Distinguiu-se por sua atuação em diversos campos, inclusive o gremial, já que era costureira. Seus artigos "El trabajo de la mujer y el niño" e "El trabajo de las mujeres y los niños" receberam prêmios respectivamente na Bélgica e nos Estados Unidos (São Francisco).

precaução, apoiavam-se posições algo mais avançadas sobre sexualidade, como as que Raquel Camaña quase solitariamente expressava nos meios operários; mas seus conhecimentos em matéria de psicologia não foram aproveitados pelas agências em foco⁵¹.

As mulheres se fizeram ouvir um pouco mais como difusoras de matérias artísticas e literárias, mas não há motivo para entusiasmo. A participação como didatas nesses campos também deixa muito a desejar, pois continua sendo esmagadora a maioria de conferencistas homens, e isso quando ao menos ali havia aumentado o recrutamento feminino, como vinha ocorrendo nas sociedades ocidentais⁵². Mas é preciso reconhecer que Victoria Gucovsky, filha do primeiro casamento de Fenia Chertkoff, esteve à frente de alguns ciclos sobre literatura e até conseguiu publicar uma pequena obra infantil⁵³. Em inúmeras oportunidades também se contou com mulheres para aulas de francês.

Onde não se duvida de sua presença estratégica é na instrução prática destinada às próprias mulheres, para habilitá-las em misteres "do gênero". Sem dúvida, os cursos de corte e costura e os de trabalhos manuais -- que não deixaram de constar na oferta da

51. Uma conferência sua sobre sexualidade, patrocinada pelo Ateneu Popular e que deve ter tido como cenário a Escuela Roca, foi cancelada devido à censura imposta pelas autoridades escolares. Raquel Camaña foi uma das pouquíssimas mulheres que apresentaram trabalhos no Congresso Científico Internacional Americano, Seção de Ciências Psicológicas, Buenos Aires, 10-25 julho de 1910. Cf. Hugo Vezzetti (org.), *El nacimiento de la psicología en la Argentina*, op. cit., p. 200-204. Raquel morreu muito jovem, em 1915.

52. Cf. Bonnie Frederick (org. e introdução), *La pluma y la aguja: las escritoras de la generación del 80*, Buenos Aires, Feminaria, 1993.

53. A peça "Juanita" foi premiada no primeiro concurso de obras de teatro infantil do Teatro Municipal Labarden (1926) e inaugura a série da Sociedade Luz "Cuentos y relatos para grandes y chicos".

Sociedade Luz, sendo oferecidos com menor regularidade no Ateneu Popular e, nas sedes partidárias, quase sempre -- estavam sob sua responsabilidade. Embora tais funções pudessem ser exercidas por mulheres não identificadas com o ideário, é de todo pertinente pensar que isso não era usual. Irmãs, esposas ou filhas de militantes devem ter contribuído para esses treinamentos.

A testemunha H.E.R. relata que duas de suas irmãs, uma delas especializada em corte e costura e a outra em trabalhos manuais e cozinha, "dieron clases en el Centro Socialista que estaba en la calle del Cruzero"⁵⁴. E acrescenta: "Como en esa época no había derecho a voto, no se afiliaron al Partido, pero ellas venían a la Sociedad Luz"⁵⁵.

Outro tanto infere-se de Elena Varela -- que encontramos na lista de professores da Sociedade Luz --, esposa de um dos diretores do organismo. As mulheres da família Varela -- e nisto coincidem as duas testemunhas -- participavam ativamente: mãe, filhas e até uma cunhada, que "trabajaba en 'El Hogar Obrero'".

Levantei a hipótese de que durante os anos 20, com o aumento de cursos práticos e a ênfase na difusão do higienismo e de cuidados materno-infantis -- somado ao fato de que por algum tempo a Sociedade Luz abrigou uma das sedes da Asociación de Recreos y Bibliotecas Infantiles (cujas responsável era Fenia Chertkoff) --, uma parte significativa dos freqüentadores deve ter sido composta de mulheres. Em alguma medida isso é corroborado pelas testemunhas, sobretudo por H.E.R.:

54. Importante nucleamento do socialismo no bairro de La Boca durante os anos 1920.

55. Entrevista de 26 de junho de 1993.

"Muchas mujeres asistían a las conferencias... algunas eran hermanas de afiliados, como M., que tenía tres hermanas y venían. Las mujeres venían más a las conferencias que a la biblioteca.. ah, pero iban mucho a las excursiones, cuando se hacían viajes. Había tanto mujeres como hombres".

Não é fácil opor, a esse testemunho, provas sobre o trânsito para a leitura realizado pelas mulheres desde as décadas finais do século XIX. Não se deve confundir a escassa presença feminina no salão de leitura com desinteresse literário: se pudéssemos reconstituir o gênero dos usuários que retiravam livros a domicílio, provavelmente depararíamos com um elevado número de mulheres, assim como foi grande sua avidez pela leitura de folhetins e similares⁵⁶.

Mas, se constituíam ao menos a metade da clientela, a instituição demorou a incorporar à comissão diretora uma representante do sexo feminino. Somente em 1930 Magdalena Scapparone obteve um cargo de diretoria.

Muito mais destinatárias que didatas, não foram poucas as mulheres que exercitaram novas dimensões da sociabilidade e ampliaram informações, conhecimentos e idéias, proporcionando-se horas de desfrute em experiências oferecidas pelos organismos culturais do socialismo -- experiências sem dúvida vinculantes.

É difícil realizar um balanço dos efeitos produzidos entre os trabalhadores pela empresa de divulgação das ciências sob o vasto influxo das concepções transformistas, as quais concorreram para

56. Cf. Anne-Marie Thiesse, *Le roman du quotidien. Lecteurs et lectures populaires à la Belle-Époque*, Paris, Le Chemin Vert, 1984; Beatriz Sarlo, *El imperio de los sentimientos*, op. cit.

intensificar a "gestualidade profética" que -- não há como discordar de Rebérioux⁵⁷ -- os próprios socialistas se adjudicavam.

Mas, para alguns setores, não é improvável que a domesticação de fórmulas evolucionistas, desde as mais aceitáveis para o estatuto científico que as fornecia, até as mais "degradadas" por sucessivas reapropriações, tenha constituído repertórios de conversação, objetos de debate, matéria de acordos e dissonâncias, pretextos para alinhamentos e recusas, e, quem sabe, estímulos ao aumento da escolaridade.

É possível que os embates gerados pela defesa de determinados pontos de vista aumentassem o isolamento dos que se acreditavam benditos pelas "verdades" da ciência e que continuavam venerando como "profetas" -- insisto em Rebérioux -- os seus intelectuais, enquanto grandes conjuntos orientavam-se cada vez para a desconfiança em relação à autoridade deles e às verdades científicas⁵⁸. Até num grémio como o dos gráficos -- caracterizado por uma inclinação às manifestações letradas -- notava-se a inflexão: por volta de 1922, o número de leitores que freqüentavam

57. M. Rebérioux, "La littérature socialisante et la représentation du future en France au tournant du siècle", em Robert Mandrou (org.), *Histoire sociale, sensibilités collectives et mentalités*, Paris, PUF, 1985, p. 407.

58. Uma importante contribuição à compreensão do fenómeno do isolamento no "típico" caso alemão -- com abordagem da contradição social-democrata, "reformista" e portanto participativa, e ao mesmo tempo "regressivo", favorável a uma subcultura proletária entretanto cada vez mais parecida com a pequena burguesia -- foi dada por Günter Roth, *The social democrats in imperial Germany. A study in working-class isolation and national integration*, New Jersey, Totowa, 1968. A necessidade de distinguir entre "cultura dos trabalhadores" e "cultura do movimento operário socialista", entre outros aspectos, foi assinalada por Gerhard A. Ritter, "Worker's culture in imperial Germany. Problems and points of departure of research", "Journal of Contemporary History" (Special Issue "Worker's Culture"), v. 13, n. 2, april 1978.

a biblioteca não passava de trinta, e no último semestre do ano somente 336 livros haviam sido retirados, algo que preocupava a direção⁵⁹.

Mas a ruptura tornou-se dramática ao se iniciar a década de 1940; essa é uma outra história, mas não se deve perder de vista que uma das principais alterações trazidas pelas mudanças sociais que levaram ao advento do peronismo foi, justamente, o distanciamento entre a cultura "alta" e a "popular", embora ambas ignorassem o quanto se deviam mutuamente.

Sempre houve (e haverá) um "saber espontâneo" -- ou melhor, híbrido, como sustenta García Cancline⁶⁰ --, tanto entre as mulheres como entre os homens, devido às incontáveis fontes de aprendizagem, à difusão do rádio, do cinema... à vida mesma; e por momentos -- como a partir de meados da década de 1920, no caso exemplar da Sociedade Luz -- esse saber sugere ter sido mais perspicaz que o discurso de alguns qualificados didatas.

59. "El obrero gráfico", nov.-dic. 1922, n. 130-131, XVI.

60. Nestor García Cancline, *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*, Buenos Aires, Sudamericana, 1992.

CONCLUSões

Conclusões

O socialismo argentino tomou lugar na primeira fila dos que se dispuseram a difundir as ciências junto aos trabalhadores, no período entre os finais do século XIX e as primeiras décadas do nosso século. Como parte das forças que conviveram sob o arco da Segunda Internacional, os socialistas argentinos estavam convencidos do papel transformador da educação e da cultura e enfatizaram o caráter superior do conhecimento científico, como meio de assegurar a renovação social.

A teoria do transformismo, desenvolvida de maneira notável em meados do século XIX, a partir das contribuições de Darwin e Wallace, encontrou ampla repercussão no socialismo, que passou a proclamar a identidade das leis de evolução da natureza e da sociedade.

A contribuição ao evolucionismo realizada por Haeckel -- o grande divulgador alemão de Darwin -- assumiu então um papel fundamental, ao reforçar o molde ôntico-epistêmico do monismo, inspirando-se explicitamente em Spinoza. O unicismo matéria-espírito sustentado pelas diversas interpretações marxistas e para cujo fortalecimento concorreu Engels -- distinto autodidata em matéria de ciências físico-naturais -- é diretamente tributário de Haeckel. Por outro lado, Engels extraiu de Haeckel as teses que lhe permitiram sustentar a precedência da postura ereta e do desenvolvimento preênsil da mão como marco fundamental na evolução da espécie humana. Foi a mão, sua capacidade modificadora -- o

trabalho --, a "base material" do desenvolvimento cerebral.

Mas, se Haeckel irradiou progressivamente o evolucionismo darwiniano, discutindo tanto com os adeptos do criacionismo como da poligenia (para os quais cada raça possuía antecedentes próprios), apoiou-se na vertente do último Darwin e recorreu a Lamarck, o controvertido antecessor do transformismo. A volta do evolucionismo a Lamarck revelou-se um fato crucial entre 1870 e 1910, aproximadamente.

Assim, houve um deslocamento do conceito de seleção natural pelo conceito lamarckiano de hereditariedade dos caracteres adquiridos, o que implicou derivações dramáticas tanto para as ciências da vida, como para as novas disciplinas que se ocupavam do homem e da sociedade, as quais, graças ao impulso do positivismo, iam mirar-se no espelho daquelas.

O "darwinismo social" foi uma das conseqüências mais graves da assimilação das leis naturais à sociedade e constituiu uma epidemia de que praticamente nenhuma doutrina permaneceu isenta, incluindo-se aí o próprio socialismo. Mas é necessário reconhecer, além das diferenças entre os contextos sociais, graus diversos de aceitação do "darwinismo social".

O socialismo argentino assimilou o transformismo com influxo haeckeliano, e, como em outras latitudes, proclamou que a axiologia da ciência, baseada na "verdade" e no progresso indefinido, subsumia-se à própria "ciência socialista", tornando exponenciais a justiça, a fraternidade e a reforma moral. A luz da ciência conduzia ao socialismo. Assim, quando consultado em 1912 a respeito da "influencia de los conocimientos sobre el pueblo", o operário

Francisco A. Ramírez respondeu laconicamente: "la misma que tiene la luz sobre las tinieblas".

O amplo manto do transformismo manteve vínculos estreitos com o positivismo, o que foi largamente constatado. Mas é imprescindível reconhecer os matizes desse acatamento entre os socialistas argentinos -- e entre os que foram adotados como "sábios" pela corrente. No âmbito da divulgação de saberes científicos entre os trabalhadores, a análise da obra empreendida pela principal agência educativa e cultural do socialismo argentino, a Sociedade Luz -- foco destes ensaios --, assim como pelo organismo que lhe é paralelo, o Ateneu Popular, põe em evidência a necessidade de redimensionar os ditames positivistas.

Não se constata uma incontida presença spenceriana; o invariante é a recorrência epistêmica ao monismo, e, no caso dos que se dedicaram à divulgação das ciências físico-naturais, surge uma preocupação deliberadamente metafísica. Costumam aparecer interrogações explícitas sobre as "causas últimas", cujas respostas vão de um forte "materialismo mecanicista" invadido pelas idéias de Ludwig Büchner -- como na obra do paleontólogo Florentino Ameghino, objeto de extensa divulgação por parte do socialismo -- a fronteiras "panteístas", como no caso do químico Horácio Damianovich. De todo modo, o credo compartilhado com o positivismo é o "cientismo".

A preeminência das ciências físico-naturais, que familiarizaram os trabalhadores com as teses evolutivas, sofreu uma inflexão em fins da década de 1910. Durante esse lapso, entretanto, embora ainda hegemônicas, tiveram de dividir espaço com os

conhecimentos históricos, sociológicos e psicológicos.

O próprio fundador do socialismo, Juan B. Justo, dirigiu-se aos trabalhadores com uma percepção da história permeada de urgências evolucionistas. Inspirado na potência inexorável da vida e na primazia das leis biológicas, Justo revela-se um "bio-historicista", pois traz ao desenvolvimento histórico a idéia de que a ação humana, criando meios, desenvolvendo a técnica, se põe no mesmo plano do biológico.

Sem que se possa efetivamente desvinculá-la da análise "histórica", tal como na maioria das expressões do período, a análise "sociológica" de Enrique del Valle Iberlucea enquadrou-se numa leitura *sui generis* do "materialismo histórico": foi ele um dos mais ousados ao basear a mudança social nas leis "econômicas" e na luta de classes. Suas posições não poucas vezes contrariaram a direção partidária.

Em geral, o "biológico" encontra um sucedâneo no "econômico", ou ambos os termos se subsumem a ponto de parecer indistintos, mas sempre respondem à irrefreável marcha da evolução.

Quanto à divulgação da psicologia -- esforço precoce dos organismos socialistas --, é imprescindível reconhecer o peso (que também recai sobre a sociologia) de José Ingenieros. Mesmo quando já afastado do socialismo, seu magnetismo jamais deixou de chegar às fileiras partidárias, penetrando fundo também nos ambientes ávidos de "modernidade".

A adoção de Haeckel por parte de Ingenieros leva-o a delinear posições -- profundamente contaminadas pelo "darwinismo social" entre 1900 e 1914 -- que constituem readaptações da lei de

recapitulação do naturalista alemão. Suas idéias em matéria de filo e ontogenia na tipificação de condutas individuais e coletivas -- aspecto compartilhado pelas escolas psicológicas biologistas pré-freudianas -- tiveram conseqüências marcantes, à maneira do período: os problemas "psíquicos" remetiam em geral à ordem "psiquiátrica" e sempre se revelavam como "questão moral" atinente a coletivos sócio-étnicos.

Entre os divulgadores "psicólogos", Alberto Palcos ofereceu programas que responderam a um enfoque "molecular" das funções psíquicas, com ênfase nas "emoções", tema sobre o qual tiveram muito a dizer, entre outros, Ribot, James e Lange. As emoções evidenciam a base "fisiológica" do comportamento humano, deslocam o primado da "consciência" e situam melhor o homem na escala animal.

Assiste-se assim a um notável contraponto: exalta-se a "consciência" dos trabalhadores para corresponder à marcha do progresso, ao mesmo tempo em que se retira seu valor, sublinhando-se a inserção da espécie no reino animal, em clara oposição aos celebrantes do "espírito humano".

Os registros nos falam de um bom número de freqüentadores dos programas de divulgação científica; algumas manifestações alcançaram notável aceitação por parte de um público em que não é difícil entrever uma alta proporção de operários qualificados, artesãos, empregados administrativos e estudantes.

Estes trabalhos reconheceram dois grandes ciclos no propósito difusor do socialismo, através dos programas da Sociedade Luz. No decorrer dos anos 1920, as ciências vão dando lugar a instruções práticas, de um lado, e, de outro, a uma maciça incorporação de

tópicos referentes a higiene e profilaxia social, tendência reforçada à medida que se aproxima a nova década. O combate às doenças venéreas e a luta contra o alcoolismo ocuparam um lugar central nos ciclos de conferências e nas publicações. A explicação deve ser buscada nas preocupações do principal dirigente da Sociedade Luz, o conhecido higienista Angel M. Giménez. Instalaram-se, então, "obsessões sexuais" tão prosaicas quanto aquelas que se podem encontrar em instituições hostis à secularização, como a própria Igreja, proeminente adversária do socialismo.

Se é inegável o esforço empreendido pelos socialistas (acompanhados de outras forças) para divulgar as ciências impregnadas de evolucionismo, em consonância com hábitos da "modernidade" -- não está em julgamento, aqui, o valor propriamente científico dos conceitos --, há um nítido contraste em relação a essa segunda fase da Sociedade Luz. Esta não revela, por certo, as mudanças que o próprio socialismo efetuava para adaptar-se às novas condições sociais e culturais dos setores populares nas grandes cidades argentinas; não acompanha as modificações que sofre o padrão letrado de cultura, tão caro ao socialismo.

A "modernidade redentora" através das ciências, que pôde elevar trabalhadores, contagiar-lhes o triunfo incontestado da verdade e da justiça e levá-los à secularização dos comportamentos, achava-se bastante afastada do discurso que se impôs à medida que transcorriam os anos 20. Os momentos finais que analisei evidenciam uma posição anacrônica, conservadora, mesmo quando as "excursões noturnas" que divertiram os seguidores da Sociedade Luz pareçam curvar-se às novas circunstâncias. Mas essa espécie de anacronismo

na percepção socialista dos fenômenos da vida íntima também se registrou em outras latitudes.

Esta pesquisa distinguiu duas categorias de mediadores entre as ciências e os trabalhadores. Em primeiro lugar encontram-se os mediadores produtores, que constituem os nomes consagrados do socialismo -- ou que, não o sendo, incorporavam-se à sua empresa. O perfil deles, creio, está revelado nos próprios textos e na atuação pública, e, em maior ou menor medida, essas figuras têm sido objeto de indagações.

Em segundo lugar acham-se os mediadores reprodutores, recrutados entre os destinatários imediatos. Aqui se devem encontrar quadros partidários, animadores, difusores, geralmente artesãos e operários qualificados. Eles certamente multiplicaram as comunicações provenientes dos primeiros, possibilitaram uma efetiva "degradação" dos conceitos que às vezes penetrou a vida cotidiana; ressignificaram textos e idéias, expandiram sentimentos.

Constatarei (uma vez mais) que, apesar da significativa presença de mulheres destacadas no socialismo -- sem dúvida uma chave para se interpretar a riqueza das experiências educativas e culturais --, elas se situam entre os mediadores reprodutores -- como se vê, uma dupla consonância com a época --, e ainda mais plenamente como destinatárias finais. Em todo caso, tenho a impressão de que as mulheres ingressavam com mais propriedade no vasto círculo desses últimos iluminados.

ANEXO

Anexos

1. Publicações da Sociedade Luz no clássico formato folheto (fotocópia: 20% de redução).
2. Desenhos premiados pela Sociedade Luz para impressão de propaganda da campanha antialcoólica (1912).
3. Publicações da série "El problema sexual".
4. Catálogo da Sociedade Luz (1906-1930, aproximadamente).

"SOCIEDAD LUZ" 8
(UNIVERSIDAD POPULAR)

AMEGHINO

SU OBRA PALEONTOLÓGICA

POR

JUAN B. AMBROSETTI

Profesor de la Facultad de Filosofía y Letras
Buenos Aires y Director
del Museo Etnográfico de la misma

Lea Vd. este folleto y después
a un amigo.



27596

BUENOS
Talleres Gráficos L. J. J.

"SOCIEDAD LUZ" 11
(UNIVERSIDAD POPULAR)

LOS ASCENDIENTES DEL HOMBRE

SEGÚN AMEGHINO

POR

RODOLFO SENET

Profesor de la Universidad de La Plata

Lea Vd. este folleto y después
a un amigo.

"SOCIEDAD LUZ" 7
(UNIVERSIDAD POPULAR)

LA EDAD DE PIEDRA

POR

FLORENTINO AMEGHINO

Lea Vd. este folleto y después préstelo
a un amigo

27595

BUENOS AIRES
Talleres Gráficos L. J. Homo y Cia., Belgrano 475
1916

27595

- 12 -

Concurso de afiches de propaganda contra el alcoholismo

FALLO DEL JURADO

En la ciudad de Buenos Aires a nueve de Noviembre de mil novecientos doce, reunidos los miembros del Jurado del "Concurso de afiches de propaganda anti-alcohólica" en el local de la Sociedad "Luz", calle Méjico 2070, decidieron acordar los siguientes premios: 1o. Lema: "In suma trístis"; 2o. Lema: "Lux"; 3o. Lema: "Dedicha humana".

Abiertas las sobres resultó corresponder a los siguientes autores: del primero, al señor Dino P. Mazza; del segundo, la señorita Ana Weiss, y del tercero, el señor Francisco Benesch. Se otorgaron después menciones a los lemas "Noir", del señor Atilio Malinverno; "Triste recuerdo", del señor Dino P. Mazza, y "Alcohol", del señor Pablo C. Molinari.

Ocupertino del Campo — Carlos Ripamonti — Alberto M. Rossi — Nicolás Ropetto.

- 13 -

1.er Premio



Lema: "In suma trístis"

DINO P. MAZZA.

2.º Premio



Lema: "Luz"

ANA WEISS.

3.º Premio



Lema: "Desdicha humana"

FRANCISCO BENESCH.

- 16 -



Las indómitas y argorosas razas de salvajes, en contacto con los vicios de la civilización, han sido dominadas por el alcohol, por las enfermedades sexuales y las lacras de las sociedades modernas.

OIGA, JOVEN:

Tenga dominio sobre su propia persona, sepa cuidarla, como que es su vida, y sólo así podrá ser digno, consciente y honrado.

SOCIEDAD LUZ
(UNIVERSIDAD POPULAR)

BUENOS AIRES

SUAREZ 1301

EL PROBLEMA SEXUAL
II

NOTAS PARA LA BIOLOGIA
DE

Don Juan

POR EL
Dr. GREGORIO MARAÑÓN



1926
Imprenta LA VANGUARDIA, Recoquinta 676
Buenos Aires



SOCIEDAD "LUZ"
(UNIVERSIDAD POPULAR)

SUAREZ 1301 — BUENOS AIRES

EL PROBLEMA SEXUAL

Nº 17 (117)



27603

LO QUE TODO JOVEN

SOCIEDAD "LUZ"
(Universidad Popular)

SUAREZ 1301

SERIE II

TOMO 6º

BUENOS AIRES

Nº. 109

EDUCAR AL SOBERANO
D. F. Barmiento

EL PROBLEMA SEXUAL
IX

HASTA EL MATRIMONIO

POR EL
Dr. ROBERTO CHABLE

autor de higiene de la Universidad de Neuchâtel (Suiza)
VERSION DEL FRANCÉS POR
A RAZUMNEX



VENTA
GRAFICA BONAERENSE
INDEPENDENCIA 1902

CATALOGO

de las publicaciones editadas por la

"Sociedad Luz"

SERIE I

- I — C. Meyer. — Conferencias de astronomía popular.
 II — H. Damjanovich. — La doctrina de la generación espontánea.
 III — J. B. Justo. — Instrucción pública. Discursos parlamentarios.

SERIE II

- IV — C. Onelli. — El animal, compañero del hombre (agotado).
 V — A. M. Giménez. — La vacuna (agotado).
 VI — A. Bunge. — El alcoholismo (agotado).
 VII — N. Repetto. — Las pinturas a base de plomo (agotado).
 VIII — F. Ameghino. — Mi credo.
 IX — F. Ameghino. — Una rápida ojeada a la evolución filogenética de los mamíferos.
 X — F. Ameghino. — La edad de piedra (agotado).
 XI — J. B. Ambrosetti. — Ameghino. Su obra paleontológica (agotado).
 XII — F. Ameghino. — El transformismo considerado como ciencia exacta (agotado).
 XIII — J. B. Ambrosetti. — Ameghino. Su obra geológica y paleográfica (agotado).
 XIV — Rodolfo Senet. — Los ascendientes del hombre, según Ameghino.
 XV — Víctor Mercante. — Florentino Ameghino. (Rasgos biográficos). (Agotado).
 XVI — Juan B. Ambrosetti. — Ameghino. Su obra antropológica.
 XVII — C. Onelli. — Desengaños e ilusiones de un naturalista.
 XVIII — L. M. Torres. — El Delta del Paraná.
 XIX — F. Ameghino. — Espacio, materia y movimiento. Noción de Dios.
 XX — A. Alvarez. — La teoría de los sacrificios patrióticos en la historia interna.
 XXI — V. Lamessa y J. Porto. — Interpretación gráfica de los datos estadísticos.
 XXII — D. F. Sarmiento. — Lectura sobre bibliotecas populares.
 XXIII — E. L. Holmberg. — Evolución.
 XXIV — J. B. Justo. — El conflicto universitario de Córdoba.

- XXV — M. Gil. — Ciencia y religión. Piedras de arriba y de abajo.
 XXVI — A. M. Giménez. — Contra la reglamentación de la prostitución.
 XXVII — A. Giard. — La educación del naturalista. (La morfología en las ciencias naturales).
 XXVIII — J. Lubbock. — Las bibliotecas y la lectura.
 XXIX — P. Lull. — Para una mejor descendencia.
 XXX — A. M. Giménez. — El torno libre.
 XXXI — P. Dubois. — Enseñanza sexual.
 XXXII — A. M. Giménez. — Misión de la Cruz Roja en la lucha contra el alcoholismo y las enfermedades venéreas.
 XXXIII — R. Sand. — La medicina social.
 XXXIV — E. Dickmann. — La Sociedad Luz.
 XXXV — E. Rignano. — El valor sintético del transformismo.
 XXXVI — La obra de la Asociación "Bibliotecas y Recreos infantiles".
 XXXVII — Dr. Ensch. — La socialización de la medicina.
 XXXVIII — P. A. Pizzurno. — Para los niños y los jóvenes; algunas reglas de conducta que nos sugieren los animales.
 XXXIX — R. W. Emerson. — La confianza en sí mismo.
 XL — J. García Games. — El dolor en la literatura contemporánea.
 XLI — N. Repetto. — La cooperación libre.
 XLII — A. M. Giménez. — Las pinturas a base de plomo.
 XLIII — N. Rojas y J. C. Beibey. — El paludismo como accidente del trabajo.

Tomo 3º.

- XLIV — Constitución política de los Estados Unidos Mexicanos.
 XLV — W. James. — Una singular ceguera de los seres humanos.
 XLVI — J. A. Thomson. — Utilidad de la ciencia.
 XLVII — Dr. Legrain. — El tabaco.
 XLVIII — E. de Amicia. — Estudiad y sed buenos.
 XLIX — A. M. Giménez. — El trabajo nocturno.
 L — A. Castellanos. — Un viaje a las lagunas de Huanacacho y el Desaguadero.
 LI — G. Pittaluga. — El problema de las vitaminas y la alimentación del obrero.
 LII — L. G. Repetto. — Las grandes regiones naturales de la República Argentina.
 LIII — A. M. Giménez. — La cremación de los muertos. La secularización de los cementerios.
 LIV — J. Payot. — Cómo nos instruimos mediante los libros.
 LV — J. J. Podestá. — El régimen de los arrendamientos agrícolas en nuestra economía agraria.
 LVI — R. Dayenne. — Los nidos de las aves.
 LVII — Buckland. — Importancia de las aves para el hombre.
 LVIII — P. Seris. — Nociones sobre la preparación y conservación de aves, nidos y huevos.
 LIX — M. Dickmann. — Amado Nervio.
 LX — H. Fairfield Osborn. — La evolución orgánica y la paleontología de los vertebrados.
 LXI — E. De Amicia. — Con motivo de la palabra camarada.
 LXII — J. Alberdi. — Pensamientos.
 LXIII — W. D. Mathem. — El valor de la paleontología.

TOMO IV

61. Homenaje a Beethoven
 62. E. De Amicis. — A los niños
 63. Homenaje a Pestalozzi
 64. J. B. Justo. — La cooperación libre
 65. L. Benet. — ¿Es un veneno el humo del tabaco? ...
 66. M. Seris. — Las serpientes de la República Argentina ...
 67. A. H. Roffo. — Lo que debe saberse sobre el cáncer ...
 68. N. Rapetto. — Cómo nace y se desarrolla una coope-
 rativa
 69. Para el hogar. En el día de la cooperación
 70. E. Mitre. — Pensamiento
 71. E. L. Holmberg. — Las plagas de Egipto explicadas
 por la ciencia
 72. A. M. Giménez. — Páginas de historia del movimien-
 to social en la República Argentina
 73. A. Castellanos. — Instrucciones para formar herba-
 rios
 74. J. B. Justo. — La separación de la iglesia del Es-
 tado
 75. E. De Amicis. — El 1° de Mayo
 76. J. B. Justo. — Programa de acción para las juven-
 tudes socialistas
 77. Un nuevo mundo moral. La Cooperación
 78. E. Faguet. — El arte de leer
 79. Prométele a ti mismo

TOMO V

81. A. M. Giménez. — Por los que viven y trabajan en
 los barrios de Boca y Barracas
 82. R. Bogliolo. — Acción económica libre del pueblo:
 la cooperación
 83. E. Herrero Ducoux. — La alquimia de las Mil y
 una Noches
 84. Sarnecakita en niño
 85. G. Rawson. — Estudio sobre las casas de inquil-
 nato de Buenos Aires
 86. E. De Amicis. — Por la paz
 87. Día Internacional de la Cooperación. 1930
 88. E. Romero Brest. — El box
 89. L. J. Berkman. — El seguro social
 90. G. Garbarini Islas. — Vitalidad argentina
 91. E. Poisson. — Las cooperativas están abiertas a todos
 92. R. W. Emerson. — El hombre reformador
 93. M. Bravo. — Derechos políticos de la mujer
 94. A. M. Rocco. — Desarrollo de la legislación obrera
 y su aplicación en nuestro país
 95. Aménos los libros. Máximas
 96. P. Pizzurno. — Cómo servir a la patria. Consejos de
 un padre
 97. L. J. Berkman. — Seguro de maternidad
 98. A. Cetrangolo. — Consejos para evitar la propaga-
 ción de la tuberculosis y curarse de ella
 99. A. Cetrangolo. — La tuberculosis. Consejos a los an-
 teriores
 100. E. Hubbard. — Un mensaje a García

TOMO VI (El Problema sexual)

101. (1) H. Wegener. — De las mujeres
 102. (2) G. Marañón. — Notas para la biología de Don Juan
 103. (3) J. Liambias. — Las monstruosidades
 104. (4) G. Marañón. — Sexo, trabajo y deporte
 105. (5) E. Chapman Cady y V. Mosher Gady. — Cómo comienza la vida
 106. (6) B. Shaw. — El socialismo y el matrimonio
 107. (7) O. D. Meyer. — Sífilis, Eugénica y Eutécnica
 108. (8) B. B. Lindsey. — Sabiduría para los padres
 109. (9) R. Chabie. — Hasta el matrimonio
 110. (10) A. M. Giménez. — Contra la trata de blancas
 111. (11) E. Jeaneime. — La sífilis, sus síntomas y evolución
 112. (12) E. Jeaneime. — La sífilis ignorada, desconocida o latente
 113. (13) E. Jeaneime. — La sífilis hereditaria. El pronóstico de la sífilis
 114. (14) En el pantano
 115. (15) C. Juarros. — La parálisis general
 116. (16) A. M. Giménez. — Examen médico voluntario previo al matrimonio
 117. (17) Lo que todo joven debe saber sobre las enfermedades venéreas
 118. (En prensa).
 119. (En prensa).
 120. (En prensa).

TOMO VII (Guerra al alcohol)

121. (1) Padres! por amor a nosotros no toméis alcohol!
 122. (2) Utilidad de la embriaguez
 123. (3) La copa
 124. (4) El abuso del vino
 125. (5) Apuesta de un monje
 126. (6) ¿Quiera Vd. enriquecerse? Historia de una puerta
 127. (7) Credo de un alcoholista
 128. (8) ¡Yo acuso!
 129. (9) ¿Me conocéis?
 130. (10) ¡No bebo!
 131. (11) La taberna
 132. (12) Testamento de un borracho
 133. (13) A las mujeres
 134. (14) Anatema
 135. (15) Dr. Legrain. — Indicaciones de higiene anti-alcohólica para los deportistas
 136. (16) Manifiesto de un tabernero al pueblo
 137. (17) J. Lubbock. — Un escollo en la vida
 138. (18) La damajuana
 139. (19) E. Vanderveide. — Lo que mata la conciencia de los trabajadores
 140. (20) L. Tolstoy. — Placeres viciosos.
 141. (En un folleto)
 142. (21) J. London. — Memorias de un alcoholista
 143. (22) J. M. Ramos Mejía. — El alcoholismo del fraile Aldao
 144. (23) Dicen... Baco inventó el vino, pero otros lo combatieron
 145. (24) No permitáis beber a vuestros esposos e hijos
 146. (25) Reflexiones
 147. (26) Dicen los sabios

147. (27) J. Castellanos. — El borracho (fragmento).
 148. (28) El Americano Agua. (De la autobiografía de Franklin)
 149. (29) J. Payot. — Enemigos que deben combatir los jóvenes estudiantes
 150. (30) F. Surges. — Juan de Dios
 151. (31) L. Tolstoy. — El primer destilador
 152. (32) (En un folleto)
 153. (33) E. Berthelet. — Los órganos del alcoholista.
 154. (34) Historia del prohibicionismo en los E. Unidos.
 155. (35) A. Daudet. — Arturo
 156. (36) G. de Maupassant. — El barrilto
 157. (37) E. de Amicis. — No beba usted
 158. (38) P. Loti. — Ives Kermadec
 159. (39) C. Dickens. — La muerte del borracho
 160. (40) (En un folleto)
 161. (41) M. Obarrio. — Efectos del alcoholismo en la infancia.

TOMO VIII (Cuentos y relatos para grandes y chicos)

162. (1) P. V. Zasedimsky. — La hija del carbonero (A)
 163. (2) E. W. Longfellow. — Los pájaros de Killingworth (A).
 164. (3) M. Bogdanoff. — Como marcha la vida en el mundo (A).
 165. (4) V. Gukowsky. — Juanita. Comedia infantil
 166. (5) (En preparación).

TOMO IX

167. (1) M. Deha. — Aspecto de la meteorología moderna.

POSTALES

1. Guerra al alcohol
 2. El alcohol enloquece
 3. El alcohol mata
 4. Los órganos del alcoholista

CARTELES

1. Manifiesto de un tabernero al pueblo (con grabado).
 2. Manifiesto de un tabernero al pueblo
 3. Me conocéis
 4. Al que pasa... (Soy el árbol)
 5. Al que pasa... (Soy el árbol), formato menor
 6. Limpia los dientes!
 7. El que escupe en el suelo atenta contra la vida de todos
 8. La cooperación
 9. Se necesita un niño

AFFICHES

1. Guerra al alcohol (A)
 2. Padres! Por amor a nosotros no toméis alcohol!
 3. Profilaxis de la sífilis. Dispensarios municipales (A)
 4. En el pantano. (Las enfermedades venéreas)
 5. Los órganos del alcoholista

FONTES

a) Documentos

- Registro de Sócios da Sociedade Luz (1900-1930)
- Balanços da Sociedade Luz (1906-1931)

b) Publicações periódicas

- Diario "La Vanguardia" (1896-1931)
- Diario "La Prensa" (1900-1920)
- Revista Socialista Internacional (1907-1909)
- Revista "Humanidad Nueva" (1909-1918)
- Revue Socialiste (1899-1918)
- Revista "Vida Nueva" (1906)
- Periódico "La Montaña" (1897)
- Almanaque Socialista (1917-1928)

c) Publicações científicas do período

- ANALES de la Sociedad Científica Argentina (1911-1918)
- Revista de la Asociación Química Argentina (1916-1917)
- Revista de Filosofía, Cultura, Ciencias y Educación (1915- 1929)

d) Fontes bibliográficas do período

AMBROSETTI, Juan B. "Ameghino. Su obra paleontológica". Sociedad Luz, L.J.Rosso, 1916.

AMEGHINO, Florentino. "Homenaje de la Sociedad Luz en el XXV aniversario de su muerte, 1911, agosto 6, 1936" Série I, Tomo 7, Buenos Aires, Sociedad Luz, Fed. Gráf. Bonaerense, 1936.

-----"Obras Completas y Correspondencia científica". Edição oficial pedida pelo Governo da Província de Buenos Aires dirigida por Alfredo J. Torcelli, La Plata, Taller de

Impresiones Oficiales, 1913.

-----et alii. "Evolución". Sociedad Luz, Série I.T. 10, Buenos Aires, La Vanguardia, s.d.

ANNALES. Institut International de Sociologie, Paris, Giard et Brière, (1900-1914).

BERNSTEIN, E. "Socialismo teórico y socialismo práctico". Buenos Aires, Claridad , 1966.

----- "Socialismo evolucionista", Valencia, Sempere y Cia, s.d.

BIRABEN LOSSO, Raul. "Camilo Meyer" en ANALES de la Asociación Quimica Argentina, Buenos Aires, n. 14, 1926.

BONSIGNORI, P. "Le inside del positivismo e del socialismo svelate al popolo" . Queriniana, Brescia, 1905.

BUCHNER, Luis. "O homem segundo a Ciência (o seu passado, o seu presente, o seu futuro, ou donde vimos?, quem somos?, para onde vamos? Exposição muito simples seguida dum grande número de esclarecimentos e observações científicos". Trad. Alfredo Pimenta, Lello e Irmao, Porto, 1960.

-----"Ciencia y naturaleza. (Ensayos de filosofia y ciencia natural). Trad. J. G. LLana, Valencia, Sempere y Cia, s.d.

-----"Luz y Vida. Tres lecciones populares de Historia Natural" . Trad. A. Atienza de la Rosa, Madrid, Est. Tipografico de Ricardo Fe, 1888.

-----"La vida psíquica de las bestias". Trad. José Prat, Valencia, Sempere y Cia , s.d.

-----"Fuerza y Materia. Estudios populares de historia y filosofia naturales". Trad. A. Gómez Pinilla, Valencia, Sempere y Cia, s.d.

BUNGE, Augusto. "El alcoholismo". Conferencias dadas en el Centro Socialista Obrero, Sociedad Luz, Buenos Aires, Talleres Gráficos da Rua Sgo. del Estero 1781, 1912.

CHABLE, R. "Hasta el matrimonio". Sociedad Luz, Série "El problema sexual", S. II, n. 109, Buenos Aires, Impr.F.G.Bonaerense, 1930.

D'ARRIAGA, Manuel. "Harmonias sociais. O problema humano e a futura organização social. A paz dos povos". Coimbra, F. Franca Amado ed., 1907.

DAMIANOVICH, Horacio. "La doctrina de la generación espontánea". Sociedad Luz, Série I, Tomo 2, Buenos Aires, Impr. Kidd y Cia, 1918.

----- "Inauguración de los cursos correspondientes al año 1908". Sociedad Luz, Buenos Aires, Impr. Progreso, 1908.

DARWIN, C. "La expresión de las emociones en el hombre y los animales", Trad. de J. Desar, Buenos Aires, Intermundo, 1946.

----- "El origen del hombre - La selección natural y la sexual", Valencia/ Madrid, Sempere y Cia, s.d.

----- "La lucha por la existencia". Buenos Aires/México, Maucci Hnos, 1909.

----- "Viaje de un naturalista alrededor del mundo". T I, II - Madrid, La España moderna, 1899.

----- "El origen de las especies". T. I, II,III, Trad. A.López White, Valencia, Prometeo, s.d.

----- "Memorias y epistolario íntimo". Buenos Aires, Elevación, 1946.

DEVILLE, Gabriel Pierre. "Principes socialistes". 2a ed., Paris, V. Giard et E. Brière, 1898.

DRAPER, W.H. "University Extension, 1873-1923". London, 1923.

DUBOIS, Pablo. "Enseñanza sexual". Sociedad Luz, Série II,T.II, n. 28, Impr. E. Canals, 1923.

ENGELS, F. "Dialéctica de la Naturaleza". Buenos Aires, Cartago, 1959.

----- "Anti-Dühring". Buenos Aires, Cartago, 1975.

----- "El origen de la familia, la propiedad privada y el estado". La Habana, Ed. de Ciencias Sociales, 1986.

FERRI, Enrico. "Socialismo y Ciencia Positiva (Darwin, Spencer, Marx)". Buenos Aires, Establ. Tipo-Litográfico Gallarini, 1904.

FIGUIER, Luis. "Le savant du foyer ou notions scientifiques sur les objets usuels de la vie". Hachette et Cie., Paris, 1883.

FOURNIÈRE, Eugene. "La crise socialiste". Paris, Bibliothèque Charpentier, E. Pasquella Ed., 1908.

GAROFALO, Raffaele. "A superstição socialista". Trad. Julio de Mattos, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1904.

GIARD, Alfredo. "La educación del naturalista (La morfología de las ciencias naturales)". Ed. Sociedad Luz, Serie II, Tomo II, n. 24, 1919.

GIMENEZ, Angel M. "Páginas de historia del movimiento social en la República Argentina", Buenos Aires, Sociedad Luz, 1927.

----- "La reglamentación de la prostitución y la represión de la trata de blancas ante la justicia penal". Proyecto de ley, Cámara de Diputados, 10-junio-1917, Sociedad Luz, Buenos Aires, La Vanguardia, 1930.

----- "Consideraciones de higiene sobre el obrero en Buenos Aires". Universidad Nacional de Buenos Aires, Facultad de Ciencias Médicas, Imprenta Nacional, 1901, (tese).

----- "Higiene Obrera". (Obras Completas), Selección e prólogo de Carlos Rovetta, Buenos Aires, Sociedad Luz, 1943.

----- "Por la salud física y mental de nuestro pueblo". T I, III, Buenos Aires, Impr. Fed. Gráf Bonaerense, 1932-1937; Tomo IV, Buenos Aires, La Vanguardia, 1938.

GORI, Pedro. "Ciencia y religión". Montevideo, Tipográfica Americana, 1911.

HAECKEL, Ernest. "Maravillas de la vida". Barcelona, Centro Editorial Presa, s.d.

----- "Religião e evolução". Conferência pronunciada em Berlim, 14-18 de abril de 1905, Trad. de Domingo Ramos, 2a. ed., Porto, Libr. Chardon, de Lello e Irmão, 1919.

----- "Un viaje a la India". 2 v, Trad. de G. de Bolders y Feder Spiegel, Barcelona, Atlante, s.d.

----- "Os enigmas do Universo". Porto, Ed. Chardron, de Lello e Irmão (Biblioteca Racionalista), 1926.

----- "Historia de la creación". Sempere y Cia., Valencia, 1905.

----- "Estado actual de nuestros conocimientos sobre el origen del hombre. El monismo. Lazo de unión entre la ciencia y la religión" 8a. ed., Barcelona, Granada y Cia, s.d.

HELMHOLTZ, Hermann Von. "Popular Lectures on Scientific Subjects", London, N.York, Longmans - Green and Co., 1895.

HUXLEY, Julian. "Science et besoins sociaux". em James Jeans, et alli. "Le progrès scientifique", Paris, Libr. Félix Alcan, 1938.

HUXLEY, Thomas. "Les Sciences Naturelles et l'Éducation". Paris, Librairie J.B.Bailliére et fils, 1891.

----- "Science and Culture and other essays". MacMillan, London, 1882.

----- "De la place de l'homme dans la Nature". Paris, J -B. Bailliére et fils, 1868.

----- "Introducción al estudio de las ciencias", N. York, Appleton/Angel Estrada y

Cia, 1890.

-----"Essays Ethical and Political", London, Macmillan and Co. Limited, 1903.

INGENIEROS, José. "Estudios psicológicos en la Argentina". em "Revista de Filosofía, Cultura, Ciencias y Educación" V, Buenos Aires, 1919.

----- "¿Qué es el socialismo?". Buenos Aires. Claridad, s.d.

----- "Al margen de la ciencia". Valencia, Sempere y Cia, s.d.

----- "Hacia una moral sin dogmas. Lecciones sobre eticismo". Buenos Aires, L.J.Rosso y Cia, 1919.

-----"Principios de Psicología Biológica". Madrid, D. Jorro ed. , 1913.

-----"Sociología Argentina". em "Obras Completas" (Dir. Anibal Ponce), Buenos Aires, J.L.Rosso, 1918.

JAMES, William. "Pragmatismo. Nombre nuevo de antiguos modos de pensar". Madrid, Daniel Jorro, Ed., 1923.

-----"La voluntad de creer". Buenos Aires, Tor, s.d.

JEANSELME, E. "La sífilis hereditaria". Sociedad Luz, Série "El problema sexual", s.e, s.d.

-----"La sífilis. Sus síntomas y su evolución". Série "El problema sexual". s.e, s.d.

-----"La sífilis ignorada, desconocida o latente. El pronóstico de la sífilis". Série "El problema sexual" , n. 12, s.e, s.d.

JUARROS, Cesar. "La prálsis general". Sociedad Luz. Série "El problema sexual", n. 15, s.e, s.d.

JUSTO, Juan B. "Teoría y práctica de la Historia". Buenos Aires, Lotito y Barberis, 1909.

----- "El socialismo". (Conferência 17-8-1902), Buenos Aires, La Vanguardia, 1933.

----- "El realismo ingenuo". Buenos Aires, La Vanguardia, 1914.

----- "El método científico". Buenos Aires, La Vanguardia, 1905.

KAUTSKY, Karl. "La Révolution Sociale". Paris, Marcel Rivière et Cia., 1912.

KROPOTKIN, P. "A questão social: o anarquismo em face da Ciência", São Paulo, Prometeu, 1913.

----- "La Science moderne et l'Anarchie". 2a.ed., Paris, P.V.Stock et Cia., Paris, 1913.

LABRIOLA, Antonio. "Socialisme et Philosophie (Lettres a G. Sorel)", Paris, V. Giard et E. Brière, 1899.

----- "La teoría de los factores económicos y la concepción materialista de la historia". México, América, 1939.

LANGE, A. "Historia del materialismo". 2 v., Buenos Aires, Lautaro, 1946.

LANGE, Karl. "Les émotions. Étude psychophysiologique". (Trad. d'après l'édition allemande du Dr. Kurella, par George Dumas), Paris, Félix Alcan, 1895.

LEJARZA, Joaquín. "Los positivistas y el cristianismo". Barcelona, Ed. Luis Gili, 1912.

LOMBROSO, Cesar, et alii. "La escuela criminológica positiva". Madrid, La España moderna, s.d.

----- "El hipnotismo. Aplicaciones judiciales y médicas de la Antropología. Últimos progresos de la Antropología". 3 v., Madrid, La España moderna, s.d.

LOMBROSO, Gina. "La tragedia del progreso. Origine. Ostacoli. Triunfi. Sconquassi del macchinismo". Milano, Nova Edizione Capalogo.

MALON, Benoit. "La Morale sociale". Revue Socialiste, Paris, Ed. V. Giard et E. Brière, s.d.

----- "Le Socialisme Integral". Revue Socialiste, Félix Alcan, Paris, 1897.

MARAÑON, Gregorio. "Notas para la biología de Don Juan". Sociedad Luz, Série "El problema sexual", Buenos Aires, La Vanguardia, 1926.

-----"Sexo, Trabajo y Deporte". Sociedad Luz, Série "El problema sexual", Buenos Aires, La Vanguardia, 1926.

MERCANTE, Victor. "Florentino Ameghino. Rasgos biográficos". Sociedad Luz, Buenos Aires, L.J.Rosso, 1916.

MEYER, Camilo. "Conferencias de Astronomía Popular, dadas en 1912 y 1913". Sociedad Luz, Buenos Aires, Impr. de Kidd y Cia, 1916.

-----"La filosofía de las matemáticas y su evolución desde la doctrina cartesiana hasta el positivismo de Augusto Comte". Em ANALES de la Sociedad Científica Argentina, n. 76, 1913.

-----"Las teorías físicas y los límites del conocimiento científico". "El mecanismo y la energética y los límites del conocimiento científico". Em ANALES de la Sociedad Científica Argentina, n. 76, 1913.

MEYER, Oscar. "Sífilis. Uno de los más importantes factores de la eugenia y la eutenia". Série "El problema sexual". Buenos Aires, La Vanguardia, 1930.

PALCOS. Alberto. "La vida emotiva". Buenos Aires, M. Gleizer, 1925.

-----"El genio". Buenos Aires, Cooperativa Buenos Aires, 1920.

-----"El materialismo o economismo histórico". Buenos Aires, Ariel, 1915.

-----"La teoría general de las emociones". Em "Revista de Filosofía", V.22, n. 24 - julio 1925.

PARTIDO SOCIALISTA ARGENTINO. "Movimiento socialista y obrero", La Vanguardia, 1910.

PAULHAN, Frédéric. "Les phénomènes affectifs et les lois de leur apparition. Essai de psychologie générale". 2a.ed., Paris, Félix Alcan, 1901.

RECLUS, Eliseo. "Evolução, revolução e ideal anarquista". São Paulo, Establ. Tipográfico La Tribuna Española, 1904.

RIBOT, Th. "L'Hérédité". Felix Alcan, Paris, 1887.

----- "Ensayos sobre las pasiones". Trad. Domingo Vaca, Madrid, Ed. D. Jorro, s.d.

----- "Las enfermedades de la voluntad". Trad. Ricardo Rubio, Madrid, Libr. de Victoriano Suárez, 1899.

-----"La psicología de los sentimientos". Madrid, F. Fe y Victoriano Suárez, 1900.

SENET, Rodolfo. "Los ascendientes del hombre según Ameghino". Sociedad Luz, Buenos Aires, L.J.Rosso, 1916.

SERGI, G. "La psiquis en los fenómenos de la vida. Idea de una psicología general". Trad. Miguel Domínguez Mir, Barcelona, Ed. Carbolenn y Esteva, 1907.

----- "La evolución humana individual y social. Hechos e ideas". Trad. S. Valentí Camps, Barcelona, Impr. de Henrich y Comp. en C., 1905.

SHAW, Bernard. "El socialismo y el matrimonio". Série "El problema sexual", Buenos Aires, La Vanguardia, 1929.

SPENCER, H. "The Principles of Psychology". 2v., London, Williams & Norgate, 1872.

STRAUSS, D. Frederic. "Antiga e nova fé" - Trad. por A. Pimenta, Porto, Lello e irmão,

s.d.

TURATI, Felipe. "Le leghe di resistenza e il Partito Socialista". Milano, Critica Sociales, 1902.

VALLE IBERLUCEA del, Enrique. "Teoría materialista de la historia". Buenos Aires. Impr. Europea de M.A. Rosas, 1907.

-----"Justicia y Trabajo". Rosario, Talleres Gráficos Editorial "La Tierra", 1931.

VAN ENDE, V. "Histoire naturelle de la croyance". Paris, Félix Alcan, 1887.

VÉRECQUE, Charles. "Dictionnaire du socialisme". Paris, Giard et Brière, 1911.

VIDARI, Giovanni. "Intorno alla genesi dell'idea di progresso e morale sociale" . Em Stratto dai Rendiconti del R. Istituto Lombardo, Série II V. XXXVII - 1904.

VILLA, Guido. "La psicología contemporánea". Trad. V. González Serrano, Madrid, Librería de Fernando Fé/ Sáenz de Jubera, 1902.

WEGENER, Hans. "De las mujeres". Sociedad Luz, Série "El problema sexual", La Vanguardia, 1926.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ACADEMIA NACIONAL DE CIENCIAS-CENTRO DE ESTUDIOS FILOSOFICOS.

"La Revista de Filosofía, Cultura, Ciencias y Educación(1915-1929)" - Estudio e índices analíticos por Hugo E. Biagini , Elena Ardissonne y Raúl Sassi, CEF, Buenos Aires, 1984.

ADORNO, Theodor W. "Crítica cultural y sociedad", Madrid, Sarpe, 1984.

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. "Dialéctica del Iluminismo". Buenos Aires, Sur, 1970.

ALQUIE, Ferdinand. "Le Rationalisme de Spinoza", Paris, PUF, 1981.

ALLEN, Garland. "La ciencia de la vida en el siglo XX". México, FCE, 1983.

ANDREUCCI, F. "A difusão e vulgarização do marxismo", em E. Hobsbawm (Org). "História do marxismo", V. 2, "O marxismo na época da Segunda Internacional", R.J, Paz e Terra, 1982.

ARMUS, Diego (Org). "Mundo urbano y cultura popular". Buenos Aires, Sudamericana, 1990.

ARMUS, Diego. "Enfermedad, ambiente urbano e higiene social. Rosario entre fines del siglo y comienzos del XX", em Diego Armus (Org), "Sectores populares y vida urbana", Buenos Aires, CLACSO, 1984.

BABINI, José; PAPP, Desiderio. "Las ciencias naturales en el siglo XIX , em Aldo Milella, "Panorama General de las Ciencias", Buenos Aires/Madrid, Espasa Calpe, 1958.

BABINI, José. "Historia sucinta de la Ciencia". Espasa Calpe. Buenos Aires, 1959.

BABINI, José. "Historia de la Ciencia en Argentina". México, FCE, 1949.

BAJTIN, Mijail. "La cultura popular en la Edad Media y el Renacimiento. El contexto de François Rabelais". Madrid, Alianza Editorial, 1987.

BALLENT, Anahi. "Vivienda y sectores populares: el caso de 'El Hogar Obrero'. Buenos Aires, 1905-1940", Colección Crítica, Inst. de Arte Americano, Buenos Aires, 1991.

BARBE, Carlos; OLIVIERI, Mabel. "Sociologia, storia, positivismo. Messico, Brasile, Argentina e l'Italia", Milano, FrancoAngeli, 1992.

BARNES, Barry; KUHN, Thomas S. et alii. "Escritos sobre sociología de la ciencia". Madrid, Alianza Universidad, 1980.

BARRANCOS, Dora. "Cultura, educación y trabajadores (1890-1930)". Centro Editor de América Latina, Buenos Aires, 1991.

----- "Ciencias para trabajadores. Problemas e imágenes en torno a los destinatarios", em Ricardo Salvatore (Org.) "Reformadores sociales en Argentina, 1900-1940", DTS 119 - Instituto Di Tella /Centro de Investigaciones Sociales, Buenos Aires, 1992.

----- "La modernidad redentora: ciencias para trabajadores en el espacio de Buenos Aires, 1890-1914". Actes, Colloque Grandes Métropoles de l'Afrique et l'Amérique Latine: Équipements urbaines et pratiques culturelles", Toulouse, 1991; - También em Siglo XIX México, 2a época, v. 12, Jul/dic. 1992.

-----"El proyecto de 'Extensión Universitaria' en Argentina: El Ateneo Popular y el movimiento obrero durante 1909/1918". Buenos Aires, CEIL/CONICET, 1988.

BATALHA, Claudio. "O socialismo no Brasil na época da II Internacional: Uma revisão de algumas interpretações correntes". XV Encontro Anual da ANCOPS-oT 1991, Caxambú , (MG), (mimeo).

BERLINGER, Giovanni. "A saúde na fábrica". R. de Janeiro, CEBES/HUCITEC, 1982.

BERMAN, Marshall. "Tudo o que é sólido desmancha no ar". Cia. das Letras, São Paulo, 1986.

BERNAL, John. "Historia social de la Ciencia". I-"La Ciencia en la Historia". Península, Barcelona , 1973.

BIAGINI, Hugo E. (Org). "El movimiento positivista argentino". Buenos Aires, Ed. Univ. de Belgrano, 1985.

BIAGINI, Hugo E. "Bibliografía sobre el positivismo latinoamericano". Em "Todo es Historia", n. 173, oct.1981.

BIGSBY, C.W.E. "La política de la cultura popular". Em C.W.E. Bigsby (Org), "Examen de la cultura popular". México, FCE, 1982.

BILSKY, Edgardo. "Esbozo de historia del movimiento obrero argentino desde sus orígenes hasta el peronismo". Buenos Aires, Biblos, Fundación Simón Rodríguez, 1987.

BLUSTEIN, Bonnie E. "The Rejection of Psychological Approaches to Mental Disorder in Late Nineteenth-Century British Psychiatry". Em Andrew Scull, "Madhouses, Mad-Doctors, and Madmen. The Social Psychiatry in the Victorian Era", Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1981.

BOCK, Kennet. "Natureza Humana e História. Uma Réplica à Sociobiologia". R.J., J.Zahar, 1982.

BOLLEME, Gèneviève, "Le peuple par écrit". Seuil, Paris, 1986.

BOTANA, Natalio. "El orden conservador. La política argentina entre 1880 y 1916". Buenos Aires, Sudamericana, 1977.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger; DARNTON, Robert. "Dialogue à propos de l'histoire culturelle". Em Actes de la Recherche, 59, Set. 1985.

BOUREAU, Alain. "Propositions pour une histoire restreinte des mentalités". Em ANNALES - 44 ANNÉE, n.6, Nov/Déc. 1989.

BRESCIANI, Maria Stella. "De la perplexité politique a la certitude scientifique. Une histoire en quatre actes". UNICAMP, 1991, (mimeo).

----- "Permanência e ruptura no estudo das cidades". Campinas, UNICAMP, 1990, (mimeo).

----- "Lógica e dissonância. Sociedade de Trabalho: Lei, Ciência, Disciplina e Resistência Operária", em Revista Brasileira de História, S. Paulo, v 6, n. 11, set.1985/fev.1986.

----- "Londres e Paris no século XIX. O espetáculo da pobreza". São Paulo, Brasiliense, 1990.

BURKE, Peter. "Enfoques oblicuos de la historia de la cultura popular", em C.W.E Bigsby (Org), "Examen de la cultura popular", México, FCE, 1982.

BURY, J.B. "The Idea of Progress". Dover Publications Inc., N.Yor, 1932.

CAILLÉ, Alain. "Splendeurs et misères des Sciences Sociales". Genève-Paris, Librairie Droz, 1986.

CANGHUILLEM, Georges; LAPASSADE, Georges; PIQUEMAL, J. "Du développement a l'évolution au XIX siècle". Paris, PUF, 1985.

CANGHUILLEM, Georges. "Études d'Histoire et de Philosophie des Sciences". Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1970.

CANTON, Dario. "Materiales para el estudio de la sociología política en Argentina". Buenos Aires, Instituto T. Di Tella, 2 vol, 1968.

CANTON, Dario. "El parlamento argentino en épocas de crisis, 1890, 1916, 1946". Buenos Aires, Instituto T. Di Tella, 1967.

CLARK, Linda. "Le darwinisme social en France", em RECHERCHE, 1988, 19: 192-200.

CLARKE, John; CRITCHER, Chas and JOHNSON, Richard. "Working Class Culture". London, Hutchison Univ. Libr. Center for Contemporary Cultural Studies, 1979.

COHEN, Raphael Morris. "Reason and Nature. The Meaning of Science Method". N.York, The Free Press of Glecoe, 1959.

COHEN, G.A. "La teoría de la Historia de Karl Marx. Una defensa". Madrid, Ed. Pablo Iglesias y Siglo XXI, 1986.

COLE, G.D.H. "Historia del pensamiento socialista". V.5,6,7,México, FCE, 1958.

COLEMAN, William. "La biología del siglo XIX". México, FCE, 1981.

COLLINI, Stefan. "Discipline history and "intellectual history". Reflections on the historiography of the Social Sciences in Britain and France". Em REVUE DE SYNTHÈSE, n. 109, 1988.

CONRY, Ivette (Org). "De Darwin au darwinisme: science et idéologie". (Congrès international pour le centenaire de la mort de Darwin), Paris, Vrin, 1983.

CORBIERE, Emilio. "El marxismo de Enrique del Valle Iberlucea". Buenos Aires, CEAL, 1987.

CORBIERE, Emilio. "Juan B. Justo. Socialismo e imperialismo". Buenos Aires, Impr. Honegger, 1972.

CORDONE, Hector. "Apuntes sobre la evolución de la historia sindical en la Argentina. Una aproximación bibliográfica". Buenos Aires, Boletín CEIL-CONICEL, n. XVI, dic. 1987.

CRAIG, David. "El marxismo y la cultura popular", em C.W.E Bigsby (Org), "Examen de la cultura popular". México, FCE, 1982.

CUNEO, Dardo. "Juan B. Justo". Buenos Aires, Americalee, 1943.

CHARTIER, Roger. "Histoire intellectuelle et histoire des mentalités. Trajectoires et questions", em REVUE DE SYNTHÈSE "Journée Histoire des sciences et mentalités", n. 11, 12, 3e, Juill/déc. 1983.

-----"Les origines culturelles de la Révolution Française". Paris, Ed. Seuil, 1990.

-----"Le monde comme représentation". Em ANNALES, 44 ANNÉE, n. 6, Nov/Déc. 1989.

CHAUI, Marilena. "Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo (Espinosa, Voltaire, Merleau-Ponty)". São Paulo, Brasiliense, 1981.

-----"Cultura e democracia". 4 ed., São Paulo, Cortez Editora, 1989.

CHAUI, Marilena; HALL, Michael; DE DECCA, Edgard et alii. "O direito à memória Patrimônio histórico e cidadania". São Paulo, SMC/Dep. do Patrimônio Histórico, 1992.

DALAMBERT, J.L.R. "Discurso preliminar de la Enciclopedia". Buenos Aires, Lautaro, 1947.

DARTON, Robert. "Intellectual and Cultural History". Em M. Kammer (org), "The Past Before Us: Contemporary History Writing in the United States". Cornell Univ. Press, 1980.

DENIS, Barbara; SKILTON, David (org). "Reform and Intellectual Debat in Victorian England". London, N.York, Sydney, Groom Helm World, 1987.

DEUTSCH, Sandra Mc Gee. "Counterrevolution in Argentina, 1900-1932. The Patriotic League". Lincoln, University of Nebraska, 1986.

DOTTI, Jorge. "Las vetas del texto. Una lectura filosófica de Alberdi, los positivistas y Juan B. Justo". Buenos Aires, Puntosur, 1989.

DROTZ, Jacques. "Histoire général du socialisme". Paris, PUF, 1974.

DUMAS, Eliane. "La pensée ouvrière et socialiste sur l'education et l'instruction au debut du siècle XXe". Paris, DES, Fac. des Lettres et Sciences Humaines, 1966.

DUVEAU, Georges. "La vie ouvrière en France sous le Second Empire". Paris, Gallimard, 1946.

ELIAS, Norbert. "El proceso de la Civilización. Investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas". México, FCE, 1987.

ELLEGARD, Alvar. "Darwin and the general reader. The reception of Darwin's theory of evolution in the British periodical press - 1859-1972". Chicago, University of Chicago Press,

1990.

EVANS, Richard. "The German Working Class - 1888-1933. The Politic of Everyday Life" . Croom Helm ed. - Barnes and Noble Books, 1981.

FACCILOLO, Ana Ma. "Crecimiento industrial, expansión metropolitana y calidad de vida. El asentamiento obrero en Buenos Aires desde principios de siglo". Em "Desarrollo Económico" , n. 80 , 1981.

FACCILOLO, Ana Ma. "El asentamiento obrero en Buenos Aires a principios de siglo". Buenos Aires , 1991, (mimeo).

FALCON, Ricardo. "El mundo del trabajo urbano (1890-1914)". Buenos Aires, CEAL, 1986.

FALCON, Ricardo. "Los orígenes del movimiento obrero". Buenos Aires, CEAL , 1984.

FERRARI, Gustavo; GALLO, Ezequiel (Org). "La Argentina del Ochenta al Centenario". Buenos Aires, Sudamericana, 1980.

FETSCHER, Iring et alii. "El socialismo. De la lucha de clases al Estado providencia". Barcelona, Plaza & Janes, 1977.

FIORANI, Flavio. "Lo stato di fronte alla questione sociale: la lesglazione del lavoro in Argentina, 1904-1922". "Movimento Operaio e Socialista", 8/2, 1985.

FRANZÉ, Javier "El concepto de política de Juan B. Justo". Buenos Aires, CEAL, 1993.

GARCIA COSTA, Victor. "Alfredo L. Palacios. Un socialismo argentino para la Argentina". 2 v., Buenos Aires, CEAL, 1986.

GASCOIGNE, Robert M. "A chronology of history of Science -1450-1900". N.York, Garland, 1987.

GAY, Donna. "Emilio and Gabriela Coni Reformers, Public Health and Working Women", em J.Ewell y W. Beezley (Org), "The Human Tradition in Latin America. The Nineteenth Century". Wilmington, Scholarly Resources Impr., 1989.

----- "White Slavery, Public Health, and the Socialist Position on Legalized Prostitution in Argentina, 1913-1936" ,em Latin America Research Review , V XXIII, n.3, Dec. 1983.

-----"Sex and Danger in Buenos Aires. Prostitution, family, and nation in Argentina" . Lincoln, University of Nebraska Pres, 1991.

GEERTZ, Clifford. "Savoir local, savoir global. Les lieux du savoir". Paris, PUF, 1986.

GEERTZ, Clifford. "A interpretação das Culturas". R.J. , Zahar Ed., 1978.

GEYMONAT, Ludovico. "Historia del pensamiento filosófico y científico", Barcelona, Anil Filosofia, 1984.

GEYMONAT, Ludovico. "El pensamiento científico". Buenos Aires, EUDEBA, 1968.

GINZBURG, Carlo. "Sññales: raíces de un paradigma indiciario", em Aldo Gurgari (Org), "Crisis de la razón. Nuevos modelos entre las relaciones de saber y la actividad humana". México, Suglo XXI, 1983.

GINZBURG, Carlo. "El queso y los gusanos". Barcelona, Muchnik, 1989.

GODIO, Julio. "El movimiento obrero argentino (1870-1910) Socialismo, anarquismo y sindicalismo". Buenos Aires, Legasa, 1987.

-----"El movimiento obrero argentino (1910-1930) Socialismo, sindicalismo y comunismo". Buenos Aires, Legasa, 1988.

GOULD, Stephan Jay. "A falsa medida do homem". São Paulo, Martins Fontes, 1991.

----- "Ever Sice Darwin. Reflections in Natural History". London, Pinguin Books, 1991.

GREEN, J.C. "The History of Ideas Revisted" , em "Histoire des idées et théorie de l'évolution". REVUE DE SYNTHÈSE, IVe. S. n. 3, juill-sept. 1986.

GRUBER, Helmut. "Sexuality in " Red Vienna": Socialist Party conceptions and Programs and Working-Class Life, 1920-34", em International Labor and Working-Class History, 31, Spring 1987.

----- "History of the Austrian Working Class: Unity of Scholarship and Practice", em International Labor and Working-Class History, n. 24 (Fall 1983).

GRÜTTNER, M. "Osterie e consumi di alcoolici nella vita quotidiana della classe operaia in Germania (1871-1933)", em Movimento operaio e socialista, n. 1, 1985.

GUERENA, Jean-Louis. "Les socialistes madrilènes et l'éducation au debut du XXe siècle", em "Materieaux pour l'histoire de notre temps". Paris, n. 3,4 - juillet-déc, 1985.

GUTIERREZ, Leandro; ROMERO, Luis Alberto. "Sociedades barriales, bibliotecas populares y cultura de los sectores populares: Buenos Aires 1920-1945", em DESARROLLO ECONOMICO, v.29, n.113, abril-junio de 1989).

-V. XXIII, n.3, 1988.

GUTIERREZ, Leandro; GONZALEZ, Ricardo. "Las condiciones de la vida material de los sectores populares en Buenos Aires 1880-1914. La cuestión de la salud", em II Jornadas de Historia de la Ciudad de Buenos Aires, "La salud en Buenos Aires". MCBA/Instituto Histórico de la Ciudad de Buenos Aires, Buenos Aires, 1988.

HALL, Michael; SPALDING, Hobart. "The urban Working-class and Early Latin American Labor Movements, 1880-1930", em "The Cambridge History of Latin America, (1870-1930)". London, Ed. Leslie Bithell, Cambridge Univ. Press, 1986.

HANDLIN, Oscar. "La ambivalencia en la reacción popular ante la ciencia", em Barry Barnes et alii, "Escritos sobre sociología de la ciencia". Madrid, Alianza Universidad, 1980.

HARRIS, Ruth. "Murder under hypnosis in the case of Gabrielle Bompard: psychiatry in the Courtroom in Belle Époque Paris", em W.F. Bynum, Roy Porter and Michael Shepherd, "The Anatomy of Madness. Essays in the History of Psychiatry". V.II, London, Tavistock Publication, 1985.

HAUPT, Georges. "Marx e o marxismo", em E. Hobsbawm (Org.), "História do marxismo". V.

2, "O marxismo na época da Segunda Internacional". R.J., Paz e Terra, 1982.

HAUPT, Georges. "Aspects of International Socialism-1871-1914". London/N.York, Cambridge Univ. Press, 1986.

HEERS, Marie-Louise. "El mundo contemporáneo (1848-1914)". Madrid, Sarpe, 1985.

HILDEN, Patricia. "Working Women and Socialist Politics in France, 1880-1914. A Regional Study". Oxford, Clarendon Press, 1986.

HOBBSBAWM, Eric. "As classes operárias inglesas e a cultura desde os princípios da revolução", em "Níveis de Cultura e Grupos Sociais". Colóquio ENS, Paris, mayo de 1966; Lisboa, Ed. Cosmos e Martin Fontes, 1974.

----- "A cultura européia e o marxismo entre o século XIX y o século XX", em E. Hobsbawm (Org), "História do marxismo". V. 2 - "O marxismo na época da Segunda Internacional". R.J., Paz e Terra, 1982.

----- "La era del Imperio (1875-1914)". Madrid, Ed Labor, 1989.

HUXLEY, Th. and Julian. "Evolution and ethic". London, Pilet, 1947.

JAMES, Susan. "The Content of Social Explanation". Cambridge, Cambridge Univ.Press, 1984.

JAURES, Jean. "Civilización y socialismo". Buenos Aires, La Vanguardia, (El pequeño libro socialista), 1933.

JEANS, James (et alii). "Le progrès scientifique". Paris, Libr. Félix Alcan, 1938.

KENNEALLY, James. "Women and Trade Unions 1870-1920: The Quandary of Reformer", em Labor History, Winter 1973, v.14, n.1

KNIGHT, David. "The age of Science. The Scientific World. View in the Nineteenth-Century". Oxford, Basil Blackwell, 1986.

KORZENIEWICZ, Roberto P. "The Labor Movement in Argentina, 1887-1973" . Ph D. Diss., State Univ. of N.York at Binghamton, 1989.

KOVEN, Setoh; MICHEL, Sonya. "Womanly Duties: Maternalistic Politics and the Origins of Welfare States in France, Germany, Great Britain, and the United States, 1880-1920", em The American Historical Review, V. 95, n. 4, oct. 1990.

KRIEGER, Annie. "Le pain et les roses. Jalons pour une histoire des socialismes". PUF, Paris, 1968.

LAURENT, John A. "Science education, evolution theory and the British Labour movement". Ph.D. Thesis, School of Science, Griffith University, 1984.

LIDTKE, Nernon L. "The Alternative Culture: Socialist Labor in Imperial Germany". N.York, Oxford Univ. Press, 1985.

MACINTYRE, Stuart. "Proletarian science. Marxism in Britain, 1917-1933". Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1980.

MALANDRINO, Corrado. "Scienza e socialismo. Anton Pennekoek (1870-1960)". Milano, FrancoAngelli, 1987.

MARCO, Nelio. "O que o darwinismo?". Sao Paulo, Brasiliense, 1987.

MARISTANY, Luis. "El gabinete del Doctor Lombroso. (Delincuencia y fin de siglo en España)". Barcelona, Anagrama, 1973.

MAROTTA, Sebastian. "El movimiento sindical argentino". 3 vol, Buenos Aires, Lacio - Calomino, 1960-1961-1970.

MASON, L.F. "História da Ciência. As principais correntes do pensamento Científico". P. Alegre, Ed. Globo, 1964.

MAURICE, Jacques (et alii). "Peuple, mouvement ouvrier, culture dans l'Espagne contemporaine". Paris, Press Universitaire de Vincennes, Univeristé Paris VIII, 1990.

MAYR, Ernst. "The Growth of Biological Thought. Diversity, Evolution and Inheritance". Cambridge, Mass., The Belknap Press of Harvard University Press, 1982.

MC LELLAN, David. "Marxism and Religion. A description and Assessment of the Marxist Critique of Christianity". Macmillan Press, London, 1987.

MEACHAM, Standish. "A Life Apart. The English Working Class, 1890-1914". Cambridge, Mass, Harvard Univ. Press, 1977.

MELANGES MANDROU, Robert. "Histoire sociale, sensibilités collectives et mentalités". Paris, PUF, 1985.

MERCIER, Lucien. "Les Universités Populaires: 1899-1914. Education populaire et mouvement ouvrier au debut du siècle". Paris, Les Éditions Ouvrières, 1986.

MILLER, Jacoby Robin. "The Women's Trade Union League and American Feminism", em Milton Cantor and Bruce Laurie, "Class, Sex, and the Woman Worker". Westport-London, Greenwood Press, 1977.

MONSERRAT, Marcelo. "Presencia del evolucionismo", em Hugo E. Biagini (Org.) "El movimiento positivista argentino". Buenos Aires, Ed. de Belgrano, 1985.

MOORE, James R. (org). "History, Humanity and Evolution: Essays for John C. Greene". Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1989.

MOREAU DE JUSTO, Alicia. "El socialismo según la definición de Juan B. Justo". Buenos Aires, Polis, 1946.

MORT, Frank. "Dangerous Sexualities. Medico-Moral Politics in England since 1830". London-N.York, Routledge & Kegan Paul, 1987.

MOSCOVICI, Serge. "Essai sur l'histoire de la nature". Paris, Flammarion, 1968.

MUNCK, Roland. "Cycles of class struggle and the making of the working class in Argentina, 1890-1920". Journal of Latin American Studies - n. 19, 1, 1987.

MUNFORD, Lewis. "Técnica y Civilización". Madrid, Alianza, 1982.

NASH, M. "Presencia y protagonismo. Aspectos de la historia de la mujer". Barcelona, Del Serbal, 1984.

NASH, M. "El neomalthusianismo y los conocimientos populares sobre el control de la natalidad en España", em M. Nash "Presencia y protagonismo. Aspectos de la historia de la mujer". Barcelona, Del Serbal, 1984.

ODDONE, Jacinto. "Gremialismo Proletario Argentino". Buenos Aires, La Vanguardia, 1949.

ODDONE, Jacinto. "Historia del socialismo argentino". 2 vol., La Vanguardia, Buenos Aires, 1934.

ORIOLA ROJAS, Margarita. "Florentino Ameghino (c. 1853-1911)", em Hugo Biagini (Org), "El movimiento positivista argentino". Buenos Aires, Univ. de Belgrano, 1985.

ORIONE, Julio. "Florentino Ameghino y la influencia de Lamarck en la paleontología argentina del siglo XIX", em QUIPU, v.4, N°3 - Sept/dic. 1984.

ORIONE, Julio; ROCCHI, Fernando A. "El darwinismo en Argentina", em TODO ES HISTORIA . Buenos Aires, n. 228, abril 1986.

ORIONE, Julio. "El hallazgo del megaterio", em CUADERNOS HISPANOAMERICANOS , n. 489, marzo 1991.

PALACIN, Manuel. "Breve historia del Partido Socialista". Buenos Aires, La Vanguardia, 1946.

PAN, Luis. "Visión socialista del medio siglo argentino (La obra parlamentaria del Partido Socialista)". Buenos Aires, La Vanguardia, 1947.

PAN, Luis. "Justo y Marx". Buenos Aires, Ed. Monserrat, 1964.

PANETTIERI, Jose. "Los trabajadores". Buenos Aires, Jorge Alvarez Ed., 1968.

PANETTIERI, Jose. "Las primeras leyes obreras". Buenos Aires, CEAL, 1984.

PERELSTEIN, Berta. "Positivismo y antipositivismo en la Argentina". Buenos Aires, Procyon, 1952.

PERROT, Michelle. "Les ouvriers en grève, France 1871-1890". (2 vol.), Paris, Mouton, 1974.

PIANETTO, Ofelia. "Mercado de trabajo y acción sindical en la Argentina, 1890-1922". "Desarrollo Económico". Buenos Aires, n. 94, Julio-sept. 1984.

PRIETO, Agustina. "El obrero en la mira. Una aproximación a la cuestión de la identidad de los trabajadores en la Argentina del novecientos a partir de un estudio de caso". Revista Estudios Sociales (Revista Universitaria Semestral), n. 1, Santa Fe, 1991.

PRISLEI, Leticia. "Itinerario intelectual y político de los Maestros-ciudadanos", em Entrepasados-Revista de Historia. Buenos Aires, año II, n.2, 1992.

RABINBACH, Anson. "Rationalism and Utopia as Languages of Nature: A note", em International Labor and Working-Class History, n. 31, Spring, 1987.

RANCIÈRE, Jacques. "A noite dos proletários. Arquivo do sonho operário". Sao Paulo, Cia. de las Letras, 1988.

RANDALL, John. "La formación del pensamiento moderno". Buenos Aires, Ed. Mariano Moreno, 1981.

RATZER, Jose. "Los marxistas argentinos del 90". Córdoba, Pasado y Presente, 1970.

RAVETZ, J. "Bernal's Marxist Vision of History", em International Review Devoted to the History of Science and its Cultural Influences, V.72, n. 263, Set. 1981.

REBÉRIOUX, Madeleine. "La littérature socialisante et la représentation du futur en France au

tournant du siècle", em Robert Mandrou, "Histoire sociale, sensibilités collectives et mentalités". Paris, PUF, 1985.

REBÉRIOUX, Madeleine. "Jaurés et la classe ouvrière". Paris, Les Éditions Ouvrières, 1975.

REBÉRIOUX, Madeleine. "La Revue Socialiste", em Cahiers Georges Sorel, n.5, Paris, 1987.

RECALDE, Hector. "La higiene y el trabajo". 2 v., Buenos Aires, CEAL, 1988.

RECALDE, Hector. "La salud de los trabajadores en el Buenos Aires del Centenario", em II Jornadas de Historia de la Ciudad de Buenos Aires, MCBA/Instituto Histórico de la Ciudad de Buenos Aires, Buenos Aires, 1988 .

REVISTA DE OCCIDENTE (AAVV) "El marxismo como movimiento cultural". Madrid ,1986, n. 61.

RICHARD, Lionel. "A República de Weimar". São Paulo, Cia. das Letras , 1988.

RICHARD, Gaston. "Le socialisme et la science sociale". (2a. ed.),Paris, Félix Alcan, 1899.

RICHARDS, Robert S. "Darwin and the Emergency of Evolutionary Theories of Mind and Behavior (Science and its conceptual foundations)". Chicago, University of Chicago Press , 1987.

RICHTER, Noe . "Les bibliothèques populaires". Paris, Circle de la Librairie, 1978.

RIGOTTI, Ana Ma. "El reformismo oligárquico y las casas para obreros". Revista Estudios Sociales, Santa Fe, n. 1, 1991.

RITTER, Gerhard A. "Workers' Culture in Imperial Germany: Problems and Points of Departure for Research", em Journal of Contemporary History, V. 13, n. 2 , April 1978 .

RODRIGUEZ, Alfredo C. "Juan B. Justo a través de sus libros fundamentales". Buenos Aires, Comisión de prensa, Partido Socialista Democrático, 1961.

ROGER, J. "Histoire des mentalités: les questions d'un historien des sciences", em REVUE DE SYNTHESE, -"Journée Histoire des sciences et mentalités". n. 111 - 112 , Juill/déc. 1983.

ROGER, Jacques. "Réflexions sur une controverse", em "Histoire des idées et théorie de l'évolution". REVUE DE SYNTHESE - IVe. S. n.3 , Juill-sept. 1986.

ROSEN , George. "Da Polícia Médica à Medicina Social". R. de Janeiro, Graal , 1980.

ROSENWIG, Roy. "Eighth hours for what will. Workers and Leisure in an industrial city (1870-1930)". Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1983.

ROTH, Günter. "The Social Democrats in Imperial Germany. A Study in Working Class Isolation" . New Jersey, Totowa, 1968.

ROVALETTI, Lucrecia. "Panorama Psicológico", em Hugo E. Biagini (Comp.) "El movimiento positivista argentino". Buenos Aires, Ed. Universidad de Belgrano, 1985.

RUANET, Sergio Paulo. "As razões do Iluminismo". São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

RUANET, Sergio Paulo. "O olhar iluminista", em "O Olhar". São Paulo, Cía das Letras, 1988.

SALVADORI, M.L. "Kantsky entre ortodoxia e revisionismo", em E. Hobsbawm (Org), "História do marxismo", V.2 - "O marxismo na época da Segunda Internacional ". R.J., Paz e Terra, 1982.

SARLO, Beatriz. "El imperio de los sentimientos". Buenos Aires, Catálogos, 1985.

----- "La imaginación técnica. Sueños de modernidad en la cultura argentina". Buenos Aires, Nueva Visión, 1992.

----- "Una modernidad periférica: Buenos Aires, 1920 y 1930". Buenos Aires, Nueva Visión, 1988.

SCULL, Andrew. "Madhouses, Mad-Doctors, and Madmen. The Social Psychiatry in the Victorian Era". Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1981.

SCHORSKE, Carl. "Fin-de siècle, Viena - Política e Cultura" São Paulo, Cia. de las Letras, 1989.

SCHUSTER, Feliz. "El concepto de Ciencia", em Hugo E. Biagini (Org.) "El movimiento positivista argentino". Buenos Aires, Ed. Univ. de Belgrano, 1985.

SICHERMAN, Barbara. "The Paradox of Prudence: Mental Health in the Gilded Age", em Andrew Scull (Org), "Madhouses, Mad-Doctors, and Madmen. The Social History of Psychiatry in the Victorian Era". Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1981.

SIMON, Brian. "Education and the Labour Movement, 1870-1920". London, Lawrence & Wishart, 1974.

SIMON, Brian. "Studies in the History of Education - 1780-1870". London, Laurence & Wishart, 1960.

SOLER, Ricaurte. "El positivismo argentino". Buenos Aires, Paidós, 1968.

SOWERWINE, Charles. "Les femmes et le socialisme". Paris, Presse de la Fondation National des Sciences Politiques, 1978.

STAGNER, Ross. "A history of psychological theory". Macmillan, N.York, 1988.

STEARNS, Peter N. "Working -Class Women in Britain, 1890-1914", em Martha Vicinus (Org) "Suffer and Be Still. Women in the Victorian Age". London, Methuen & Co, Ltd. , 1980.

STEDMAN JONES, Gareth. "Languages of class. Studies in England Working Class History (1832-1982)". Cambridge, Cambridge Univ. Press., Milton Keynes, 1981.

STEPAN, Nancy. "The Hour of Eugenics. Race, Gender, and Nation in Latin America". N. York, Cornell Univ. Press , 1991.

SURLANO, Juan. "El Estado argentino frente a los trabajadores urbanos: política social y represión, 1880-1916", em Anuario de la Escuela de Historia, n.14, 1989-1990, Facultad de Humanidad y Arte, Universidad de Rosario.

SWINGEWOOD, Alan. "O mito da cultura de massa". R.J., Ed. Interciência, 1978.

TATON, René. "A ciência contemporânea" . V. III, 2. 3., O século XIX, S. Paulo , Difusão Europeia do Livro, 1967.

TERAN, Oscar. "José Ingenieros. Antimperialismo y Nación". México, Siglo XXI, 1979.

----- "Positivismo y Nación en la Argentina". Buenos Aires, Puntosur, 1987.

THERBORN, G. "Ciencia, clase y sociedad". Madrid, Siglo XXI, 1980.

THIESSE, Anne-Marie. "Le Roman du quotidien. Lecteurs et lectures populaires à la belle époque" . Paris, Le Chemin Vert, 1984.

THOMPSON, E.P. "El surgimiento de la clase obrera". 3v, Barcelona, Laia, 1974.

TORTTI, Maria C. "Estrategia del Partido Socialista. Reformismo político y reformismo sindical" . Buenos Aires, CEAL, 1989.

TRONCOSO, Oscar. "Fundadores del gremialismo obrero". I, II, Buenos Aires, CEAL, 1983.

VAZEILLES, Jose G. "Los socialistas". Buenos Aires, J.Alvarez Ed., 1967.

VEGA , E. de la. "Darwin en la Argentina". em "Quipu", v 1, n. 1, 1984.

VELARDE Fuentes et alii. "Movimiento obrero, Política y Literatura en la España Contemporánea". Madrid, Cuadernos para el Diálogo, 1974.

VEZZETTI, Hugo. "La locura en Argentina". Buenos Aires, Paidós, 1985.

----- "El nacimiento de la Psicología en Argentina". Buenos Aires, Puntosur, 1988.

----- "Problemas de una historia de la psicología en la Argentina", em Revista PUNTO DE VISTA. Buenos Aires, n. 30, jul-oct. 1987.

WAINSTEIN, Donald. "Juan B. Justo y su época". Buenos Aires, Fundación J.B.Justo, 1978.

WALTER, Richard. "The Socialist Party of Argentina -1890-1930". Inst. of Latin American Studies, Austin, The Univ. of Texas, 1979.

WATER, Chris. "Socialism and the Politics of Popular Culture in Britain, 1884-1914". Phd Diss. University of Harvard, 1985.

WEGS, Robert J. "Working Class Respectability: The Viennese Experience", em Journal of Social History, Summer 1982.

WELLHOFER, E. Spencer. "Political Party development in Argentina: the emergence of Socialist Party parliamentarism", em Journal of Inter-American Studies and World Affairs , 1975 17(2)

----- "The political incorporation of the newly enfranchised voter: organizational encapsulation and socialist Labor Party development", em Journal of Inter-American Studies and World Affairs, 1975 17(2)

----- "The political incorporation of the newly enfranchised voter: organizational encapsulation and socialist Labor Party development", em Western Political Quarterly, 1981, 34(3)

WESTFALL, Richard. "Reflections on Ravetz's Essay", em ISIS -"Marxism and the History of Science". V. 72, n. 263 , Sept. 1981.

WHITEHEAD, Alfred N. "Science and the Modern World". N.York, A Mentor Book , 1964.

WILLIAMS, Raymond. "Cultura e sociedade - 1780-1950". São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1969.

----- "Marxismo y literatura". Barcelona, Ed. Península, 1980.

----- "Las comunicaciones como ciencia cultural". En C.W.E Bigsby (Org), "Examen de la cultura popular" . México, FCE, 1982.

WYRWA, Ulrich. "La formazione della cultura proletaria del bere: il caso de Amburgo", em Movimento operaio e socialista, 3 Anno - XII, 1989 (Nuova serie).

YOUNG, Robert M. "Malthus and the Evolutionists: The Common Context of Biological and Social Theory", em Past & Present , n. 43 , May 1986.

ZIMERMAN, Eduardo A. "Liberals, Reform and the Social Question: Argentina, 1890-1916". Phd Diss. University of Oxford, 1991.

ZIMERMAN, Eduardo A. "Algunas reflexiones sobre reforma social, control social y lenguajes políticos a comienzos de siglo", em Ricardo Salvatore (Org), "Reformadores sociales en Argentina, 1900-1940". Instituto Di Tella, Centro de Investigaciones Sociales, Buenos Aires, 1992.